



DEREK PRIME &
ALISTAIR BEGG

Com Prefácio de **Albert Mohler**

Ser pastor

O ofício
de **maior**
responsabilidade
humana em
toda a criação

Entendendo
nossa **vocação**
e **obra**



Ser pastor de Derek Prime e Alistair Begg © 2017 Editora Cultura Cristã. Este livro foi publicado originalmente nos Estados Unidos pela Moody Publishers, 820 N. LaSalle Blvd., Chicago, IL 60610 com o título *On Being a Pastor*, copyright © 2004 by Derek Prime and Alistair Begg. Traduzido com permissão.

1ª edição 2017 – 3.000 exemplares

Conselho Editorial

Antônio Coine
Cláudio Marra (*Presidente*)
Heber Carlos de Campos Jr.
Marcos André Marques
Mauro Fernando Meister
Misael Batista do Nascimento
Tarcízio José de Freitas Carvalho

Produção Editorial

Tradução
Dario Oliveira de Matos
Revisão
Filipe Delage
Maria Suzete Casellato
Mari Kumagai
Denis Benjamin Silveira
Editoração e capa
OM Designers Gráficos

P953s Prime, Derek
Ser pastor / Derek Prime & Alistair Begg; traduzido por
Dario Oliveira de Matos . _ São Paulo: Cultura Cristã, 2017
256 p.

ISBN 978-85-7622-676-5
Tradução *On being a pastor*

1. Pastoreio 2. Vocação I. Título

CDU 636.083.314

A posição doutrinária da Igreja Presbiteriana do Brasil é expressa em seus “símbolos de fé”, que apresentam o modo Reformado e Presbiteriano de compreender a Escritura. São esses símbolos a *Confissão de Fé de Westminster* e seus catecismos, o *Maior* e o *Breve*. Como Editora oficial de uma denominação confessional, cuidamos para que as obras publicadas espelhem sempre essa posição. Existe a possibilidade, porém, de autores, às vezes, mencionarem ou mesmo defenderem aspectos que refletem a sua própria opinião, sem que o fato de sua publicação por esta Editora represente endosso integral, pela denominação e pela Editora, de todos os pontos de vista apresentados. A posição da denominação sobre pontos específicos porventura em debate poderá ser encontrada nos mencionados símbolos de fé.



EDITORA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Júnior, 394 – CEP 01540-040 – São Paulo – SP

Fones: 0800-0141963 / (11) 3207-7099 – Fax (11) 3209-1255

www.editoraculturacrista.com.br – cep@cep.org.br

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas

Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

*Para a geração de pastores
e mestres em formação, e àqueles que pela
graça de Deus serão chamados
a seguir seus passos.*

Ser pastor é um chamado elevado, que requer devoção, habilidade e preparação espiritual única. Derek Prime e Alistair Begg dão clareza para o chamado, sabedoria para a jornada e experiência para a tarefa. Este livro é como uma conversa com bons amigos que dão conselhos úteis para os desafios ministeriais do século 21.

– JACK GRAHAM, pastor,
Prestonwood Baptist Church, Dallas, Texas, Estados Unidos.

Ser Pastor é um livro excepcional que deveria estar na estante de cada pastor. Por muitos anos eu li e consultei a versão anterior da pena de Derek Prime. Agora esta obra foi revista e enriquecida com a cooperação de Alistair Begg, e o resultado é esplêndido!

– ERIC ALEXANDER, pastor jubilado,
St. George's-Tron Parish Church, Escócia.

Sumário



<i>Préfacio</i>	9
<i>Nota dos autores</i>	11
<i>Introdução</i>	13
A crise de identidade vivenciada por muitos pastores e mestres. Cinco convicções básicas.	
<i>1. O chamado e a vocação</i>	15
Definindo nossa terminologia; A natureza irresistível do chamado; A vocação no contexto do chamado de todos os cristãos; Exemplos do Antigo Testamento; Exemplo apostólico; O desenvolvimento do senso de chamado; O melhor tipo de treinamento; A vocação do ministro; As provas contínuas do chamado.	
<i>2. Vida e caráter</i>	29
A prioridade do exemplo; O exemplo-chave; Uma resposta apropriada ao exemplo de Cristo; Alguns aspectos práticos; Palavra; Estilo de vida; Amor; Fé; Pureza; Áreas de crescimento.	
<i>3. Objetivos e prioridades</i>	39
Apascente o rebanho; Anuncie todo o desígnio de Deus; Apresente a todos perfeitos em Cristo; Prepare o povo de Deus para servir; Capacite o povo de Deus para ser pescador de homens; Zelem por si próprios e pelo rebanho até que a tarefa seja concluída; Nossos sentimentos naturais de insuficiência.	

- 4. Oração** 52
A oração e nosso relacionamento pessoal com Deus; Uma prioridade inquestionável para pastores e mestres; Oração de intercessão como parte do cuidado pastoral; Oração e o preparo para ensinar e pregar; Oração ao visitar e aconselhar; Orar sempre que qualquer assunto for discutido em conjunto; Oração pública; A necessidade da oração das pessoas ao nosso favor.
- 5. Vida devocional** 69
Nosso relacionamento particular com Deus; Amar a Deus deve ser prioritário em nossa vida; Evitando o profissionalismo; Deus exige qualidade, não quantidade; Quatro aspectos da vida devocional: 1. Adoração; 2. Oração e meditação; 3. Leitura da Bíblia; 4. A leitura de livros cristãos.
- 6. Estudo** 82
Estudo e ministério eficaz; O ensino e nossa obediência pessoal a Deus; Determinando o melhor local para estudar; Nada substitui a disciplina; Uma área de tensão: encontrar tempo para leitura e estudo geral; Planejando nossa semana; Livros; Os benefícios do estudo; Diretrizes bíblicas.
- 7. Pregação** 100
Opiniões contemporâneas sobre a pregação; A distinção entre o ensino e a pregação; O pano de fundo geral da pregação; Preparando a pregação; Pregação evangelística; Pregando para crianças; Esboço ou manuscrito completo?; Sendo nós mesmos; A verdade que jamais devemos esquecer; Os perigos da pregação; O maior privilégio.
- 8. Cuidado pastoral** 122
Pastorear significa cuidado pastoral; A base para o cuidado pastoral; Todos necessitam de cuidado pastoral – inclusive nós; Princípios básicos do cuidado pastoral; O exercício do cuidado pastoral; Palavras-chave no cuidado pastoral; Reconhecendo nossos limites; Nossa grande confiança.
- 9. Cuidado pastoral – aspectos práticos** 140
Visitas domiciliares; Visitas evangelísticas; Visitação hospitalar; A importância das cartas; A organização do cuidado pastoral; Dois programas pessoais; A delegação de responsabilidades pelo cuidado pastoral.

10. <i>A condução do culto</i>	163
Preparando-se para o culto; Pontualidade, comportamento e voz; Algumas partes do culto público; O convite para a adoração; Hinos, salmos e cânticos espirituais; A leitura pública das Escrituras; Anúncios ou avisos; Oração pública.	
11. <i>A responsabilidade de liderar</i>	177
Liderança – um dom e um chamado; A prática da liderança; Áreas de liderança; O relacionamento entre os líderes.	
12. <i>Saber delegar</i>	193
Lição antiga, mas oportuna; As tristes consequências de não delegar; Relutância em delegar; Os benefícios de delegar; Áreas de delegação; Princípios para delegação bem-sucedida.	
13. <i>Família e lazer</i>	213
Identificando os pontos de pressão; A pressão sobre a esposa do pastor; Protegendo o casamento; Relaxamento e lazer.	
14. <i>Perigos amenizados por privilégios</i>	236
Uma variedade de deveres; Problemas sociais e morais complexos; Mantendo as pessoas unidas; Equívocos sobre o chamado de um pastor; Oposição e batalha espiritual; Provações; Preguiça; Desânimo; Vulnerabilidade às críticas; Envolvimento excessivo com os problemas das pessoas, estresse e <i>burn-out</i> ; Um desejo ocasional de fuga; O orgulho e seus perigos; Ferindo a igreja; Privilégios e compensações.	
Notas	255

Préfacio



O pastor cristão detém o ofício de maior responsabilidade humana em toda a criação. Ele é chamado a pregar a Palavra, a ensinar a verdade para o povo de Deus, a conduzir o povo de Deus na adoração, a cuidar do rebanho como um pastor amoroso e a mobilizar a igreja para o testemunho e culto cristãos. O papel do pastor inclui ainda todo um complexo de tarefas administrativas e de liderança. Almas estão sob os seus cuidados, a verdade é confiada a sua regência e realidades eternas pendem na balança. Quem preenche os requisitos para esse trabalho?

Obviamente, a resposta é que nenhum ser humano está apto a cumprir esse chamado. O pastor cristão deve reconhecer continuamente sua absoluta dependência da graça e da misericórdia de Deus. Como o apóstolo Paulo nos instrui, não passamos de vasos de barro usados para a glória de Deus. Por si só, nenhum homem está à altura dessa tarefa.

Derek Prime e Alistair Begg são dois experientes pastores armados com a verdade bíblica, a convicção teológica e percepções práticas. Em *Ser Pastor*, esses ministros fiéis compartilham sua sabedoria, obtida a duras penas, combinando testemunho pessoal com reflexões sólidas e logicamente fundamentadas. Eis aqui um livro que todo pastor deveria ler.

Ler este livro fascinante é como sentar com dois pastores bons e experientes que falam a seus colegas como bons amigos, pois sabem o que é pastorear. São pregadores de renome e reputação internacionais. Ainda assim, recebem-nos em seu diálogo, discursando honestamente sobre o chamado e a responsabilidade de ser pastor. Eles não se esquivam das questões mais difíceis, e sua franqueza é ao mesmo tempo um apoio e um encorajamento.

Este livro deveria chegar às mãos de cada pastor e estudante de Teologia em preparação para o ministério. Há nestas páginas uma riqueza de sabedoria e um ensinamento real. Esta obra levará cada pastor a um padrão mais elevado de culto – e a uma alegria maior nesse importante chamado.

R. Albert Mohler Jr., Presidente
The Southern Baptist Theological Seminary

Nota dos autores



É necessário começarmos com uma nota explicativa. Este livro foi originalmente escrito por Derek quando, após 30 anos de pastoreio, estava a ponto de encerrar seu ministério na Charlotte Chapel, em Edimburgo. Pela bondade de Deus, aquela edição original de 1989 foi reimpressa e amplamente utilizada. Ao aceitar a sugestão de que esta obra fosse reeditada, surgiram duas convicções. A primeira, de que seria benéfico se Derek pudesse revisar o texto, pois, ainda que os princípios bíblicos sejam imutáveis, as situações às quais devem ser aplicados mudam; e a segunda, de que uma vez que o livro tem sido lido e largamente utilizado nos Estados Unidos, seria apropriado ter a contribuição de um pastor da igreja americana – a de Alistair. Foi um grande prazer trabalharmos juntos novamente, uma vez que Alistair iniciou seu ministério como assistente de Derek em Edimburgo. Assim, ao longo deste livro, escreveremos como *nós*, e, onde nossas circunstâncias levam a uma aplicação diferente dos mesmos princípios, indicamos nossas contribuições individuais com as iniciais **DP** ou **AB**.

Introdução



Difícilmente teríamos escrito este livro se não fôssemos encorajados a fazê-lo. Parece até mesmo presunção querer dizer a outros pastores e mestres o que eles devem fazer – e essa não foi nossa intenção. Por essa razão, optaremos o mais frequentemente possível pelo pronome “nós” ao invés de “vocês”.

Nosso objetivo foi rever o ministério de pastores e mestres na igreja e, sempre que apropriado, compartilhar nossa própria experiência e prática, não como modelo, mas como um possível guia e ponto de partida, não importando quão alterado ou adaptado seja, tanto para os que estão no início de seu ministério, quanto para os que querem se beneficiar do estímulo de comparar seu próprio jeito de fazer as coisas com o de outros.

Acreditamos no ministério pastoral. Mudanças na vida da igreja contemporânea produziram uma crise de identidade que atinge muitos pastores e mestres. Há uma reação justificável contra o que tem sido comumente chamado de “ministério de um homem só” – justificável no sentido de que ninguém possui todos os dons do ministério, além de a tradicional distinção entre “sacerdotes” e “leigos” não ser bíblica nem útil. No entanto – como frequentemente ocorre – o pêndulo pode pender para o extremo oposto, e os dons do Espírito e do sacerdócio de todos os crentes pode dar a falsa ideia de que todos estão igualmente equipados para ministrar, negligenciando o lugar adequado que deve ser dado aos dons do cuidado pastoral e do ensino. O desenvolvimento de equipes ministeriais significa que pastores e mestres podem dividir suas tarefas, na expectativa de que se dediquem a cumprir mais um (pastoreio) do que o outro (ensino) e por vezes até mesmo renunciem a uma parte vital de seu ministério.

Este livro retoma cinco convicções básicas. A primeira, de que o dom especial de Cristo à sua Igreja é o dom de pastores e mestres, uma convicção

baseada na compreensão de que Efésios 4.11 afirma que ele dota indivíduos com ambos os dons. Eles podem ou não ser separados do povo de Deus para dedicar todo o seu tempo a essas tarefas. Quando a igreja não dispuser de recursos financeiros, alguns sustentarão a si mesmos parcial ou totalmente, realizando o equivalente contemporâneo de “fazer tendas”.

A segunda, o pastor e mestre é um presbítero dentre outros presbíteros na igreja local, independentemente de o termo “presbítero” ser usado para descrever líderes da igreja.

A terceira, o trabalho dos presbíteros – qualquer que seja o nome que os descreva – necessita ser encorajado e desenvolvido. Não há melhor equipe de ministério que o de um presbiterado suscitado pelo Espírito Santo em um ambiente amistoso de igreja local.

A quarta, qualquer que seja o padrão de compartilhamento de liderança na igreja local, deve haver um líder entre os líderes. É comum que o líder dos presbíteros docentes – o pastor ou ministro – seja também o presidente dos presbíteros. Não é necessário que seja assim, mas esse arranjo tem se mostrado o melhor na maioria das igrejas.

Finalmente, tanto o próprio pastor e mestre como a igreja da qual ele é parte precisam ter clareza quanto à sua função e papel no corpo de Cristo. Sua tarefa principal é a de edificar a igreja pelo alimento espiritual. Não podemos superestimar a importância da edificação do povo de Deus por meio do ensino e pregação regulares e sistemáticos de sua palavra. Um texto seminal das Escrituras para reflexão é Atos 9.31, em que Lucas explica que, após a conversão de Saulo, “a Igreja, na verdade, tinha paz por toda a Judeia, Galileia e Samaria, edificando-se e caminhando no temor do Senhor, e, no conforto do Espírito Santo, crescia em número”. A conclusão é que, ao passo em que a Igreja era fortalecida espiritualmente, também crescia em número. Uma vez que a Igreja cresce e floresce na medida em que a Palavra de Deus se encontra desimpedida e é honrada, quaisquer incertezas quanto ao lugar de pastores e mestres na Igreja milita contra a estabilidade espiritual, a disciplina, a prosperidade e o crescimento do povo de Cristo. Não é de surpreender que Satanás use a confusão quanto ao devido lugar desses pastores e mestres na Igreja como um plano sutil para prejudicá-la.

Capítulo 1



O chamado e a vocação

Definindo nossa terminologia

O ministério dos pastores e mestres não é simplesmente um trabalho. É, antes, uma vocação, a resposta a um chamado específico de Deus. É a mais alta no serviço cristão. Ainda jovem, F. B. Meyer compartilhou seu chamado para o ministério em carta a um amigo:

Em nome da nossa amizade não quero esconder de você, na verdade de ninguém, a decisão que tomei. Então, para ser direto, decidi meu futuro e, com o auxílio divino, serei um ministro do evangelho. Posso imaginar sua surpresa, mas este é um fato. Só quero acrescentar que me parece não haver objetivo mais nobre do que viver inteiramente devotado ao único propósito de levar outros a conhecer aquele que tanto fez por nós. Quando comparadas coma vida futura, a terra e suas carreiras beiram a insignificância.¹

Seis meses após sua conversão, John Stott, com apenas 17 anos, “tinha certeza de seu chamado para o ministério ordenado da Igreja da Inglaterra”. Quando ele estava completando o seu curso universitário, seus pais não estavam contentes em vê-lo seguir o seu chamado. Em carta ao pai, ele deu as razões para sua decisão, a primeira delas “*Obediência ao chamado*. O que quer que o senhor pense disso, tive um chamado definitivo e irresistível de Deus para servi-lo na Igreja. Durante os últimos três anos, eu me tornei cada vez mais consciente desse chamado, e minha vida agora pode ser resumida nas palavras ‘designado para o evangelho de Deus’. Não há serviço mais nobre; e não aspiro a outro”.² Para fazer tais afirmações sobre o chamado

de Deus, devemos definir nossa terminologia. Entendemos por *chamado* a convicção inconfundível que um indivíduo possui de que Deus quer que ele realize uma tarefa específica.

A tarefa em questão é aquela definida pelo Novo Testamento como sendo a de um pastor e mestre. Deus chama homens para pastorear o rebanho de Deus e para cuidar do seu bem-estar, para mostrar ao povo de Deus, pelo exemplo e instrução, como devem viver dignamente diante de Deus, seu Salvador. Por vezes pastores e mestres podem ser descritos como presbíteros, bispos ou anciões, mas qualquer que seja sua descrição e título, uma qualificação essencial que eles devem ter é estar “aptos para ensinar” (1Tm 3.2).

Eles são chamados a assumir sua parcela na direção dos assuntos da igreja local, mas nem todos são chamados a entregar o todo de seu tempo para a obra de pastoreio e ensino (1Tm 5.17). Temos ambos em vista, mas nosso foco particular está sobre os que foram designados a dedicar o todo de seu tempo a essa vocação. Não importa como vejamos um pastor, ou ministro, ou líder entre líderes, dentro de uma fraternidade cristã, devemos pensá-lo em termos do presbítero do Novo Testamento, e como um presbítero entre presbíteros. Não pensamos tanto em um ofício que pode ser exercido, mas no exercício de um dom espiritual. A igreja em geral tende a se voltar para o exercício de ofício em vez de se voltar para o exercício do dom, e o equilíbrio correto deve ser restabelecido.

A natureza irresistível do chamado

Um conselho que é dado com frequência: “Se puder, evite entrar para o ministério! Se puder, faça outra coisa!” Esse é um bom conselho. Se é certo para um homem se dedicar completamente ao ministério do evangelho, ele sentirá que essa é a única coisa que pode fazer. John Ryle, um bispo do século 19, de Liverpool, não sentiu um chamado precoce, e, quando revelou sua decisão de entrar para o ministério, foi uma grande surpresa para todos. Sua explicação foi: “Eu me senti compelido a fazê-lo, e não vi nenhum outro rumo de vida possível para mim”. E assim tem sido desde sempre.

Esse conselho é válido para qualquer emprego. Sempre que possível, devemos gostar do que fazemos na vida e nos engajar nisso com entusiasmo. Poucos realmente impactam os outros se estes trabalham sem engajamento. O ministério demanda muito do homem e de sua família. Assim, antes de abraçar o ministério, ele precisa considerar o custo. As palavras de Nosso Senhor sobre a importância de o homem não olhar para trás uma vez que ele tenha posto a mão no arado tem relevância particular para pastores e mestres. Muitos começaram e, infelizmente, pararam.

Mais importante ainda, por trás desse conselho há a verdade básica de que Deus sempre dá um chamado claro para aqueles a quem ele escolheu para o ministério. Assim, quando o chamado vem, seus receptores não conseguem fazer nada além de respondê-lo. Eles não serão capazes de dizer não ao chamado. A consequência é que se alguém acha que pode ter sido chamado ao ministério, mas não está absolutamente certo, então deve esperar até ter esta certeza. Deus não dá chamados incertos. Como o Dr. Martin Lloyd-Jones expressou: “Foi a mão de Deus que me tomou, e me conduziu, e me separou para esta obra”.³

Ao focar nos pastores e mestres, não estamos sugerindo que o chamado de Deus não venha igualmente a outros, para tarefas distintas. No entanto, o chamado a pastorear o povo de Deus e a ensinar sua Palavra é uma vocação especial, dada a sua importância estratégica e peculiar para o bem-estar espiritual do rebanho de Cristo.

A vocação no contexto do chamado de todos os cristãos

As palavras *chamado* e *vocação* são usadas de diferentes formas no Novo Testamento, e o chamado ao ministério não é o primeiro chamado de Deus que um indivíduo recebe. 1Coríntios 1.1-9 nos dá um exemplo típico. O primeiro chamado é a convivermos com Jesus Cristo, o Filho de Deus (versículo 9) – um chamado à união com Cristo e todos os seus benefícios gloriosos. O segundo chamado é para a santidade (versículo 2). Vocação e justificação trazem a inevitável consequência e privilégio da santificação. O terceiro chamado é para o serviço, e frequentemente para um serviço específico. No caso de Paulo, seu serviço primordial era ser apóstolo (versículo 1). O chamado de Deus para ser pastor e mestre é um chamado específico.

Exemplos do Antigo Testamento

A experiência dos profetas exemplifica a maneira pela qual Deus trabalha ao comissionar seus servos. Os profetas do Antigo Testamento consideravam o chamado de Deus irresistível, ainda que algumas vezes eles tenham resistido a suas consequências. O chamado vinha de variadas formas e circunstâncias, mas era essencialmente o mesmo. Para Moisés veio 40 anos após seu fracasso em esperar o tempo de Deus, quando, tolamente, matou um egípcio para defender um homem hebreu. Na ocasião em que recebeu seu chamado, ele estava em seus afazeres diários, cuidando das ovelhas no deserto (Êx 3), quando, imediatamente, ficou consciente da santidade de

Deus (versículo 5), e tão constrangido pelas implicações deste chamado que perguntou: “quem sou eu para ir (...)?” (versículo 11).

O chamado de Isaías ocorreu ao visitar o templo durante um período de crise nacional (Is 6.1). Ele também também se sentiu compungido por causa da santidade inexprimível de Deus, mas ao ouvi-lo perguntar: “A quem enviarei, e quem há de ir por nós? ”, não pôde fazer outra coisa senão responder: “Eis-me aqui, envia-me a mim” (versículo 8). A Jeremias foi dito que antes que ele se formasse no útero, Deus não só o havia conhecido como o havia designado para o trabalho de profeta (Jr 1.5). Essa verdade atordoante não impediu Jeremias de responder: “Ah! Senhor Deus! Eis que não sei falar” (versículo 6). Mas o chamado foi irresistível.

Exemplo apostólico

Os apóstolos são os principais exemplos dos que foram chamados a ser pastores e mestres. Ministros não são apóstolos, mas os apóstolos foram ministros – eles foram pastores e mestres. A maneira de o apóstolo Pedro se dirigir aos líderes das igrejas na Ásia Menor em sua primeira carta é significativa: “Rogo, pois, aos presbíteros que há entre vós, eu, presbítero como eles [...]” (1Pe 5.1). Os ministros de hoje deveriam imitar o que os apóstolos fizeram, quando tomaram medidas para garantir que se desse a devida importância à oração e ao ministério da Palavra (At 6.2), pois suas prioridades são as mesmas.

Os autores dos Evangelhos descrevem como cada um dos apóstolos recebeu um chamado distinto e pessoal de nosso Senhor Jesus Cristo para o ministério ao qual iria prepará-los. O mesmo vale para o apóstolo Paulo, cujo chamado se deu após o dos demais. A partir de sua conversão, Paulo estava ciente do chamado de Deus. Quando Ananias, ao saber da conversão de Paulo, hesitou em ir até ele, o Senhor o aliviou: “Vai, porque este é para mim um instrumento escolhido para levar o meu nome perante os gentios e reis, bem como perante os filhos de Israel” (At 9.15). Ao se referir posteriormente à sua conversão, Paulo adicionou mais detalhes a isso e relata que, quando ele perguntou: “quem és tu, Senhor?”, o Senhor respondeu:

Eu sou Jesus, a quem tu persegues. Mas levanta-te e firma-te sobre teus pés, porque por isto te apareci, para te constituir ministro e testemunha, tanto das coisas em que me viste como daquelas pelas quais te aparecerei ainda, livrando-te do povo e dos gentios, para os quais eu te envio, para lhes abrires os olhos e os converteres das trevas para a luz e da potestade de Satanás para Deus, a fim de que

recebam eles remissão de pecados e herança entre os que são santificados pela fé em mim. (At 26.15b-18)

Foi com a convicção desse chamado que Paulo trabalhou e escreveu, de modo que ele inicia a passagem a que nos referimos em 1Coríntios com as palavras: “Paulo, chamado pela vontade de Deus para ser apóstolo de Jesus Cristo [...]” (1Co 1.1) – uma convicção que encontra eco consistentemente em suas outras cartas (cf. Rm 1.1; 2Co 1.1; Gl 1.1; Ef 1.1; Cl 1.1; 1Tm 1.1; 2Tm 1.1; Tt 1.1).

O desenvolvimento do senso de chamado

O chamado para pastorear e ensinar vem de variadas formas – e a história mostra que sempre foi assim. O fator-chave é que Deus Espírito Santo é quem faz o chamado, o qual vem quando nos tornamos sensíveis aos cuidados que dedica a nós quando oramos, lemos as Escrituras, ouvimos a pregação da Palavra de Deus, e não raro é reforçado quando descobrimos como ele se deu na vida de outras pessoas, tanto no tempo presente como no passado.

O chamado em geral começa com o desejo de cuidar do bem-estar espiritual dos outros e de pregar a Palavra de Deus. As circunstâncias, às vezes, nos fazem sentir que devemos fazer algo para ajudar as pessoas. Alan Stibbs foi um orador e mestre extremamente capaz. Eis seu testemunho de como desenvolveu seus dons: embora o grupo *Scripture Union* em sua escola na Inglaterra fosse bastante frequentado, não havia ninguém que assumisse a liderança do grupo. Então, por dois anos, entre seus 16 e 18 anos, ele assumiu sozinho essa responsabilidade. Assim, três vezes por semana ele se colocava diante de seus contemporâneos na escola e buscava mostrar-lhes que, a partir de uma passagem bíblica escolhida por outros, Deus tinha algo a dizer a cada um deles. Deixemos que ele mesmo dê seu testemunho:

Nessa época, quando eu tinha 17 anos, “descobri” e fiquei cativo de 1Coríntios 14. Ali encontrei a proibição de cobiçar dons espirituais, especialmente o de profetizar (veja 1Co 14.1,12,19). À luz de outras declarações no capítulo 1, entendi que profetizar não significava predizer o futuro, nem receber novas revelações dos céus, mas sim, expor a verdade revelada de forma tanto inteligível como útil para o ouvinte. Tal exposição deve estar relacionada com a condição dos homens, e ser expressa em palavras que eles possam entender. Seu objetivo deve ser o de trazer aos ouvintes instrução, desafios e encorajamento (versículo 3).

Então, como um estudante de 17 anos, eu comecei a orar por esse dom e – em cada ocasião em que expus a Palavra de Deus – a orar pela graça necessária para exercer esse dom para a glória de Deus e para a bênção dos homens. Desde então, continuo a orar; e posso humildemente testemunhar que Deus respondeu às minhas orações.⁴

Nossas circunstâncias podem ser totalmente diferentes, mas deve estar presente o desejo de ajudar a outros por meio das Escrituras. Talvez não possamos pôr em palavras e compartilhar com alguém, porque podemos sentir que seria muita presunção ter tais pensamentos. Não é mal ter discrição. Mas onde houver um chamado genuíno, o desejo de servir dessas formas específicas aumentará e se tornará dominante. A igreja primitiva obviamente esperava que indivíduos fossem atraídos para as responsabilidades pastorais e de ensino e reconhecessem o chamado de Deus, uma vez que uma das “fiéis palavras” que eles citavam regularmente entre si era: “se alguém aspira ao episcopado, excelente obra almeja” (1Tm 3.1). Embora pareça mera presunção ter tal desejo, será simplesmente obediência da parte dos que foram chamados por nosso Senhor Jesus Cristo.

Se for genuíno, o desejo de ser pastor e mestre será fortalecido. Haverá também um desejo por preparação e treinamento, pois uma das evidências do chamado é a posse das qualificações para exercê-lo. Um exemplo óbvio é o conhecimento das Escrituras, e aquele que tiver sido chamado por Deus aproveitará toda oportunidade para estudá-las. Buscará oportunidades para compartilhar o cuidado pelo outro, bem como para ensinar e pregar. Essas tarefas jamais parecerão enfadonhas, mas pura alegria. E, agindo assim, as pessoas notarão os dons de cuidado pastoral e de pregação e comentarão sobre eles. Tais encorajamentos vão reforçar ainda mais o desejo de cumprir o chamado de Deus.

Mais importante de tudo, os líderes espirituais da igreja à qual pertence o cristão podem tomar a iniciativa de levantar a questão do chamado para o ministério, particularmente se, como é devido, eles oram regularmente pedindo a Deus sensibilidade para os dons que Cristo concede a seu corpo.

A princípio, podemos não ter sempre certeza se o chamado de Deus é para que dediquemos todo ou parte de nosso tempo para pastorear e ensinar – já que há espaço para ambos. Esta não deveria ser a preocupação principal, já que tal incerteza simplesmente indica que ainda não é a hora certa para agir. No momento apropriado, Deus esclarecerá sua vontade.

Por vezes o chamado pode culminar no convite de uma igreja para que se torne seu pastor. Se um ministério ocasional ou regular é exercido dentro de uma igreja, o Espírito Santo de Deus pode dar à liderança e membresia plena certeza em relação ao chamado de Deus, certeza que eles publicamente reconhecem e à qual obedecem ao fazer tal convite.

A confirmação para o chamado ao ministério é de importância vital. Não basta sentir que talvez tenhamos um chamado para o ministério. Tal incerteza pode levar a erros trágicos. A tradição fala sobre um duplo chamado para o ministério: há primeiramente o chamado interno, do qual o indivíduo fica ciente; e há o chamado externo do povo de Deus, em que se reconhecem o chamado e os dons de que um indivíduo está dotado para o ministério. Atos 13 nos dá um exemplo poderoso do chamado externo na passagem em que Paulo e Barnabé partem para a obra missionária junto aos gentios. A igreja reunida para orar e cultuar a Deus foi instruída pelo Espírito Santo a designá-los para a obra a que ele os tinha chamado (At 13.2). Em um versículo Lucas escreve que a igreja os enviou, e os versículos seguintes afirmam que foram enviados pelo Espírito Santo (versículos 3 e 4).

Se o treinamento formal é parte da preparação para o ministério, então o chamado deve também ser posto à prova pelos responsáveis por esse treinamento. Este é um bom modo de verificar o chamado externo do povo de Deus, mas jamais deve substituir a confirmação do chamado individual pela companhia do povo de Deus ao qual ele pertence. Nenhuma igreja está mais apta a confirmar o chamado para o ministério do que a igreja mãe de um indivíduo – é seu terreno de provas natural e mais apropriado. Assim, ele deve se submeter à liderança espiritual de seus irmãos da igreja, pedindo-lhes que ponham à prova o seu chamado. Há situações em que o indivíduo pode não ter a vantagem de pertencer a uma igreja onde seu chamado possa ser posto à prova apropriadamente. Em tais circunstâncias, além dos testes que qualquer programa de treinamento possa aplicar, é importante que ele se submeta voluntariamente ao julgamento de cristãos que o conheçam bem e que haja a confiança de que serão completamente honestos ao afirmar suas convicções.

Às vezes o chamado de um indivíduo é imediatamente óbvio para os próprios irmãos da igreja e liderança. O chamado externo, então, casa diretamente com o chamado interno do indivíduo. Em outras ocasiões pode levar algum tempo até que os dons de pastoreio e ensino sejam mais claramente perceptíveis. Nesses casos, a liderança espiritual deve considerar como pode deliberadamente abrir espaço para o exercício e o desenvolvimento dos dons apropriados a um chamado para o ministério. Idealmente, a liderança da igreja deve compartilhar com a membresia sobre o possível chamado de um de seus membros, e mencionar que serão dadas a ele oportunidades de ministério dentro da igreja com o objetivo específico de provar o seu chamado. Os membros então não serão surpreendidos ao vê-lo ser convidado para pregar, auxiliar na obra pastoral ou na condução do culto.

Quando o chamado interno e o externo se ligam e vêm juntos, é hora de seguir adiante. Conforme as circunstâncias individuais de cada um, o

próximo passo pode ser o treinamento formal. Para outros será uma questão de esperar pelo chamado de uma igreja. Mas a prova do chamado que sugerimos é imperativa e não deve ser ignorado. Erros cometidos nessa fase serão desastrosos para a pessoa em questão e – mais importante ainda – para o bem-estar do rebanho de Deus.

Robert Murray M'Cheyne escreveu em seu diário, no dia 15 de fevereiro de 1835: “Amanhã serei examinado pelo presbitério. Que Deus me dê coragem na hora de necessidade. O que deveria eu temer? Se Deus me considera apropriado para o ministério, quem me poderá impedir? Se eu não for considerado apropriado, por que deveria seguir adiante? Meu desejo é me dedicar mais e mais ao seu serviço”.

O que poderia ser pior para uma igreja do que ter alguém tentando ser pastor e mestre sem o chamado de Deus? Isso é muito importante, também, porque ao longo do ministério o inimigo das almas contestará o seu chamado, especialmente quando a situação se tornar difícil. Relembrar a forma pela qual Deus confirmou nosso chamado através do entendimento unânime que deu a outros sobre sua vontade com relação a nós, nos traz uma força tremenda. Este claramente era o cerne das advertências de Paulo a Timóteo sobre a forma pela qual o chamado de Deus a este para ser um pastor e mestre fora confirmado (1Tm 1.18; 4.14).



DP Minha convicção acerca do chamado para o ministério surgiu logo após minha conversão, na adolescência, quando foi minha vez de dar testemunho, no encontro de jovens da igreja, sobre o que me levava a Cristo. O pastor estava presente, e ao final ele veio até mim e perguntou: “Derek, você já considerou o ministério?” Aos 16 anos eu pensava que ter esse desejo tão cedo parecia muita presunção, e ainda assim foi maravilhoso para mim que não tenha sido eu quem levantou essa questão, mas, meu pastor. Sua pergunta fortaleceu meu desejo de seguir adiante com meu chamado. Ao longo do serviço militar e dos estudos na universidade, essa convicção não me abandonou. Ao contrário, ela crescia à medida que surgiam oportunidades para o ministério, tanto no exército como no *Christian Union*.

No meu último ano na universidade escrevi aos presbíteros de minha igreja-mãe e questionei sua convicção sincera a respeito de meu chamado. A resposta deles foi de que estavam certos do meu chamado, mas que não tinham certeza se já era

hora, e pensavam que meu chamado inicialmente poderia ser para trabalhar com jovens.

Vindo de uma família não cristã, meus pais se opuseram à minha ida para o ministério, ainda que tenham consentido em que eu mudasse meu curso para Teologia no terceiro ano da universidade. Assim, a princípio ensinei História e então Educação Religiosa por três anos e meio em uma escola para meninos. Durante esse tempo se multiplicaram as oportunidades para pregar, e me tornei um presbítero da igreja onde havia me convertido. Para minha surpresa, durante um período sem pastores, um dos presbíteros me confessou depois de uma reunião de oração que ele e os outros presbíteros haviam chegado à conclusão de que era a vontade de Deus que eu me tornasse pastor, e que eles compartilhariam essa convicção com a igreja se eu confirmasse essa convicção.

Houve muitas ocasiões em que ser pastor provou-se difícil, e o inimigo das almas sussurrava: “Tem certeza de que fez a coisa certa? Será que você deveria mesmo estar no ministério?” Ganhei forças imensuráveis ao lembrar que minha decisão de obedecer ao chamado de Deus fora confirmada inicialmente pelos presbíteros, quando me submeti à direção deles, e depois designado pelo claro chamado do povo de Deus, em uma situação sobre a qual não tive nenhuma influência. Gostaria que todo pastor e mestre experimentasse esse tipo de confirmação, porque isso nos dá incontestável força de sustentação.



AB Quando penso em meu chamado ao ministério pastoral, relembro as tardes de domingo em nossa casa, em Glasgow. Meus pais frequentemente recebiam pastores e missionários em nossa casa para o almoço e o chá. Tenho lembranças vívidas destes “anciões”, que provavelmente estavam na casa dos 40 anos, me dizendo: “Quem sabe um dia, filho, você se tornará um ministro”. Somente anos depois eu me lembraria dessas declarações. Posso dizer que elas voltariam para me assombrar.

Na adolescência comecei a falar em cafeterias cristãs, que foram uma marca dos anos 60. Eu também dava aulas na Escola Dominical para um grupo de garotos de uns dez anos. Cada oportunidade se mostrava difícil e ao mesmo tempo adorável,

e as críticas que eu recebia eram encorajadoras. No entanto, isso não criou em mim um desejo pelo ministério pastoral. De fato, nem passara pela minha cabeça. Eu estava focado na ideia de me tornar advogado. Assistir a tantos episódios da série de TV “Perry Mason”^{*} alimentou minhas aspirações pelo drama dos tribunais. Mas não haveria de ser assim.

Deus usou o fracasso e o desapontamento para redirecionar minha vida. Mesmo enquanto estudava na London Bible College eu pensava sobre trabalho com estudantes ou outra área de evangelismo, mas não sobre o papel de pastor-mestre. Ainda me lembro da ocasião em que me caiu a ficha. Eu estava almoçando com um grupo de amigos e um membro da faculdade. Na semana anterior, eu fora o preletor em um retiro de jovens na costa sul da Inglaterra. Quando mencionei que estava cada vez mais desencantado com a experiência de fazer amigos na sexta-feira apenas para dizer adeus no domingo sem nenhuma expectativa de voltar a vê-los ou de seguir seu progresso, o membro da faculdade me olhou do outro lado da mesa e disse: “Alistair, eu sei por que você se sente assim. Deus lhe deu um coração de pastor”. Um de meus amigos riu, e eu não sabia o que responder.

Eu tinha 23 anos, estava a ponto de me graduar e me casar, e não conseguia ver a menor possibilidade de uma igreja ser corajosa o suficiente para assumir um projeto como eu. A oportunidade de me tornar pastor auxiliar na Charlotte Chapel foi então um passo crucial para o meu chamado. Foi nesse contexto que os presbíteros e a congregação me avaliaram e manifestaram a consciência crescente de ser “talhado para o ministério” que estava em meu coração. A ocasião de minha ordenação como ministro do evangelho, em outubro de 1976, foi a peça final no quebra-cabeça de meu chamado. Pelos últimos 27 anos eu tenho gozado do imenso privilégio do ministério pastoral sem jamais questionar seriamente se devia, ou mesmo poderia, ter feito outra coisa na vida.



Paulo e Barnabé se encontraram em circunstâncias muitíssimo difíceis ao evangelizar entre os gentios. Podemos imaginar Paulo ou Barnabé se

^{*} Perry Mason – série de TV sobre o advogado fictício Perry Mason, referência na cultura popular anglo-saxã [N.T.]

perguntando: “nós nos enviamos a nós mesmos? Se sim, merecemos problemas! Mas não! Deus nos chamou, e ele o confirmou pela sabedoria, julgamento e convicção coletiva de outros” (veja At 13.1-3).

Se estiver em dúvida sobre o chamado, não prossiga – este conselho deve sempre ser dado. Pode ser que o chamado não esteja certo porque ele realmente não é verdadeiro, ou porque ainda não é chegado o tempo. Devemos prosseguir apenas quando podemos fazê-lo com certeza. Há muito em jogo – para nós mesmos e para os outros – para que se proceda de outra maneira.

O melhor tipo de treinamento

Qualquer um que esteja certo do chamado de Deus estará preocupado em como atingir o melhor tipo de preparação. A experiência nos mostra que Deus não lida com todos da mesma forma quanto ao treinamento. O que também é claro é que o melhor treinamento que uma pessoa pode receber – algumas vezes quase inconscientemente – é o que ele obtém em sua própria igreja-mãe onde ele serve e se põe à prova.

O treinamento direto em um curso universitário de Teologia é o caminho de Deus para alguns. Esse treinamento pode ser por vezes espiritualmente árido, e a comunhão cristã e o estímulo espiritual de outros estudantes são especialmente importantes. Ainda que não seja a preparação certa para muitos, é claramente o propósito de Deus para alguns. Para outros o rumo preferível será o treinamento dado em seminários teológicos ou institutos bíblicos. Onde houver um comprometimento com uma denominação em particular, haverá uma instituição de treinamento onde se espera que o indivíduo treine.

Mas essas não são as únicas opções. É possível estudar por meio de cursos por correspondência ou educação à distância, complementados às vezes com breves períodos de estudos em tempo integral ao longo do ano. Há muito a dizer sobre essa forma de treinamento quando a pessoa já tem certa idade e responsabilidades com sua família, especialmente se através de treinamentos anteriores já tiver adquirido hábitos de estudo disciplinados. Outra possibilidade é servir como assistente ou estagiário – tempo em que um chamado pode ser posto à prova – e o período da manhã pode ficar livre para se preparar para um curso em seminário ou faculdade, um plano de leitura dirigida, ou para obtenção de um diploma ou graduação universitários.

O dogmatismo não tem lugar no tocante à melhor forma de preparação para o ministério. Circunstâncias pessoais diferentes exigem uma abordagem flexível do tema. O que é crucial é que ninguém deve tomar sozinho a decisão sobre seu treinamento, mas consultar seus superiores no Senhor, que estão em posição de lhe dar orientação.

A vocação do ministro

É apropriado irmos do chamado para a vocação do ministro. A palavra *ministro* é um em bom lugar para começar: ele é acima de tudo alguém que ministra – em outras palavras, é um servo. Um dos paradoxos da liderança cristã é que o líder não é um chefe, mas um servo – alguém que segue os passos daquele que lavou os pés de seus discípulos. Este é um bom motivo para enfatizarmos os dons do ministério em vez do ofício de ministro.

Os cristãos de Corinto caíram na armadilha de ter uma consideração demasiada pelos servos que Deus lhes deu – homens como Paulo, Apolo e Cefas –, criando partidos ao redor deles em vez de serem fiéis ao próprio Cristo. Paulo contesta essa tendência danosa ao lançar uma pergunta pertinente: “Quem é Apolo? E quem é Paulo?”, com uma resposta igualmente contundente: “Servos por meio de quem crestes, e isso conforme o Senhor concedeu a cada um” (1Co 3.5). O uso contemporâneo deu à palavra *ministro* um tom mais respeitável, de modo que ela remete a um posto e ofício. Mas não era assim no Novo Testamento, pois ela remete propriamente a um serviço humilde – de fato, como o de um garçom! James Haldane, que, juntamente com seu irmão Robert, teve uma grande influência espiritual na Escócia no final do século 18 e início do século 19, foi descrito por um pastor de Edimburgo em termos que são um exemplo para todos os pastores cristãos: “James Haldane é [...] alguém que deseja ser servo de todos, desde que seja útil”. O serviço, não o domínio, é a vocação do ministro.

A imagem preeminente do Senhor Jesus nas Escrituras é aquela do Servo de Deus, e são seus passos que nós, que ministramos, devemos seguir, uma vez que devemos ensinar o povo de Deus a também seguir seus passos (1Pe 2.21).

Uma descrição sucinta da vocação do ministro é dada em Efésios 4.11. Paulo explica que o Senhor Jesus, que subiu aos céus, “concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres”, passagem que encontra paralelo em 1Coríntios 12.28. O dom de pastores e mestres em Efésios 4 está diretamente ligado ao crescimento da igreja. “Pastor” pode igualmente significar “pastor de ovelhas”. O dom de pastores e mestres é descrito no contexto do propósito último de Deus de amadurecimento pessoal em Cristo para a humanidade redimida: “com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo” (Ef 4.12-13). Nosso Senhor Jesus Cristo é ele mesmo o Pastor-mor e o Mestre-mor, mas incumbe indivíduos a preencher essas funções em seu lugar (cf. Jo 21.15-17). Pastores e mestres continuam o ministério de Cristo para a igreja.

O termo “pastor e mestre” designa um ofício em Efésios 4.11, e pastorear e ensinar são tarefas ligadas. Alguns tentaram separá-las, sentindo que seu chamado é apenas para ensinar, e não pastorear. Mas o aspecto de pastoreio do ministério nos mantém em contato com a realidade – com questões e problemas genuínos – à medida que ensinamos a Palavra de Deus. Para ensinar as Escrituras devemos efetivamente aplicá-las e, com o auxílio do Espírito Santo, podemos fazê-lo apenas se estivermos em contato com as coisas como elas são na vida de homens e mulheres. Algumas vezes temos de determinar a ordem de sua prioridade em nosso trabalho, pois alguns podem ter sido chamados mais para a obra pastoral, e outros, mais para o ensino. Mas ambas as coisas são prioridade, e devem ser mantidas juntas.

Um ministro – o servo de Cristo e de seu povo – é antes de tudo um pastor. Essa descrição exige que conheçamos bem nosso rebanho, de modo que avaliemos sua compreensão sobre o que são (isto é, nos termos de João 21, se eles são cordeirinhos ou ovelhas maduras). Devemos ter boas relações com os membros do rebanho para que possamos encorajá-los, confortá-los, impeli-los ou alertá-los, conforme seja apropriado em determinado momento (At 20.31; 1Ts 2.12). Cada função se mostra necessária em momentos diferentes, e nosso objetivo ao exercê-lo é de ajudar as pessoas a viver uma vida digna do Deus que as chamou para o seu reino e glória (1Ts 2.12).

Um ministro – o servo de Cristo e de seu povo – é, em segundo lugar, um mestre. Tendo em vista a imagem de um pastor de ovelhas, estas precisam de bom pasto – o pasto da Palavra de Deus – apresentado de forma tão balanceada, espiritual e calorosa que as ovelhas sejam nutridas e encorajadas em seu compromisso com Cristo e seu crescimento para a maturidade. Um bom pastoreio provê o melhor pasto por meio de boa instrução.

O Novo Testamento emprega várias outras descrições e imagens que amplificam essas duas descrições básicas em Efésios 4. Um ministro é como um pai no encorajamento que ele dá a seus filhos para mirarem no melhor e no mais elevado (1Ts 2.11-12). Ele é como uma mãe com seus bebês em termos de sua gentileza com o povo de Deus (1Ts 2.7). Deve amá-los tanto que terá vontade não apenas de compartilhar com eles o evangelho em toda a sua plenitude, como também compartilhar com eles a sua vida (1Ts 2.8). Estará pronto para que sejam um fardo para ele, mas ele jamais quererá ser um fardo para eles (1Ts 2.9). Ele se verá como um vigia ou guardião (At 20.28; Jd 3). Sempre haverá “lobos selvagens” querendo adentrar o rebanho que não perderão a oportunidade de fazer mal às ovelhas (At 20.29).

As provas contínuas do chamado

Há sinais óbvios da veracidade do nosso chamado. Primeiramente, devemos reconhecer que todos os nossos dons pertencem não a nós mesmos, mas a Cristo e a seu povo, e queremos usá-los fielmente para administrar a multiforme graça de Deus (1Pe 4.10-11). Entendamos que nossos dons são dados por Deus e, conseqüentemente, são um compromisso.

Em segundo lugar, quando falarmos, o faremos como se pronunciássemos as próprias palavras de Deus (1Pe 4.11), como aqueles aprovados por Deus a quem foi confiado o evangelho (1Ts 2.4). Não queremos imprimir nossa opinião sobre as pessoas, mas inculcar a Palavra de Deus em suas vidas. Não estaremos preocupados com nossa própria autoridade; nosso senso de chamado dado por Deus autenticará nosso ministério.

Em terceiro lugar, não buscaremos agradar a homens, mas a Deus (1Ts 2.4), o que significa que não buscaremos elogios humanos. Não desprezaremos nem o elogio nem tampouco o apreço do povo de Deus, mas jamais serão o que buscamos ou o critério do que devemos fazer. É uma grande bênção se Deus nos dá esse entendimento no início de nosso ministério. O primeiro encargo do Dr. W. E. Sangster foi o de cuidar pastoralmente de duas igrejas em North Wales, uma chamada St. John's, antiga e predominantemente galesa, e a outra chamada Rhos, nova e predominantemente inglesa. Na reunião de boas-vindas em Rhos, os membros estavam ansiosos por dizer ao seu novo e jovem ministro o que era o quê, e cada líder de departamento prosseguiu dizendo o que esperavam dele e "ênfatizou a importância de seu próprio departamento, esclarecendo que o reino dos céus só seria alcançado se o ministro devotasse especial energia para aquele departamento. A série de longos discursos e a atmosfera queixosa tornava impossível dar uma resposta adequada". Paul Sangster relata como seu pai, digno mesmo em sua juventude, se levantou e disse simplesmente: "Muito obrigado pelos conselhos. Eu tentarei agradar a todos vocês, mas acima de tudo eu tentarei agradar a Deus". Dito isso, ele se sentou e a reunião foi encerrada.⁵

Em quarto lugar, devemos servir a Deus com a força que ele nos dá, com a determinação de que em todas as coisas ele seja louvado por meio de nosso Senhor Jesus Cristo (1Pe 4.11). E, acima de tudo, seremos exemplos de vida piedosa, justa e irrepreensível (1Ts 2.10) e "padrão dos fiéis, na palavra, no procedimento, no amor, na fé, na pureza" (1Tm 4.12), de modo que o que quer que aprendam ou recebam ou vejam em nós eles possam pôr em prática com a confiança de que o Senhor da paz estará com eles (Fp 4.9). Isso nos traz logicamente ao nosso próximo assunto – vida e caráter do ministro.

Capítulo 2



Vida e caráter

Você pode se sentir tentado a pular este capítulo, porque provavelmente já sabe o que ele vai dizer. Pode ainda justificar essa reação ao sugerir que a sua preocupação é chegar logo à prática do ministério.

Infelizmente, o conhecimento pode não corresponder a prática. Precisamos relembrar as coisas mais importantes, ainda que já as saibamos (conforme 2Pe 1.12-15). Pois nada é mais prático e realista do que ser quem somos, poderia afirmar alguém. Contudo, este é o sutil inimigo de nossas almas que nos tenta a pensar que as exigências de Deus em relação ao modo como vivemos e nosso caráter ou não são importantes, ou são comuns, de modo que qualquer um pode cumpri-las sem maiores dificuldades. Robert Murray McCheyne* – o piedoso ministro de Dundee, que morreu com apenas 29 anos – coloca nosso assunto em uma perspectiva adequada em duas de suas afirmações mais conhecidas sobre a vida pessoal do ministro. Primeira: “A maior necessidade de meu povo é a minha santidade pessoal”; e segunda: “Que arma terrível nas mãos de Deus é um ministro santo”. Foi apropriado para Hensley Henson, um bispo em Durham, dizer em uma avaliação para ordenação: “Não é meramente pela busca de uma profissão que nós nos comprometemos com uma vida consagrada”. Paulo corretamente se refere a Timóteo, o jovem pastor e mestre, como um “homem de Deus” (1Tm 6.11).

* Robert Murray M’Cheyne (1813-1843) foi pastor da igreja da Escócia, tendo sido sua última igreja a St. Peter’s Church, na cidade de Dundee, a qual pastoreou até sua morte, vítima de uma epidemia de tifo. [N.T.]

A prioridade do exemplo

Independentemente de tudo o que um pastor e mestre possa oferecer adicionalmente ao povo de Deus, ele deve dar a este um exemplo a seguir. O povo de Deus requer exemplos para serem efetivamente conduzidos e ensinados. Robert Trail (1642-1716) fez uma pergunta pertinente: “O espírito dos ministros não se propaga entre as pessoas? Um ministério vivo e cristãos vivos”.¹ John Thornton, um mercador cristão abastado e benfeitor de boas causas na Inglaterra no início do século 19, escreveu para Charles Simeon* em início de ministério: “Vigia continuamente sobre o teu próprio espírito, e faz tudo por amor; devemos crescer em humildade a fim de nos elevarmos na direção dos céus. Devo recomendar que tenhas um olhar vigilante sobre ti mesmo, pois, de modo geral, conforme é o ministro, assim é o povo”.² Seguir bons exemplos é parte das provisões de Deus para auxiliar seu povo a obedecer à mensagem do evangelho (2Ts 3.6-7).

E mais, o exemplo que damos é para ser mantido por toda a nossa vida. Paulo expressou sua preocupação aos Coríntios de jamais se desqualificar do prêmio após ter pregado a outros que deviam buscá-lo (1Co 9.26-27).

O Novo Testamento coloca uma ênfase tão grande no caráter como qualificação para a liderança espiritual quanto nos dons – provavelmente a ênfase seja maior no caráter. Nas qualificações que Paulo lista para “bispos” e “diáconos” em 1Timóteo 3.1-13 e Tito 1.6-9, o destaque está nas qualidades pessoais, afora a exigência de que o bispo deve ser “apto para ensinar” (1Tm 3.2) e “que tenha poder tanto para exortar pelo reto ensino como para convencer os que o contradizem” (Tt 1.9). O fruto do Espírito é tão importante quanto os dons do Espírito na vida de um pastor e mestre, como para qualquer cristão. Não há rivalidade entre os dois: ambos são importantes e necessários. Mas os dons do Espírito não podem ser exercidos de forma a glorificar a Deus – que é o seu propósito (1Pe 4.11) – se o caráter da pessoa não glorificar a Deus também (cf. 1Pe 4.7-9). O dom do pregador prova seu valor para o corpo de Cristo assim como o seu caráter demonstra a verdade que ele declara.

O exemplo-chave

O exemplo-chave é nosso Senhor Jesus Cristo. O propósito principal dos três anos de treinamento dos apóstolos foi que eles poderiam receber seu ensino inigualável e observar o exemplo do Senhor. Eles tanto ouviram

* Charles Simeon (1759-1836) – pastor anglicano, muito influente por seu trabalho evangelístico na Universidade de Cambridge e por sua obra magna, *Horae Homileticae*. [N.T.]

como viram como as coisas deveriam ser feitas. Em nenhuma outra ocasião, Nosso Senhor Jesus chamou atenção para esse propósito mais enfaticamente do que após ter surpreendido os discípulos no Cenáculo ao lavar-lhes os pés, quando aparentemente eles se haviam recusado a lavar os pés uns dos outros à medida que entravam. Ele os questionou criticamente: “Compreendeis o que vos fiz?” Então ele se certificou de que eles o compreenderiam.

Vós me chamais o Mestre e o Senhor e dizeis bem; porque eu o sou. Ora, se eu, sendo o Senhor e o Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros. Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também. Em verdade, em verdade vos digo que o servo não é maior do que seu senhor, nem o enviado, maior do que aquele que o enviou. Ora, se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as praticardes (Jo 13.12-17).

O exemplo do nosso Senhor Jesus é um ponto de referência constante no Novo Testamento. Ele é o exemplo extraordinário de humildade e de não buscarmos nossos próprios interesses, mas os interesses dos outros (Fp 2.1-11). Ele é o exemplo de viver não para agradar a nós mesmos, mas para agradar ao próximo no que é bom para sua edificação (Rm 15.2-3). Ele é o exemplo de como devemos acolher-nos uns aos outros (Rm 15.7). Ele é o exemplo de generosidade em doar-se a si próprio à custa de sacrifícios (2Co 8.9). Ele é o exemplo de como devemos nos portar quando sofremos por fazer o bem (1Pe 2.21). Ele é o exemplo da vida de amor na qual devemos andar (Ef 5.2). Estas são algumas das muitas referências ao seu exemplo.

Uma resposta apropriada ao exemplo de Cristo

Todos os cristãos são chamados a seguir o exemplo de Cristo – esta é uma verdade básica do discipulado. Pastores e mestres em particular são chamados a seguir esse exemplo, de modo a que os que os estejam seguindo se encontrem seguindo melhor a Cristo. Tendo instado os filipenses a seguir tudo o que é verdadeiro, respeitável, justo, puro, amável, de boa fama, virtuoso e digno de louvor, Paulo os exorta: “O que também aprendestes, e recebestes, e ouvistes, e visteis em mim, isso praticai; e o Deus da paz será convosco” (Fp 4.9). À primeira vista, as palavras de Paulo podem parecer muito presunçosas, ou mesmo orgulhosas. Mas não o são.

Ele reconheceu que uma de suas tarefas principais era seguir a Cristo tão de perto e inflexivelmente que ele daria um claro exemplo para os crentes ao seu redor seguirem.

O dever de todo cristão é de ser exemplo para os outros – procedendo assim para nos estimularmos mutuamente ao amor e às boas obras (Hb 10.24). Mas os líderes cristãos têm uma responsabilidade sem igual a esse respeito. Na maioria das esferas da vida, espera-se que as pessoas ponham em prática o que elas dizem aos outros – mas ninguém é mais exigido do que os que professam seguir o Senhor da glória. Os líderes cristãos não são perfeitos, e não são chamados para fingir que o são. Mas isso não é justificativa que não deem o exemplo que o povo de Deus necessita, uma vez que o poder e a graça de Cristo estão disponíveis para auxiliá-los.

Quando qualquer cristão cai em pecado, ele fere a outros. Quando um líder cristão cai em pecado, ele fere a muitos outros. Uma grande árvore não pode cair sem que várias árvores menores caiam com ela. Essa sóbria consideração explica por que jamais se deveria permitir que as pessoas se apressassem em assumir responsabilidades de liderança, ou ser empurradas muito rapidamente para tais responsabilidades. Por essa razão, um presbítero não deve ser um recém-convertido, “para não suceder que se ensoberbeça e incorra na condenação do diabo” (1Tm 3.6). De semelhante modo, não devemos precipitadamente impor as mãos sobre ninguém, dando-lhe responsabilidades de liderança antes do tempo apropriado (1Tm 5.22).

A prioridade do exemplo se reflete por toda parte no Novo Testamento. Tiago adverte sobre tornar-se mestre sem adequada consideração, “sabendo que havemos de receber maior juízo” (Tg 3.1) – em outras palavras, conforme temos sido exemplo do que nós mesmos ensinamos. Pedro ensina que a tarefa principal dos presbíteros é servir de “modelos do rebanho” (1Pe 5.3). Apenas assim eles podem almejar receber “a imarcescível coroa da glória” (1Pe 5.4).

Alguns aspectos práticos

Em que esferas o líder espiritual – o pastor e mestre – deve ser um exemplo? Em todas as esferas! Embora encontremos diferentes formas de expressar os aspectos práticos de dar exemplo no Novo Testamento, o ensino é idêntico e consistente. O local óbvio onde buscá-los são as cartas de Paulo a Timóteo e a Tito, porque elas são endereçadas a homens cuja função era pastorear e ensinar. Paulo dá instruções com relação ao ministério deles e orientação sobre o que deveriam buscar naqueles preparados por Deus para a liderança cristã.

Uma afirmação fundamental se encontra em 1Timóteo 4.12, na qual Paulo insta Timóteo: “Ninguém despreze a tua mocidade; pelo contrário, torna-te padrão dos fiéis, na palavra, no procedimento, no amor, na fé, na pureza”. A melhor maneira de interpretar esses cinco requisitos é por meio das qualificações que Paulo colocou para presbíteros e diáconos em 1Timóteo 3.1-13 e Tito 1.5-9.

Palavra

Para servirmos como pastores e mestres usamos bastante a nossa língua – em exortações particulares, ensinamentos públicos e pregação. Frequentemente cabe a nós presidir as discussões do povo de Deus, seja em encontros de liderança ou em encontros em geral da igreja, nos quais o uso da fala é inevitável. Todos nós pecamos mais prontamente com a língua do que com qualquer outra parte de nosso corpo.

Nossa fala como pastores e mestres deve ser contida e moderada (1Tm 3.2), especialmente quando a fala dos demais é o oposto disso. Não devemos ser irascíveis ou amantes de contendas (1Tm 3.3; Tt 1.7). Pelo contrário, nossa fala deve ser cautelosa. Devemos pensar cuidadosamente antes de nos manifestarmos sobre questões que são delicadas ou com potencial para desentendimentos. Nossa fala não deveria jamais ser frívola. Não negamos o lugar e importância do humor e da diversão. Mas devemos evitar a armadilha de fazer pilheria com coisas que realmente importam e que podem perder seu fundamento por uma palavra tola. O que falamos deve curar, e não ferir. Em qualquer conversa ou debate devemos ser como o óleo lubrificante que mantém todas as peças da máquina trabalhando suavemente juntas.

Esse é um padrão elevado, mas é isso que se exige de nós, porque é a língua, mais do que qualquer outro membro do nosso corpo, que pode causar mais danos ao bem-estar dos indivíduos e de todo o Corpo de Cristo. O lado positivo é que a língua também tem o potencial para o maior bem, se corretamente empregada. Para guardar nossa fala temos de guardar nosso coração, já que “a boca fala do que está cheio o coração” (Mt 12.34). Se falamos as coisas certas, devemos primeiramente pensar nelas. Quando nossa língua nos desaponta, é porque não cuidamos primeiro de nosso coração e pensamentos.

Estilo de vida

Nosso estilo de vida é exemplo para os outros seguirem. Primeiramente, de piedade e justiça (Tt 1.8). Devemos ser como Deus, nosso Pai celestial, em santidade. A forma pela qual ele é totalmente à parte de tudo o que é impuro e injusto deve se refletir em nosso comportamento. Pastores e mestres não são cristãos profissionais, fazendo as coisas certas somente quando estão em público. Ao cumprirmos nossa tarefa, devemos nós mesmos buscar

nosso privilégio e dever cristão de conhecer melhor a Deus e nos tornarmos mais como ele. Ao observar nossa conduta, os demais devem ser capazes de ver que somos justos, no sentido de que o que fazemos não se desvia do que é certo; e que somos irrepreensíveis (Tt 1.7), de modo que nenhuma censura possa ser imputada a nós por nossa falha em cumprir nossa responsabilidade para com o próximo. Estarmos ocupados com as preocupações do povo de Deus não deve ser uma desculpa para negligenciarmos nosso próximo – este foi o erro tanto do sacerdote como do levita na conhecida parábola do Bom Samaritano.

Como pastores e mestres devemos nos destacar como aqueles que são amigos do bem (Tt 1.8). Nossa abordagem da vida deve ser essencialmente positiva. Sabemos que vivemos no mundo de Deus, e que todas as suas dádivas são boas; é o abuso do homem com relação às dádivas de Deus que constitui o problema, não as dádivas em si. Quer se trate de esporte, ou do que passa na televisão, devemos ser amigos do que é bom e darmos exemplo a esse respeito.

Nosso estilo de vida deve carregar as evidências de nossa cidadania celestial (Fp 3.20), de modo a indicar onde está nosso tesouro. Se por um lado devemos ser marcados pela disposição de trabalharmos duro (2Ts 3.7-10), deve ficar igualmente claro que o amor ao dinheiro não é nossa motivação (1Tm 3.3), e que não queremos nada que tenha a ver com ganho desonesto (Tt 1.7). Embora seja um caminho duro a seguir, devemos aceitar qualquer salário que o povo de Deus escolha nos dar, deixando para outros agirem em nosso benefício.

Assim como devemos ser bons exemplos em nosso trabalho diário, nossa vida doméstica deve ser exemplar. Isso constitui um desafio para qualquer pai e mãe! Cada família tem suas batalhas a lutar no aprendizado de viver juntos como deveriam. A maior parte dos pais assume a paternidade sem ter a chance de praticá-la de antemão. A vida doméstica que dá bom exemplo é a da casa que é bem gerida (1Tm 3.4,12), onde os filhos obedecem aos pais com o devido respeito (1Tm 3.4), de modo que eles “não são acusados de dissolução, nem são insubordinados” (Tt 1.6). Paulo faz a pergunta pertinente para potenciais pastores e mestres: “pois, se alguém não sabe governar a própria casa, como cuidará da igreja de Deus?” (1Tm 3.5).

Diariamente esbarramos com o mundo ao nosso redor – com nossos próximos, nosso trabalho diário, nossos hobbies – e nosso comportamento deve ser tal que sejamos dignos de respeito (1Tm 3.8) e que tenhamos uma boa reputação com os de fora de modo que não caiamos “no opróbrio e no laço do diabo” (1Tm 3.7). A santidade no lar é essencial ao nosso exemplo. O que somos dentro de casa tem mais a ver com nossa utilidade para Deus e para os outros do que possamos pensar.

Amor

O amor é a virtude principal, e deve estar conspicuamente presente na vida do pastor e mestre. Não é uma opção, mas uma necessidade absoluta. Além de ser o primeiro aspecto do fruto do Espírito, é a virtude básica da qual fluem as demais. Em vez de amarmos o dinheiro, devemos amar a Deus e às pessoas, de modo que intencional e espontaneamente abramos nossas casas a elas (1Tm 3.2). Uma parte essencial de qualquer boa reputação que tenhamos com os de fora, respeito que eles possam ter para conosco, será devido ao amor que demonstramos a eles e aos demais (1Tm 3.7-8, cf. Jo 13.34-35; Gl 6.10).

Demonstra-se o amor pela gentileza e autocontrole. Ele quer servir ao outro e nunca é exagerado (1Tm 3.2-3; Tt 1.7). Devemos dar o exemplo de amar a todas as pessoas, e especialmente aos que são da família de Deus. Devemos amar o difícil e o não atraente. São esses que devemos convidar para nossa casa, e à casa dos quais devemos alegremente ir quando convidados. Devemos amar os que se opõem a nós, não os vendo como inimigos, mas como amigos a serem conquistados pelo amor.

A expressão do amor é a resposta mais poderosa para a maior parte dos problemas de relacionamento que surgem em uma igreja. Se é claro para todos que o pastor e mestre busca amar a todos igualmente e se esforça para não ter amigos em particular, mas em ser amigo de todos, então as pessoas voluntariamente o aceitarão como um mediador ou influência tranquilizadora quando as relações humanas estão sob estresse. Uma igreja não conseguirá jamais ter uma experiência grande demais do amor de Deus, e o pastor e mestre deve estar à frente da expressão desse amor.

Fé

É interessante que aqui, como em todos os lugares, amor e fé andam de mãos dadas (1Tm 2.15; 6.11; 2Tm 2.22). Todos os cristãos possuem fé, mas o pastor e mestre deve ser um tal exemplo disso que a fé cresça na comunidade de crentes à qual ele pertença.

Devemos ser exemplares, em primeiro lugar, no nosso conhecimento sobre a fé, apegados “à palavra fiel, que é segundo a doutrina” (Tt 1.9). Como pastores e mestres, precisamos construir constantemente sobre os fundamentos de nossa fé, desenvolvendo nossa compreensão dela e sua aplicação à vida contemporânea. Devemos conhecê-la de modo a podermos ensiná-la (1Tm 3.2), pois assim teremos “poder tanto para exortar pelo reto ensino como para convencer os que o contradizem” (Tt 1.9). Devemos conservar “o mistério da fé com a consciência limpa” (1Tm 3.9). Não devemos ser surpreendidos ou ficar perturbados se as pessoas nos questionam para ter certeza de que temos uma noção certa das verdades fundamentais da fé (1Tm 3.9-10).

Devemos ser exemplares também no exercício da fé. Nada honra mais nosso Senhor e Salvador do que nossa confiança nele – e confiança pela oração em seu nome (Fp 1.19). O princípio de que “sem fé é impossível agradar a Deus” (Hb 11.6) é fundamental para o ministério efetivo. Em pregação a ministros do evangelho, Charles Spurgeon os exortou:

Nosso trabalho requer especialmente a fé. Se falhamos na fé, seria melhor que nem tivéssemos iniciado tal trabalho; e a não ser que obtenhamos fé compatível com o serviço, logo ficaremos cansados dele. Está provado por todas as observações que o sucesso no serviço do Senhor é geralmente proporcional à fé. Certamente tal sucesso não é proporcional à habilidade, tampouco isto corre em paralelo com demonstração de zelo; mas é invariavelmente de acordo com a medida da fé, pois esta é uma lei do Reino sem exceção: “conforme sua fé, seja feito contigo”. É essencial, então, que tenhamos fé se é para sermos úteis, e que devemos ter maior fé se quisermos ser grandemente usados. [...] Nós, acima de todos os homens, necessitamos da fé que move montanhas, pela qual, nos tempos ancestrais, os homens de Deus “subjugaram reinos, praticaram a justiça, obtiveram promessas, fecharam a boca de leões, extinguíram a violência do fogo, escaparam ao fio da espada, da fraqueza tiraram força, fizeram-se poderosos em guerra, puseram em fuga exércitos de estrangeiros”.³

Se é para sermos obedientes ao nosso Senhor Jesus Cristo em nossa vizinhança e esferas de influência, o povo de Deus necessita ser liderado a iniciativas de fé, seja em evangelismo, plantação de igrejas ou outras iniciativas. O segredo da fé são grandes visões de Deus, nosso Salvador – e ele é tão grande que nossas visões não conseguem ser suficientemente grandes. Como pastores e mestres, necessitamos cultivar um momento devocional diário de estudo da Bíblia e leitura auxiliar de literatura cristã que areje e nutre a fé. Dessa forma servimos ao povo de Deus ao movimentar e alimentar sua fé por meio do exemplo, algumas vezes quase inconscientemente, uma vez que não podemos medir o grau em que nossa demonstração de fé encoraja a outros.

Pureza

Pureza em seu sentido mais amplo é exigida daqueles que pastoreiam e ensinam o povo de Deus. O próprio Senhor Jesus Cristo é puro (1Jo 3.3), e assim aqueles que pertencem a ele devem também ser puros. Tal pureza é uma parte essencial de nosso relacionamento com Deus através de nosso

Senhor Jesus Cristo. A pureza só pode ser alcançada conforme a colocamos como nosso objetivo intencional. Jó sabia disto. Ele não fingiu não ser tentado, mas sabia o que fazer com a tentação quando esta vinha. “Fiz aliança com meus olhos; como, pois, os fixaria eu numa donzela?” (Jó 31.1). Henry Martyn*, um missionário inglês pioneiro na Índia, orava pela pureza de uma jovem cuja beleza o atraía de maneiras que não o ajudavam. Ele descobriu que ao orar pela santidade e pureza dela, ele não podia ao mesmo tempo abrigar pensamentos impuros.

A pureza exige que lidemos honestamente conosco, de modo que mesmo a necessidade espiritual de alguém do sexo oposto não se torne um pretexto para auxiliar aquela pessoa às expensas do prazer que sentimos de estar em sua companhia.

Se somos casados, nossa aliança total e sem concessões deve ser com nossas esposas (1Tm 3.2,12; Tt 1.6). A esposa de um homem deve ser a única fonte da qual ele bebe para o cumprimento e satisfação de desejos físicos e sexuais – tanto em pensamento como em ação física. Devemos amar nossas esposas não apenas como as amamos em nossa juventude, mas com um amor crescente.

Nosso comportamento com relação aos do sexo oposto deve ser irrepreensível e respeitável (1Tm 3.2,11). A liderança espiritual constantemente leva os pastores e mestres a terem contato com mulheres nas mais variadas situações. Há naturalmente prazer e estímulos que auxiliam através da interação entre os sexos opostos na vida cotidiana – isso é parte do dom de Deus para nós. Mas num mundo caído – e com nossas naturezas caídas – há um escopo abundante para tentação e falha moral. Mais adiante lidaremos com este assunto em maior detalhe, pois esta é uma área que não devemos negligenciar. Neste estágio, devemos simplesmente destacar que, assim como tantas outras virtudes, a pureza de vida começa com pureza de coração. Nós somos o que pensamos.**

Fala, vida, amor, fé e pureza: estas são as prioridades. A razão de sua importância é que como “bispos” ou “presbíteros”, nós somos “despenseiros de Deus” (Tt 1.7). O rebanho que estamos cuidando não é nosso, mas de Cristo (Jo 21.15-17). O sangue que foi derramado por eles foi o sangue de Cristo – o sangue do próprio Deus (At 20.28). Devemos definir padrões mais elevados para nós mesmos, a fim de que, ao nos imitar, o rebanho esteja imitando a Cristo (1Ts 1.6).

* Henry Martyn (1781-1812) foi um pastor anglicano e missionário para os povos da Índia e da Pérsia, tendo traduzido o Novo Testamento inteiro em urdu, persa e judaico-pérsico. Ele traduziu também o livro de Salmos em persa e o Livro da Oração Comum em urdu. [N.T.]

** “As we think, so we are.” Este aforismo dos autores nos recordou da passagem em Mateus 12.34: “Raça de víboras, como podeis falar coisas boas, sendo maus? Porque a boca fala do que está cheio o coração”. [N.T.]

Há muitas outras características que marcam aqueles que lideram e ensinam o rebanho de Cristo – tais como sinceridade e paciência –, mas essas são todas compreendidas nas cinco prioridades que já consideramos.

Áreas de crescimento

Todas essas prioridades espirituais da vida e do caráter constituem áreas de crescimento. O amor e a fé são constantemente referidos no Novo Testamento como virtudes que devem abundar em nós. Nossa fala e nosso estilo de vida devem honrar cada vez mais a Deus conforme o fruto do Espírito cresce. Nossa pureza deve aumentar à medida em aprendemos com nossos erros e encaramos o chamado à pureza que o evangelho nos faz (1Ts 4.3).

Deus frequentemente promove nosso crescimento espiritual nessas áreas por meio das dificuldades. Ele nos permite superá-las através do curso de nosso ministério. A fé de Paulo no poder de livramento de Deus cresceu, por exemplo, conforme ele foi provado em lugares como Filipo (At 16.25-26). Seu entendimento do poder de Deus em nos confortar se desenvolveu à medida que os sofrimentos de Cristo fluíram em sua vida (2Co 1.5).

Paulo não teria sido o apóstolo útil, pastor e mestre que foi, se não tivesse sofrido tantos desapontamentos e dificuldades. As experiências das quais nós fugiríamos são algumas vezes períodos de treinamento adicionais da parte de Deus para nos tornar melhores servos de seu Filho. George Whitefield escreveu em seu diário enquanto esteve em Gibraltar, em fevereiro de 1738: “Conversei com um dos soldados devotos, que estava sob fortes provas espirituais; e Deus se alegrou em dar-lhe conforto. A cada dia, descubro ser mais e mais necessário que os ministros do evangelho sejam tentados em todas as coisas, de modo que possam ser capazes de socorrer com sua experiência aos que são tentados”.

Um autor anônimo disse, certamente, que caráter é aquilo que nós somos quando estamos na escuridão. Nossa vida privada e secreta provê a pista para a aprovação de Deus sobre nossa vida pública e serviço. Se tivéssemos de resumir em uma palavra o que a vida de um pastor e mestre deve ser, a palavra escolhida seria “divina” – ainda que essa palavra esteja fora de moda. Sua essência é fazer o que agrada a Deus sem que haja o olhar de aprovação dos outros. Davi foi descrito por Deus como um homem segundo o seu coração, que fará toda a sua vontade (At 13.22). “Torne-me este tipo de homem”: este deve ser o desejo sincero e oração de todo aquele que foi genuinamente chamado para ser um pastor e mestre. “Sobre tudo o que se deve guardar”, o autor de Provérbios nos adverte, “guarda o teu coração, porque dele procedem as fontes da vida” (Pv 4.23).

Capítulo 3



Objetivos e prioridades

Infelizmente é possível ter objetivos falsos ou enganosos, os quais são mundanos ao invés de serem espirituais. O apóstolo João não tinha outra opção a não ser condenar o exemplo de um líder da igreja – Diótrefes – que gostava de ser o primeiro (3Jo 9). Nosso objetivo não é a construção de um império. Embora todo chamado para servir nosso Senhor Jesus Cristo possa aceitar isto, é fácil cair no erro por falta de vigilância sobre si mesmo. O senhorio sobre os outros não tem lugar na obra dos pastores e mestres (2Co 1.24; 1Pe 5.3). O título-chave para os que estão no serviço de Cristo é o de “servo”. Pastores e mestres existem para as igrejas, e não o contrário. As igrejas não existem para nosso benefício ou para nossa subsistência. Ao contrário, nós é que existimos para o bem da igreja.

Nosso objetivo não é ser bem conhecido e respeitado. Nosso objetivo não é ter uma igreja ou congregação maior, que atraia a admiração – e talvez a inveja – de outros. Nosso objetivo não é atrair pessoas ao nosso redor para que sejam leais a nós, em vez de serem leais ao nosso Senhor Jesus Cristo. Nosso objetivo não é nos tornarmos indispensáveis. Tais objetivos são de domínio, enquanto os nossos objetivos devem ser de regência, de administração. Aqueles a quem pastoreamos e ensinamos são confiados a nós – eles não são nossos, mas de Jesus Cristo (1Pe 5.3).

Nunca é demais nos lembrarmos de que a igreja local não é nossa, mas dele. Essa compreensão condiciona nossos objetivos e prioridades. Embora pareça apenas um detalhe, é sábio evitar o hábito de se referir

a uma igreja como “igreja do Sr. Fulano de Tal”, ou de falar em “minha igreja”. Em vez disso, devemos nos disciplinar em dizer “a igreja à qual o Sr. Fulano de Tal pertence” ou “a igreja à qual eu pertenço”. O esforço de fazer isso nos alerta para atitudes inadequadas que porventura estejamos adotando com relação à igreja.

Estabelecer objetivos traz benefícios e perigos. O benefício principal é que sabemos o que devemos mirar, e assim evitamos gastar nossas energias com questões secundárias. O principal perigo é de nos tornarmos tão centrados no objetivo que definimos alvos irrealistas, o que então se torna um peso sobre nossas costas e nos desencoraja, ao invés de nos incentivar. Mas esse perigo não é motivo para não estabelecermos objetivos adequados. É simplesmente uma armadilha a se evitar. Nosso propósito é determinar os objetivos que Deus quer que tenhamos, ao invés dos que nós mesmos imaginamos. Uma quantidade substancial dos escritos atuais sobre esse assunto advém mais de práticas de negócios do que de preceitos bíblicos. É imperativo que nos orientemos a partir das Escrituras.

Apascente o rebanho

As Escrituras identificam um número de objetivos pastorais e de ensino, e nosso propósito é chamar a atenção para estes. Não há dúvida quanto ao ponto inicial, uma vez que essa deve ter sido a instrução que nosso Senhor Jesus Cristo deu a Pedro quando o restabeleceu para comunhão consigo após a ressurreição (Jo 21.15-17).

Nosso objetivo é apascentar o rebanho de nosso Salvador. O amor de Pedro pelo seu Senhor tinha de ser demonstrado acima de tudo no cuidado das ovelhas e cordeiros de seu Senhor. A instrução tripartida – “apascenta os meus cordeiros” (Jo 21.15), “pastoreia as minhas ovelhas” (Jo 21.16) e “apascenta as minhas ovelhas” (Jo 21.17) – destaca as três áreas principais do cuidado pastoral. Os jovens – tanto em idade como em fé – devem ser cuidadosamente apascentados (Jo 21.15); todos os cristãos requerem cuidado pastoral geral (Jo 21.16); e cristãos estabelecidos necessitam progredir em direção à maturidade (Jo 21.17). Pedro não esqueceu esse objetivo, pois além de prover pasto espiritual exuberante para o rebanho de Cristo em suas duas cartas no Novo Testamento, ele exorta os presbíteros das igrejas na Ásia Menor a pastorear “o rebanho de Deus que há entre vós” (1Pe 5.2).

A prioridade de um pastor é conduzir seu rebanho a pastos verdejantes; e essa é sua tarefa principal ao manusear as Escrituras. Ele deve aumentar a compreensão do rebanho quanto à fé de modo que este possa prestar melhor obediência a Cristo (Rm 1.5). Apascentado adequadamente,

o rebanho será fortalecido no Senhor e na graça que está em Cristo Jesus (Ef 6.10; 2Tm 2.1).

Cada vez que ensinamos, é apropriado perguntar: “estou provendo bom pasto para o rebanho de Deus? Isso vai nutrir suas almas fazendo-os se alimentar do nosso Senhor Jesus Cristo e responder a ele em obediência?” Uma marca do bom apascentamento é que ele leva ao crescimento na fé. Isso faz sentido na medida em que nossa fé teve seu início com a escuta da Palavra de Deus e nossa resposta a ela. O ministério da Palavra de Deus deve sempre fazer bem ao povo de Deus. Ao antecipar uma oportunidade adicional de ministrar aos filipenses, Paulo esperava que o resultado fosse seu “progresso e gozo da fé”, de modo que a alegria deles em Cristo fosse abundante (Fp 1.25-26).

Embora, ao expor as Escrituras, nossa tarefa por vezes seja repreender e corrigir, a exposição da Palavra sempre tem por objetivo que o povo de Deus, ao responder com a obediência da fé, conheça uma abundante e inexprimível alegria em Cristo. Nossa tarefa como amigos do Noivo celestial é trazer diante dos membros de sua igreja, sua noiva, as maravilhas e benefícios de sua união com o noivo e a perfeição absoluta do seu caráter, de modo que eles o obedeçam com crescente alegria.

A alegria – resultado de apascentamento adequado – tem inúmeras consequências benéficas. Quando os cristãos estão alegres em seu Senhor, eles louvam e agradecem a Deus com os lábios e a vida. Quando os cristãos estão alegres em Cristo, eles desejam servi-lo, e o fazem com gratidão que beneficia o seu serviço. Quando os cristãos estão alegres em Cristo, eles encaram seus sofrimentos com paz e fé perseverante. Quando os cristãos estão alegres em Cristo, eles estão em condição de ajudar os outros. Se os cristãos não se alegram, não é porque eles são cristãos, mas porque eles não são suficientemente cristãos. A alegria é o estado racional do cristão em vista de sua atitude espiritual em Cristo. Nosso objetivo em apascentar o rebanho de Cristo tem este objetivo maior por trás, de que a alegria do cristão em Cristo seja completa (Jo 15.11).

Anuncie todo o desígnio de Deus

O pastoreio apropriado exige uma dieta balanceada. Nosso objetivo, para citar as palavras de Paulo aos presbíteros de Éfeso, é “anunciar todo o desígnio de Deus” (At 20.27). Tendo alcançado esse objetivo entre os efésios, Paulo podia alegar que o sangue de homem algum fosse lançado sobre ele (At 20.26; cf. Ez 33.1-6). Ele buscou compartilhar cada aspecto da verdade do evangelho conforme ele a conhecia e entendia.

Para proclamar todo o desígnio de Deus devemos expor fielmente toda a Escritura. Devemos tornar simples o plano de Deus com relação à salvação, iniciando com a presciência de Deus e indo até a glorificação (Rm 8.29-30). Devemos ensinar toda a vontade de Deus com relação à santificação, que não se trata de algo vago e fútil, mas prático e relevante, o que significa evitar a imoralidade sexual em todas as suas formas e aprender a controlar nosso corpo de forma santa e honrosa (1Ts 4.3-4). Onde as Escrituras são simples, devemos ser simples, quer tratemos sobre doutrina ou comportamento cristão. Não devemos hesitar em pregar tudo o que venha em auxílio do povo de Deus.

Que Paulo precisava chegar a tais dores para enfatizar sua prática significa que podemos ser tentados algumas vezes a não declarar toda a vontade de Deus. Podemos hesitar por antecipar a reação da natureza humana caída a uma verdade divina que não é palatável. No entanto, tal hesitação é em engano, uma vez que onde houver um trabalho verdadeiro do Espírito de Deus na vida das pessoas, elas serão ensinadas por ele a aceitar a verdade que Deus queira que recebam, quer seja para sua regeneração ou santificação. Um exemplo importante é o arrependimento (At 20.21) – um exemplo de prioridade a ser ensinado tanto a crentes como a não crentes.

Não é fácil ser equilibrado em nossa apresentação da verdade de Deus. Williams Burns, um dos primeiros missionários escoceses a ir para a China, escreveu em seu diário:

Quão difícil é unir em proporções justas a doutrina humilhante da inabilidade do homem de vir a Cristo sem a regeneração, e a oferta gratuita do que é o meio moral empregado por Deus na conversão! Oh! Espírito de Jesus, meu salvador, lidere-me, eu que sou pecador pobre, ignorante e orgulhoso, a viver este grande mistério da graça, para que eu possa declarar o seu glorioso evangelho a pecadores como eu, que estão a perecer! Amém.

Faremos bem se nos apropriarmos dessa oração.

Para declarar a completa vontade de Deus ao seu povo, devemos deliberadamente ensiná-los a partir de toda a Escritura. Se mantivermos as anotações de nossos discursos e sermões, é salutar rever o quão equilibrado foi nosso ensino e pregação. Temos mantido um balanço entre o Antigo e o Novo Testamento? Temos dado o tipo de equilíbrio entre ensino de doutrina e instrução moral que encontramos em Efésios? Uma vez que toda a Escritura – tanto o Antigo como o Novo Testamento – é “útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça” (2Tm 3.16), somos fiéis ao povo de Deus somente na medida em que usamos

toda a Escritura com esses objetivos, tanto em instrução pública como na instrução mais informal, dada em visitação pastoral nos lares (At 20.20). Eles, então, se regozijarão genuinamente em que “tudo quanto, outrora, foi escrito para o nosso ensino foi escrito, a fim de que, pela paciência e pela consolação das Escrituras, tenhamos esperança” (Rm 15.4).

Quando tornamos o nosso objetivo proclamar toda a vontade de Deus, ao usar toda a Escritura evitamos ênfases que possam ser distintamente contraproducentes por causa de machados particulares que costumamos empunhar. G. Campbell Morgan contou a história do pregador batista que tinha uma fixação com o batismo e se referia a ele constantemente. Certa manhã ele anunciou seu texto: “Adão, onde estás?” (Gn 3.9). E continuou: “Existem três pontos que devemos mencionar. Primeiro, onde Adão estava. Segundo, como ele seria salvo de onde estava. Terceiro e último, algumas palavras sobre o batismo”. A melhor reputação que podemos almejar ter é de fidelidade para com as Escrituras, ao invés de alguma posição doutrinária, e a sermos nós mesmos obedientes com relação às Escrituras – e, portanto, a Deus – onde quer que tal obediência possa nos levar.

Apresente a todos perfeitos em Cristo

Apascentar o povo de Deus e proclamar todo o conselho de Deus não são fins em si mesmos. Eles servem a um fim maior – apresentar a todos perfeitos em Cristo. Paulo compartilhou esse grande objetivo quando descreveu a essência de seu ministério em sua carta aos Colossenses:

[...] o qual nós anunciamos, advertindo a todo homem e ensinando a todo homem em toda a sabedoria, a fim de que apresentemos todo homem perfeito em Cristo; para isso é que eu também me afadigo, esforçando-me o mais possível, segundo a sua eficácia que opera eficientemente em mim (Cl 1.28-29).

A expressão “em Cristo” sublinha uma grande maravilha de salvação: somos pessoalmente unidos a Jesus Cristo. Cristo está em nós, e nós estamos nele. O propósito último de Deus, como consequência de nossa reconciliação com ele e nossa união com Cristo, é nos apresentar diante de si em santidade, de modo que possamos estar com ele para sempre. No entanto, essa obra de santificação já está em progresso, e Deus emprega os pastores sob o seu Filho para fazer progredir essa obra. Por isto a ambição de Paulo para os irmãos em Corinto, de apresentá-los como uma virgem pura a Cristo, o seu Noivo celestial (2Co 11.2), estava completamente correta.

Devemos motivar os cristãos a crescer. Para isso, nada melhor do que demonstrar a eles nas Escrituras o propósito glorioso que os espera em Cristo. Uma motivação importante que facilmente ignoramos, talvez por assumirmos que seja lugar-comum, é a exposição constante e regular do próprio evangelho. O propósito de Paulo em Romanos 12 em diante era simplesmente motivar os seus leitores a perseverar na maturidade do caráter e conduta cristãos. De modo marcante, os capítulos 1 a 8 expõem em muitos detalhes o evangelho pelo qual somos salvos – com os capítulos 9 a 11 interrompendo essa argumentação para que ele expresse preocupação com o seu próprio povo descrente, os judeus. O capítulo 12 reassume onde o capítulo 8 parou e baseia todas as suas exortações principalmente sobre a pequena frase “pelas misericórdias de Deus” (Rm 12.1).

Quando nossos olhos estão sobre a misericórdia de Deus, não podemos evitar sentir uma tremenda gratidão, a gratidão que leva à obediência e ao crescimento. Em vez de eternamente repreender os crentes sobre suas falhas, devemos alegremente colocar diante deles os objetivos de termos semelhança com Cristo e maturidade espiritual, tanto como um privilégio quanto como um dever. O entusiasmo com o qual os apresentamos, mais a realidade de nossa própria busca por esses dois objetivos – um fator imprescindível – os encorajará a fazer o mesmo.

Nosso objetivo é a santidade e a obediência sem reservas de cada crente para com Cristo. Devemos sustentar diante deles e de nós mesmos a instrução de nosso Senhor: “sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste” (Mt 5.48). Embora seja impossível alcançar a perfeição absoluta nesta vida, esse fato não é motivo para que não busquemos a perfeição. O Espírito de Deus, que habita dentro de todos os crentes, pode habilitar tanto a nós como a quem nós ensinamos, a alcançar virtudes e padrões de conduta que de outra forma seria impossível. Somos habilitados a amar nossos inimigos, amando-os como Deus amou a nós quando éramos seus inimigos. Podemos perdoar aos outros, assim como Deus nos perdoou. Nós, e aqueles pelos quais somos responsáveis, podemos nos tornar mais e mais como Jesus. Podemos demonstrar na vida diária a realidade de nosso novo nascimento ao vivermos como viveu nosso Salvador.

Para nos auxiliar, podemos comparar Deus Espírito Santo tanto a um escultor como a um oleiro. Conforme o povo de Deus se achega regularmente sob a influência de sua palavra e cuidados pastorais, ele – assim como nós – está nas mãos de Deus Espírito Santo. Ele sempre tem diante de si a pessoa de nosso Senhor Jesus Cristo, e é seu propósito, através do ensino e exposição da Palavra, desbastar nosso caráter como um escultor, de modo que nos conformemos mais e mais à imagem de Jesus Cristo. Ele nos molda como um oleiro, à medida que nos auxilia a aplicarmos os princípios de

sua Palavra às circunstâncias de nossa vida, e como resultado nos tornamos ferramentas mais úteis na casa de Deus.

A palavra “todo” não deveria ser ignorada em Colossenses 1.28 – “o qual nós anunciamos, advertindo a todo homem e ensinando a todo homem em toda a sabedoria [...]”. Pastores e mestres devem se preocupar com cada cristão, sem exceção. Homens e mulheres – jovens e velhos – que Deus traz aos nossos cuidados estarão em diferentes estágios de experiência espiritual. Partindo de onde eles estão, devemos trazê-los até onde Deus os deseja em obediência e santidade de vida.

Vale a pena também pensarmos sobre a palavra “apresentemos” em Colossenses 1.28 – “[...] a fim de que apresentemos todo homem perfeito em Cristo” – pois essa palavra nos recorda que temos de ter sempre em vista aquele momento glorioso da apresentação, quando nosso Senhor retornará e seus servos o encontrarão para prestar contas de seus serviços. Pense na alegria de apresentar, naquele dia, todos aqueles que nos foram confiados. Paulo explicou aos irmãos em Tessalônica o entusiasmo que essa expectativa lhe causava, especialmente quando expôs o seguinte pensamento: “Pois quem é a nossa esperança, ou alegria, ou coroa em que exultamos, na presença de nosso Senhor Jesus em sua vinda? Não sois vós? Sim, vós sois realmente a nossa glória e a nossa alegria!” (1Ts 2.19-20). Pastores e mestres sábios buscam por sua recompensa no momento da apresentação final ao Senhor Jesus, e não agora.

Os meios pelos quais esse objetivo é alcançado estão nas palavras que o precedem: “o qual nós anunciamos, advertindo a todo homem e ensinando a todo homem em toda a sabedoria [...]” (Cl 1.28). Primeiramente e antes de mais nada, isto envolve o proclamar a Cristo. Soa tão comum que podemos não prestar a devida atenção a isso. Devemos garantir que, em todo o nosso pastoreio e ensino, apresentemos a pessoa de Cristo. O ensino correto sempre leva a ele e mostra a relação de todas as outras verdades com a sua obra salvífica e sua supremacia nos propósitos de Deus. Ao darmos conselhos espirituais, devemos direcionar as pessoas a aquele aspecto do caráter e obra de Cristo que se aplique de forma mais relevante às suas circunstâncias. Ao encorajar um comportamento correto, devemos apontar para o exemplo de Cristo, que deve ser seguido. O inimigo das almas venceu uma batalha significativa quando qualquer pastor ou mestre realiza qualquer tarefa sem se referir à pessoa, exemplo e ensino do seu Senhor.

Juntamente com o proclamar a Cristo, deve haver a admoestação e o ensino. Paulo colocou a admoestação em primeiro lugar porque ele era realista. Ciente de sua própria necessidade de constante correção, ele reconhecia que isso era necessário aos outros também. Admoestar e advertir são a

responsabilidade especial de pastores* (1Ts 5.12). Alertar é uma expressão de realismo cristão – lidar com as coisas como elas realmente são. Uma vez que todos os cristãos estão na batalha espiritual (Ef 6.10-18), devem ser alertados contra os perigos morais e espirituais. Todos precisam ser advertidos contra perigos como o orgulho, a excessiva autoconfiança, Satanás e suas armadilhas, ensinamentos falsos, ênfases inúteis e ócio (At 20.30-31; 1Ts 5.14). Há perigos ao longo da estrada, e a tarefa do pastor e mestre é colocar os “sinais de trânsito” e mantê-los bem sinalizados e atualizados com relação à informação que fornecem. Paulo lembrou aos presbíteros de Éfeso que durante três anos ele nunca parou de admoestar cada um deles, noite e dia, com lágrimas (At 20.31). A adição das palavras “com lágrimas” fornece uma pista importante sobre a forma como a admoestação e a correção devem ser exercidas – elas exigem a compaixão, o espírito de um pai cuidando de seus filhos (1Co 4.14-15).

Tanto a exortação espiritual como o ensino implicam considerável sabedoria (Cl 1.28). A sabedoria não é tanto a que vem de treinamento e do ganho de experiência, mas a sabedoria que vem do temor do Senhor, o respeito pela sua Palavra, e sensibilidade ao seu Espírito – a sabedoria que vem do alto (Tg 3.17-18).

O objetivo de apresentar homens e mulheres perfeitos em Cristo exige um árduo trabalho. Para esse fim Paulo trabalhou duro, afadigando-se com toda a energia de Cristo, que tão poderosamente trabalhou nele (Cl 1.29). A palavra usada para afadigar-se literalmente significa se envolver em uma contenda, e, geralmente, no contexto da luta armada. As únicas armas adequadas para essa luta com Satanás e suas influências são a oração e a Palavra de Deus. Satanás coloca todo obstáculo possível no caminho do progresso dos cristãos para a maturidade espiritual. A consciência disso deve aumentar a intensidade de nossa convicção em frustrá-lo, empregando as armas adequadas e valendo-nos do poder do Senhor Jesus, que está sempre disponível quando a nossa preocupação é cuidar de seu rebanho.

Consciente de que ele tinha de trabalhar duro, Paulo sabia também que o segredo do sucesso era a energia de Cristo presente nele. Há algo de misterioso na relação entre nosso empenho e a verdade de que, ao fazê-lo, a energia de Cristo opera em nós para alcançar seu grande objetivo. Não temos de entender completamente esse princípio espiritual para nos beneficiarmos dele. Nosso Senhor Jesus dá o mesmo Espírito que o ungiu para aqueles que continuam sua obra, e é isso que garante que o trabalho será realizado com sucesso.

* No original, “undershepherds” – reconhecimento de que todos os pastores são auxiliares do Supremo Pastor (Chief Shepherd, na ESV), Cristo (1Pe 5.1-4). [N.T.]

Prépare o povo de Deus para servir

Paralelamente a este grande propósito de apresentar todo homem perfeito em Cristo, e como uma parte essencial desse propósito, nossa outra meta é o “aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço” (Ef 4.12). Embora o corpo de Cristo requeira o dom de pastores e professores, ele igualmente necessita dos outros dons que Cristo dá ao seu corpo. Além disso, novos pastores e mestres são continuamente dados à igreja ao longo de sua história, e eles devem ser reconhecidos e incentivados no desenvolvimento de seus dons ao lado dos dons dos outros. A responsabilidade particular de pastores e mestres é preparar o povo de Deus para o seu serviço individual.

Todo cristão tem uma função no corpo de Cristo (1Co 12) e um serviço único a realizar para o bem dos outros membros da família de Deus. A tarefa dos pastores e mestres é preparar cada crente para cumprir o seu lugar ordenado por Deus no corpo de Cristo. Eles devem auxiliar os cristãos primeiro a discernir os seus dons, e, então, a usá-los.

Uma vez que os dons espirituais são discernidos, nossa tarefa é motivar as pessoas a exercê-los, sugerindo meios pelos quais eles podem ser desenvolvidos e colocados em uso. Indicar um livro relativo ao serviço que as pessoas podem realizar pode ser todo o estímulo de que necessitam. Podemos sugerir que as pessoas frequentem cursos de formação pertinentes, ou podemos apresentá-las a pessoas com dons semelhantes que sejam mais experientes em seu uso.

Às vezes, os dons que o pastor e mestre possui foram tão ampliados na igreja que o desenvolvimento de outros dons tem sido negligenciado. Já se pensou, tolamente, que o pastor e mestre deve também, de uma forma ou de outra, possuir todos os outros dons necessários para o ministério. O pastor e mestre é a pessoa chave para retificar essa situação quando existir. Devemos deixar claro por nossa atitude e por nosso ensino que nossos dons são apenas alguns entre outros dons. À medida que nos esforçamos para expor cuidadosa e completamente o ensino de passagens como Romanos 12, 1Coríntios 12, e 1Pedro 4.10-11, podemos demonstrar a interdependência dos membros do corpo e que o objetivo de todos os dons espirituais não é o prazer egoísta, mas o benefício dos outros membros da família de Deus. Os dons são dados para que possamos compartilhar e levar uns aos outros à maturidade espiritual – em outras palavras, apresentando uns aos outros perfeitos em Cristo. (Ef 4.13 é uma expansão de Cl 1.28).

Ao ensinarmos a necessidade do serviço cristão, também devemos criar oportunidades para que ele seja desenvolvido. Na igreja a que pertencíamos em Edimburgo, descobrimos que era útil fornecer uma brochura intitulada “Oportunidades de Serviço”, que foi produzida depois de uma exposição de

Romanos 12 e, então, dada a cada novo membro. Ela enumera vários aspectos da vida da igreja e os diferentes dons de serviço que os membros podem ser capazes de oferecer. As pessoas são convidadas a verificar aqueles aos quais se sentiam dotadas ou nos quais estariam dispostas a ajudar. Não é um meio infalível de descobrir dons, e “ofertas de serviço” não é necessariamente sinônimo de dons necessários para aquele serviço. Mas muitas vezes o são, e é só por oportunidade e teste que os dons são manifestos. É ao fazer uma tarefa que a pessoa descobre sua aptidão espiritual para ela.

Como parte do nosso cuidado pastoral, devemos buscar identificar os dons de cada membro do rebanho e encorajá-los. Não deve se tratar de um exercício aleatório, mas de uma iniciativa deliberada. Fará bem trazer cada um dos membros da igreja diante de Deus em oração, em rotação diária, e pedir sua ajuda na identificação do dom de cada membro, e, também, sabedoria para incentivar o seu uso se o seu emprego não for óbvio.

Quando nos reunimos como pastores para considerar o bem-estar do rebanho, o desenvolvimento e o reconhecimento dos dons espirituais dentro da igreja deve ser um ponto permanente na pauta. Devemos nos perguntar a cada seis meses, “Há dons que Deus está dando aos membros da nossa comunhão de igreja que precisamos reconhecer e incentivar?” É preciso disciplina para garantir que um assunto importante como esse não seja empurrado para o final da pauta pela pressão de outros negócios ou até mesmo por ser considerado sem importância. Se vamos ensinar o povo de Deus a estar preparados para o serviço, temos de nos certificar de que esses serviços são reconhecidos, iniciados e concluídos.

Capacite o povo de Deus para ser pescador de homens

O corpo de Cristo não apenas deve cuidar de sua maturidade espiritual, mas deve também crescer. Nossa responsabilidade não é apenas para com o rebanho já reunido, mas também para com aquelas outras ovelhas que precisam ser chamadas. O corpo de Cristo é saudável quando, através do serviço que seus membros estão dotados a cumprir, ele estende a mão para o mundo e obedece à grande comissão de seu Mestre de pregar a Boa-Nova a toda criatura. A verdadeira preocupação de um pastor é para com as ovelhas que ainda não ouviram o chamado do Supremo Pastor (Jo 10.16).

Nosso objetivo é capacitar o povo de Deus a ser pescador de homens e mulheres. Esse era um objetivo prioritário de nosso Senhor Jesus Cristo para seus discípulos. Como potenciais apóstolos, seu chamado especial foi para

a evangelização. Mas esse chamado é dado a todos os membros do corpo de Cristo, embora alguns sejam mais dotados para ele do que outros. A fim de tornar seus discípulos pescadores de homens, nosso Senhor Jesus tomou-os sob sua instrução por três anos, e eles aprenderam a “pesca-de-homens” ao ouvir seus ensinamentos e ao observá-lo em ação. Aqueles pelos quais somos responsáveis precisam ser capazes de aprender da mesma forma.

Devemos, primeiramente, ensinar sobre a evangelização, e devemos, então, também ensinar fazendo a evangelização. Cursos regulares de instrução sobre a evangelização têm seu lugar no âmbito do programa de ensino anual da igreja. No entanto, a melhor maneira de ensinar e encorajar a evangelização é demonstrando, ao pregarmos nós mesmos regularmente o evangelho em todas as ocasiões possíveis. Nada dispara mais a evangelização que a jactância de nosso povo ao ouvir a mensagem do evangelho ser proclamada. À medida que nos envolvemos com a apologetica, damos aos nossos ouvintes cristãos orientação para ajudá-los a responder às perguntas que as pessoas fazem relativamente à esperança em Cristo que eles demonstram.

A evangelização raramente é, se é que chega a ser, um trabalho fácil. Muitas vezes as pessoas convidadas a dar palestras sobre evangelização são especialmente instruídas, e podem levar os menos instruídos ao desespero e intensos sentimentos de culpa e inferioridade. Pastores e mestres nem sempre têm o dom de evangelista, e podemos ajudar muito as pessoas, ao mencionar de vez em quando as dificuldades que nós mesmos enfrentamos ao compartilhar o evangelho e o que nos tem ajudado e incentivado.

Em vez de sempre repreender os cristãos por sua incapacidade de evangelizar, precisamos prepará-los para isso. Podemos recomendar um livro evangelístico recém-publicado, ou uma biografia que descreve a conversão de alguém, os quais nossas ovelhas poderiam ler proveitosamente, e então repassar tal literatura para alguém por cuja conversão elas estejam orando. Podemos incentivá-los pelo testemunho daqueles que foram convertidos através da influência de pessoas comuns, que mostraram por suas vidas o poder de Cristo.

Todos os nossos objetivos estão interligados. À medida que o povo de Deus descobre toda a vontade de Deus, descobrem a sua responsabilidade no tocante à evangelização. Conforme são conduzidos à maior maturidade espiritual, sua luz se torna mais brilhante e sua salinidade maior, e eles, assim, aumentam a sua prontidão para testemunhar. Alterando a ilustração de pesca para agricultura, nosso Senhor nos ordena agora, como fez com os discípulos, que abramos nossos olhos: “vede os campos pois já branquejam para a ceifa” (Jo 4.35). Em Parkside* temos incentivado o nosso

* Alistair Begg é hoje (2016) o pastor titular da Cleveland's Parkside Church (localizada em Bainbridge, Geauga County, Ohio), uma posição que tem ocupado desde 1983. [N.T.]

povo ao lembrá-lo com frequência que é nosso desejo de oração compartilhada que vejamos pessoas descrentes tornarem-se dedicadas seguidoras de Jesus Cristo.

Zelem por si próprios e pelo rebanho até que a tarefa seja concluída

Nosso objetivo final é zelar por nós mesmos e por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo nos fez bispos (At 20.28), não só por um tempo ou um período de nossas vidas, mas até que completemos a tarefa que o Senhor Jesus nos deu (At 20.24). No momento da traição de nosso Senhor por Judas, o pastor foi atacado e os membros do rebanho – os 11 discípulos – foram espalhados. O inimigo das almas visa sempre os golpes mais fortes no pastor. Se pode fazer-lhe mal, ou manchar seu exemplo, ele fere todo o rebanho. Nossa prioridade deve ser a de guardar a nós mesmos. Quando os pastores se desviam do caminho, fazem com que muitos tropecem pelo seu exemplo (Mt 2.8).

Ao cuidar de nós mesmos, assumimos então posição para zelar adequadamente pelo rebanho. Um verdadeiro pastor visa proporcionar não só pasto para o rebanho, mas também a sua segurança e libertação (Jo 10.9). Ele lembra que não é por acaso que ele é um pastor. Todo verdadeiro pastor está onde está pela nomeação do Grande Pastor. Ele deve zelar cuidadosamente pelo bem-estar de toda alma que lhe foi confiada. William Burns, quando jovem, pregou certo domingo em Blairgowrie em Perthshire, Escócia. O que ficou em sua mente por toda a sua vida daquele dia foi a exortação cheia de sinceridade espiritual que ele recebeu de uma mulher piedosa após a mensagem, para que ele zelasse pelas almas individuais, dizendo: “Você pode perder uma joia da sua coroa; embora você não vá perder sua coroa, você pode perder uma joia dela”. Para sermos pastores fiéis devemos ser fiéis até o fim.

Nossos sentimentos naturais de insuficiência

Ao ponderar essas metas, não podemos deixar de ser esmagados por seu desafio. Somos obrigados a nos perguntar: “Quem, porém, é suficiente para estas coisas?” (2Co 2.16). A resposta é que ninguém o é, se tentar fazê-lo fora de Deus e com dependência de meros recursos humanos. Mas se um homem é chamado por Deus, e faz isto na dependência de Deus, então ele

está à altura da tarefa. Aqueles a quem Deus chama, ele prepara – este é o testemunho da Bíblia, da história e da experiência.

Nosso objetivo pessoal deve ser o de fazer o nosso melhor para nos apresentarmos a Deus como obreiros que não têm de que se envergonhar e que manejam bem a palavra da verdade – tal qual a orientação de Paulo a Timóteo (2Tm 2.15). Analisaremos isso mais profundamente quando olharmos para a ênfase que devemos dar ao estudo. Cada um desses objetivos identificáveis no Novo Testamento requer uma compreensão das Escrituras e sua aplicação cuidadosa. Não só devemos manejar bem a Palavra de Deus, mas devemos nós mesmos nos sujeitar à sua constante instrução e disciplina. Então podemos esperar que a mão graciosa de Deus esteja sobre nós – a mão que dá poder e um bom sucesso.

Capítulo 4



Oração

Se existe um assunto que requer tratamento honesto e exaustivo, esse assunto é a oração na vida do pastor e mestre. Ninguém questionaria a sua importância e prioridade. Mas a sua prioridade não é fácil de alcançar.

A oração e nosso relacionamento pessoal com Deus

Mais importante do que ser um pastor ou mestre é ser um filho de Deus. A oração é a principal expressão da nossa relação com Deus, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo. Nenhum privilégio é maior do que ser capaz de chamar Deus de “Pai”, e sabendo que isso é verdade. Um benefício inestimável do nosso novo nascimento e adoção é que o verdadeiro Espírito do Filho de Deus, Jesus Cristo, vive dentro de nós, permitindo-nos clamar, “Abba, Pai”. Mais importante do que o emprego da oração durante o nosso ministério pastoral é o nosso uso da oração como o privilégio principal da nossa relação pessoal com Deus. Um cristão não orar é uma contradição no sentido de que, se nossa vida está sob o controle e influência do Espírito de Cristo, oramos ao Pai com alegria e confiança. A primeira prioridade para um pastor e mestre é viver como um cristão deve viver, e isso significa empregar a oração plenamente.

É saudável temer o profissionalismo em nosso serviço cristão: cair na armadilha de orar publicamente porque se espera que o façamos, mas não sermos na verdade homens de oração em nossa vida privada. A oração eficaz

no trabalho pastoral surge do hábito de oração pessoal – a oração pelo valor da oração – ou melhor, orar por causa da comunhão com Deus.

Uma vez que a nossa relação com Deus é a chave de tudo, essa é a principal área de ataque sobre nossa vida cristã. Honestidade e realismo são exigidos de nós aqui. O Novo Testamento nos impele a sermos “criteriosos e sóbrios” para que possamos orar (1Pe 4.7). Se estivermos confusos ou obscurecidos em nosso pensamento sobre a oração, e sobre como garantir o seu lugar correto na nossa vida, certamente falharemos em alcançar a sua prioridade adequada. Se não injetarmos uma quantidade razoável de disciplina em nossa vida, seremos incapazes de controlar os elementos contrários que continuamente militam contra a oração.

O autocontrole começa quando nos levantamos de manhã, de modo a separarmos tempo para a oração. Para a maioria de nós, a única oportunidade real de um momento calmo e imperturbável é no início da manhã. Os deveres pastorais muitas vezes significam irmos para a cama muito tarde. Parte da disciplina de acordar cedo é exercer igual disciplina no momento de ir dormir. Isso não é uma coisa fácil, já que poucos de nós conseguem ir direto para a cama e dormir, se chegamos tarde em casa vindos de uma reunião com presbíteros ou diáconos ou de uma situação pastoral exigente. Mas, quando pudermos nos deitar em uma hora razoável, devemos fazê-lo tendo em vista um bom começo na manhã seguinte. Nosso Senhor Jesus descobriu claramente que no caso dele, a única maneira de ele ter tempo para estar em silêncio com seu Pai em oração era ao se levantar antes do raiar do sol. Alcançar um tempo de silêncio antes do início do dia de trabalho é o que esperamos das pessoas envolvidas em outros chamados, e, ao fazê-lo nós mesmos, demonstramos que isso pode ser feito e podemos nos identificar com as dificuldades dos outros.

O autocontrole é necessário para superarmos as dificuldades práticas na oração, como a perda de concentração e cairmos na rotina na maneira pela qual oramos.



DP Prefiro orar de joelhos quando estou sozinho, mas descobri que há um limite para o tempo que consigo fazê-lo sem que se torne desconfortável e acabe com minha concentração. Então passo parte do meu tempo de oração assim, e o restante saindo de casa e orando enquanto faço minha caminhada. Acho que é útil orar em voz alta se não houver outras pessoas por perto, e quanto mais cedo de manhã, mais fácil é. Todos

necessitamos determinar qual é o melhor padrão para nós pessoalmente. Uma vez que tenhamos encontrado o que melhor nos convém, devemos permanecer nesse padrão. Um meio de evitar a rotina no método que usamos para orar é alterar nossa abordagem uma vez por semana. Toda semana, no meu dia de folga, dispenso meu diário de oração e oro sem ele.



Uma vez que a oração é uma das áreas em que mais queremos que o nosso povo vença a batalha espiritual, nós mesmos devemos vencê-la se quisermos incentivar e ajudar as pessoas com convicção. Se estivermos em oração, podemos esperar que nosso povo também esteja. Todos ansiamos por pertencer a um povo que ora. Isso não se alcança dando broncas continuamente nas pessoas por não orarem, mas dando o exemplo nós mesmos, tanto em privado como em público. O que quer que digamos em público sobre a oração soará como verdade – e será apoiado pelo Espírito Santo – se tal for verdade em privado.

As biografias mostram que a oração esteve no cerne dos ministérios daqueles a quem Deus aprovou usar. John Welch ministrou no sudoeste da Escócia, em Kirkcudbright e em Ayr. Um grande reavivamento ocorreu sob sua pregação, e Samuel Rutherford testemunhou de seus frutos quando se estabeleceu em Anwoth em 1627. As pessoas que conheciam Welch falavam que ele dedicava oito horas por dia à oração quando outros deveres pastorais o permitiam. Nas noites mais frias de inverno sua esposa o encontrava deitado no chão, lutando com Deus em oração pelo seu povo. Sobrecarregado pelo sofrimento, em certa ocasião, explicou-lhe sobre o fardo que tinha como pastor, que ela não suportava da mesma forma – a responsabilidade sobre três mil almas – e ele não sabia como muitos deles estavam no seu relacionamento com Deus. E era assim que ele orava. O verdadeiro desafio que isso nos apresenta não é nos igualarmos a Welch em seu tempo de oração, mas em seu fervor.

Uma prioridade inquestionável para pastores e mestres

A oração é nosso trabalho primordial e principal. Ela tem prioridade sobre o ministério da Palavra na medida em que deve vir em primeiro lugar. É pela oração que a espada do Espírito, a Palavra de Deus, é efetivamente

desembainhada. A oração complementa perfeitamente o ministério da Palavra. Os apóstolos estabeleceram o padrão para si e para nós em Atos 6, quando determinaram que outros deviam ser designados para fazer os deveres que os impediam de realizar suas tarefas mais importantes: “oração e o ministério da palavra” (versículo 4). Essa decisão teve consequências imediatas de bênção para a Igreja, como Lucas registra significativamente: “Crescia a palavra de Deus, e, em Jerusalém, se multiplicava o número dos discípulos; também muitíssimos sacerdotes obedeciam à fé” (versículo 7). Quão diferentes teriam sido as coisas se os apóstolos permitissem que tarefas que outros poderiam fazer os assoberbassem, desviando-os da oração e do ministério da Palavra.

Uma coisa é dizer que a oração é uma prioridade indiscutível, e outra coisa é praticá-la. Há sempre as pressões do urgente e do imediato. Uma tentação primordial no ministério é por sua enorme correria ser levado a negligenciar a oração. Henry Martyn, um dos primeiros missionários na Índia, muitas vezes se queixou do tempo que levava para preparar seus sermões, uma tarefa que não era fácil para ele. Ele lamentava sua “falta de oração por causa da incessante preparação de sermões”. Depois de ouvir Charles Simeon pregar uma noite, ele escreveu, “o Sr. Simeon, em seu excelente sermão desta noite, observou que era mais fácil para um ministro pregar e estudar cinco horas do que orar por seu povo meia hora”.¹ A maioria concordaria com isto.

A preparação do próximo sermão sempre parece mais urgente do que o tempo que deveríamos dedicar à oração.

A oração é crucial por causa da batalha espiritual em que estamos envolvidos. A importância do trabalho de um pastor e mestre automaticamente faz dele o alvo do inimigo das almas. Como todos os cristãos, sabemos que há uma luta constante entre a carne e o Espírito. A força de Jesus Cristo, obtida pela oração, é o recurso necessário e suficiente para a vitória. Como líderes espirituais, algumas das tentações que experimentamos serão exclusivas para as nossas tarefas, e é apenas através da oração que encontramos discernimento para reconhecê-las e poder para evitá-las. Um inimigo implacável exige vigilância espiritual implacável através da oração. Satanás deleita-se em fazer vítimas entre aqueles que encorajaram outros a combater o bom combate da fé.

Satanás coloca uma incrível variedade de tentações no nosso caminho, e é tolice imaginar que já as conhecemos todas. Ele vai tentar nos esmagar pela magnitude da nossa tarefa de pastorear e ensinar, especialmente quando as pessoas nos desapontam. Vai tentar lançar entre nós as sementes do desânimo ao percebermos quão duro o coração dos homens e mulheres pode ser em relação a Deus e a sua verdade. Ele se esforçará para que nos concentremos em nossa fraqueza e limitações. Mas a oração pode

frustrar todos os ataques de Satanás. Através da oração, decepções se transformam em oportunidades para demonstrar Deus. Através da oração, derrete-se a dureza de coração dos homens e das mulheres. Através da oração, as limitações da nossa natureza humana são combatidas. A principal maneira de superar Satanás é estarmos de joelhos. “Orai sem cessar” é a ordem diária, particularmente para os líderes espirituais (1Ts 5.17). Para combater o bom combate da fé (1Tm 6.12), a arma da oração é indispensável (Ef 6.18).

Nosso Senhor Jesus é o nosso exemplo aqui, como em tudo. Ele, o Supremo Pastor, demonstrou a prioridade da oração no trabalho pastoral. Ele orou quando precisava tomar decisões, tais como a escolha dos Doze (Lc 6.12-16). Orou quando ele e aqueles ao seu redor estavam sujeitos à tentação (Mt 14.23; Jo 17). Orou antes de fazer aos discípulos uma pergunta-chave sobre o seu entendimento acerca de sua identidade (Lc 9.18-22). Orou quando as pessoas tinham falsas ideias a seu respeito (Jo 6.15). Orou por aqueles mais próximos a ele diante dos perigos em que sabia que eles estariam (Lc 22.32).

Cada vez que pensamos ser difícil manter a oração, seremos ajudados ao lembrar que essa é simplesmente uma indicação de sua importância fundamental na batalha espiritual. É pura loucura orar apenas quando nos apetece. Quando estamos letárgicos, há um lugar para nos motivarmos a orar com base no que o nosso Senhor Jesus nos diz, que nós devemos orar sempre e não desistir (Lc 18.1). A oração é o principal meio de nossa libertação de quaisquer males que nos rodeiam. A experiência de Christmas Evans, um pregador galês batista, é útil na medida em que, como pastor, ele encontrou-se em um estado frio e árido por causa da influência de ensinamentos inadequados. Ele sabia que precisava sair desse estado de espírito letárgico, e descreve como isso aconteceu.

Eu estava cansado, cansado de um coração frio para com Cristo e seu sacrifício e do trabalho de seu Espírito, um coração frio no púlpito, em oração pessoal e no estudo. Anteriormente, por 15 anos eu sentira meu coração queimar dentro de mim, como se estivesse indo para Emaús com Jesus. Em um dia que eu sempre lembrarei, indo de Dolgelly para Machynlleth e subindo em direção a Cader Idris eu me senti compelido a orar, por mais duro que sentisse meu coração e por mais que meu espírito estivesse envolto em coisas mundanas. Tendo começado no nome de Jesus eu logo senti como que o afrouxamento de grilhões e a velha dureza de coração foi amolecendo, e, à medida que eu pensava, montanhas de gelo e neve se dissolviam e derretiam dentro de mim. Isso gerou confiança em minha alma na promessa do Espírito Santo. Senti toda a minha mente aliviada de uma grande escravidão, lágrimas escorriam copiosamente, e vi-me obrigado a

clamar pela graciosa visita de Deus, para que restaurasse em minha alma as alegrias de sua salvação, e que ele visitasse as igrejas em Anglesey que estavam sob meus cuidados. Abracei em minhas súplicas todas as igrejas dos santos, e quase todos os ministros no principado pelos seus nomes. Essa luta durou três horas; ela se levantava de novo e outra vez, como uma onda após a outra, em uma maré alta de fluxo impulsionado por forte vento, até que minha natureza se tornou fraca por tanto pranto e choro. Então, entreguei-me a Cristo de corpo e alma, dons e obras, toda a minha vida, todos os dias e todas as horas que me restavam; e entreguei todos os meus cuidados a Cristo. A estrada era montanhosa e solitária e eu estava totalmente sozinho, e não sofri nenhuma interrupção na minha luta com Deus. A partir daquele momento eu estava preparado para esperar a bondade de Deus para as igrejas e para comigo.²

A relutância em orar obviamente tem relação com nosso coração mau, mas a causa principal é nosso inimigo, Satanás, que sabe que a oração é nossa linha de suprimentos, nosso meio de bebermos profundamente dos poços da salvação. Ele quer que esqueçamos que o trono de Deus se tornou trono da graça para nós. Não devemos permitir que nada nos roube essa compreensão e a gloriosa verdade de que esse trono está sempre aberto. Isso é particularmente relevante quando somos tentados a virar as costas ou hesitamos em continuar na batalha como deveríamos. Nosso inimigo pode parecer tão impressionante e grande como Golias deve ter sido para Davi e os espectadores daquela batalha significativa. Mas a arma simplória de Davi com a bênção de Deus sobre ela foi suficiente para derrotar Golias. Assim, também, a singela arma da oração pode destruir fortalezas de Satanás (2Co 10.4).

Oração de intercessão como parte do cuidado pastoral

A parte principal de nosso cuidado pastoral é invisível para aqueles que dele se beneficiam, uma vez que é exercido em segredo. Chamados a ser pastores e mestres, temos de ser intercessores pelos membros do rebanho de Cristo que nos são confiados. A oração é uma forma de zelarmos pelo bem-estar espiritual dos cordeiros e ovelhas do rebanho. Se ninguém mais ora por eles, nós devemos orar. É significativo que o ministério de intercessão é o único que o Senhor continua no céu, agora em nosso favor. Nunca estaremos mais perto de seu coração do que quando tivermos em nossas orações as preocupações e bem-estar de seu rebanho.

Devemos suplicar em oração por “todos os santos” (Ef 6.18), uma vez que todos os cristãos neste mundo, sem exceção, estão em batalha. Alguns deles exigem oração diária por causa de crises e todos dependem de nossas orações regulares por causa de suas constantes necessidades. Não devemos orar pelas pessoas só quando estão doentes! Spurgeon afirmou este ponto de uma forma um tanto quanto divertido quando se dirigia a pastores: “Quando um homem que está lá, em cima de uma cama, e não pode fazer nenhum mal, você ora por ele. Quando ele está cá embaixo, e pode fazer maldades sem fim, você não ora por ele. Será que isso é sábio e prudente?”

Nossa preocupação primordial tem de ser os crentes, que são nossa responsabilidade pastoral. Algumas igrejas seguem a prática útil de produzir um rol de seus membros, dividido entre os dias de um mês. Mas às vezes o rol de membros da igreja pode ser muito grande para tornar essa proposta factível.*



DP O que me ajudava era ter nosso rol de membros da igreja e orar pelas pessoas nomeadas em uma página a cada dia. Isso significava orar por dez indivíduos ou famílias. Esse número era o montante que eu podia lidar a cada dia, e talvez um número menor teria sido melhor, a fim de dar mais tempo para pensar sobre eles e orar por cada um de forma mais concentrada. Além disso, eu levo uma folha no meu bem gasto diário de oração para as necessidades urgentes que precisam ser lembradas diariamente até que sejam graciosamente atendidas por Deus. Essa folha pode ser constantemente atualizada. Dentro do meu diário pessoal de oração oro mensalmente por novos convertidos, ciente de que eles devem ser regularmente lembrados nas minhas orações. William Burns, um dos primeiros missionários a ir para a China, escreveu em seu diário uma de suas orações com este objetivo: “Ó Senhor, guarda esses caros jovens discípulos do diabo, do mundo e da carne; aperfeiçoa o teu amor em seus corações, a tua imagem em suas almas, e concede-me, na tua infinita graça, que eu experimente o amor mais puro e terno para com os cordeiros do rebanho. Isso eu te peço em nome de meu Senhor Jesus. Amém.” Vale a pena imitar sua oração.

* Igrejas coreanas fazem visitas gerais uma vez por ano, com a equipe pastoral visitando cada um dos membros. Dependendo do tamanho do rol de membros, essa tarefa pode levar o ano todo. [N.T.]



AB Devo confessar que, quando tentei imitar a disciplina estruturada de Derek nesta matéria, não fui bem-sucedido. Isso se deve em parte à natureza da batalha espiritual e em certa medida a uma diferença de personalidade. Alcanço o mesmo objetivo de orar de forma consistente e inteligente pelas “nossas ovelhas”, mas o faço de forma mais aleatória. Um dos meus colegas me envergonha com suas listas. Em contraste, tendo a focar minhas orações nos assuntos do momento e nas pessoas em destaque.

Como presbíteros, oramos rotineiramente pela membresia e temos uma lista de cuidado pastoral que é atualizada diariamente. Penso que, além de meus exercícios devocionais privados, posso orar pelos membros da nossa equipe pastoral, bem como pelos funcionários da igreja e suas famílias, enquanto estou fazendo minha caminhada. Faço o meu caminho em torno do edifício mentalmente, orando pela zeladoria e pelas pessoas do administrativo, bem como pelos meus colegas de ministério na equipe pastoral. Ao mesmo tempo, eu tento ao longo dos anos aprender o que significa cultivar a presença de Cristo na rotina diária. Ajudaram-me os comentários sobre a oração do falecido William Still de Aberdeen*.

A oração para o cristão é uma questão de acreditar que Deus existe e que ele responde aos que creem nele. Esse é o começo. Agora, o verdadeiro cristão é habitado pelo Espírito Santo, e o Espírito Santo é Deus, e está, naturalmente, em contato vital com o Pai e o Filho. Baseado no fato de que sabemos alguma coisa sobre este Deus das Escrituras Sagradas, começamos a falar com ele internamente, e devemos fazê-lo tão naturalmente, em certo sentido, como falamos conosco mesmo – nosso eu “melhorado”, nascido de Deus em Cristo Jesus. Isso é oração. Mas nós temos de crer que ele está lá e nos escuta. [...] Se você é sincero quanto a isso, e acredita no que está fazendo, a oração, ao invés de ser uma questão de tempos, estações e ocasiões especiais ou de rotina, torna-se uma vida, ou torna-se uma parte tão vital da vida que reorienta toda a nossa perspectiva.

* William Still foi pastor da Gilcomston South Church of Scotland em Aberdeen de 1945 até 1997. O seu ministério teve uma forte ênfase na pregação expositiva da Bíblia. [N.T.]



Embora a oração espontânea e improvisada seja a norma, é importante anotar pedidos que sentimos que devemos fazer a Deus pelas pessoas. Aqueles que levam a oração a sério também levam a sério a sua preparação e preocupação pela oração. Encontramos Paulo, por exemplo, realmente escrevendo em algumas de suas cartas as orações que ele fazia pelos seus companheiros crentes – alguns bons exemplos são Efésios 1.15-19; 3.14-21 e Colossenses 1.9-12. Uma forma de renovar nossas orações é usar em rodízio as orações de Paulo pelos crentes por quem somos responsáveis. Como primeiro fazemos orações por nós mesmos, estaremos assim em uma melhor posição para fazê-las pelos outros.

Outra dica para renovar sua oração – uma vez que tudo o que é habitual pode cair na rotina – é tornar um hábito pedir para os outros as mesmas coisas que pedimos a Deus para nós mesmos, tendo em vista a lição que lemos nas Escrituras.



DP Há muitos anos que tenho escrito em um caderno – de preferência em uma breve sentença ou frase – o que tem sido mais significativo na minha leitura diária das Escrituras. Por exemplo, a minha entrada ontem foi a partir de 1Pedro 4.2, e escrevi, “vivais [...] segundo a vontade de Deus”. Esta frase se tornou o tema principal da minha oração por mim mesmo e também pelos outros. Hoje foi “[...] sobre vós repousa o Espírito da glória e de Deus” (1Pe 4.14), e voltei meus pensamentos para a maneira como cada pessoa da Trindade é mencionada quanto à glória (1Co 2.8; Ef 1.17), e que a glória é o nosso destino final. Movido a orar para que eu possa perceber novamente a maravilha da minha salvação em Cristo, orei para que o mesmo se desse com aqueles por quem orei hoje. Isso renova a oração, tornando-a diferente a cada dia – e ainda mais importante, relevante conforme a vontade de Deus.



AB Descobri também que este é um bom padrão, e escrevo o versículo ou frase no meu diário. Uso também o devocional

Morning and Evening, de Spurgeon, e às vezes sua frase do dia se torna a minha também. O diário de oração privada de John Baillie* também me tem sido útil. Minha cópia tem uma página em branco para cada manhã e noite, proporcionando espaço para os nomes daqueles por quem estou orando.

Esta manhã, uma frase de sua oração me surpreendeu. “Que nenhum canto do meu coração esteja fechado à sua influência.” Fui desafiado a levar isto a sério e, conseqüentemente, a orar que o mesmo ocorra com meus colegas e familiares.



Um benefício exclusivo de orar regular e sistematicamente por aqueles por quem temos responsabilidade espiritual é o fato de gerar preocupação e ação, que frequentemente é usado pelo Espírito Santo para criar sensibilidade às necessidades das pessoas. Nada supera esse tipo de oração regular ao nos tornar cientes das bênçãos e benefícios pelos quais devemos interceder a Deus em favor do nosso próximo. Além disso, devemos sempre orar pelos membros do rebanho conforme seus nomes nos vêm à mente ao longo do dia, às vezes, sem motivo aparente. Não devemos ignorar nenhuma instância em que somos impelidos a orar, e muitas vezes descobrimos mais tarde que havia uma necessidade premente na vida daqueles por quem oramos.



DP Houve ocasiões em que eu senti que devia informar às pessoas que estava orando por elas, e, às vezes, o que eu acreditava que devia pedir a Deus por elas. O apóstolo Paulo frequentemente expressa em suas cartas sua devoção para com os seus leitores, e também algo de seus desejos para eles (por exemplo, Rm 1.9-11; Fm 4-6). Ocasionalmente – provavelmente cerca de meia dúzia de vezes por ano – acabo mencionando isto de passagem para algumas pessoas, dizendo algo como: “quando orava por você hoje senti uma preocupação particular com você, e pedi que o Senhor o auxiliasse de forma

* O teólogo escocês John Baillie foi professor em quatro universidades diferentes e foi ativo na ACM (Associação Cristã de Moços). Foi líder eclesiástico dos presbiterianos durante as duas guerras mundiais e escreveu sobre muitos aspectos da fé cristã. Seus dois trabalhos mais conhecidos são o livro devocional *A Diary of Private Prayer* e *The Sense of the Presence of God*. [N.T.]

especial...” Já fiz o mesmo por telefone ou quando “por acaso” encontrei alguém por quem eu orara mais cedo naquele dia. Sabendo eu mesmo que é encorajador descobrir que as pessoas têm orado por mim, é igualmente encorajador para as pessoas saberem que seu pastor ora por eles.



AB Há alguns anos, experimentei o tremendo impacto desta prática (que eu também tento manter). Em 1986, tive o privilégio de ser copalestrante com Alec Motyer* em uma Conferência Bíblica na Irlanda do Norte. Nunca tínhamos nos encontrado antes e estaríamos juntos por uma semana. Quando nos separamos, ele me disse que oraria constantemente por mim e por minha família. Cerca de três anos se passaram sem qualquer contato, e então, em certa Sexta-feira Santa, eu liguei para ele do nada para lhe agradecer pela ajuda que havia recebido de seu comentário sobre Isaías. Quando ouviu minha voz ao telefone, ele disse: “Meu querido rapaz, Beryl [sua esposa] e eu acabamos de fazer uma pausa para o chá, e estávamos orando por você e por Cameron, Michelle e Emily”. O fato de que ele foi capaz de citar os meus filhos me mostrou que sua promessa de 1986 se tornara um padrão nos anos seguintes. Sabendo como fui auxiliado pela sua fidelidade, busco seguir o seu exemplo.



Oração e o preparo para ensinar e pregar

Os apóstolos fizeram a ligação entre a oração e o ministério da Palavra (At 6.4). À medida que nos abrimos diariamente diante de Deus, vamos naturalmente compartilhar com ele as tarefas que estão diante de nós,

* J. Alec Motyer foi vice-diretor do Clifton Theological College e vigário de St. Luke's, Hampstead, antes de se tornar diretor do Trinity College, Bristol. Motyer nasceu em Dublin e estudou no Trinity College, em Dublin. Tremper Longman III o descreve como um “expositor competente e popular”, enquanto Tim Keller disse que Motyer e Edmund Clowney eram “os pais do meu ministério de pregação”. [N.T.]

incluindo nossa preparação para o ensino de sua Palavra. Há um valor também em fazer deliberadamente uma pausa para orar cada vez que vamos abrir nossos livros para o estudo, de modo que nos lembremos de nossa dependência do Espírito Santo por iluminação na preparação, bem como por poder na pregação.



DP Frequentemente, ao iniciar meu dia, sinto tanta pressão de me preparar para a próxima reunião marcada que tento finalizar a minha preparação o mais rápido possível, só para aumentar minha dificuldade e ao final não chegar a lugar algum. Frequentemente isto ocorre porque não busquei pela ajuda de Deus quando eu iniciei a preparação. É tão impossível compreender as Escrituras sem a ajuda do Espírito quanto ver as horas em um relógio solar à noite.

Embora não tenha feito isso tão frequentemente como gostaria por estar ocupado – e assim isso pode soar como um conselho de perfeição –, tenho me beneficiado em reservar uma manhã ou metade da manhã, uma ou duas vezes por ano, para orar por meu plano de pregação para uma nova reunião, talvez até por um ano inteiro. Meu objetivo tem sido o de manter o equilíbrio entre o Antigo e o Novo Testamento, entre a doutrina e a ética, e entre a exposição de passagens doutrinárias e estudos de personagens. Tenho de admitir que Deus tem sido gracioso em me guiar enquanto sigo em frente tantas vezes, mas planejar com antecedência e numa atitude de oração definitivamente vale a pena.

Quando chega a hora de dar uma palestra ou sermão, há muito a ser dito com relação à oração pessoal e suas lições para nossa própria vida, antes de aplicá-las à vida dos outros. Descobri que, se eu tiver lido minhas anotações por quatro vezes, estou pronto para usá-las. Faço a quarta leitura de olhos, orando pela minha própria obediência à verdade que vou compartilhar. Antes de pregar, costumo repetir uma oração que surgiu quando Deus falou comigo por meio de três versículos separados da Escritura, e que diz assim: “Ajuda-me, Senhor, a falar como em sua presença, e estar preparado para cair na terra e morrer para que eu possa dar muitos frutos. Que minha preocupação não seja o que as pessoas estão pensando

de mim, mas seu louvor e o bem de seu povo. Agradeço por não ter me dado um espírito de medo, mas de poder, amor e autodisciplina”.

Procuro me lembrar de orar especialmente pelas pessoas que estarão recebendo a pregação, lembrando sua preciosidade diante de Deus e seu desejo de alimentá-los. Podemos nos tornar tão envolvidos com o nosso próprio senso de responsabilidade que nos esquecemos das pessoas a quem a Palavra de Deus se destina, e para as quais nos preparamos a semana toda.



AB Mais uma vez, o fato de eu seguir um padrão quase idêntico ilustra a natureza formativa dos meus anos como assistente de Derek. Estou constantemente pedindo a Deus para me conceder uma verdadeira humildade de coração e atitude, clareza de pensamento, brevidade de expressão e uma autoridade que vem pelo poder de sua Palavra. Depois que meu pai morreu, um de seus amigos me disse que a oração que meu pai fazia por mim a cada domingo era de que minha pregação fosse marcada por clareza, convicção e compaixão. Posso entender por que se diz que Spurgeon caminhava até seu púlpito dizendo para si mesmo: “Eu creio no Espírito Santo”.



Oração ao visitar e aconselhar

A oração é o melhor ponto de partida para determinar onde e quando fazer visitas pastorais. Às vezes, a escolha será feita por causa de crises e necessidades trazidas à nossa atenção. Tanto no início do dia e também imediatamente antes de fazer a visita devemos orar, tentando sempre que pudermos antecipar o que achamos que pode ser a situação que enfrentaremos ou compartilharemos, e pedindo a Deus para nos orientar para os textos apropriados das Escrituras. Podemos descobrir que outros textos vêm à mente quando estamos com a pessoa em questão, mas é útil considerar em oração antecipadamente para onde nos dirigir nas Escrituras se nenhuma outra direção for dada.

Mesmo quando estamos prestes a fazer uma visita, é adequado orar. Durante uma visita, se esta toma um rumo inesperado ou uma pergunta difícil surge, é certo e apropriado fazer uma oração pedindo por orientação,* como Neemias descobriu (Ne 2.4). A oração deve ser parte de cada visita pastoral. Uma vez que a tornamos nosso hábito, as pessoas vão sempre esperar que oremos com elas, e vão ficar desapontadas se não o fizermos. Orar juntos deve ser visto como o objetivo principal de uma visita pastoral. As visitas podem ser a oportunidade ideal, também, para compartilhar com a pessoa ou pessoas sendo visitadas a forma como sentimos que devemos orar por elas em particular. Quando isso não for um constrangimento, é útil levar as pessoas a orar em voz alta, de modo que não sejamos apenas nós mesmos que oramos. Este será um incentivo para elas e vai tornar mais fácil orar dessa forma na próxima vez. “Oremos nós dois juntos” ou “oremos todos” são sugestões que podem levar a fluxos inesperados de oração. Quando as Escrituras foram lidas em primeiro lugar, a oração encontra o seu ponto de partida natural no que Deus diz em sua Palavra.

O que dissemos sobre a oração e visitas pastorais aplica-se igualmente à oração e aconselhamento. Uma parte importante do aconselhamento cristão é mostrar a uma pessoa o que as Escrituras têm a dizer sobre um problema ou uma questão, e indicando os benefícios e orientação para as quais é apropriado pedir a Deus. O tempo gasto em aconselhamento deve concluir, portanto, em oração, relacionando as Escrituras com a situação, e pedindo a Deus especificamente por aquilo que é claro que ele quer fazer ou dar. Sempre que a pessoa aconselhada está apta a fazê-lo, pode ajudá-la muito se ela puder orar em voz alta, também, pela ajuda que ela precisa.

Orar sempre que qualquer assunto for discutido em conjunto

Quer no contexto da visita pastoral, das conversas na casa das pessoas durante uma visita social, ou de questões levantadas quando os cristãos se reúnem, recomendamos a oração em conjunto como norma. Descobrimos que é útil jamais discutir qualquer assunto de momento ou consequência com outro cristão sem que ambos orem juntos sobre isso. Isso significa orar onde quer que estejamos – em nosso escritório, no corredor ou no banco da igreja.

Então, muitas vezes no domingo, por exemplo, uma situação crítica pode vir à luz na vida daqueles pelos quais os líderes espirituais têm responsabilidade. Um ou mais deles podem levantar a questão conosco, e talvez só possamos falar por alguns momentos. Diríamos então na conclusão:

* No original, “arrow prayer”. [N.T.]

“Vamos entregar o assunto a Deus”. Não precisamos nos sentar; simplesmente ficarmos juntos de pé enquanto nós ou alguém ora. Um membro comungante da igreja pode levantar uma questão ou, mais difícil, uma crítica, que não podem ser adequadamente discutidas naquele lugar. Como uma data futura é fixada para conversar sobre isso, aproveitaríamos esta oportunidade presente para dizer: “Vamos orar agora, e pedir a ajuda de Deus para quando formos discutir este assunto mais plenamente”.

Esta prática tem muitas vantagens. Isso significa que o cuidado que compartilhamos pelas pessoas, em vez de meramente transportado por nós, é lançado sobre o Senhor – e não é uma coisa pequena. Ela adoça atitudes se o assunto ou questão passa a ser delicado. Ela incentiva o espírito de oração pelo exemplo, em vez de por meio de instrução. Isso significa que não podemos nos esquecer de orar pelo assunto em questão. Então, muitas vezes podemos fazer uma nota mental para orar por alguma coisa, mas a pressão de outras atividades acaba por empurrá-la para fora. Mas orando no momento significa que o problema não foi deixado de lado sem orar, e orar juntos o fixa ainda mais na mente para futura oração. Isso ainda sublinha, também, o valor da oração conjunta. Se um assunto vale a pena discutir, é digno de oração – essa é a melhor regra.

Orar com as pessoas por telefone é uma extensão dessa prática. Aqueles prestes a ir para uma entrevista importante ou sob estresse pela responsabilidade de cuidar de doentes graves ou terminais podem ser grandemente encorajados por um breve telefonema, um versículo apropriado das Escrituras e uma oração. Alguns telefonemas podem ser iniciados por outros para discutir uma questão difícil. Se assim for, seguimos o princípio de sugerir à conclusão: “Vamos orar juntos sobre o assunto antes de desligarmos”. Como Paulo se ajoelhou espontaneamente com os presbíteros de Éfeso e orou (At 20.36), devemos fazer o mesmo, como uma aplicação natural da instrução para “orar sem cessar” (1Ts 5.17).

Oração pública

Espera-se que pastores e mestres liderem a oração pública mais do que a maioria das pessoas e ainda mais na condução do culto público a Deus pelo seu povo. Em algumas partes do corpo de Cristo usa-se uma liturgia ou livro de oração, e a oração espontânea não é a norma. A maioria dos que usam conjuntos de orações descobre que é melhor não se limitar a elas, já que, ao fazê-lo, impõe uma restrição desnecessária quanto à oração pelas necessidades do povo de Deus, que mudam. Idealmente, combinam-se orações pré-definidas e orações espontâneas. Muitas de nossas convicções

sobre as formas de oração surgem a partir de nossa experiência, e não de nossa compreensão das Escrituras.

O que conta é a realidade, uma vez que Deus olha para o nosso coração, quer estejamos orando em conjunto ou fazendo orações improvisadas. Quando oramos em público, é necessário um cuidado com as palavras, o que não se aplica quando oramos em particular. Não estamos sugerindo que devemos ser astutos no uso das palavras, ou que as palavras em si são o ponto importante. Ao contrário, estamos sugerindo que, quando lideramos regularmente os outros em oração, há o perigo de usarmos as mesmas palavras, e de nossas orações irem se tornando tão estereotipadas e previsíveis que as pessoas quase sabem o que vamos dizer na frase seguinte. Isso pode ser um exagero, mas sabemos exatamente como certas pessoas vão orar quando chamadas a fazê-lo publicamente.

As melhores orações públicas são aquelas que vêm do coração e são movidas pelo Espírito Santo. Tendo em mente esse princípio necessário e primordial, as melhores orações são aquelas que surgem da nossa leitura diária das Escrituras e sua aplicação para nossa vida, pois, então, elas estarão renovadas e diferentes a cada vez que oramos. É na oração pública que devemos ser especialmente cautelosos de qualquer coisa que se assemelha ao profissionalismo – de simplesmente usar palavras que são esperadas em vez de palavras que fluem de nossa coração.

A oração espontânea para uso no culto de adoração a Deus precisa ser preparada, não no sentido de que as orações devem ser escritas palavra por palavra, pois então deixariam de ser espontâneas! Em vez disso, devemos pensar cuidadosamente e orar de antemão com relação ao louvor e adoração que devemos oferecer a Deus e os temas de intercessão para trazer diante dele. O próximo passo é considerar quais textos das Escrituras nos guiam naquilo que devemos dizer a Deus e pedir a ele.



DP Mantenho 104 envelopes – dois para cada domingo do ano – em que coloco esboços das orações que preparo cada domingo. Frequentemente preparo um esboço e acabo orando de modo bem diferente na ocasião. Não sinto nenhuma culpa por isso, mas fico feliz, pois reconheço que pode ser que eu esteja seguindo o impulso do Espírito. Ao mesmo tempo, posso seguir o mesmo impulso do Espírito ao usar o esboço de oração que lhe pedi para me ajudar a preparar de antemão. Quanto mais importante cremos que seja a oração, mais tempo estamos prontos a dedicar a sua preparação.



AB Mais uma vez, não sou tão meticoloso na minha preparação. No entanto, minha preocupação é sempre a mesma – que minhas orações no púlpito sejam marcadas por integridade, clareza e fervor. Provavelmente, não há lugar mais vulnerável para o pastor do que de pé diante da congregação em oração. Vai rapidamente se tornar aparente se ele está ou não crescendo em sua consciência pessoal da graça e da bondade de Deus. Estou sempre à procura de livros de oração. Muitas vezes recorro à linguagem do Livro de Oração Comum, e tenho me beneficiado muito do livro *Parish Prayers* editado por Frank Colquhoun, bem como das orações puritanas que foram coletadas na obra *The Valley of Vision*.



A necessidade da oração das pessoas ao nosso favor

Como esta é uma área raramente abordada, devemos mencioná-la neste momento. Os pastores e mestres precisam das orações do povo de Deus e não devem hesitar em pedi-las. “Orai por nós”, o autor da carta aos Hebreus exorta seus leitores (13.18). Paulo constantemente buscava as orações de seus irmãos na fé (Rm 15.30; 2Co 1.10-11; Ef 6.19, Cl 4.3), porque ele sabia de sua dependência delas e da eficácia que Deus concedeu a elas (Fp 1.19).

Nós nunca devemos permitir que aqueles a quem ministramos imaginem que somos de alguma forma super-heróis que não passam pelas mesmas tentações que eles ou que não dependemos igualmente de Deus. Quando, durante nossa exposição das Escrituras, lidamos com passagens nas quais Paulo e outros pediram oração, podemos aproveitar a deixa para pedir oração por nós mesmos e por outros pastores. Em cartas de oração que escrevemos, podemos de vez em quando agradecer às pessoas por suas orações. Quando as pessoas nos declaram firmemente, talvez no decorrer da visita pastoral, “Eu oro por você regularmente”, deveríamos dizer-lhes o quanto apreciamos suas orações. Nenhum cristão sabe o quanto deve a Deus em função das orações dos outros, muito menos os pastores e mestres.

Capítulo 5



Vida devocional

Nosso relacionamento particular com Deus

Por trás de nossa vida pública é necessário haver uma vida devocional particular, na qual nossas raízes estão firmemente fixas no próprio Deus (Sl 1.3). Quando voltamos nossa atenção para a nossa devoção, temos em vista aquela parte mais privada da nossa vida diária, quando vamos para o nosso quarto, fechamos a porta, e passamos tempo com nosso Pai em secreto (Mt 6.6). Vamos justamente ensinar aos outros a importância dessa prática diária. Isso é ainda mais vital para nós, porque podem nos faltar aqueles que zelam por nossa alma, como zelamos pela dos outros. Acreditamos firmemente que não deve ser o caso, e vamos voltar a esse assunto mais tarde, quando considerarmos o cuidado pastoral. Mas onde isso ocorre, temos de prestar mais atenção no crescimento e desenvolvimento da nossa própria vida espiritual.

Antes de sermos pastores e mestres, somos filhos de Deus, e nossa vida espiritual exige ser alimentada. Um dos perigos do ministério pastoral é ficarmos tão envolvidos com as necessidades espirituais legítimas dos outros que negligenciamos a nossa própria. Tal situação se torna contraproducente, uma vez que só podemos efetivamente ajudar os outros quando nós mesmos estamos espiritualmente sãos. Dar atenção à nossa vida devocional é reconhecer que nosso relacionamento com Deus é mais importante do que o nosso serviço. Deus quer a nós e a nossa comunhão com ele mais do que ele quer o nosso ministério pastoral e de ensino, por mais importantes que eles sejam.

Amar a Deus deve ser prioritário em nossa vida

“Devocional” pode não ser a melhor palavra, uma vez que tende a fazer alguns de nós pensarem em literatura devocional, que pode não ter muito corpo ou substância. Mas essa é uma palavra apropriada na medida em que dá ênfase à nossa devoção a Deus e a seu Filho Jesus Cristo. A prioridade de nossa vida deve ser amar a Deus – o resumo dos mandamentos destaca isso (Lc 10.26-28), e Paulo termina significativamente sua carta aos Efésios com as palavras: “A graça seja com todos os que amam sinceramente a nosso Senhor Jesus Cristo” (Ef 6.24). Deus, o Filho, é o objeto supremo do amor do Pai, e nós jamais estaremos em maior harmonia com Deus do que quando nos deleitamos em seu Filho e o amamos.

Ao recomissionar Pedro como pastor, nosso Senhor deixou claro que o serviço de Pedro devia encontrar sua força motriz em seu amor pelo Mestre – somente então seu serviço seria aceitável (Jo 21.15-17). Quanto mais amamos a Cristo, mais devemos guardar esse amor, uma vez que será objeto de ataque do inimigo das almas. Pode-se querer ser pastor e mestre pelas razões erradas, talvez por causa da aparente importância ou destaque que esse chamado confere. Na medida em que cuidamos do nosso amor por Jesus Cristo, evitamos essas armadilhas.

Ao nos concentrarmos na vida devocional, temos em vista três áreas de nossa vida mais secreta e pessoal. Em primeiro lugar, há o que podemos descrever como nossa caminhada com Deus. Nenhum personagem do Antigo Testamento se destaca mais como homem cujo pessoal relacionamento com Deus estava certo do que Enoque, que “andou com Deus” (Gn 5.24). Ele não via a Deus com seus olhos físicos mais do que nós, e o autor da Carta aos Hebreus nos lembra de que a vida de Enoque foi uma vida de fé como a nossa (Hb 11.5-6). Caminhar com alguém implica acompanhar o passo dessa pessoa e compartilhar da sua amizade e companheirismo. Uma finalidade preeminente da nossa vida devocional é nos mantermos em sintonia com Deus, para verificarmos, a cada novo dia que se inicia e se encerra, que estamos em harmonia com ele. Nessa vivência devocional compartilhamos nossa vida com Deus como um homem faz com o seu amigo mais próximo (cf. Ap 3.20).

Em segundo lugar, temos em vista a manutenção da nossa vida espiritual. Assim como aqueles a quem nos esforçamos por ajudar, nós não vivemos só de pão. Nossa alma eterna, tendo sido resgatada e vivificada espiritualmente, clama por nutrição espiritual pela oração e pela leitura da Bíblia. Nosso ser interior precisa ser renovado dia a dia (2Co 4.16). Nossa união com o Senhor Jesus Cristo é nosso bem mais valioso e, conforme

nos encontramos com ele através da oração e meditação de sua Palavra, ele renova a nossa vida espiritual. Um ramo de videira só é saudável se estiver em contato vital com a videira (Jo 15.5).

Em terceiro lugar, temos em vista o desenvolvimento do caráter cristão. Um objetivo pastoral é ver os outros crescerem à semelhança de seu Senhor e Mestre, e não devemos negligenciar essa prioridade em relação a nós mesmos. O caráter cristão se desenvolve corretamente à medida que associamos com a nossa “fé, a virtude; com a virtude, o conhecimento; com o conhecimento, o domínio próprio; com o domínio próprio, a perseverança; com a perseverança, a piedade; com a piedade, a fraternidade; com a fraternidade, o amor” (2Pe 1.5-7). Todas essas virtudes são exemplificadas em nosso Senhor Jesus, assim como o fruto do Espírito o é. Um aspecto fundamental da nossa vida devocional é a meditação sobre a pessoa de nosso Senhor Jesus Cristo e o autoexame consciente para garantir que nosso objetivo é sermos como ele. Muitas vezes, quando dizemos a Deus que isso é o que nós honestamente queremos, ele nos responde de maneiras surpreendentes. Vêm tribulações – e, especialmente, tribulações vindas do nosso ministério e serviço dados por Deus. Frequentemente, as tribulações são os meios que Deus emprega para aperfeiçoar nosso caráter e para responder às nossas orações por semelhança com Cristo. Apenas na medida em que possuímos essas qualidades “em medida crescente” é que não seremos “nem inativos, nem infrutuosos” em nosso conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo (2Pe 1.8).

Estamos naturalmente preocupados em sermos pastores e mestres bem-sucedidos; mas nossa principal preocupação deve ser a de viver uma vida santa, em vez de alcançar o que os outros podem considerar como sucesso. Enquanto fazemos de nossa santidade pessoal o nosso objetivo – a prioridade para a nossa vida – Deus acrescenta a nós tudo aquilo de que precisamos (Mt 6.33; 1Pe 1.15-16). O exemplo de Paulo nos é proveitoso. Embora ao longo de suas cartas exiba uma preocupação com o sucesso espiritual em termos de cumprimento de seu ministério (Rm 15.20; 1Co 9.22,27), ao compartilhar suas ambições ele enfatizou que acima de tudo queria conhecer melhor a Cristo, e conquistar aquilo para o qual também ele foi conquistado pelo Senhor Jesus. Ele estava constantemente ciente de que ainda não o havia alcançado e que tinha muito a aprender e mais de Cristo para desfrutar (Fp 3.10-14). Compartilhar honestamente tais ambições e convicções é a maturidade espiritual (Fp 3.15).

Evitando o profissionalismo

Cuidar do nosso relacionamento com Deus é a chave para evitarmos a armadilha do profissionalismo, especialmente se fomos chamados a entregar

nosso tempo integralmente ao pastoreio. Por profissionalismo, temos em mente a tentação de ler as Escrituras principalmente tendo em vista a sua aplicação para os outros, ao invés de em primeiro lugar aplicá-las às nossas necessidades; ou de orar pelos outros em público de uma forma que não oramos por nós mesmos em privado; ou fazendo coisas que se esperam de um pastor e mestre simplesmente porque se esperam tais coisas, em vez de fazê-las com alegria porque sabemos que elas agradam a Deus.

Um perigo inerente de ser pago para uma tarefa é que há a possibilidade de fazermos isso apenas como um trabalho. Não estamos sugerindo que aqueles que são chamados a dar o seu tempo integral para o pastoreio e ensino não devem ser adequados e totalmente apoiados – o Novo Testamento é claro ao referir que eles o devem ser (1Co 9.1-14; 1Tm 5.17-18). Mas isso pode ser uma das razões pelas quais Paulo, por vezes, optou por se sustentar como fazedor de tendas, de modo a poder oferecer seus serviços livremente. Ele não apenas estava desejoso de que as pessoas vissem que ele não pastoreava e ensinava para obter vantagem material, mas desejava também se manter afastado do que temos descrito como profissionalismo. Ele destacou a sua filosofia quando escreveu aos coríntios: “porque nós não estamos, como tantos outros, mercadejando a palavra de Deus; antes, em Cristo é que falamos na presença de Deus, com sinceridade e da parte do próprio Deus” (2Co 2.17). Um vendedor ambulante está sempre decidido a dispensar os seus bens por causa do ganho; o pastor e mestre cristão não deve ser assim. Ao guardarmos nossa relação pessoal com Deus através de nossa comunhão diária com ele, garantimos nossa sinceridade, de modo que, quando falarmos aos outros, nossas palavras soem verdadeiras e nossos ouvintes discirnam que somos homens enviados por Deus.

Deus exige qualidade, não quantidade

Algumas lições nós aprendemos lentamente, e uma que tem sido particularmente difícil é que Deus quer qualidade de vida de nós, em vez de quantidade de serviço, e que este último não substitui o primeiro. Mais importante do que toda a nossa preparação para o ministério e nossa administração cuidadosa da vida da igreja é que vivamos pela vontade de Deus, refletindo a graça e o caráter de seu Filho em todas as nossas relações com os outros.

A influência mais poderosa que podemos ter sobre as pessoas é o exemplo. A força de nosso exemplo – da qual nós mesmos somos raramente conscientes, se é que chegamos a sê-lo – vem da realidade e sinceridade de nossa vida devocional. Falhas morais, que podem tão tragicamente arruinar o testemunho

de um homem e encerrar o seu ministério, invariavelmente resultam da negligência de comunhão diária com Deus. Caminhar diariamente na luz aumenta a sensibilidade às primeiras abordagens da tentação e do pecado e fortalece a nossa capacidade de resistir a eles pelo poder do Espírito.

A presença contínua do Espírito conosco é ao mesmo tempo um tremendo incentivo e um desafio sério. O incentivo é que ele está sempre presente para nos ajudar; nós só precisamos clamar por sua ajuda e ele estará lá. O desafio é que não podemos enganá-lo jamais, embora possamos enganar os outros e até mesmo a nós mesmos. Ele sabe a verdade sobre nossa vida devocional, nossas desculpas ou nosso coração sedento de Deus. As exortações finais de Paulo aos presbíteros de Éfeso iniciam-se com palavras oportunas, “Atendei por vós” (At 20.28).

Quatro aspectos da vida devocional

1. Adoração

Pode parecer artificial dividir nossa vida devocional em várias partes, uma vez que um aspecto flui continuamente no outro, mas é útil fazê-lo para estabelecer o que deve ser incluído. O lugar certo para começar é a adoração. Não por acaso, a palavra em si, no seu uso tanto no Antigo como no Novo Testamento, pode ser traduzida, de acordo com o contexto, como adoração ou culto. O culto aceitável é oferecido apenas por aqueles que realmente adoram; e o culto em si faz parte de nossa adoração a Deus, pois temos seu louvor como nosso objetivo.

Fomos criados originalmente para a adoração, e então, recriados para esse fim em Cristo. É trágico se nos sentimos obrigados a liderar o povo de Deus em louvor e adoração pública, mas estamos desprovidos de louvor e adoração sinceros quando nos achegamos a ele em secreto – e, no entanto, esse pode ser o caso.



DP Eu às vezes sentia que essa era uma área de pobreza peculiar na minha vida, e encontrei várias práticas úteis e as tenho usado de vez em quando. Em primeiro lugar, no diário de oração de folhas soltas que mantenho, escrevo um aspecto diferente do caráter de Deus para a meditação em cada dia do mês. Onde as Escrituras me levaram a pensar em um aspecto do caráter de Deus, eu escrevo o versículo da Escritura também.

Começo então cada dia meditando sobre essa faceta do caráter de Deus, e isso tem estimulado uma adoração diferente da do dia anterior, e exercitado minha mente para uma gratidão renovada para com Deus. Em segundo lugar, acho útil usar um hinário ou livro de louvores cristãos, especialmente nas seções relacionadas com a adoração a Deus por tudo que ele é e por tudo o que fez por nós em Cristo. Uso sempre um hinário com o qual não estou familiarizado, para me expor à possibilidade de novas expressões de louvor e adoração. Em terceiro lugar, valorizo salmos que posso transformar em meus próprios em meu louvor a Deus, usando-os como oração em voz alta. E então eles sempre me levam a expressar louvor com minhas próprias palavras, o que eu não teria feito sem a ajuda do salmo. É valioso compilar nossa própria lista de salmos que sejam particularmente adequados quando a adoração não vem tão facilmente à nossa alma como gostaríamos. Uma vez que a adoração a Deus é tão fundamental para o nosso apreço e amor a Deus, todo o esforço envolvido em crescer na nossa capacidade de adorá-lo vale a pena e será graciosamente usado pelo Espírito Santo para o nosso benefício.



AB Na orelha do meu diário de oração pessoal, escrevi estes versos:

Fraco é o esforço do meu coração
e frio meu pensamento de maior enlevo
vejo a ti como tu és, eu te louvarei como bem devo.*

Esse é um lembrete constante para mim de que a verdadeira adoração é um assunto do coração. Meu coração precisa ser “afinado” para cantar o louvor de Deus, e isso não acontece sem um conhecimento empírico cada vez mais profundo de Deus. Mais uma vez o escritor de hinos nos ajuda: “Isto é o que eu sei de ti, meu Senhor e Deus, que enche meus lábios com louvor, minha vida com música”. Tendo crescido na Escócia, aprendi de cor muitos dos salmos metrificados, e

* No original: “Weak is the effort of my heart / And cold my warmest thought / But when I see Thee as Thou art / I’ll praise Thee as I ought”. [N.T.]

raramente passa um dia sem que eu me beneficie deles. Também me ajuda ouvir a música (dos hinos) no meu carro logo pela manhã – inclusive no domingo, enquanto me encaminho para a igreja. Horatius Bonar fala mais do que apenas de si mesmo com estas palavras:

Preenche tu minha vida, ó Senhor meu Deus,
em cada parte, com louvor;
que todo o meu ser proclame
teu ser e teus caminhos.

Assim nenhuma parte do dia ou da noite
Da sacralidade seja livre;
Mas que toda a minha vida, a cada passo
Seja comunhão contigo.*



2. Oração e meditação

Consideramos a oração no capítulo anterior, mas claramente ela tem um lugar único em nossa vida devocional. Adoramos a Deus por meio da oração; e é pela oração que partilhamos com ele nossa vida e nossos desejos mais íntimos. A imagem de uma criança indo ao encontro de seu pai é o que deve estar sempre diante de nós, e não devemos permitir que nada nos roube a simplicidade da oração (Mt 7.7-11). Como pastores, reunimos para nós mesmos todos os tipos de cuidados em relação ao rebanho de Cristo, e é na oração que justamente descarregamos nossas angústias sobre o Supremo Pastor (1Pe 5.7). O que quer que nos incomode é assunto digno de oração. O que quer que nos cause ansiedade é para ser lançado sobre Cristo.

Todos ansiamos por manter-nos renovados em oração, para que ela não se torne uma mera questão de palavras ou de rotina sem significado. Tudo o que fazemos habitualmente possui esse perigo inerente, e por isso não devemos ter vergonha disso, mas estar atentos para evitar isso.



* No original: "Fill Thou my life, O Lord my God/ In every part with praise /That my whole being may proclaim /Thy being and Thy ways./ So shall no part of day or night /From sacredness be free; /But all my life, in every step /Be fellowship with Thee." [N.T.]

DP Quando eu me torno ciente de que tal esteja acontecendo, a única resposta que conheço é orar deliberadamente contra isso e ao mesmo tempo assegurar que minha oração seja essencialmente uma resposta à Palavra de Deus quando a leio diariamente. Se nos decidirmos a conscientemente responder a Deus por meio de sua Palavra, nossas orações são renovadas. Enquanto oro pedindo a ajuda de Deus ao começar a ler as Escrituras, faço minha leitura antes do meu momento principal de oração, e não o contrário. Faço isso porque as Escrituras nos dão uma nova agenda para a oração a cada dia.

Responder adequadamente a Deus quando ele nos fala em sua Palavra exige meditação da nossa parte, uma vez que isso concentra nossos pensamentos em Deus e no que ele nos diz. Mas, para mim, meditar não é fácil. Aqui eu emprego novamente meu diário de oração. Quando encontro um ou mais versículos das Escrituras que sejam especialmente significativos e relevantes, eu os capturo para o futuro, escrevendo-os em uma das páginas do meu diário de oração. Quando voltar a eles no próximo mês, meditarei sobre eles novamente, muitas vezes com benefício renovado, permitindo que deem início à oração, seja de adoração, louvor, gratidão, petição ou submissão obediente a Deus.

Um diário de oração é algo extremamente pessoal, e meu padrão pode não ser o melhor para os outros. Mas é indispensável algum tipo de método se queremos prosperar. Divido o meu diário de oração em três partes. Primeiro, há uma página que lista as necessidades urgentes, que atualizo e reescrevo regularmente.

Então tenho uma página para cada dia da semana, para pessoas e assuntos pelos quais sinto que deveria orar semanalmente. Em vista da importância da orientação de nosso Senhor na oração padrão, tenho inserido nesta seção o esboço de oração que a Oração Dominical nos proporciona, com um pedido para cada dia da semana, exceto um. Assim eu oro em seis dias consecutivos: 1. pela honra do nome de Deus no mundo; 2. pela extensão da Igreja e pela vinda do Reino de Deus através da pregação do evangelho em todos os lugares; 3. pela obediência do povo de Deus à sua vontade – a começar por mim – e pela soberania de Deus nos assuntos humanos; 4. pelas minhas necessidades práticas diárias, bem como as

dos outros; 5. pelos meus relacionamentos e pela prática do perdão, e então pelas relações de todo o povo de Deus; 6. pelas minhas tentações e pela batalha espiritual em que todos os crentes estão envolvidos. Frequentemente coloco de lado esse esboço semanal de modo a não cair na rotina. O benefício de usá-lo de modo ocasional, mas regular, é que ele amplia a minha visão e me ajuda a evitar o perigo de pensar apenas nos assuntos urgentes de minha própria situação.

A terceira seção do meu diário de oração é a mais longa, em que eu tenho uma página para cada dia do mês, e durante o período de um mês, oro por todos aqueles por quem sinto que tenho alguma responsabilidade. Seja qual for o método que usamos, há o perigo de cair na rotina. Em um esforço para evitar isso, dispenso o meu diário de oração a cada semana no meu dia de folga, e oro e medito sem ele. Assim incluo nas minhas orações, no dia seguinte, as pessoas pelas quais o meu diário de oração teria me lembrado de orar no dia anterior.



3. Leitura da Bíblia

Cada aspecto da nossa vida devocional envolve as Escrituras de alguma forma. O amor por Cristo – nossa maior prioridade – se expressa em nossa obediência às suas palavras (Jo 14.15,21-23). Andar com Deus significa andar no compasso dele pela obediência diária. O salmo 1 explica o que significa andar com Deus, e vincula a meditação com a obediência à lei de Deus. O alimento espiritual que sua Palavra fornece alimenta a nossa vida espiritual. É através da sua Palavra que obtemos vislumbres da glória de Cristo, para que nosso caráter seja transformado “de glória em glória, na sua própria imagem” (2Co 3.18).

O profissionalismo contra o qual temos nos alertado deve ser evitado, especialmente quando lemos as Escrituras. Podemos facilmente manuseá-las tendo outras pessoas em vista, em vez de fazê-lo para o nosso próprio benefício. Haverá sempre a próxima pregação e a oportunidade de ensino para pensarmos e para as quais nos prepararmos. Devemos ter como objetivo ler as Escrituras pensando em nós mesmos em primeiro lugar, em vez de fazê-lo por outras pessoas. O que descobriremos para nós mesmos podemos então compartilhar com o rebanho de Cristo com integridade.



DP Embora leve uma vida inteira – e provavelmente mais – para cobrir toda a Bíblia em exposição regular, é importante que nós, como pastores e mestres em particular, estejamos expostos à Bíblia completa. Escrever isso já é uma espécie de repreensão pessoal, porque em apenas duas ou três ocasiões eu me assegurei de ler toda a Bíblia durante um ano, utilizando o excelente sistema criado por Robert Murray M’Cheyne. Não estou sugerindo que há mérito especial em realizá-la no espaço de um ano, mas qualquer método é valioso se implica em que eu leia regular e frequentemente a totalidade das Escrituras. Eu recomendaria fazer isso, vez por outra, com uma tradução da Bíblia com a qual não estejamos familiarizados, destacando com um marcador de texto as palavras, versos ou passagens que se destacam de uma maneira nova. Mais tarde poderemos analisar e explorar esses novos tesouros com maior profundidade.

Mas, assim como ler capítulos inteiros a cada dia, é imperativo que leiamos uma passagem breve, a fim de que meditemos sobre isso da maneira que sugerimos, com vista à oração e obediência. Existem muitos recursos de auxílio à leitura Bíblica, e todos eles têm suas vantagens individuais. Uma vez que tenho me beneficiado ao longo dos anos com o uso do *Scripture Union Notes*, eu os tenho usado para minha leitura devocional diária, tanto por seu método e cobertura sistemática da Escritura quanto pelas suas próprias anotações.

Como pastores e mestres, estando familiarizados com a maioria dos textos das Escrituras, há o perigo de lermos uma passagem com tanta familiaridade que realmente não a levamos a sério ou procuramos algo novo. É imperativo que oremos contra tal perigo sempre que estivermos conscientes disso, e que clamemos a Deus pela ajuda do seu Espírito para lermos as Escrituras com renovado discernimento. A prática mais útil que conheço para manter o renovo é nunca ler a minha passagem diária sem ter escrito uma palavra, uma frase ou um versículo inteiro que seja especialmente significativo, ou através do qual eu sinta que Deus está falando comigo. Isso me impede de ler as Escrituras sem expectativas e também me fornece algo novo sobre o que meditar antes da minha oração.

Esta manhã eu li 2Pedro 1.1-9 e os meus pensamentos se fecharam no versículo 3: “todas as coisas que conduzem à vida e à piedade”, e por isso essas foram as palavras que escrevi em meu diário de oração hoje. Elas me levaram a agradecer a Deus por sua providência por minhas necessidades físicas e materiais, bem como pelas espirituais. Elas me agitaram para que eu ore sobre a prioridade da piedade na minha vida, tendo ponderado uma vez mais sobre a natureza da verdadeira piedade.

Às vezes, na minha leitura sistemática das Escrituras, poderei estar diante de uma passagem particularmente difícil ou de uma narrativa histórica, em que nada se destaca e fala para mim. Quando isso acontece, depois de ler a referida passagem, eu me volto para o livro dos Salmos ou Provérbios e os leio até que a Palavra de Deus fale ao meu coração e minha condição. Se alguma coisa prender a minha atenção de modo que eu sinta que preciso meditar sobre isso de novo ou regularmente, não só vou escrevê-lo na minha lista de versículos diários, mas o adicionarei a uma página no meu diário de oração mensal.



4. A leitura de livros cristãos

Os clássicos cristãos e livros que estimulam a devoção ao nosso Senhor Jesus Cristo e à santidade pessoal têm um lugar valioso em nossa vida devocional. O seu potencial em nossa vida é maior do que o de outros livros. Uma das nossas principais dificuldades como pastores e mestres é que, ao invés de sermos ministrados, tendemos a ministrar sempre para os outros. Uma forma eficaz de corrigir isto é deixar que outros ministrem a nós através de seus escritos.



DP Não posso medir o benefício que tenho lucrado ao gastar cinco ou dez minutos por dia lendo um livro que alimenta meu amor por Cristo e me leva a gloriar-me na minha salvação. Costumo fazer isso antes de ler as Escrituras e orar. Não leio nessa altura do dia livros que se relacionam com o meu trabalho ou com assuntos controversos, mas aqueles que nutrem minha alma e focam minha atenção na

grandeza e glória de Deus. A biografia de Cyril Forster Garbett, ex-arcebispo de York, revela como ele regularmente lia o *Preces Privatae* de Lancelot Andrews, *The Imitation of Christ* de Thomas de Kempis, e *The Scale of Perfection* de Walter Hilton.

É bom equilibrar a leitura de um livro antigo, provado ao longo dos anos, com um livro mais contemporâneo. Nada tem sido mais útil para mim do que *The Glory of Christ* de John Owen. Mas depois de lê-lo, eu o equilibro com algo como *Knowing God*, de J. I. Packer. Li os dois volumes das obras de Richard Sibbes, um puritano do século 16, e gostaria de equilibrar essa leitura com os escritos de alguém como A. W. Tozer.

Todos nós vamos considerar alguns livros mais úteis do que outros, porém, além dos já mencionados, vale a pena considerar alguns outros, se eles não lhe são familiares: *The Saints' Everlasting Rest*, de Richard Baxter; *Heavenly Springs*, de Andrew Bonar; *The pilgrim and the Holy War*, de John Bunyan; *Memoirs and Remains*, de Robert Murray M'Cheyne; *A Serious Call to a Devout and Holy Life*, de William Law; *Holy Living and Dying*, de Jeremy Taylor; as cartas de Samuel Rutherford; *The Life of God in the Soul of Man* de Henry Scougal; e *Knowledge of the Holy* de A. W. Tozer. A maioria deles são livros antigos, que foram experimentados e testados. Devemos buscar livros mais contemporâneos, sim, mas não devemos fugir do esforço necessário de lidar com alguns desses clássicos cristãos, na medida em que têm sido poços de refrigério preciosos para muitos de nossos antecessores.

O padrão ideal para tal leitura não é ler muito de uma vez só – talvez apenas uma seção ou uma ou duas páginas, de modo a ler e meditar. Tendo feito isso, leio em seguida as Escrituras, e tento incluir nas minhas orações o que eu aprendi, primeiro através das Escrituras e depois através do livro que estou lendo. O critério para a escolha de um livro para esse período do dia é que ele deve alimentar a minha alma e me levar ao próprio Cristo. Se eu começar um livro e achar que ele não cumpre esse objetivo, e que é espiritualmente árido, então eu busco outro.



Só temos a nos beneficiar ao zelar por nossa vida devocional, pois dela depende a nossa caminhada com Deus. Pastores e mestres são o principal alvo do inimigo, e seus mais poderosos e persistentes ataques serão em nossa caminhada com Deus. Se possível, ele irá nos encorajar a mantermos todas as nossas atividades externas e públicas em detrimento do cuidado interno de nossas almas e do cultivo do lugar secreto. Ele sabe que assim logo vamos perder a nossa paz interior, uma vez que deixaremos escapar a nossa tranquilidade ao não lançarmos nossas ansiedades no Senhor. Ele sabe, mesmo que nós nos esqueçamos, que se negligenciarmos nossa comunhão com Deus, perderemos a certeza da presença de Deus, a certeza de que estamos no lugar certo, e o poder de realizarmos com êxito as tarefas para as quais Deus nos chamou. Ele sabe que, fora de contato com Deus, perdemos a nossa sensibilidade para a orientação divina e nos tornamos vulneráveis à tentação e ao fracasso moral.

Felizmente, o inverso é verdadeiro. Enquanto vigiarmos nossa caminhada com Deus, desfrutaremos da paz que ele promete, da consciência da sua presença quando mais precisarmos dele, da garantia de estarmos onde ele quer que estejamos, da orientação de seu Espírito, do poder de resistir a todos os dardos inflamados de Satanás e de realizar com êxito as nossas tarefas e privilégios dados por Deus.

Capítulo 6



Estudo

Estudo e ministério eficaz

Além de estudar ser uma prioridade evidente para o pastor e mestre, é também um tremendo privilégio. Apesar de enfrentarmos não poucas dificuldades por causa das nossas responsabilidades pastorais, temos, no chamado que Deus nos faz para o estudo, um enorme bônus. Podemos nos envolver a cada dia, por várias horas, no que pode ser visto como mera atividade ocasional para alguns cristãos, e alguns compreensivelmente nos invejam por isso. Quando o estudo se torna rigoroso, devemos nos lembrar de nossa posição privilegiada.

Não há conflito entre o estudo e a dependência de Deus Espírito Santo no ministério bem-sucedido. Alguns consideram que as horas de estudo entram em conflito com a fé no auxílio do Espírito ao ministério. Mas aqueles que mais conhecem a bênção do Espírito no ministério têm sido mais conscientes de sua necessidade de estudar as Escrituras em segredo com a sua ajuda. Charles Spurgeon era um deles, e comentou a esse respeito ao abordar um grupo de pastores:

Alguns do nosso povo pensam que temos pouco ou nada a fazer além de ficar de pé no púlpito e derramar uma torrente de palavras duas ou três vezes por semana; mas eles precisam saber que, se não gastássemos muito tempo no estudo diligente, eles iriam receber sermões pobres. Ouvi falar de um irmão que confia no Senhor e não estuda; mas eu também ouvi que seu povo não confia nele; na verdade,

fui informado de que desejam que ele vá para outro lugar com seus discursos inspirados, pois dizem que, quando ele estudava, sua fala era muito pobre, mas agora que ele diz o que vem primeiro aos seus lábios, está completamente insuportável. Se qualquer homem deseja pregar como deveria, seu trabalho vai demandar mais dele do que qualquer outro trabalho sob o céu.¹

Seria tolice não reconhecer que existem perigos no estudo. Ele pode se tornar um fim em si mesmo. Podemos estudar com a motivação errada. John Owen, o teólogo puritano, admitiu com um sentimento de vergonha, mais tarde na sua vida, que uma das razões pelas quais ele estudou tão duro quando jovem era sua ambição de alcançar poder e distinção na Igreja. David Brainerd, um dos primeiros missionários junto aos índios norte-americanos, constatou que o estudo poderia alimentar seu orgulho. Quando em certa ocasião as oportunidades para o estudo estavam muito mais difíceis de encontrar do que antes, ele concluiu: “A razão pela qual, julgo, não me é permitido estudar durante uma grande parte do meu tempo é porque me esforço para colocar para dentro tal estoque de conhecimento que isso poderia nutrir um sentimento de autossuficiência”. David Brainerd estava certo de que era seu dever estudar e qualificar-se da melhor maneira que podia para suas funções, mas estava também consciente de que o estudo muito facilmente o tornava autoconfiante em demasia. As energias de nosso inimigo, Satanás, são sempre dirigidas para transformar uma coisa boa em uma coisa ruim, e isso se aplica ao estudo, assim como a tudo o mais. Estar ciente dos perigos é um primeiro passo na luta contra eles.

A Igreja tem necessidade urgente de pastores e mestres que estudem. As pressões e o ritmo da vida contemporânea fazem com que essa seja uma meta cada vez mais difícil de alcançar. O rebanho de Cristo na Terra depende de seus pastores para levá-lo para os pastos verdejantes da Palavra de Deus. Os pastores sustentam um ministério eficaz à medida que aumentam a sua própria compreensão da Palavra de Deus. Se estamos constantemente pregando sem nos realimentar, em breve deixaremos de derramar o que quer que seja de valor para os outros.

O ensino e nossa obediência pessoal a Deus

O ministério de Esdras foi bem-sucedido, e a maneira como foi resumido é instrutiva: “a boa mão do seu Deus [estava] sobre ele. Porque Esdras

tinha disposto o coração para buscar a Lei do Senhor, e para a cumprir, e para ensinar em Israel os seus estatutos e os seus juízos” (Ed 7.9-10). A devoção de Esdras para com o estudo é claramente elogiada nessa declaração. Sabemos, a partir do livro do Antigo Testamento que leva seu nome, que muitas questões práticas e urgentes exigiram a sua atenção, mas, no entanto, ele deu a prioridade adequada ao estudo. Mais do que isso, observou a ordem certa das coisas: estudo, seguido por obediência pessoal, levando a um ensino eficaz aos outros. Antes de instruir os outros na obediência devida à Palavra de Deus, ele a obedeceu primeiro.

A chave para o sucesso no estudo é sempre estudarmos visando nossa própria obediência em primeiro lugar. Uma armadilha que Satanás regularmente tenta armar é nos fazer concentrar tanto sobre a obediência dos outros em relação a Deus que negligenciamos a nossa própria obediência. O que quer que estudemos nas Escrituras – mesmo que tenhamos em conta, inevitavelmente, a nossa pregação aos outros – primeiro devemos relacionar a palavra estudada conosco, e praticá-la. Então poderemos ensinar aos outros o que nós mesmos estamos nos esforçando para obedecer. Isso tem relação com a ênfase que temos dado sobre a importância do nosso exemplo. O estudo se torna meramente acadêmico e árido se não colocarmos em prática o que aprendemos. O ensino que sai dos lábios dos que não conseguem viver no bem do que ensinam deixa de soar real. A influência permanente e duradoura de Esdras fluiu a partir do que aconteceu em secreto, enquanto ele estudava a Lei de Deus. À medida que vinculamos cuidadosamente nosso estudo da Palavra de Deus com uma obediência prática, nós nos salvamos da armadilha sutil do profissionalismo no ministério. Somos cristãos comuns antes de sermos pastores e mestres.

Determinando o melhor local para estudar

O lugar onde nós fisicamente estudamos é importante. Podemos não ter muita escolha, mas, quando a temos, vale a pena pensar cuidadosamente sobre isso. Somos todos criaturas de hábitos e somos ajudados pelo ambiente. Se associarmos um quarto particular, ou até mesmo uma mesa ou escrivaninha, com o estudo, vamos descobrir que estudar se torna muito mais fácil quando estamos lá. Se for possível separar um quarto inteiro – não importa quão pequeno for – apenas para o estudo, será uma grande bênção.



DP Tendo experimentado isso ao longo dos anos, e tendo vivido em uma casa cedida pela igreja, eu preferia um quarto no andar superior, que tendia a ser mais silencioso, e eu não ficava tão inclinado a ser interrompido por quem chamasse na porta da frente ou por o que quer que estivesse acontecendo em outros lugares da casa. O primeiro escritório que tive era não apenas no térreo, mas também era o cômodo mais próximo da porta da frente. A campainha da porta não parava de tocar sem que eu já tivesse sido perturbado, e acabava ouvindo as conversas à porta ou dentro da sala. As pessoas também podiam ver que eu estava em casa olhando através da vidraça, o que incentivava mais interrupções ainda durante o meu tempo de estudo!

Alguns podem achar vantajoso ter seu local de estudo na igreja, em vez de em casa, por causa da probabilidade menor de interrupções. Vale a pena considerar tal fato, especialmente se não houver um quarto extra disponível na casa. É vital, no entanto, ter todos os livros em um só lugar, em vez de dois, já que há poucas coisas mais frustrantes do que descobrir que o livro que precisamos consultar está em outro lugar!

A única precaução que tenho sobre o uso da igreja como o local de estudo é a vulnerabilidade quando se trata de interlocutores inesperados. Tenho particularmente em mente a chegada inesperada de alguém do sexo oposto. Incorporei a prática de jamais ter uma conversa com uma mulher em locais vazios na igreja, ou na minha casa, quando minha esposa estiver ausente. A única maneira de evitar os perigos nos quais alguns caíram por meio das tentações sexuais que o trabalho pastoral pode criar é estabelecer as barreiras apropriadas.



AB Alguns de nós são mais influenciados pelo ambiente do que outros. É quase embaraçoso admitir isso, mas acho que sou particularmente sensível às questões de cor, luz e som. É imperativo que o “ninho” de estudo que criamos seja propício para o nosso melhor trabalho. Na Escócia, meu escritório ficava em minha casa, no piso térreo, e eu confiava em minha esposa para filtrar as interrupções. Eu era capaz de trabalhar ali até que

tivemos os nossos filhos. Então, mudei meu escritório para a sacristia no prédio da igreja, mas tinha de carregar meus livros comigo todos os dias. Não havia telefone lá para me interromper, mas a sua falta também me isolava de modo inconveniente.

Durante os últimos vinte anos, meu escritório tem ficado no prédio da igreja. Como nossa equipe pastoral cresceu e a movimentação do escritório aumentou, criei o que chamo de “a caverna”. É simplesmente outra sala, longe de tudo o mais, e me proporciona o tipo de privacidade que me ajuda a estar focado. Alguns dos meus colegas parecem ser capazes de estudar bem em rajadas curtas. Eles podem se ausentar e voltar para o material mais tarde. Se podem ser comparados com os jatos *Harrier Jumper Jets**, então estou mais para um Jumbo desajeitado. Levo um bom tempo para decolar, mas uma vez no alto posso ficar lá (e preciso ficar lá) por longos períodos.



Nada substitui a disciplina

A maioria de nós será tentada a negligenciar o estudo, alguns mais do que outros. O estudo exige não só a devoção, mas também a disciplina para torná-lo eficaz. Ao iniciarmos qualquer dia, surgirão invariavelmente outros assuntos que poderão nos preocupar e, aparentemente, de forma legítima. Questões práticas que nos parecem urgentes ameaçam com certa regularidade o mais importante, que não pode ser rotulado de urgente. Urgente nem sempre significa importante. É útil perguntar: “Quais são os principais obstáculos para o meu estudo?” E, ao identificá-los, ser honesto e realista na aplicação de soluções.



DP A correspondência é um obstáculo, no que me consta. Gosto de receber cartas e e-mails, embora não seja tão rápido em respondê-las por causa do tempo envolvido. Tenho medo de minha caixa de correspondência encher tanto ou os meus

* O Harrier, informalmente conhecido como “Harrier Jump Jet”, é uma família de aviões a jato capaz de operações de decolagem e pouso vertical ou em pistas curtas. [N.T.]

e-mails não respondidos se acumularem tanto que se tornem um fardo e uma espécie de pesadelo. Como o correio principal vem no início do dia, há uma tentação de lidar com ele imediatamente. Mas com frequência isso leva mais tempo do que o previsto. A disciplina que estabeleci para mim mesmo, portanto, é nunca responder a cartas ou a e-mails pela manhã. A correspondência não envolve o mesmo grau de concentração que o estudo, e por isso a relego para uma parte do dia em que não estou no melhor da minha concentração e quando não importa se for interrompido. Esse momento é ou imediatamente antes, ou logo após o jantar.



AB Para mim a correspondência só chega à tarde. Se possível, gosto de lidar com ela imediatamente. Se não posso, e ela começa a se acumular, acho que é melhor enfrentá-la no início da manhã antes de meu assistente chegar. Com isso fora do caminho, eu me sinto mais à vontade para estudar.



Se fomos designados pelo povo de Deus para darmos todo o nosso tempo para o pastoreio e o ensino, é imperativo, sempre que possível, dedicarmos nossas manhãs ao estudo. Pode haver exceções, mas essa continua a ser a regra geral. Homens a que Deus tem usado visivelmente concordam com isso, e é sábio de nossa parte aprender com a experiência deles. J. H. Jowett aceitou um convite para pastorear em Nova York, na Fifth Avenue Presbyterian Church; posteriormente, ele foi ministro na Capela de Westminster, em Londres. Compartilhando seus planos com um amigo, ele escreveu:

Estou aprendendo a resistir quase todas as horas do dia às forças tremendas que me empurram daqui e dali. Não sei quanto tempo os pastores aqui passam em seus estudos. Eles estão, evidentemente, envolvidos em uma centena de obras exteriores que deve deixá-los com muito pouco tempo para preparar sua mensagem. Vou resistir firmemente contra essa pressão, mesmo à custa de ser mal interpretado. Quando entrar em minha própria casa, não vou permitir que nada interfira na minha manhã de estudo. Se o púlpito é para ser ocupado

por homens com uma mensagem que vale a pena ser ouvida, devemos ter tempo para prepará-la. Sinto que a pregação da Palavra de Deus é incomparavelmente meu principal trabalho em Nova York.²

O Dr. W. E. Sangster tinha a mesma convicção:

O homem zeloso guarda suas horas da manhã para o estudo profundo, e estudo que se centra no Livro de Deus, que o leva ao conhecimento do seu povo. Se ele está disponível a qualquer hora do dia ou da noite para os moribundos (e outras necessidades que não toleram adiamento), espera ser deixado em paz durante sua preparação para o púlpito até a hora do almoço. O homem que passa essas horas fechado, em primeiro lugar para a oração, em seguida, para meditar profundamente sobre a Bíblia e para o tipo de árdua reflexão que irá permitir-lhe ir duas vezes por domingo para o púlpito e realmente alimentar seu povo a partir da palavra de Deus – esse homem certamente terá sua recompensa.³

Se a correspondência pode ser um obstáculo para o estudo, o telefone é, talvez, um problema maior. As pessoas que não estão habituadas a estudar têm pouca ideia de como uma única chamada telefônica pode prejudicar todo o nosso fluxo de pensamento e estudo. Obviamente queremos estar imediatamente disponíveis para qualquer membro do rebanho em um momento de crise. Mas, crises à parte, devemos encorajar as pessoas a evitar nos telefonar durante a manhã.



DP Descobri que é útil pedir às pessoas para me ligarem, ou antes das nove horas da manhã, ou depois do meio-dia, para que eu possa ter como meta três horas de estudo ininterrupto.



AB Uma vez que temos uma secretária que filtra as chamadas e as repassa ao meu assistente, confio na sabedoria dela para transferir as emergências e anotar as chamadas de rotina para que sejam respondidas mais tarde. Posso ser meu pior inimigo ao fazer telefonemas quando eles me vêm à mente e, assim, interromper a mim mesmo!

É imperativo um início imediato a cada manhã, especialmente se somos responsáveis pela organização do nosso próprio tempo. A prontidão com que esperamos que os outros se apresentem no seu local de trabalho é a prontidão que devemos esperar de nós mesmos. Não devemos desprezar pequenos aspectos práticos que estimulem a disciplina.



DP Por exemplo, não trabalho em meu escritório de chinelos. Chinelos implicam lazer e descontração. Assim sendo, o fato de usar sapatos ajuda na minha concentração. Outros podem não precisar de tal auxílio prático, mas para mim tem sido benéfico.



AB Pela mesma razão, cada um de nós, na equipe pastoral, chega para trabalhar de terno e gravata. Isso é cada vez mais incomum, mas o fazemos para frisarmos para nós mesmos, se não para outrem: este é um negócio sério. Essa regra é flexibilizada nas sextas-feiras apenas para provar que não somos incapazes de estudar sem gravata!



Nossa determinação para estudar nunca deve ser influenciada por nossos sentimentos. Regidos por sentimentos ou distrações, nos tornaremos ou preguiçosos ou irremediavelmente desviados de nossa prioridade. Se limitarmos nosso estudo para quando nos sentimos renovados e entusiasmados com isso, vamos realizar pouco. Mas se estivermos determinamos a estudar, sem importar como nos sentimos, em breve descobriremos que estamos animados com a verdade, que é ao mesmo tempo familiar e nova, e que somos renovados por ela, muito além de qualquer expectativa.

Parte da autodisciplina no estudo é determinar uma ordem de prioridades.



DP Frequentemente me vejo perplexo – e, para ser honesto, quase paralisado – pela quantidade de tarefas de estudo diante

de mim. O que acho mais útil é tomar uma folha de papel, anotar as tarefas em ordem de prioridade e atribuir um tempo apropriado para cada uma delas. Esse procedimento me livra da paralisia da indecisão, do desperdício de energia mental em saber como vou lidar com tudo aquilo, e do erro de saltar de uma tarefa para outra sem planejamento adequado.

Muitos de nós achamos que há um limite para a nossa concentração sobre um assunto. Se trabalharmos por muito tempo em uma única tarefa podemos nos entediar com isso. É frequentemente útil mudar de tarefa, de modo que, embora um pouco cansados ou entediados por trabalhar com a primeira, chegamos à segunda com novo ânimo. Frequentemente divido minhas manhãs em duas, a fim de lidar com dois aspectos do estudo. Em geral realizo muito mais trabalho dessa forma em uma manhã do que simplesmente mantendo a pressão sobre uma única tarefa. Então, no dia seguinte, completo as duas tarefas, estando ambas pela metade.



AB Mesmo quando escrevo, vejo-me lutando com essa questão. Prazos para entregar escritos lutam pelo tempo que preciso usar para a preparação de sermão. Inevitável e corretamente, o domingo ganha, e os outros projetos de estudo devem esperar sua vez. Como mencionei antes, não sou tão bom quanto Derek em dividir minhas manhãs. Cada um de nós deve aprender o que é melhor para si. Para mim, tentar a dica de Derek é semelhante a Davi vestindo a armadura de Saul.



Uma área de tensão: encontrar tempo para leitura e estudo geral

Há uma tensão considerável para a maioria dos pastores e mestres em separar tempo adequado para a preparação para o ministério e o tempo que eles sentem que deveriam usar para leitura e estudo em geral. É a tensão de ter sempre em vista o próximo discurso ou sermão para ser entregue, de modo que há pouco ou nenhum tempo de sobra para estudo e leitura além

do que é necessário para se preparar para a responsabilidade imediata de pregar. Confessamos que às vezes caímos na armadilha de sentirmos pena de nós mesmos nessa questão. Mas esperamos mudar, uma vez que sentir pena de si mesmo não é apropriado.

Essa experiência “de subsistência” tem um benefício de valor inestimável – significa que a nossa abordagem tem potencial de renovação consistente, uma vez que estamos sempre abrindo novos caminhos, o que resulta em um benefício incalculável, tanto para os nossos ouvintes como para nós mesmos. Embora não sejamos capazes de estudar outras áreas das Escrituras e ter livros não relacionados com o assunto à mão, se formos sistemáticos em nossa pregação, nosso estudo e leitura serão cada vez mais abrangentes ao longo de um período de anos – e isso de forma quase inconsciente. Não há melhor maneira de compreender a doutrina cristã do que o estudo ampliado das Escrituras como um todo.

Planejando nossa semana

Todos nós temos o mesmo número de horas em uma semana, e são aqueles que planejam seu tempo cuidadosamente que tiram o máximo proveito delas. Como Hannah More já disse: “É como carregar um porta-malas; um bom empacotador ganhará duas vezes mais que um trapalhão”.



DP Reconheço que necessitava de quatro horas de estudo a cada dia de trabalho para manter a minha preparação em dia para as demandas semanais do ministério de pastorado. Para não ser esmagado por essa exigência, precisava planejar o trabalho da minha semana com cuidado. As responsabilidades dos pastores variam, e cada um deve descobrir o que é melhor para si e estar preparado para ajustar seu programa conforme as circunstâncias mudem. Na esperança de que isto possa ser útil, vou descrever minha semana típica de responsabilidades de ensino em um pastoreado e como tentei organizar minha preparação de acordo com elas.

Em uma semana normal eu tinha a responsabilidade de dois cultos dominicais, e a manhã de domingo incluía uma mensagem para as crianças como parte integrante. Em uma segunda-feira à noite eu geralmente tinha de compartilhar uma

breve palavra na reunião de oração da igreja. Toda quinta-feira havia um estudo bíblico na igreja, e eu ensinava lá oito meses por ano. Além disso, havia os extras inevitáveis das reuniões dos jovens, Uniões de Universitários Cristãos, reunião das mulheres da igreja e convites para pregar em outros lugares.

Descobri inicialmente que era muito fácil dizer “sim” para essas reuniões adicionais meses ou mesmo anos antes, mas que era difícil lidar com elas, quando chegava a hora de me preparar para tais reuniões. Então, muitas vezes elas colocavam uma enorme pressão sobre mim em uma semana em que, por exemplo, eu tinha um funeral ou uma demanda pastoral inesperada. A preparação para o evento extra poderia então fazer incursões no tempo que deveria ter sido gasto com o estudo preparatório para o próximo estudo de domingo ou estudo bíblico. Para evitar isso, eu mesmo me restringi a um compromisso adicional para falar a cada semana – quer dentro da comunhão da igreja ou fora dela – e, sem dó nem piedade, passei a recusar outros convites, não importando o quão atraentes ou prementes pudessem ser, reconhecendo que o princípio estava certo, e que Deus graciosamente determinou a ordem em que os convites vieram até mim.

Em uma manhã de segunda-feira eu me preparava, em primeiro lugar, para a reunião de oração da igreja. Isso envolvia um breve desenvolvimento – dez minutos no máximo – de um pensamento ou verso para estimular e incentivar a oração. Decidi que, devido às exigências legítimas de outras preparações, e porque a reunião de oração não é primariamente uma reunião para o ministério da Bíblia, eu não deveria dedicar mais do que meia hora para sua preparação. Buscava falar de forma mais improvisada na reunião de oração do que em qualquer outro momento, tentando usar a preparação de meia hora para garantir que realmente havia entendido o texto ou a passagem e qual era a sua aplicação imediata para a nossa reunião.

Tendo me preparado para a reunião de oração, eu, então, determinava que assunto das Escrituras deveria pregar nos dois cultos do domingo seguinte. Isso normalmente não era nenhum problema quando eu estava pregando sistematicamente, através de um livro da Bíblia ou de uma série, lidando com um personagem ou assunto bíblico em que uma passagem sempre leva para a próxima. Esse é um dos benefícios da exposição sistemática: ela economiza muita energia mental na busca de uma direção a seguir.

Como parte dessa preparação, escrevia em uma grande folha de papel cada pensamento que vinha à minha mente, relativo ao assunto ou à passagem; em primeiro lugar, para a mensagem da manhã e, em seguida, para a da noite. Nessa fase eu não tentava discernir ou impor qualquer ordem, embora, conforme possíveis formas de lidar com o assunto ou passagem viessem à minha mente, eu as escrevesse também. Deixava, então, de lado essas duas tarefas de preparo – como quem deixa panelas no fogo para ferver. Devo mencionar que, nessa fase, terça-feira era o meu dia de folga. A vantagem do início dessa preparação na segunda-feira era que eu voltava sentindo-me renovado durante a semana, já tendo feito o trabalho preliminar na segunda-feira. Frequentemente experimentei que meu inconsciente estava trabalhando no assunto durante o período de descanso, de modo que eu vislumbrava formas de apresentação do material. Na manhã da segunda-feira eu tentava fazer o mesmo também para o estudo bíblico da quinta-feira.

Na quarta pela manhã, minha primeira tarefa era pegar o rascunho que tinha escrito na segunda-feira para o estudo bíblico de quinta-feira e completar minha preparação. Se não pudesse terminar o estudo na parte da manhã, eu o continuaria ao longo da primeira parte da tarde – desde que os deveres pastorais o permitissem – até terminar. Buscava evitar a preparação, na própria quinta-feira, do material que devia ser exposto aquela noite. Se deixasse para mais tarde, ou seja, para a quinta-feira, eu não teria muita paz de espírito na quarta à noite, porque eu sabia que bastaria uma emergência pastoral no dia seguinte e minha preparação estaria ameaçada. E eu estaria sob pressão. Creio que Deus nos ajuda notavelmente quando estamos sob pressão, mas acho que não posso pedir por sua ajuda da mesma forma quando a pressão é resultado de minhas próprias ações.

Na quinta-feira de manhã eu tinha por objetivo terminar a preparação para domingo de manhã, e a manhã da sexta-feira era dedicada à noite de domingo. As manhãs de sábado eram importantes no meu planejamento, pois eu gastava a primeira hora, ou algo assim, revisando os dois sermões de domingo, e às vezes, mas muito excepcionalmente, completando um deles, se as pressões pastorais tinham sido grandes aquela semana. Então eu usava o tempo que sobrava verificando a semana seguinte, para iniciar a preparação para alguma reunião extra. Se não houvesse nenhum compromisso adicional de pregação,

aproveitava a oportunidade para iniciar a preparação que descrevi como prioridade de segunda-feira.

Esse é o padrão de subsistência que eu segui por 30 anos. Claramente havia pouco tempo para leitura, com exceção das relativas às passagens e temas que estudávamos na igreja. Olhando de outra forma, no entanto, significava que meu estudo e leitura por mais de 30 anos estavam relacionados com o todo das Escrituras. Circunstâncias diferentes exigem programações diferentes – mas é imperativo termos algum programa de disciplina se quisermos fazer o melhor uso do nosso tempo limitado.



AB Com certeza, muitos dos que leem o esboço da semana de Derek vão sentir que nunca realmente planejaram seu tempo e que são os pastores mais desorganizados do universo. Ou sou apenas eu que me sinto assim? Na vida relativamente metódica na Escócia, eu me aproximei desse padrão. Aqui na América, é difícil chegar perto dele. Certos padrões sociais impedem isso. Algo tão simples como uma reunião no café da manhã pode imediatamente alterar todo o dia. Deve-se decidir entre descartar tais reuniões ou realizá-las muito cedo pela manhã, ou então lidar com o impacto que elas sem dúvida terão sobre o restante do dia. Rotineiramente inicio a semana tomando o café da manhã com alguém da minha equipe pastoral para que possamos refletir sobre o Dia do Senhor que acabou de passar e começar a planejar o futuro imediato.

Aprendi que leva a mesma quantidade de tempo e esforço me preparar para os sermões de domingo, quer eu reserve esse tempo no período da manhã, quer à tarde. No meu caso, quando estou viajando no meio da semana, tenho de me tornar cada vez mais criativo na maneira de organizar meus dias. Não tenho dúvidas de que o esboço de Derek é um bom alvo a ser atingido, mas o fracasso em se encaixar nesse quadro particular não precisa ser encarado como uma falha em fazer a preparação necessária da mente e do coração.



Livros

Os livros de um pastor são tão essenciais quanto os móveis de sua casa. O Dr. David Bogue, de Gosport, foi um treinador de alunos para o campo missionário no final do século 18 e início do século 19, no que ficou conhecido como a Academia de Bogue. Havia a seguinte pergunta, listada entre as questões práticas da ética ministerial de que Bogue tratava: “Qual a proporção em termos de despesa que o pastor deveria aplicar na sua biblioteca em relação à sua mobília?”⁷⁴ Qualquer que seja a resposta que dermos, a pergunta sublinha a importância dos livros.

Os livros desempenham um papel vital no estudo. São equipamentos necessários para o ministério. O tempo para leitura é tão valioso que é imperativo usá-lo bem, e não o desperdiçar com material que é efêmero. Devemos ler livros que vão exercitar nossa mente e ampliar nossos poderes mentais. É melhor ficar preso a um livro de valor sólido, que se vai demorar um mês para ler, do que terminar dois ou três livros de bolso insossos. Ao invés de nos assustarmos com a pilha crescente de novos livros que adquirimos, devemos reconhecer que, se dedicarmos apenas meia hora por dia para leitura, ao final de um ano teremos feito muita leitura.

Nosso ponto de partida deve ser livros que nos ajudam a nos familiarizarmos com o texto, como léxicos de hebraico e de grego, dicionários bíblicos e chaves bíblicas. Em segundo lugar, temos de dar prioridade à obtenção de volumes de comentários de todos os livros da Bíblia, começando por aqueles que estamos estudando no momento com nosso povo. Em terceiro lugar, temos de construir uma biblioteca básica de livros que tratam das doutrinas da fé, começando com um livro de teologia sistemática. Se conhecermos bem um livro de teologia sistemática, somos capazes de verificar a interpretação que damos a qualquer versículo ou passagem em relação ao ensino de toda a Bíblia.

Há um valor considerável em produzir o que seria de fato nossa própria teologia sistemática. Se esboçarmos um quadro doutrinário, guiados pelo livro de teologia sistemática que escolhemos, podemos fazer acréscimos a ele, no decorrer dos anos, conforme exploremos a Bíblia mais plenamente. O esforço envolvido em anotar os pontos principais de cada doutrina cristã importante fará mais do que os imprimir apenas em nossa memória. Como pastores e mestres, devemos defender a fé e salvaguardar a compreensão daqueles que estão sob nossos cuidados; poderemos fazer isso apenas na medida em que nós mesmos estivermos bem instruídos na fé.

Nossa quarta prioridade é a necessidade de conhecer os clássicos cristãos, os livros que se provaram e causaram impacto sobre os cristãos por um longo período de tempo. Em quinto lugar, precisamos de livros que

lidam com os aspectos práticos da fé cristã – ética cristã e conduta, missões e evangelização. Em sexto lugar, precisamos ler biografias cristãs, pois além de estimular a fé, elas ilustram, a partir da experiência humana, muitas das verdades que ensinamos. Finalmente, precisamos ler livros seculares que expandam nossas mentes e nos mantenham em contato com a vida e o pensamento contemporâneos.

O ministério da Palavra de Deus requer uma mente bem equipada, e não devemos negligenciar nenhum campo de conhecimento. Há lugar, por exemplo, para a leitura do editorial do nosso jornal diário, bem como para nos perguntarmos qual é a resposta cristã ou atitude com relação ao assunto em discussão.

Os benefícios do estudo

Cada mestre eficaz da Palavra desenvolve suas próprias maneiras de reter informações de modo a se beneficiar do que ele estuda. Invariavelmente descobrimos muito mais na preparação de um sermão ou de uma fala do que realmente utilizamos ao proclamar o sermão. É imperativo que mantenhamos e conservemos qualquer coisa que possa ser útil no futuro de nosso ministério. Nós nos beneficiamos com a discussão desse assunto com os outros pastores, e, quando compartilhamos os diferentes métodos, não estamos sugerindo que os outros devem copiá-los. Ao contrário, a esperança é que nossas abordagens possam lançar ideias para abordagens diferentes e melhores, mas com o resultado final de que os frutos do estudo sejam os melhores.



DP Comecei com um índice bíblico, e depois o expandi para um índice por assuntos, e uso a segunda parte até mais do que a primeira. Em meu esquema, tenho um cartão separado para cada capítulo da Bíblia. Não é necessário escrever todos os cartões de antemão, mas simplesmente produzi-los, pois qualquer capítulo contém informações para gravarmos. Tomemos, por exemplo, Filipenses 1.6. Se eu encontrar um comentário interessante sobre esse texto, ou alguma ilustração da maneira pela qual Deus continua sua boa obra nos cristãos, eu a listo no meu cartão de Filipenses 1 da seguinte maneira: “Filipenses 1.6. Veja Fulano de Tal: Um livro útil, p. 100”. Vamos

imaginar que minha ilustração da obra contínua de Deus nos crentes relaciona-se com a fidelidade de Deus; então eu também o listarei sob esse título: “Fidelidade, de Deus: Uma ilustração da fidelidade de Deus em sua boa obra em nós. Veja Fulano de Tal: Um livro útil, p. 100”. Aqui, o índice de assuntos entra sozinho, porque Filipenses 1.6 também descreve o que acontece no novo nascimento, e então eu também listo a referência bíblica e meu comentário e ilustração no meu índice de assuntos sob NOVO NASCIMENTO. O valor disso é que, enquanto a minha concordância bíblica não me levaria a Filipenses 1.6 sobre o tema do novo nascimento, meu índice o faz.

Durante a leitura de um comentário, frequentemente encontramos nossa mente fechada quanto a uma nova compreensão da verdade que não tem relevância imediata para o assunto em pauta. Se não o registramos, é quase certo que o perdemos, seja por esquecimento ou por não nos lembrarmos de onde o lemos. Um sistema de indexação resolve essa dificuldade e se prova cada vez mais valioso. Descobri que é um erro tentar colocar as informações nos meus cartões à medida que vou lendo, uma vez que tanto retarda o estudo como diminui a concentração. Acho que é melhor fazer minhas anotações em pedaços de papel, e depois transferi-las para meu índice mais tarde.



AB Adotei esse mesmo padrão desde o início, e estou trabalhando atualmente com meu assistente para transferir o material para programas de computador de modo que, quando eu viaje, possa levar grandes quantidades de material de pesquisa em um CD ou em formato MP3. O aspecto mais importante disso não é a forma do nosso sistema, mas se temos algum sistema. Embora trabalhoso no início, ele vai, em longo prazo, nos poupar um tempo significativo.



“Muito estudo cansa o corpo” é o comentário prático do escritor de Eclesiastes (12.12), e uma vez que o estudo nunca termina, é preciso tomar o cuidado de manter a sua importância em perspectiva. Nosso estudo não é

um fim em si mesmo: sua finalidade é a alimentação adequada do rebanho de Cristo. Uma das vantagens do nosso chamado é que somos ao mesmo tempo pastores e mestres, para que o nosso tempo não seja votado totalmente ao estudo. Estudo em demasia é ruim para nós; ele precisa ser ligado a outras atividades.

Dirêtrizes bíblicas

As instruções que Paulo fornece a Timóteo são diretivas claras:

Até a minha chegada, aplica-te à leitura, à exortação, ao ensino. Não te faças negligente para com o dom que há em ti, o qual te foi concedido mediante profecia, com a imposição das mãos do presbitério. Medita estas coisas e nelas sê diligente, para que o teu progresso a todos seja manifesto (1Tm 4.13-15).

Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade (2Tm 2.15).

O estudo é parte de nossa devoção à Palavra de Deus e ao ministério que ele nos confiou. Ele requer nosso melhor. Devemos ser diligentes no estudo. Deus não espera de nós o que ele espera de outros. Ele sabe o que somos capazes de fazer, e isso mesmo é o que ele quer. Nossa motivação é sermos aprovados por Deus. “O ministro do evangelho”, escreveu A. W. Pink,

não deve ser mais frouxo ou ocioso, mas sim “um obreiro que não tenha de que se envergonhar” (2Tm 2.15). Se ele se levanta cedo ou [...] considera que é mais conveniente queimar o óleo da meia-noite, ele está em honra e dever de gastar pelo menos tantas horas em seu estudo como faz o agricultor em seu campo, o funcionário em seu escritório, ou o trabalhador na fábrica. Ele não tem autorização para esperar que Deus o use a menos que ele seja diligente e negue a si mesmo.⁵

“Aprovado” é uma palavra do mundo da indústria onde se espera obediência total a algum padrão. Como obreiros de Deus na Palavra, a nossa preocupação deve ser que não sejamos envergonhados quando ele testar nosso trabalho. Nossa tarefa é libertar e aplicar a Palavra mais preciosa de Deus de modo que nós e todo o seu povo cresçamos em santidade e piedade. Nossa difícil responsabilidade é apresentar a verdade de Deus em

seu equilíbrio perfeito. George Whitefield registrou em seu diário uma noite depois de ter pregado em Bristol: “A congregação consistia de milhares, e Deus me permitiu lançar diante deles suas ameaças e promessas, de modo que ninguém possa se desesperar ou presumir. Oh, que eu possa ser ensinado por Deus para partilhar corretamente a Palavra da verdade!”

Como pastores e mestres, vai fazer-nos bem ler o Salmo 119 várias vezes por ano – uma estrofe por dia – para que a nossa reverência para com as Escrituras não seja apenas mantida, mas também aprofundada. Lidar com a Palavra de Deus a cada dia nunca deve fazer com que pareça banal – ela é a Palavra viva de Deus. Todo o estudo das Escrituras é infrutífero sem iluminação divina. “Deve haver Espírito em mim como há Espírito nas Escrituras, antes que eu possa ver qualquer coisa”, comentou no século 16 o puritano Richard Sibbes. Embora aqueles a quem ensinemos possam não perceber o quanto precisamos dedicar ao estudo, nosso Mestre o sabe, e, como Thomas Goodwin bem colocou, “o segador é igualmente pago, mesmo durante o tempo em que ele afia a sua foice”.

Capítulo 7



Pregação

Todos os pastores e mestres genuínos o são pela nomeação do Grande Pastor das ovelhas, nosso Senhor Jesus Cristo. Porque ele é o nosso padrão e exemplo, pregar reivindica prioridade em nosso trabalho. Ele começou seu ministério público levantando-se para ler as Escrituras na sinagoga de Nazaré, a passagem de Isaías, em que está escrito: “O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, e apregoar o ano aceitável do Senhor” (Lc 4.18-19). Os registros do evangelho demonstram que pregar a Boa-Nova foi sua prioridade por três anos.

“[...] a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo” (Rm 10.17). Ao anunciamos Cristo em todas as Escrituras, homens e mulheres veem nele a fé. Conforme proclamamos toda a vontade de Deus revelada nas Escrituras, homens e mulheres chegam à maturidade da fé em Jesus Cristo.

Opiniões contemporâneas sobre a pregação

A pregação já não ocupa o lugar central em muitas partes da igreja – para sua grande perda – e tem havido uma espécie de reação à proeminência tradicionalmente dada a ela. Parte dessa reação reflete a época em que vivemos, em que não se considera adequado falar a quem quer que seja o que fazer. Psiquiatras tendem a ser não diretivos em sua abordagem. Isso pode

muito bem ser inteiramente apropriado para eles, mas não é o caso para o pastor e mestre que é chamado a falar “de acordo com os oráculos de Deus” (1Pe 4.11). Se tratarmos a Palavra de Deus corretamente, dirigiremos a nós mesmos, bem como a outros, para os caminhos de Deus, sem desculpas. A pregação é deliberadamente diretiva, e ela deixa de ser bíblica se não o é.

A pregação, assim como outras boas dádivas de Deus, tem sido alvo de abusos. Alguns têm usado o púlpito como o castelo de um covarde, a partir do qual podem fazer pronunciamentos sem ter de levar em consideração a crítica pública. Eles o têm utilizado para transmitir suas próprias ideias, em vez da verdade do evangelho. Mas nossa preocupação é com a pregação da Palavra de Deus, e não com a propagação de ideias ou opiniões humanas.

De maneiras sutis, a natureza primária da pregação pode ser corroída até mesmo por aqueles que acreditam em sua importância fundamental. Outras atividades podem ser colocadas em seu lugar. Tem sido dada uma ênfase considerável, contemporaneamente, ao diálogo e à discussão, e o valor de pequenos grupos, de modo que o estudo bíblico em grupo e o compartilhar de ideias pode estar substituindo o ensino e a pregação. É possível beneficiar-se de pequenos grupos, e uma coisa não tem de excluir a outra, mas na prática pode resultar nisso. Um novo entendimento de culto tem gerado muitas bênçãos, mas um perigo é que muito mais tempo seja dedicado a cantar do que a ouvir a Deus através da sua Palavra. Há várias décadas, o Dr. Martyn Lloyd-Jones reconhecia o início de uma tendência contemporânea: “Hoje o líder de louvor é um novo tipo de oficial na igreja. Ele conduz o louvor e supostamente está incumbido de produzir uma atmosfera de oração. Mas muitas vezes leva tanto tempo para produzir essa atmosfera que não sobra tempo para a pregação nessa atmosfera!”¹

Precisamos trazer essas questões à tona da forma mais positiva possível. Primeiro, devemos afirmar que há lugar tanto para ouvir o ensino e a pregação por aqueles a quem Deus chamou para isso, quanto para o grupo de estudo bíblico. Mas o segundo não deve excluir o primeiro. Em segundo lugar, temos de mostrar como um dos objetivos importantes do louvor é permitir que a Palavra de Cristo habite em nós ricamente (Cl 3.16), e que a adoração não se limita a cantar, mas inclui escutar atentamente a Deus e a alegre submissão à sua Palavra. Em vez de a adoração e o louvor antecederem a pregação da Palavra de Deus, o momento ideal para isso é após a pregação, como parte de nossa resposta a ela.

A distinção entre o ensino e a pregação

Uma distinção útil e significativa é feita no Novo Testamento, e especialmente nos Atos dos Apóstolos, entre ensino e pregação, embora ambas as

atividades estejam compreendidas no entendimento geralmente aceito acerca de pregação. Atos 5.42 diz como os apóstolos não cessavam de ensinar e proclamar a Jesus como o Cristo. Então, mais adiante, por exemplo, Paulo e Barnabé são descritos como permanecendo em Antioquia, onde “não cessavam de ensinar e de pregar Jesus, o Cristo” (At 5.42). Há aqui uma distinção deliberada entre as duas noções, o que destaca a dupla abordagem que devemos ter em vista. No ensino pretendemos dar às pessoas uma compreensão da verdade de Deus. Começando muitas vezes com os primeiros princípios de uma doutrina, teremos certeza de que as pessoas a compreendem da melhor forma possível em todos os seus aspectos. Em seguida, na pregação fazemos um apelo à vontade das pessoas, bem como às suas emoções, para que respondam à Palavra que eles compreenderam através do ensino.

Negligenciar essa distinção entre ensino e pregação cria dificuldades. Podem resultar danos consideráveis às pessoas se elas são chamadas a agir sem antes possuírem uma base adequada para sua compreensão daquela ação. Muitos responderam emocionalmente à pregação, e não entenderam, depois, o que eles fizeram. Isso é irresponsabilidade do pregador e prejuízo para os ouvintes. A boa pregação mantém um equilíbrio entre ensino e pregação. Em primeiro lugar, haverá exposição cuidadosa da verdade de Deus, para que os ouvintes entendam claramente o que Deus diz, e em seguida, haverá um apelo para a vontade dos homens e das mulheres para responder com obediência razoável. Quando as duas palavras são utilizadas em conjunto, a pregação se refere à aplicação da Palavra que foi ensinada, uma vez que, tendo sido compreendida, esta deve ser aplicada à nossa vida.

Quanto mais conhecemos as pessoas que ensinamos, mais sensível estaremos à mistura necessária de ensino e pregação exigida em cada mensagem. É interessante notar em Atos que, quando os apóstolos se depararam com uma situação judaica, na qual as Escrituras já eram conhecidas, a ênfase estava sobre a pregação. Quando, porém, eles entraram em uma situação gentia, na qual pouco ou nada se sabia da verdade revelada de Deus, a ênfase estava sobre o ensino, vindo, em seguida, a pregação. Um pregador hábil percebe o quanto o ensino é necessário antes que seja possível esperar uma resposta inteligente e espiritual da Palavra.

O pano de fundo geral da pregação

Antes de considerarmos os aspectos práticos da pregação, devemos lembrar que a nossa melhor preparação é manter prioridades diárias para o ministério eficaz. Em primeiro lugar, temos de cultivar o nosso conhecimento das Escrituras e nossa obediência a Deus através delas, para que

nós mesmos crescamos em nosso conhecimento dele. Se estamos expondo toda a vontade de Deus, devemos conhecer a sua vontade em detalhes, e isso só pode ser alcançado por uma compreensão de toda a Escritura. Tudo bem, essa é uma tarefa para a vida inteira, mas isso de modo algum é desculpa para a preguiça. Devemos tomar cuidado em apenas pregar a partir de passagens das Escrituras com as quais já estamos familiarizados. É fácil negligenciar o Antigo Testamento, uma vez que tendemos a ser mais familiarizados com o Novo. Mas precisamos da instrução, do encorajamento e do conforto de todas as Escrituras, e se pastores e mestres não levam o povo de Deus para os pastos tanto do Antigo como do Novo Testamento, as ovelhas não são susceptíveis de conduzir-se até eles. Para levar nosso povo para pastos verdejantes, devemos continuamente abrir novos caminhos.

Em segundo lugar, uma ampla gama de todo tipo de leitura é inestimável. No topo da lista deve estar a leitura teológica. Se encontrarmos benefício, como a maioria dos pregadores, em nos instruir a partir dos puritanos e outros de séculos passados, devemos equilibrar a leitura desses livros consagrados com livros e comentários teológicos contemporâneos. Muitas vezes os livros que provaram o seu valor ao longo de muitas gerações são os mais rentáveis, mas temos de nos expor ao que Deus está ensinando ao seu povo hoje pela sua Palavra.



DP Acho que é útil conhecer o mais amplamente possível outros campos de leitura, embora o tempo muitas vezes se oponha a isso. Biografias são inestimáveis por causa da percepção que dão sobre a maneira pela qual as pessoas pensam e se comportam. Aqui, novamente, o equilíbrio é vital, e meu objetivo é primeiro ler uma biografia cristã e, em seguida, uma secular.



AB Também tiro grande proveito da leitura de biografias. Todos nós devemos ler as biografias de dois volumes sobre Martyn Lloyd-Jones, John Stott e George Whitefield. Gosto das biografias de políticos, músicos e jogadores de golfe. Romances que passam pelo teste de Filipenses 4.8 também são benéficos em aguçar nossa imaginação e desenvolver nossos poderes de descrição. Acho que é útil ler os comentários sobre

livros no *New York Times*, e até mesmo os obituários. Se o tempo permitir, também é importante ler materiais a partir de perspectivas concorrentes. Isso nos ajuda a aguçar nossa inteligência e nos mantém teologicamente atentos.



Em terceiro lugar, a experiência de vida aumenta a pregação eficaz. Essa experiência vem de dois modos principais: primeiro, a nossa própria e, segundo, a daqueles a quem servimos no evangelho. Deus nos permite passar por experiências que podemos achar difíceis no momento e que nos fazem perguntar qual é o seu propósito. O que nós descobrimos tantas vezes é que Deus nos enriquece através das dificuldades, e elas melhoram a nossa compreensão da verdade espiritual conforme ele faz com que seja relevante para a nossa situação.



DP Uma razão pela qual eu desencorajaria um jovem de iniciar o treinamento para o ministério logo após sair da escola ou da universidade é que ele provavelmente não terá essa experiência de vida que vai ser tão importante: a de relacionar seu ministério da Palavra de Deus com homens e mulheres vivenciando situações da vida real. Há muito a ser dito acerca de trabalhar por um tempo em um emprego secular, não importa o quão monótono, de modo a compartilhar o que é a experiência da maioria das pessoas. O reverendo John McNeill, cujo ministério foi excepcionalmente fértil, passou os primeiros anos de sua vida como atendente de bilheteria de estação, primeiro em Greenock e depois em Edimburgo. Ele frequentemente se referia a isso mais tarde, dizendo: “Havia muita natureza humana em frente a uma janela de bilheteria de modo a fornecer material de estudo útil para quem viria finalmente a ser um ministro”.²



AB De vez em quando, como no meu caso, haverá uma exceção a essa regra. Quando senti o chamado de Deus para o ministério pastoral, deixei o curso de economia e trabalhei

durante um ano antes de começar a estudar no London Bible College. Aquele ano acabou sendo, pela providência de Deus, um “curso intensivo” de fato. A partir da confusão de um açougue em Yorkshire (com viagens semanais ao matadouro) e as tarefas rotineiras de um “limpador/faz-tudo” em uma Escola Normal só para meninas, além da venda de roupas para a comunidade de golfe no British Open, aprendi muito em um curto período de tempo. Muito antes disso, posso ver agora, Deus estava usando a companhia de meu avô, já que nós regularmente viajavamos juntos, pela cidade de Glasgow em transporte público. Mesmo depois de todos esses anos eu me pego usando de cenas desse período da minha vida gravadas em minha memória para ilustrar minha fala. Na medida em que a ausência de um ambiente de trabalho secular prolongado representa uma falta ou uma fraqueza, Deus pode optar por usá-lo como mais um meio necessário para criar uma maior sensação de dependência dele.



A necessária ligação entre apascentar e ensino exige que o ensino seja ligado à realidade, de modo que em nossa pregação lidemos com situações genuínas e não meramente hipotéticas. Uma grande vantagem de ser pastor daqueles a quem ensinamos é que somos capazes de aplicar a Palavra atentamente às necessidades conhecidas das pessoas sob nossos cuidados. Não queremos dizer com isso que, quando nós discernimos uma necessidade, nós a enquadraremos imediatamente num sermão para atendê-la, o que provavelmente só atrapalharia e causaria embaraços para os ouvintes. Mas à medida que se começa a conhecer bem as pessoas, visitando-as em suas crises e servindo-as em várias circunstâncias, a nossa aplicação da Palavra de Deus será inconsciente e prestativamente colorida por nossa assimilação de suas experiências e pedidos por direção.

Em quarto lugar, devemos nos disciplinar para não perdermos sementes de pensamentos para sermões e palestras.



DP Conforme ouço as Escrituras sendo lidas ou ensinadas e pregadas, ou na minha leitura diária da Bíblia e em outros livros, percebo ideias para sermões – talvez um esboço de

sermão – vindo à mente. Se não anoto esses *insights*, eu os perco. Aprendi a parar o que estou fazendo a fim de anotá-los, juntamente com pensamentos para o seu desenvolvimento. Então, arquivó-los, quer na sua referência bíblica ou no assunto a que se refere. Não tenho ideia de quantas centenas de sementes de pensamentos tenho recolhido, mas o importante é que elas estão lá quando as procuro, e por isso muitas têm sido trabalhadas e trazidas à vida.



Em quinto lugar, como dissemos ao lidar com a questão do estudo, é importante construir um esquema de recordar o material lido ao longo dos meses e anos. É impossível calcular o valor desse material acumulado e as horas que nos economiza de folhear os livros em busca dessa referência fugaz que vagamente nos lembramos de ter lido em algum lugar.



AB Ao contrário de Derek, que tem centenas de sementes de pensamentos que estão “lá à sua disposição,” eu fico me perguntando: “Onde estarão quando eu precisar delas?” Embora eu me sinta igualmente entusiasmado e estimulado ao ouvir outros pregarem, posso servir mais como um alerta do que um exemplo. Apesar de ter seguido seu método em termos de sistema de recuperação, eu não fui, nesse caso em particular, tão disciplinado quanto deveria. Não é prudente pensar em sermos capazes de contar com nossa memória. Esta é uma boa oportunidade para reforçar a necessidade vital de um sistema de arquivamento viável.



Preparando a pregação

Preparar um sermão ou discurso é um processo muito pessoal, e a razão pela qual partilhamos aqui nossa própria abordagem é que temos sido beneficiados, ao longo dos anos, por outros pastores a quem perguntamos

como se preparam para essa tarefa. Seja qual for o nosso método, a oração e a obediência pessoal à Palavra de Deus devem vir em primeiro lugar. O próprio espírito com que nos preparamos deve expressar a nossa dependência de Deus e nossa vontade pessoal de sermos obedientes ao que ele nos revela para transmitir ao seu povo.



DP Há duas maneiras pelas quais eu me preparo. A primeira é quando uma Escritura de repente se torna viva para mim, e eu creio ver sua relevância e um possível caminho para expô-la. Tomo, então, a maior folha de papel disponível e anoto tudo o que me vem à mente, em qualquer ordem. Anoto outras passagens das Escrituras que são semelhantes ou explicativas, juntamente com ilustrações e pensamentos a respeito da aplicação. Não importa quão desregrados os pensamentos surjam, eu os anoto em minha folha de papel. Assim que secam minhas ideias, leio o que tenho a respeito do versículo ou do assunto específico, usando comentários e meu índice. Quando concluo isso, geralmente discirno algum padrão ou ordem e possivelmente um primeiro esboço. Tendo elaborado esse esboço inicial, determino a maneira de introduzir o assunto e também decido, em breves linhas gerais, como fazer a aplicação. Então arrumo o primeiro esboço. Feito isso, começo a escrever, acrescentando o conteúdo necessário ao meu esboço. Minha prática pessoal é escrever ou digitar o sermão na íntegra.

A segunda situação é aquela em que eu sistematicamente exponho um livro ou parte dele. Esse tem sido o meu costume, embora eu faça pausas regulares dessa prática, de modo a ganhar equilíbrio e variedade. Minha abordagem é, então, estudar a passagem com muita profundidade, garantindo, na medida do possível, o entendimento de todas as palavras no seu contexto, e lendo, em seguida, na Bíblia, outras passagens que se relacionam com o assunto. Ao fazer esse trabalho preparatório, rapidamente anoto todos os pensamentos que me ocorrem sobre a melhor forma de lidar com a passagem na pregação. Tendo feito o trabalho preparatório, tento encontrar uma palavra-chave ou uma frase que funcione como uma janela através da qual olho para o todo, ou ver se a passagem se divide em partes naturais, como chave para a sua apresentação.

Um perigo quando se começa a pregar é tentar dizer tudo o que descobrimos sobre um assunto ou uma passagem! Assim, o que dizemos fica indigesto. Não é porque gastamos horas na preparação que temos de partilhar todos os nossos processos de pensamento com nossos ouvintes. Podar impiedosamente nosso trabalho garante que nos mantenhamos tão claros e simples na nossa abordagem quanto possível. A marca de um bom mestre é que o que é difícil e complicado se torna simples de entender. Precisamos ser seletivos no uso do que aprendemos com uma passagem, e tomar cuidado para que uma massa de informações não obscureça a mensagem real que Deus quer que transmitamos. O benefício de exposição sistemática das Escrituras é que tocamos temas que de outra forma não poderiam ser tratados, mas que Deus usa para abençoar de forma notável as pessoas que se colocam sob a exposição regular da sua Palavra.

É exposição o que temos em vista, não imposição. É mais importante permitir que as Escrituras nos guiem para os nossos assuntos do que termos um tema em mente e, em seguida, tentar encontrar um texto nas Escrituras que trate sobre o que queremos dizer. Uma das características emocionantes de uma série de sermões sobre um assunto, um personagem ou um livro da Bíblia é que Deus, em sua soberania graciosa, de modo muito regular faz coincidir a aplicação da referida exposição às reais necessidades de uma congregação. Cada pastor e mestre será capaz de lembrar-se, de forma notável, de exemplos de Deus ao utilizar a exposição sistemática das Escrituras.



DP Durante uma série sobre Abraão, abordei a atitude de Abraão no tocante à morte de Sara. Eu não sabia, mas uma viúva foi nos visitar naquele domingo, e ela estava tendo dificuldade em relacionar sua fé com seu luto. Sua atitude foi transformada por completo através da Palavra de Deus, que falou com ela. Expondo 1Coríntios em outra ocasião, eu não estava predisposto a lidar com o capítulo 7, e senti que era melhor lidar com o capítulo inteiro em um sermão. Eu não sabia que havia um casal presente cujo casamento estava desmoronando – tinha chegado o momento crítico de decisão – e naquele domingo de

manhã Deus os uniu na reconciliação e no amor. Se eu tivesse deliberadamente escolhido falar sobre esse assunto, eles poderiam pensar que eu sabia de sua situação e estava pregando para eles. Mas em um sermão de uma série planejada, era óbvio que, embora eu não nada soubesse sobre eles, Deus sabia.

Os sermões de Charles Simeon sempre me impressionaram, sobretudo o cuidado que ele tomava em sua aplicação. Quando preparamos os sermões, temos várias horas para ponderar sobre a aplicação da verdade de Deus para nossas vidas. Nossos ouvintes têm alguns momentos. Depois de expor a verdade, é vital que a apliquemos de modo que os ouvintes saiam com a consciência de que o versículo ou passagem abordada tem algo a dizer a eles em sua situação imediata de via e como eles podem se tornar cumpridores da Palavra de Deus.

A variedade das Escrituras em si deve ser refletida em nossos métodos de apresentação. A pregação expositiva sistemática não se limita a pregar através dos livros da Bíblia. Podemos igualmente lidar bem com personagens bíblicos ou verdades básicas e temas das Escrituras. Pregar sistematicamente através dos livros da Bíblia é o meio mais eficaz de assegurar que toda a vontade de Deus seja apresentada durante um período de tempo, mas não é o único caminho. Seguir sempre o mesmo método pode se tornar monótono e aborrecido.

Nosso Senhor Jesus usou uma variedade de formas de ensino. Ele deu ensinamento ético direto, como no Sermão da Montanha. Ilustrou seu ensino por ocorrências diárias que capturaram a atenção dos ouvintes. Mas também usou histórias ou parábolas, e às vezes tomou eventos recentes – como o colapso de uma torre ou a matança de pessoas inocentes – para ensinar uma lição. A pregação expositiva não significa falta de variedade; ao contrário, deve trazer variedade infinita!

Um perigo da pregação expositiva – especialmente quando começamos – é a tendência de se demorar demasiadamente em um livro ou assunto. Expositiva não precisa ser sinônimo de exaustiva e desgastante!

Quando eu fazia uma série prolongada sobre uma carta do Novo Testamento, como Romanos, eu dividia a exposição em períodos de cerca de dez semanas, e então pausava por algumas semanas para fazer algo totalmente diferente. Tanto orador quanto ouvintes voltavam renovados para o assunto principal. Um contraste renovador com relação a Romanos,

por exemplo, seria a vida de Abraão ou José, uma narrativa que proporciona alívio do pensamento denso e da concentração necessários para Romanos.



AB Fico fascinado com a variedade de abordagens que os pregadores fazem na preparação de seus sermões. Em nossa preparação, bem como em nossa entrega, devemos “ser verdadeiros conosco mesmos”. Quando me pedem para resumir meu método de preparação, menciono alguns pontos, que aprendi com o finado Leith Samuel. Eles essencialmente seguem o padrão que Derek acabou de descrever.

1. Esvazie o pensamento

Por mais estranho que possa parecer, temos de nos cuidar para garantir que não evitaremos pensamentos fundamentados. A tentação de responder emocionalmente a uma passagem (isto é, como isso me faz sentir) não é exclusividade dos nossos ouvintes. Se quisermos ter congregações “que pensam” cabe-nos ser pastores “que pensam!” Não queremos carregar incertezas quando nosso estudo terminar, sendo então certamente correto e adequado começar com a perspectiva de que “eu preciso saber o que esta passagem diz, eu preciso aprender o que significa”.

2. Leia muito

3. Escreva com clareza

Além da capacitação essencial do Espírito Santo, se houvesse um único aspecto da preparação do sermão que eu gostaria de enfatizar, seria a clareza. A fluência da fala no púlpito depende da organização cuidadosa no estudo. Podemos achar que temos uma boa compreensão do texto, mas basta estarmos de pé no púlpito para descobrirmos que entre nosso pensamento e nosso falar, as coisas têm ido de mal a pior. O elo perdido normalmente pode ser rastreado até a não organização de nossos pensamentos de forma clara.

4. Ore com fervor

Não há nenhuma chance de ouvintes inflamados nos bancos, se houver um iceberg no púlpito! Sem oração e comunhão com Deus durante as fases de preparação, o púlpito será frio. Em 1752, John Shaw lembrou ao pastor incumbido do sermão, que estava no início de seu tempo de serviço em Cambridge, Massachusetts:

“Tudo será em vão, sem nenhum propósito de salvar, até que Deus se agrade em dar o crescimento. E, para fazer isso, Deus considera as orações que chegam aos seus ouvidos. Um ministro que ora é o caminho para ter um ministério bem-sucedido”.³

5. Seja você mesmo, mas não pregue as suas ideias

Um bom professor, como João Batista, abre caminho, mostra o caminho, e, em seguida, sai do caminho.



Prêgação evangelística

Ensinar e pregar o evangelho para aqueles que são descrentes com vista à sua conversão é um privilégio incrível.



DP Minha convicção é que onde há dois cultos em um domingo, um deve ter caráter evangelístico, reconhecendo, porém, que um culto não tem de ser diretamente evangelístico para ser o meio de conversão de uma pessoa. Minha experiência diz que as pessoas frequentemente foram convertidas em cultos em que a pregação foi dirigida para cristãos. Quando uma pessoa não convertida ouve a pregação da Palavra de Deus aos crentes, muitas vezes vai ser obrigada a se perguntar: “Por que essa verdade não se aplica a mim?” Ou “Por que não posso me regozijar nessas verdades como esses cristãos o fazem?” A vantagem de ter em mente pessoas não convertidas em um dos dois cultos é que isso mantém a prioridade da pregação do evangelho diante do povo de Deus, e isso encoraja os cristãos a trazer seus amigos não cristãos.



AB Guardo no meu escritório a seguinte citação de *A Quest for Godliness* de J. I. Packer: “Se alguém prega a Bíblia biblicamente, não pode deixar de pregar o evangelho o tempo todo,

e cada sermão, como disse Bolton, será evangelístico pelo menos por implicação”. Em certos círculos a noção predominante é que “nos reunimos para edificação e nos espalhamos para evangelizar”. Embora isso incentive a congregação a envolver-se em evangelização pessoal, isto também resulta em uma ausência de pregação evangelística. Alguns livros contemporâneos sobre pregação não têm sequer um capítulo sobre a pregação evangelística. A leitura dos sermões evangelísticos de Lloyd-Jones me ajudam muito, e tento de forma consistente assegurar que nossa congregação tenha oportunidades regulares de convidar amigos para ouvir a Boa-Nova que está sendo pregada. Os cultos da manhã têm mais incrédulos do que os da noite. No entanto, nossos cultos de batismo à noite proporcionam ocasiões adequadas para a pregação evangelística.



A pregação do evangelho no contexto do ministério regular de domingo não é uma prática fácil. Manter o frescor é um desafio permanente. Podemos ter de lutar contra o efeito de amortecimento de ver apenas rostos familiares ou poucas pessoas não convertidas presentes. Mas ceder e abandonar a pregação do evangelho só serve para acentuar o problema. Parte da resposta é lidar com passagens das Escrituras que tornam claro o evangelho, mas que também servem para instruir os cristãos. Por exemplo, se nós sistematicamente expusermos um dos quatro Evangelhos, estaremos instruindo os cristãos. Mas, ao mesmo tempo, pregaremos o evangelho como os apóstolos o proclamaram inicialmente. Se expusermos os Atos dos Apóstolos, instruímos os crentes, mas também pregamos o evangelho em si através do relato que Atos traz acerca da pregação apostólica e de vidas transformadas através do evangelho. De um modo semelhante, o livro de Jó pode ser exposto por meio das indagações feitas por Jó, e essas são questões extremamente relevantes para o incrédulo.

A pregação do evangelho é um trabalho árduo. Devemos começar por não considerar nada como garantido. Infelizmente, podemos usar jargão ou linguagem hermética inteligível para os cristãos, mas não para outros. Devemos usar o próprio vocabulário da Bíblia para explicar o evangelho, assumindo o trabalho de explicar palavras básicas como arrependimento, fé e justificação. Devemos fazer todo esforço para entender nossos ouvintes, em vez de esperar que eles primeiro nos entendam. Precisamos nos perguntar: “O que eu pensaria ou sentiria se ouvisse o evangelho pela primeira

vez?” ou “O que significa a palavra arrependimento na linguagem cotidiana, e qual a diferença do seu uso cristão?” Nosso amor e preocupação para com o nosso ouvinte se torna evidente em nosso esforço para nos colocar em seu lugar.

Temos de trabalhar na remoção de equívocos. O inimigo das almas dos homens incentiva ideias erradas sobre Deus, sobre a pessoa de Cristo e sobre a salvação. Embora, em última análise, somente o Espírito Santo possa brilhar no coração dos homens e das mulheres para revelar a glória de Deus na face de Jesus Cristo, ele nos convida a trabalharmos com ele. Parte dessa parceria é a remoção de equívocos comuns sobre Deus, sobre o evangelho e sobre a natureza da vida cristã.

Devemos ter certeza de que estamos abrangendo toda a audiência em nossa pregação do evangelho. Quando os apóstolos proclamaram o evangelho aos judeus, eles podiam assumir que seus ouvintes conheciam a Lei de Deus. A pregação da Lei era como um mestre dado por Deus para levar seus ouvintes ao arrependimento e à fé em Jesus Cristo como seu Salvador. Mas os apóstolos sabiam que não poderiam assumir esse pano de fundo quando pregassem para os gentios. Os Atos dos Apóstolos ilustram como eles, então, voltaram para Deus, o Criador (At 17.24ss). Isso faz sentido: a Lei de Deus condena pelo pecado apenas na medida em que avalio qual lei foi que eu quebrei. Precisamos estar em Gênesis 1 e 3, bem como em João 1 e 3.

Devemos declarar o evangelho em toda a sua plenitude, garantindo que nenhuma parte seja negligenciada. Isso não pode ser feito em todas as ocasiões em que o evangelho é pregado, mas a maioria dos seus elementos, se não todos, estará presente, embora o foco possa estar sobre apenas um. É útil nos lembrarmos, de vez em quando, de um dos seis elementos principais na declaração apostólica do evangelho, uma vez que eles tinham certeza de que tinham retomado a questão o suficiente para permitir que seus ouvintes percebessem que sua mensagem era do único e verdadeiro Deus, o Criador e Supremo Legislador.

Em primeiro lugar, o tempo determinado, em relação ao qual os profetas do Antigo Testamento tinham falado, e pelo qual o povo escolhido de Deus estava aguardando, havia chegado. Através de Cristo, Deus visitou e redimiu o seu povo (At 2.16-21).

Em segundo lugar, esse ato de Deus intervindo na história humana deve ser visto na vida de Jesus Cristo, o Messias, enviado por Deus, rejeitado, condenado à morte por homens, e ressuscitado por Deus no terceiro dia (At 2.32,36).

Em terceiro lugar, pela sua morte e ressurreição, Jesus Cristo venceu o pecado e abriu o reino dos céus para todos os crentes. A salvação só pode ser encontrada nele (At 4.12).

Em quarto lugar, as provas do poder presente de Deus no mundo encontram-se no fato da ressurreição de Cristo e na evidência da ação do Espírito Santo na igreja (At 4.33; Rm 1.4; Ef 1.19-20).

Em quinto lugar, este é apenas o começo do reino de Deus. Nosso Senhor Jesus Cristo voltará novamente como juiz, e o reino de Deus será finalmente estabelecido (At 3.20-21; 17.30-31; 2Ts 1.7-10).

Em sexto lugar, todos os homens e mulheres, portanto, devem se arrepender e ser batizados no nome de Jesus Cristo, o Messias e Senhor, para o perdão dos seus pecados, e então receberão o dom do Espírito Santo (At 2.38).

Agora, a pregação do evangelho não é uma questão de simplesmente tomar esse esboço e o pregar assim! Mas é o pano de fundo para tudo o que dizemos. Em essência, todo o evangelho está aqui, e a nossa tarefa é usar o conjunto das Escrituras para manifestar suas maravilhas e glórias.

Nosso único propósito em declarar o evangelho é fazer uma apresentação clara e precisa da pessoa e obra de nosso Senhor Jesus Cristo. O Pai tenciona e se deleita na supremacia de seu Filho em tudo – e não menos no evangelho e sua pregação. A pregação do evangelho falha se não estabelecer as glórias de nosso Salvador que foi crucificado e agora é ressurreto e glorificado. Tudo o que proclamamos sobre o evangelho deve ser visto em sua relação com ele.

Ao proclamar Cristo, não devemos negligenciar a explicação dos inúmeros benefícios da salvação, tais como a reconciliação com Deus (2Co 5.18-21), a justificação (1Co 1.30; 6.11), a libertação da condenação (Jo 3.18; Rm 8.1; 1Co 11.32), o pertencer ao povo de Deus (At 2.41,47; 1Co 1.2; 6.1-2; 16.1,15; 1Pe 2.4-10), o ser membro do reino de Deus (1Co 6.10, Cl 1.13), o dom do Espírito Santo (At 2.38; 1Co 2.12; 6.19), a vida eterna (Jo 3.16; 11.25-26), e a ressurreição do corpo (1Co 6.14; 15.12-57). Esses benefícios são dignos de exposição detalhada e encontram inúmeras ilustrações na Bíblia, proporcionando infinitas possibilidades de apresentação.

Devemos explicar a resposta que Deus requer ao evangelho. Seja no Dia de Pentecostes, quando a multidão gritou: “Que faremos, irmãos?” (At 2.37) ou respondendo ao carcereiro de Filipos que perguntou: “que devo fazer para que seja salvo?” (At 16.30), os apóstolos tiveram o cuidado de dar uma resposta clara. Em resposta à pergunta das multidões, eles responderam:

Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo. Pois para vós outros é a promessa, para vossos filhos e para todos os que ainda estão longe, isto é, para quantos o Senhor, nosso Deus, chamar (At 2.38-39).

Para o carcereiro eles disseram: “Crê no Senhor Jesus e serás salvo tu e tua casa” (At 16.31).

O arrependimento e a fé precisam de explicação frequente. Ao mesmo tempo, devemos incentivar homens e mulheres a considerar os riscos. É possível negligenciar esse ponto, mas isso nunca foi esquecido por nosso Senhor na pregação do evangelho. A ninguém foi dado tornar-se seu discípulo sem primeiro saber o que estava envolvido e quão custoso isso poderia ser. Nós não temos nenhuma necessidade de ter medo das consequências de explicar honestamente o custo. Aqueles que realmente procuram Cristo terão seu desejo de segui-lo intensificado.

Precisamos saber o que esperar como resultado da pregação do evangelho: nós buscamos conversões! Existe uma relação entre o que se espera e o que se recebe. Na pregação, assim como em todos os outros aspectos da vida cristã, “sem fé é impossível agradar a Deus” (Hb 11.6). A pregação é uma atividade de fé. Devemos ser homens de fé cada vez que pregamos, esperando que Deus, o Espírito Santo, acompanhe sua própria Palavra, com poder e convicção (1Co 2.4-5).

Muito frequentemente, as pessoas são convertidas por meio da pregação da Palavra, sem qualquer contato pessoal com o pregador. Em outras ocasiões, as pessoas podem nos procurar, depois de um culto ou de forma mais privada. Quando o fazem, temos de olhar para a convicção do pecado, decorrente de uma consciência da santidade de Deus, e os murchar do orgulho. Se o Espírito de Deus está trabalhando neles, eles vão aceitar a autoridade do que Deus diz em sua Palavra, e a necessidade de obedecer ao que ele diz, não importa quão custoso. Não há maior alegria que a de testemunhar um novo nascimento!

Pregando para crianças

Temos principalmente em mente a palavra para as crianças que pode ser dada em um culto de domingo. As crianças são parte da congregação, e nada melhor que elas estejam presentes e que os pais sejam incentivados a trazer seus filhos, para que eles adorem juntos, como famílias. Como pastores e mestres, temos a responsabilidade sobre todas as faixas etárias; forneceremos leite para os cordeiros e pasto para as ovelhas. Assim como

as Escrituras dirigem-se a cada faixa etária, devemos fazer o mesmo. Nosso Senhor ensinou que o reino de Deus está aberto às crianças, bem como aos adultos (Mc 10.14). A conversão das crianças e seu crescimento na graça e no conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo são objetivos pastorais. Nossos filhos devem se sentir parte da família da igreja e saber que têm um valor para Deus e seu povo. Separar tempo para eles no contexto de um culto da igreja favorece isso.

Uma mensagem regular para crianças fornece uma relação com os filhos da comunhão da igreja que não teríamos de outra forma, especialmente quando de algum modo envolvemos as crianças na mensagem. Os pais devem ser encorajados a ver a mensagem para as crianças como um tema para conversar em família durante o almoço de domingo, de modo que a instrução do culto transborde naturalmente na conversa de família, com os pais aproveitando essa oportunidade de discutir a vida cristã.

Transmitir a verdade espiritual de forma simples, sem ser infantil, exige um esforço considerável. Mensagens para crianças que giram em torno de uma história não bíblica – talvez para o bem da história – devem ser evitadas. Tomando o que a princípio parece ser um assunto difícil e determinar que vamos torná-la inteligível para as crianças é uma das abordagens mais frutíferas. (Geralmente acabamos tornando-a muito mais inteligível para os adultos também!)

Uma série gratificante é um catecismo infantil, que prevê a possibilidade de apresentar toda a doutrina cristã básica, além da oportunidade de as crianças participarem, ao aprenderem as perguntas e respostas de cor. As obras de John Bunyan, *O Peregrino* – e sua continuação *A Peregrina* – e *A Guerra Santa* estão cheias de verdades bíblicas e se prestam à apresentação visual.



DP Séries ajudam a sustentar o interesse, e também significa que não hesitamos sobre o que fazer a seguir. Fiz uma quantidade de séries alfabéticas, como “Adivinha quem eu sou?”, na qual eu descrevia um personagem bíblico e fazia com que as crianças levantassem as mãos assim que identificassem a pessoa. Uma das mais gratificantes foi uma série alfabética intitulada “O que o Senhor Jesus significa para mim”, começando com A para advogado. Eu incentivava as crianças a fazer a sua própria página de recados ou registro de uma série, e depois as recompensava no final. Isto ajudou a construir um relacionamento com as crianças, e a instrução de domingo se estendia à vida familiar.



Falar de modo eficaz para crianças requer diligência, sinceridade, vivacidade e naturalidade. Devemos ser diligentes em buscar maneiras úteis de expressar a verdade de Deus, preparando-nos para lutar com assuntos difíceis até que vejamos uma maneira de apresentá-los de forma simples e compreensível para as crianças. Nunca devemos menosprezá-las ou sermos condescendentes com elas. As crianças têm uma capacidade única para discernir a sinceridade, e logo sabem se estamos realmente preocupados com elas. Tendem a ser vivazes, e vivacidade em nossa apresentação nos identifica com elas. Não estamos propondo uma falsa vivacidade apenas pela vivacidade, mas sugerindo que deveríamos ser tão fortes e entusiasmados quanto podemos ser naturalmente. Como em todo o ensino e pregação, devemos ser nós mesmos.

Quando as crianças são ensinadas de forma eficaz na adoração congregacional, todos ganham, e o ensino dirigido primariamente às crianças torna-se parte da instrução dos adultos. Quando aprendemos a ensinar as crianças de modo efetivo, provavelmente aumentamos a nossa capacidade de comunicação com os adultos. Por essa razão a mensagem para crianças precisa ser preparada e escrita com tanto cuidado como qualquer outra pregação.



AB Quando comecei meu ministério aqui em Cleveland eu tinha chegado do contexto que acabamos de descrever. Embora não tenha dado certo introduzir esse conceito na parte da manhã, descobri que havia uma oportunidade à noite. Nos primeiros anos eu separava um tempo no culto à noite para falar com as crianças, empregando parte do material que acabamos de mencionar. A resposta foi ótima, e o sentido de comunhão e crescimento resultante no número de pessoas era devido em grande parte a essa ênfase particular. Por sua vez, isso deu lugar a uma programação para os mais jovens no mesmo período de tempo de nosso culto à noite. Nós o chamamos de “Crianças do Reino”, e é essencialmente uma forma de igreja para crianças. Isso não apenas dá um contexto no qual as crianças estão aprendendo, mas também fornece um ambiente em que somos capazes de formar adolescentes e estudantes universitários no âmbito do ministério infantil.



Esboço ou manuscrito completo?

Quer preguemos a partir de um manuscrito completo ou de esboço é uma questão de preferência pessoal. Em ambos os casos, temos de nos assegurar de que não estejamos presos a qualquer dos dois.



DP Durante os primeiros sete anos do meu ministério, escrevi na íntegra tudo o que pretendia dizer, e ainda faço isso, se tiver tempo. Isso me ajuda a evitar a verborragia e me permite ser tão crítico quanto possível com relação ao meu linguajar e à minha abordagem antes de pregar. Minha prática usual é a de ter um manuscrito completo, tendo passado por ele de antemão com uma caneta marca-texto, chamando a atenção para a palavra-chave ou o pensamento chave em cada parágrafo ou seção, como um auxílio para o meu olhar e a minha memória. Aqueles que ouvem provavelmente não sabem que eu tenho anotações completas diante de mim. Embora na maioria das vezes eu possa seguir sem elas – as seções destacadas são o suficiente para ativar a minha memória –, ter as anotações completas diante de mim é reconfortante, especialmente se é preciso fazer uma exposição detalhada de uma passagem difícil, em que as palavras devem ser cuidadosamente escolhidas.



AB Seguindo o conselho de Spurgeon, escrevi meus sermões na íntegra nos primeiros cinco anos do meu ministério, e nos 22 anos seguintes, tenho mantido esse padrão. Não o faço a fim de lê-lo no púlpito, mas como uma disciplina de preparação.



Sendo nós mesmos

Temos que ser nós mesmos em nosso modo e estilo de pregação. Então, muitas vezes, ao começar a pregar, modelamos a nós mesmos, quase sempre

inconscientemente, à semelhança de nosso pregador favorito ou da pessoa que tem sido o maior exemplo e auxílio para nós. Se temos a feliz experiência de uma sucessão de jovens assistentes ao longo dos anos, é importante incentivá-los a serem eles mesmos. Alguns pregadores causam uma impressão consciente sobre nós em nossos anos de formação como pregadores, e agradecemos a Deus por eles. Mas, embora a influência de alguns possa ser boa, é importante reconhecer que Deus nos deu uma personalidade própria, que ele pode usar na comunicação da sua verdade.

Sermos nós mesmos, no entanto, não é a mesma coisa que não nos preocuparmos com maneirismos que desviam a atenção. Alguns maneirismos são parte da nossa personalidade, e erradicá-los seria colocar-nos em uma camisa de força. Mas precisamos ser rigorosos com aqueles que distraiam de nossa apresentação da verdade. É crucial aproveitar as críticas construtivas de pessoas de confiança. Se somos casados, nossas esposas são as pessoas mais prováveis a nos ajudar com isso. Se não somos, devemos assegurar a alguém em cuja opinião confiamos, que estamos genuinamente abertos a críticas e que queremos a sua opinião.

A verdade que jamais devemos esquecer

Em toda a nossa pregação somos dependentes do Espírito Santo. Como frágeis veleiros com suas velas, somos impotentes sem o vento do Espírito. Não importa quão bem nos tenhamos preparado e equipado, nossas palavras caem por terra sem a unção da graça que o Senhor Jesus, o Cabeça da Igreja, dá pelo Espírito. Toda vez que realmente ministramos em seu nome, sua mão está sobre nós, e seu Espírito move nossos lábios quando falamos de sua Palavra.

Os perigos da pregação

O perigo mais óbvio da pregação é o orgulho. O melhor corretivo é avaliar o perigo, e procurar e aceitar críticas construtivas daqueles a quem podemos confiar que serão honestos conosco. Um perigo oposto, e tão comum, é o desespero e um sentimento de fracasso.



DP Duvido que tenha havido um domingo em que eu tenha pregado sem ter tal consciência de que o maior perigo da

pregação é o orgulho. Por vezes experimentei um profundo desespero, porque sentia que eu fora muito desajeitado na minha apresentação da verdade. Nesses momentos precisamos nos lembrar do chamado de Deus. Reconheci que Deus permite que tais coisas aconteçam para que eu cultive a humildade que convém a um mestre de sua Palavra e para me ensinar a minha constante dependência dele. Uma das experiências que mais me chamou à humildade foi descobrir mais tarde que nas ocasiões em que eu senti que preguei mal, Deus se deleitou em trabalhar de maneira especial na vida das pessoas!



AB Sinto-me encorajado por saber que Derek se sente assim. Esperava que essa percepção passaria com o tempo, mas não passou. Enquanto estava pregando no domingo passado, eu sentia como se estivesse em uma cabine telefônica, e, embora pudesse ver as pessoas lá fora e pudesse ouvir minha própria voz (geralmente um mau sinal), não tinha certeza de que eles estavam me ouvindo. Eric Alexander disse em uma reunião de ministros que, quando ele deixava o púlpito e voltava para sua sacristia, dizia em voz alta: “Senhor, eu sinto muito”. Lloyd-Jones foi mais franco sobre este assunto do que qualquer um que eu tenha lido: “Qualquer homem que tenha tido algum vislumbre do que é pregar, inevitavelmente sentirá que nunca pregou. Mas continuará tentando, esperando que, pela graça de Deus um dia consiga realmente pregar”.⁴



O terceiro risco é nossa impossibilidade de estar frequentemente no lado receptor da pregação. Pior ainda, quando ouvimos outros pregarem, podemos ser ouvintes mais críticos. Devemos tomar cuidado com essa armadilha, e cultivar o sermos bons ouvintes, procurando a Palavra do Senhor, como gostaríamos que outros o fizessem quando nos escutam. Quando não somos capazes de ouvir regularmente a pregação de outros, existem as alternativas prontamente disponíveis de ouvir gravações ou audiolivros que nutrem o nosso crescimento espiritual. Se alguma vez cairmos na armadilha de apenas querermos pregar e não estarmos no lado receptor, o profissionalismo assumiu nossa vida, e deixamos de viver uma vida cristã normal.

O maior privilégio

Não há maior tarefa em todo o mundo do que ensinar e pregar a Palavra de Deus, porque nos empenhamos no privilégio de proclamar as insondáveis riquezas de Cristo e em deixar claro o significado do grande plano de salvação de Deus, que foi mantido escondido até a vinda de seu Filho (Ef 3.8-9). Não existe maior privilégio!

Capítulo 8



Cuidado pastoral

Aqueles que não estão empenhados no trabalho pastoral raramente compreendem ou avaliam o que isso envolve. William Sangster, um pregador metodista proeminente do século 20, escreveu:

O leigo médio tem apenas uma vaga ideia do que se entende pelo termo “trabalho pastoral”. Na verdade, há pessoas fora das igrejas que honestamente acreditam que todo o trabalho de um pastor é conduzir um par de cultos em um domingo e nada mais. Mesmo entre aqueles que admitem que ele faz pequenas coisas nos outros dias da semana, “trabalho pastoral” pode sugerir pouco mais do que uma rodada de visitas à tarde para os membros femininos da congregação, beber chá e entregar-se a horas de conversa fiada.

Essas palavras podem ser vistas como uma caricatura, mas tais ideias existem. Em *Huckleberry Finn* uma discussão ocorre entre Huck e Joanna sobre o papel dos pastores. Ela pergunta a Huck o que é que eles fazem. Ele responde: “Geralmente nada. — Para que servem, então? — Para fazer número. Como você é ignorante!”*

O que é feito em público em um domingo é como a ponta de um iceberg. Por trás de toda verdadeira pregação de pastores e mestres existem horas de estudo e preparação com profundo envolvimento na vida das pessoas — um envolvimento em que não há “horas de trabalho” regulares. O cuidado pastoral é ao mesmo tempo a tarefa mais exigente e gratificante que pode haver.

* Como traduzido por Monteiro Lobato em Twain, Mark. *As aventuras de Huck*. São Paulo: Brasiliense, 1959. [N.T.]

Pastorear significa cuidado pastoral

Pastorear é sinônimo de cuidado pastoral: é o cuidado prático, individual e espiritual do povo de Cristo como seus cordeiros e ovelhas. Isso anda de mãos dadas com a função complementar de ensino. Alguns pastores e professores podem sentir que têm um dom maior para uma do que para outra esfera. Podemos ouvir: “Ele é melhor mestre do que pastor”, ou o oposto, “Ele é mais pastor do que mestre”. Essas funções estão inseparável e exclusivamente ligadas à ordenação da vida da Igreja de Deus, por isso devemos nos propor a ser tão eficazes quanto possível em ambas as esferas.

As funções do pastor são mais susceptíveis de ser negligenciadas do que as de mestre. Podem-se definir mais facilmente as responsabilidades para o ensino – por exemplo, sabemos quantas responsabilidades de ensino temos a cada semana, e podemos planejar as horas que devemos dedicar à preparação. Podemos encontrar um senso de realização ao completar a nossa preparação e ao dar o que cremos ser exposições da Palavra inspiradas por Deus. Mas os limites do trabalho pastoral são muito mais difíceis de definir, e as exigências de uma semana raramente serão as mesmas da anterior ou da seguinte.

Pastoreio e ensino não devem ser separados. Pregação e trabalho pastoral ajudam um ao outro. Visitar expande nossa pregação na medida em que nos ajuda a avaliar o modo como nossos irmãos pensam, seus problemas e suas tentações. Quando pregamos para aqueles que conhecemos bem, e cujas situações entendemos, aplicamos a verdade de Deus com maior relevância, de modo quase inconsciente – e, provavelmente, quanto menos consciente, melhor. Nossas visitas e aconselhamentos têm maior relevância também, porque os membros do rebanho nos associam com a Palavra que foi ensinada e pregada, e em conversas individuais somos capazes de aplicar essa mesma Palavra de modo mais pessoal e com maior profundidade.

A base para o cuidado pastoral

O cuidado pastoral tem como objetivo o cumprimento das metas que estabelecemos no capítulo 3: a alimentação do rebanho, a proclamação de toda a vontade de Deus, a apresentação de cada crente perfeito em Cristo, a preparação do povo de Deus para a obra do serviço e equipá-los para serem pescadores de homens. A menos que mantenhamos esses objetivos diante de nós, podemos cair na armadilha de simplesmente nos engajarmos no trabalho pastoral de visitação, porque isso é o que se espera de nós, e sentir que temos feito tudo que é necessário ao cumprirmos um determinado número de visitas a cada semana.

O importante não são quantas visitas fizemos, mas quão eficazes elas têm sido em promover aquelas metas. A qualidade é mais importante do que a quantidade. Ao perseguirmos essas metas, nossa preocupação é ver o povo progredir na fé, para que a sua alegria no Senhor Jesus Cristo transborde (Fp 1.25-26). O próprio Senhor Jesus deve ser tão central para o nosso trabalho pastoral como para a nossa pregação. A marca de um povo espiritualmente saudável é que ele se alegra em Jesus Cristo (Fp 3.3; 4.4), e nossa tarefa é cultivar e aprofundar essa alegria.

Todos necessitam de cuidado pastoral – inclusive nós

Assim como temos em nossa mente a comunhão cristã a que pertencemos, todos os associados a ela requerem cuidado pastoral – não há exceções. Uma das razões pelas quais somos descritos como ovelhas é nossa perversidade natural. Como pastores, podemos estar tão preocupados com o bem-estar espiritual do rebanho que negligenciamos a nossa necessidade de outros se preocuparem com o bem-estar de nossa alma. Deixar acontecer isso é cair na armadilha do profissionalismo. “Quem é o pastor do pastor?” é uma questão-chave. A primeira resposta é que o próprio Senhor Jesus Cristo o é; mas, como nosso Pastor, ele vai suscitar aqueles que irão mostrar preocupação pastoral para conosco.

Nas denominações maiores, em geral há uma estrutura que visa proporcionar cuidados pastorais para pastores, seja através de episcopado ou presbitério local. As igrejas livres, por vezes, têm superintendentes de área cuja tarefa é a de manter um atento olhar pastoral sobre os ministros. Cuidadosas e espiritualmente exercidas, tais relações podem ser muito benéficas. Mas elas têm tendência a ser remotas e a entrar em operação principalmente em tempos de crise, quando muitas vezes o mal já está feito. Dentro da comunhão da igreja, o pastor precisa ser responsabilidade pastoral de alguém. Se realmente defendemos a paridade de presbíteros – e o Novo Testamento exige isso –, a solução é que cada pastor esteja sob a responsabilidade pastoral de um de seus colegas presbíteros.



DP Nas duas igrejas que pastoreei, os membros eram divididos em grupos pastorais, com cada presbítero, além de mim, cuidando de um grupo, normalmente determinado pela

localização geográfica das casas dos membros. Como presbítero presidente sentia que minha principal responsabilidade era a de prover o cuidado pastoral dos presbíteros e suas esposas e famílias. Ao mesmo tempo, eu – juntamente com minha esposa e família – pertencia ao grupo do presbítero em cuja área vivíamos. Sentia que era importante encorajá-lo a se sentir responsável por mim e minha família, e nunca pensar que eu não precisava de seus cuidados pastorais ou imaginar que ia me ressentir de seu sentimento de que ele deve exercê-los sobre mim. Somente quando nós próprios temos suprida a nossa necessidade de cuidado pastoral é que somos capazes de exercê-lo com humildade e realidade para os outros.



AB Apesar de nossa estrutura não ser a mesma, o mesmo papel é desempenhado pelos meus colegas mais velhos. Nos últimos 20 anos, tenho apreciado a sua orientação, advertência, comunhão e encorajamento. Em uma ocasião, eu estava lendo para um grupo deles sobre um idoso amigo meu, T. S. Mooney. Citei um dos capítulos em uma breve biografia escrita depois de sua morte: “Ele era, por natureza, uma pessoa que procurou elogiar o bom e, portanto, não tinha tempo para encontrar falhas. Sua cordialidade vinha de sua intimidade com Cristo. Eu não poderia ter encontrado um apoiador mais simpático do que o Sr. Mooney. Apesar de ser solteiro, ele tinha uma consciência perspicaz das pressões que podem recair sobre a família do pastor. Ele tinha o bem-estar espiritual do pastor no coração”. Mais tarde, um dos meus presbíteros veio até mim e disse: “Eu quero ser seu T. S. Mooney”. E na bondade de Deus, ele é isso para mim e muito mais.



Princípios básicos do cuidado pastoral

Os homens devem lidar com homens e mulheres com mulheres. Começamos com esse princípio não porque é o mais importante, mas porque negligenciar isso tem sido a causa de alguns homens fazerem naufragar

seu chamado para o ministério. Esse princípio, entretanto, precisa de alguma qualificação e amplificação. Não deve ser aplicado de uma forma implacável, insensível e de maneira impensada. Somos igualmente pastores de mulheres como de homens, e devemos estar disponíveis para todos os membros do rebanho e quaisquer outros que Deus colocar em nosso caminho. Qualquer um – homem ou mulher – pode ligar pedindo ajuda, ou buscar nosso conselho após uma reunião ou culto. Devemos responder a esses pedidos com abertura a Deus e o desejo de ser seus servos.

Se uma mulher procura ajuda, devemos nos certificar de que a encontremos ou nas instalações da igreja quando alguém está por perto, ou em nossa casa quando nossa esposa estiver. A maioria dos pedidos de ajuda são situações únicas, em que a orientação é dada e não há necessidade de novas reuniões. Se, no entanto, somos chamados a dar conselhos a uma mulher, e são necessárias reuniões frequentes, é sábio e oportuno trazer outra mulher que possa ajudar. Se a pessoa que estamos tentando ajudar não quer isso, então podemos estar certos de que não há mais razão para fazê-lo. Se não estamos felizes em deixar que outra pessoa a ajude, então também precisamos examinar nossos motivos. Quando uma decisão difícil dessa natureza tem de ser tomada, devemos compartilhá-la, se casados, com nossa esposa. A melhor regra a considerar é que, em caso de dúvida sobre a sabedoria de aconselhar alguém, é não fazê-lo, mas passar para outra pessoa. Um perigo que o aconselhamento individual proporciona é que a pessoa aconselhada pode se tornar muito dependente do conselheiro, especialmente se for do sexo oposto – e por esta razão, entre outras, aconselhamento de longa duração deve ser feito apenas com aqueles do mesmo sexo.

Nunca sabemos de que tentações a graça de Deus pode nos salvar se colocarmos barreiras adequadas ou construirmos salvaguardas. Ao entrevistar mulheres na igreja, temos sempre pedido que a secretária ou o zelador da igreja – geralmente a primeira – atenda a porta e leve a pessoa em questão para a sacristia, de modo que fique imediatamente evidente que há alguém no local. Da mesma forma e pelas mesmas razões, nossas esposas sempre atendem a porta para tais pessoas quando a visita é na nossa casa. Se for o caso, vamos dizer na conclusão, “Você se importa se eu compartilhar com minha esposa esse assunto, para que possamos orar juntos sobre ele?” Isso ajuda a estabelecer uma relação com o casal. Devemos todos determinar o que é sensato para nós mesmos, mas é preciso que construamos salvaguardas em nossa prática pastoral, não só para o nosso próprio bem-estar, mas também para a honra de Cristo. 1Coríntios 10.12 se aplica a pastores no seu cuidado pastoral com as mulheres.

Devemos tomar tempo e fazer um esforço para conhecer os nomes e as circunstâncias das pessoas. É básico para todo cuidado pastoral conhecer

bem as ovelhas e amá-las em Cristo como indivíduos. Ao descrever sua relação com as suas ovelhas, o Senhor Jesus disse: “Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem a mim” (Jo 10.14). Bons pastores conhecem suas ovelhas, e suas ovelhas os reconhecem como seus pastores. Para conhecer alguém precisamos saber tanto o seu nome como seu caráter. Precisamos saber os nomes das pessoas pelas quais nós somos responsáveis, sejam cinquenta ou quinhentas. Parte do nosso respeito para com um indivíduo é buscarmos saber o seu nome. Paulo mostra tal respeito de muitas formas em suas cartas, e, especialmente, no último capítulo de Romanos, quando envia saudações individuais para muitos crentes que tiveram um lugar especial em seu coração.

Alguns têm mais facilidade em memorizar nomes do que outros. Mas há coisas que podemos fazer que nos ajudam a fixar os nomes das pessoas em nossa memória.



DP Encontrei uma prática particularmente útil quando vim pela primeira vez à comunhão da igreja da qual faço parte, e na qual servi como pastor em Edimburgo. As centenas de nomes que eu precisava aprender me sobrecarregaram inicialmente. Convencido de que deveria dominá-los o melhor que pudesse, sempre carregava comigo nas minhas primeiras semanas e meses um pedaço de papel sobre o qual escrevia os nomes de cada membro da igreja que ia conhecendo. Quando falava com alguém pela primeira vez, pedia desculpas pelo meu pedaço de papel e caneta, e dizia: “Por favor, desculpe-me se eu escrever o seu nome para me ajudar a lembrar”. Quando chegava em casa, eu transferia esses nomes para meu diário de oração, distribuindo os nomes durante os diferentes dias do mês. Se um determinado tópico tinha sido falado com a pessoa referida, eu anotava uma única palavra ou frase para me lembrar. Ao orar pelas pessoas pelos seus nomes, eu rapidamente os tornei pessoas reais para mim, e também isso serviu para escrever seus nomes e rostos em minha mente e coração. À medida que as semanas e meses se passaram, usei o meu pedaço de papel cada vez menos, e acrescentava os nomes de uma forma mais privada. Às vezes, encontrava alguém que tinha conhecido antes, mas cujo nome não conseguia lembrar. Eu ou me entregava, ou mais tarde diligentemente procurava pela minha lista

para identificar quem eu tinha encontrado novamente! Uma vez que eu tinha conseguido gravar os membros existentes da comunhão da igreja, era fácil reconhecer os novos membros, já que eles eram adicionados um a um.



AB Dou meu melhor nessa área, mas tenho de me contentar com saber os nomes de nosso “grupo central comprometido”, e mesmo isso tem sido um desafio crescente. Das milhares de pessoas que frequentam a igreja em qualquer domingo, eu conheço apenas um pequeno número pelo nome. Não estou feliz com isso, mas essa é a realidade dos fatos. Recentemente, conheci um casal recém-chegado a Parkside. Sendo o nome da esposa o mesmo da minha mãe, eu me lembro facilmente. O marido me contou uma história sobre como virou seu barco no Lago Erie. Ele fez isso para que eu pudesse me lembrar de seu nome. Infelizmente, só me lembro dele como o “náufrago” que é casado com uma senhora chamada Louise!



Saber o nome de uma pessoa é apenas um passo preliminar para conhecer outras. Algumas pessoas conheceremos rapidamente, enquanto outras levaremos muito mais tempo e talvez até mesmo anos. Algumas pessoas são abertas e diretas; outras são tímidas e reservadas. Mas as responsabilidades pastorais em breve nos põem em contato com a maioria das pessoas.

Saber os nomes e as circunstâncias de vida das pessoas fornece uma base para a intercessão inteligente por elas. Referimo-nos anteriormente sobre considerar nossa vida de oração e seu caráter amplo. A oração é o meio mais eficaz de cuidado pastoral. Podemos orar pelas pessoas quando não podemos visitá-las. Podemos orar pelas pessoas quando elas não querem que oremos com elas. Fomos designados como pastores e mestres para que possamos usar nosso tempo também para a oração de intercessão. Não é por acaso que a única atividade atual de nosso Senhor Jesus Cristo, o grande pastor das ovelhas, a que o Novo Testamento se refere é sua intercessão contínua por nós (Hb 7.25). Nunca estamos mais perto de seu coração do que quando intercedemos em seu nome por suas ovelhas. Orar pelas pessoas promove a sensibilidade espiritual às suas necessidades como nenhuma

outra iniciativa. Enquanto oramos pelas pessoas, muitas vezes vamos sentir o impulso do Espírito para visitar, telefonar ou escrever para elas. Sem a oração, esse impulso pode não se manifestar.

Devemos visar a amar todo o rebanho com o mesmo amor. O amor pelo Senhor Jesus e pelo seu povo é o principal objetivo do trabalho pastoral (Jo 21.15-17). Aqueles a quem servimos não devem ter dúvidas do nosso amor, e devemos nos esforçar, se necessário, para assegurar-lhes isso (cf. 1Jo 2.7; 3.2,21; 4.1,7,11; 3Jo 2,5,11). A preocupação pastoral está no cerne do sucesso pastoral. Outrora bispo de Londres, William Wand* confessou o nervosismo sobre as responsabilidades pastorais, quando, ainda jovem, assumiu seu ministério na igreja St. Mark's, em Salisbury. Ele foi muito ajudado por um senhor idoso, em quem confiava, que dizia: “Você não precisa se preocupar com isso, se você se lembrar de uma coisa: deixe sempre o seu povo ver que você está interessado neles, e isto será suficiente”.¹

Uma tentação quando inicialmente assumimos o cuidado pastoral é estarmos tão preocupados em acertar as coisas que continuamente dizemos às pessoas o que devem fazer e como ser, em detrimento de mostrar que nós as amamos. Pastores se beneficiam do conselho daqueles que lhes dizem quando esse é o caso. Charles Warr, outrora ministro de St. Giles, Edimburgo, relatou como seu “ministério foi ajudado além das palavras” no início, quando era pastor da igreja de St. Paul's em Greenock:

Um dia o Sr. Arthur Caird (...) me procurou. Ele estava sempre impecavelmente arrumado, e, como todos diziam dele, era tão gentil quanto parecia. Depois de alguma conversa desconexa, ele passou a mão sobre o cabelo grisalho, virou-se para mim com os olhos bondosos que sempre tinham um brilho, e livrou-se de algumas palavras lisonjeiras e reconfortantes sobre o meu primeiro ano de ministério na St. Paul. Então ele fez uma pausa e, depois de um curto período, continuou: “Sim, tudo no seu jardim é encantador, ou quase tudo”. Eu fiquei na expectativa, agora um pouco ansioso. Arthur Caird se levantou, aproximou-se de mim e colocou uma mão paterna no meu ombro. “Meu filho”, disse ele, “o jardim ainda está esperando pelo desabrochar de uma flor sem a qual o jardim de nenhum ministro pode ser perfeito”. Outra pausa. “Eu sei que não somos tudo o que deveríamos ser, e sem dúvida precisamos de muitas reprimendas; mas todos nós estaríamos muito melhor do que estamos agora se

* John William Charles Wand KCVO (25/01/1885 – 16/08/1977) foi um bispo anglicano inglês. Ele foi o Arcebispo de Brisbane, na Austrália, antes de retornar para a Inglaterra para se tornar o bispo de Bath and Wells, antes de se tornar o Bispo de Londres. Por seus serviços à coroa no pós-guerra, foi agraciado com o título de cavaleiro da Real Ordem Vitoriana – indicado pelas letras após o seu nome. [N.T.]

“você pudesse tentar, algumas vezes, em vez de nos dar lições, mostrar que você nos ama!”²

Charles Warr registra: “Estas palavras foram um ponto de mudança em meu ministério”.

Nosso amor pelo rebanho deve ser como o de um pai para com seus filhos (1Jo 2.18,28). Suas preocupações e necessidades devem estar constantemente em nossa mente e em nosso coração. Separado de seu rebanho, Samuel Rutherford, um pastor escocês do século 17, escreveu:

A minha alma suspira extremamente por saber se há alguma obra de Cristo na paróquia. (...) Penso em meu povo durante o sono. (...) Anseio muito saber se a correspondência frequentemente falada entre vocês e Cristo se manteve; e se vocês seguem conhecendo ao Senhor. Penso em vocês dia e noite; enquanto vocês dormem, eu temo que suas almas não estejam sobre a rocha.

Esse tipo de amor cria vínculos entre o pastor e suas ovelhas.

Embora possa ser um caminho difícil de seguir, temos a convicção de que um pastor deve evitar amizades particulares dentro do rebanho, para que possa honesta e genuinamente ser o verdadeiro amigo de todos. Nem todos os membros do rebanho serão naturalmente amáveis; mas o mesmo também se aplica aos pastores. São os difíceis a quem precisamos amar mais. Às vezes, essas pessoas são difíceis simplesmente porque ninguém realmente fez um esforço para amá-las. Temos de colocá-las em primeiro lugar na nossa lista para o exercício cuidadoso do amor. Quando as pessoas sabem que as amamos, elas vão aceitar o que dizemos, mesmo quando se trate de uma repreensão. Isso as predispõe a ouvir, quando de outra forma elas poderiam estar cautelosas, apreensivas e mesmo desconfiadas. “Ama-me”, disse Agostinho, “e, então, poderás dizer para mim qualquer coisa que quiseses”. O rebanho de Richard Baxter costumava dizer: “Nós aceitamos bem todas as coisas daquele que nos ama sempre e completamente”.

A expressão prática do amor pelo rebanho é a generosidade com o nosso tempo. Se amamos as pessoas, nós lhes damos tempo – inclusive para nossa família, que nunca deve ser negligenciada por nosso cuidado para com os outros. A mordomia de tempo no trabalho pastoral é uma batalha constante. Há limites óbvios para o tempo que temos disponível, especialmente se for pela manhã, quando damos adequadamente prioridade ao estudo e preparação para o ministério. Mas há ocasiões, em cada semana, em que podemos deliberadamente nos tornar disponíveis para as pessoas, e embora isso possa não parecer à primeira vista particularmente significativo, acreditamos que o seja.



DP Tenho em vista esses momentos que se seguem aos cultos e reuniões. A maioria dos pastores e mestres são as últimas pessoas a sair da igreja. Isso é certamente o que devemos esperar se estamos disponíveis para as pessoas. Confesso que houve vezes em que estava tão cansado que meu desejo era escapar rapidamente. Mas também reconheço que simplesmente estar disponível para conversar com as pessoas depois de uma reunião tornou fácil estabelecer contato com elas e conversar com pessoas que poderiam ser muito tímidas para fazer a primeira abordagem. Quando nos encontramos em meio a uma multidão depois de uma reunião, devemos ter como objetivo falar com aqueles que podem ser tímidos, solitários, e talvez à margem da comunhão da igreja. Para conseguir isso, temos de nos enrijecer contra outras pessoas que tentam nos monopolizar.



AB Tenho mudado minha opinião sobre isso ao longo dos anos. Na Escócia, 99% da congregação saía pela porta principal. Se eu estava lá, então eu tinha a oportunidade de cumprimentar tantos irmãos quantos o tempo permitia. Aqui em Parkside não existe essa porta. Acho também que se eu ficar na frente do auditório, ao final do culto, isso muitas vezes serve como um convite para as mesmas pessoas se aproximarem de mim. Embora isso seja bom, significa que eu deixarei de cumprimentar outras pessoas que podem ser novos ou que tenham uma pergunta particular.

Meu padrão atual é o de “desaparecer” após os dois primeiros cultos da manhã e, então, permanecer após o terceiro. À noite eu também estou disponível muitas vezes na nossa área *Commons* – a área de comunhão de nossa igreja – onde as pessoas tendem a se reunir após o culto. O desafio adicional que eu tenho é relacionado com o que observamos anteriormente sob o tema da pregação. Ou seja, muitas vezes eu me sinto tão esvaziado depois de pregar que tenho de me esforçar arduamente para me desligar do fardo da pregação e entrar em

sintonia com as preocupações da minha congregação. Apenas outro pastor vai entender a dor de receber um elogio sincero, mas trivial, que sugere que a pessoa seguramente não foi tocada pela mensagem.



O exercício do cuidado pastoral

“Pastor” não é o único título que expressa os deveres de um pastor e mestre. Ele também deve ser um médico de almas. Quando Isaías descreve o Messias e seu rebanho, ele escreve: “Como pastor, apascentará o seu rebanho; entre os seus braços recolherá os cordeirinhos e os levará no seio; as que amamentam ele guiará mansamente” (Is 40.11). Essa descrição reveladora indica as diferentes situações dentro do rebanho: alguns são cordeiros, alguns têm responsabilidades para com os jovens, e outros estão sobrecarregados, precisando de cuidados solidários. O Senhor Jesus leva a todos para o pasto adequado. Se ele tem um cordeiro fraco e pobre, ele não o empurra, mas o pega em seus braços e o carrega. Ele compreende a necessidade do indivíduo e ministra a cada um de acordo com suas necessidades.

Nossa preocupação no cuidado pastoral deve ser exercitar a percepção dada por Deus. Como já sugerido, nada auxilia mais esse esforço do que a oração sistemática pelo rebanho. Nossa preocupação complementar deve ser a de relacionar as Escrituras com as situações individuais dos membros do rebanho. Precisamos de conhecimento bíblico, de discernimento para fazer um diagnóstico correto, e, em seguida, de habilidade para prescrever o remédio que a Escritura fornece.

Nosso estudo diário das Escrituras tem em vista não apenas o ensino público e a pregação da Palavra de Deus, mas também seu compartilhamento e sua aplicação no trabalho pastoral. Não é descabido pensar em nós mesmos como médicos em nosso contato pessoal com os membros do rebanho. Quando um médico é chamado para visitar um paciente, todo o seu treinamento faz com que ele se concentre em discernir a necessidade física do paciente e a resposta conhecida à sua condição. Ele prescreve o remédio, seja agradável ou não, uma vez que seu objetivo é o bem-estar do paciente. Se o contato com um de seus pacientes é de rotina, e não por causa de uma crise ou doença, sua preocupação será a de encorajar o paciente em atividades e hábitos que contribuam para seu bem-estar. Ao termos contato com pessoas em necessidade aguda, devemos buscar o discernimento, com

a ajuda do Espírito e nossa compreensão das Escrituras, para fazer um diagnóstico preciso. Em seguida, devemos recomendar a ação que as Escrituras prescrevem. Se esse se encaixa no cuidado pastoral de rotina, devemos falar sobre buscas espirituais e hábitos que vão incentivar o crescimento e a saúde espiritual.

Embora devamos em grande medida ser bons ouvintes, não devemos hesitar em dar direções, desde que sejam direções das Escrituras. Nosso objetivo é mostrar às pessoas como viver de acordo com as Escrituras, incluindo não ultrapassar o que ela nos diz. “[...] a palavra, a seu tempo, quão boa é!”, o livro de Provérbios declara (15.23), e isso é um axioma da prática pastoral.

Ao visitar a esposa de um presbítero que foi acometida por uma doença persistente e incurável, antes de sair do lado de sua cama, o Dr. Alexander Whyte citou a paráfrase escocesa de Isaías 40.31, “sobem com asas como águias”. “Então, à porta, ele se virou e adicionou uma reflexão tardia – servindo uma dose de uísque caseiro, como ele costumava fazer em momentos de intimidade – ‘coloque isto sob a sua língua e sorva-o como a um doce’.”³

Palavras-chave no cuidado pastoral

Há pelo menos quatro palavras-chave do Novo Testamento usadas para o cuidado pastoral, e elas têm igual importância: incentivo, exortação, admoestação e conselho. Todos os cristãos precisam de encorajamento, seja para perseverar na santidade ou na evangelização pessoal ou para desenvolver seus dons espirituais e para descobrir seu lugar adequado no corpo de Cristo. Apesar de todos os crentes deverem incentivar-se uns aos outros, é a responsabilidade particular de pastores fazê-lo. Isso não é de surpreender, uma vez que eles são os instrumentos escolhidos por Deus Espírito Santo, o incentivador dado por Deus ao seu povo. Cheios do Espírito, nós encorajamos os outros. Conforme fazemos uma visita pastoral ou sentamo-nos para ajudar alguém em busca de conselhos, nosso propósito deliberado deve ser encorajar essa pessoa. Paulo destaca os tímidos e os fracos como aqueles que estão em necessidade especial de encorajamento (1Ts 5.14).

Juntamente com o incentivo vai a exortação. Eles não costumam estar separados, mas a exortação tem muito mais de um elemento direcional do que o incentivo: ela nos diz o que devemos fazer. Duas instruções típicas como, “enquanto tivermos oportunidade, façamos o bem a todos, mas principalmente aos da família da fé” (Gl 6.10) e “alegrai-vos sempre no Senhor” (Fp 4.4) são exortações, e ambos os textos nos dizem o que devemos fazer. As Escrituras consistentemente nos apontam na direção espiritual ou moral que devemos seguir. Na exortação, usando as Escrituras, apontamos

um ao outro na direção certa. Ao aconselhar casais, os exortaremos a amar uns aos outros. Aconselhando crianças, vamos exortá-las a honrar os pais. Embora as exortações nos sejam familiares, ainda assim devem ser dadas.

A advertência – em termos de aviso e correção – deverá, se necessário, vir acompanhada tanto de encorajamento como de exortação. Ao dar um aviso ou uma repreensão, devemos nos apressar em elogiar o que é devido (1Co 11.2), uma vez que faz a correção ser mais facilmente aceita. O Novo Testamento encara a admoestação como o terreno particular de pastores (1Ts 5.12). Podemos ter de alertar contra os ídolos (1Jo 5.21) ou possíveis lobos espirituais (At 20.29). É muito mais difícil aplicar a admoestação do que o incentivo ou a exortação, uma vez que pode haver maior incerteza sobre a forma como ela será recebida. Mas esse fator desconhecido não deve impedir nosso exercício. Todos precisam ser admoestados em certas ocasiões.



DP Mencionei anteriormente a importância de um pastor estar sob o cuidado pastoral de alguém. Logo no início do meu ministério em Edimburgo, aceitei um compromisso para pregar no aniversário de uma igreja, o que me levou para o oeste da Inglaterra. O fato coincidiu com nossa conferência missionária anual, que era sempre realizada no último fim de semana de novembro. Ao fazer-me a visita pastoral no final do mesmo ano, meu presbítero não só me encorajou, como sempre fazia, como também me admoestou pela minha ausência à conferência missionária. Seu argumento foi algo assim: “Uma vez que missões são importantes, e esperamos que Deus nos diga algo como igreja sobre nossas responsabilidades corporativas, você tinha de estar presente à conferência missionária para ouvir o que Deus tinha a dizer”. Reconheci que ele estava certo, assim, nunca mais aceitei compromisso que coincidissem com o último fim de semana de novembro. Sua advertência foi necessária e benéfica.



AB Um dos meus presbíteros me ligou na manhã após a reunião do conselho. “Ontem à noite”, disse ele, “você feriu o Sr. X com suas palavras”. Não que o que eu tinha dito fosse

inverídico, mas a maneira de me expressar fora indelicada. Ele continuou: “Quero que você ligue para o Sr. X e peça desculpas, e, em seguida, ligue-me, para eu saber como você se saiu”. Resistindo à tentação de ficar na defensiva, fiz como ele me admoestou, e nós três ficamos satisfeitos com isso.



O contexto e a atmosfera de toda admoestação deve ser o amor. Muitas vezes podemos nos sentir nervosos ao repreender alguém, mas o nosso próprio nervosismo permite que uma pessoa saiba que não admoestamos leviana ou insensivelmente.

O aconselhamento é exercido tanto em conversas informais após as reuniões como em ocasiões definidas, quando as pessoas marcam para nos ver. Quando visitamos o enlutado ou o indisposto, ou quando as pessoas vêm nos ver por causa de seus problemas ou por necessitarem de orientação, nos envolvemos em aconselhamento – aconselhamento que pode compreender ao mesmo tempo encorajamento, exortação e admoestação.

O Espírito Santo torna o aconselhamento mais eficaz, uma vez que é a Palavra que ele tem inspirado que é ensinada e pregada. Ele, afinal, é o Conselheiro. Ele é bem capaz de aplicar a mesma exposição direta de maneiras diferentes para cada cristão que a escuta. Para um, pode falar uma palavra de encorajamento, para outro uma repreensão, enquanto para outro ainda ele pode dar direção. Isso acontece constantemente quando as Escrituras são expostas ao poder do Espírito. Tantas vezes o melhor tipo de aconselhamento surge, e prossegue, da pregação das Escrituras. Na exposição regular, haverá momentos em que é necessário, por exemplo, falar sobre o sexo, dom de Deus, e a honra do casamento, seja ao recontarmos a vida de José ou Davi ou ao lidarmos com comandos básicos do Novo Testamento: “Pois esta é a vontade de Deus: a vossa santificação, que vos abstenhais da prostituição” (1Ts 4.3).

Em retrospectiva, podemos não nos lembrar de muitas ocasiões em que tenhamos lidado com tais assuntos na pregação sem que alguém nos tenha buscado posteriormente para o ajudar, seja para se acertar com Deus sobre a questão, seja para obter conselhos. O aconselhamento que então ocorreu foi uma extensão natural da aplicação da Palavra de Deus. Algumas ênfases contemporâneas sobre o aconselhamento podem surgir de uma negligência do ministério de ensino e pregação. Se nossa pregação é pastoral e prática na sua aplicação, estaremos ensinando as pessoas a cuidar não apenas dos outros, mas também de si mesmas.

Muitas vezes, o melhor aconselhamento é espontâneo – o encontro aparentemente casual de um membro do rebanho na rua, ou a conversa aparentemente aleatória após uma reunião, quando uma questão importante é levantada. Precisamos aprender a ver as interrupções de nossa rotina diária sob essa luz, assim como as chamadas telefônicas que recebemos. John Newton não foi incomodado pelo telefone, mas o foi pelas pessoas que vinham à sua casa. Ele disse: “Quando ouço uma batida na porta do escritório, ouço uma mensagem de Deus; pode ser uma mensagem de instruções; talvez uma lição de paciência; mas, uma vez que é a sua mensagem, ela deve ser interessante”. Por trás de uma conversa telefônica casual ou de uma chamada inesperada a respeito de algo que não é importante em si mesmo, pode haver uma necessidade espiritual para a qual é necessário um conselho. Compartilhar o versículo que escolhemos para o dia pode por si só ser o incentivo de que uma pessoa precisa, ou pode proporcionar a abertura para ela revelar a verdadeira razão por trás de sua vontade de estar em contato.

Parte do nosso ministério de aconselhamento está em encaminhar certas pessoas que nos procuram para outras, que podem ser capazes de ajudá-las melhor do que nós. Entre o povo de Deus há uma fonte quase infinita de recursos e de experiência à disposição. O conforto que nós e que outros têm encontrado pode ser compartilhado.



DP Nunca me senti mais impotente do que quando, no início de meu ministério, tive de visitar os pais e familiares de uma menina de cinco anos que havia sido atropelada e morta no último dia de seu primeiro semestre na escola. Na comunhão da igreja, outra família tinha perdido sua criança algum tempo antes. Era natural pedir-lhes para me acompanharem na visita. Seu conforto foi inestimável; na verdade, isso contribuiu para a conversão de toda a família. As conversas que tiveram lugar poderiam ter sido descritas como “aconselhamento”, mas elas eram simplesmente uma família compartilhando com outra a maneira como eles haviam encontrado conforto, apoio e esperança.



AB Estendemos esse princípio em Parkside, estabelecendo uma série de grupos que existem para fornecer ajuda e

esperança em Cristo. Esses grupos de cuidado se encontram na quinta-feira à noite, geralmente a cada seis a oito semanas, e fornecem orientação bíblica e apoio para lidar com o luto, o fracasso conjugal, pais solteiros, problemas ligados a drogas, e até mesmo para lidar com o desemprego. Em todos os casos, as Escrituras são a nossa regra e guia, mas os participantes responderam à chamada: “Não fique sozinho, você precisa de Jesus e você precisa dos outros”.



As perguntas têm uma função útil no trabalho pastoral e, especialmente, no aconselhamento. Fazer uma pergunta apropriada pode abrir uma conversa útil e evitar que façamos rodeios. Paulo fazia perguntas pastorais. Escrevendo aos Gálatas, ele perguntou: “Quem vos fascinou a vós?” (Gl 3.1), e “Que é feito, pois, da vossa exultação?” (4.15). Se alguém vem falar sobre as incertezas em relação ao futuro, pode ser ajudado a ir direto ao ponto, se perguntarmos: “Onde estão suas áreas de dúvida sobre o futuro?” É apropriado perguntar a um cristão questões tais como: “Você acha que é difícil manter seu relacionamento com Deus renovado?” ou “Você foi capaz de manter sua alegria espiritual em Cristo?” Se é esse precisamente o problema da pessoa, então é fácil falar sobre isso. Se a pessoa é espiritualmente saudável, vai ter muito a compartilhar sobre o assunto.

Nossa principal tarefa no aconselhamento é ajudar os cristãos a compreender sua própria condição e o propósito de Deus a esse respeito, e então reconhecer qual deva ser seu comportamento correto. Além de incentivar, não devemos hesitar em exortar e admoestar no que for necessário. Não devemos evitar o que pode ser problemático em nosso trabalho, ou o que não será recebido com gratidão. Às vezes podemos ter a difícil tarefa de lembrar às pessoas o ciúme de Deus por sua fidelidade e amor (1Co 10.22).

Nosso objetivo no aconselhamento não é o deleite das pessoas a quem nos esforçamos por ajudar, mas o agradarmos a Deus. Nossa preocupação deve ser a de falar a verdade em Cristo e com amor, com nossa consciência confirmando os fatos sob a luz do Espírito Santo (Rm 9.1). As pessoas devem sempre ser encorajadas a refletir sobre o conselho que damos (1Co 10.15). Tal incentivo mostra que não somos autoritários, embora indiquemos um caminho, e que é nosso sincero desejo apresentar apenas a verdade de Deus – que o próprio Deus confirmará na consciência das pessoas (2Co 4.2).

Reconhecendo nossos limites

O trabalho pastoral está sempre além da nossa capacidade. Nossa confiança não deve estar em nossa *expertise*, treinamento ou experiência, mas na capacidade de Deus em utilizar-nos, instrumentos frágeis cheios do seu Espírito. Por essa razão todo o trabalho pastoral deve ser vinculado à oração. Sem a capacitação da graça de Deus, nenhum incentivo, exortação, admoestação ou conselho espiritual vai fazer algum bem; e devem ser apoiados pela oração (cf. Rm 15.5-6).

No aconselhamento, não visamos competir com o médico, o psicólogo ou o psiquiatra. Devemos reconhecer o momento em que temos de dizer, “Você precisa de ajuda especializada de outro tipo, não apenas ajuda espiritual”. Podemos causar um grande dano se não conseguirmos tomar essa atitude, porque podemos sugerir, implicitamente, que o problema da pessoa é totalmente espiritual, quando pode estar longe disso. Uma maneira de testar se o problema de uma pessoa é ou não espiritual é aplicar o remédio espiritual. Se isso não for suficiente, devemos considerar a possibilidade de investigar alguma outra área. Nesse ponto, devemos ser diligentes em incentivar a pessoa a procurar a solução do problema em outro lugar.

Uma maneira prática de mostrar o reconhecimento de nossas próprias limitações é nos identificarmos com os outros em qualquer exortação ou conselho que damos. É sempre melhor dizer “nós” onde honestamente podemos fazê-lo, do que “você”. Ao referir-se ao grande objetivo da experiência cristã, Paulo escreveu aos filipenses:

Irmãos, quanto a mim, não julgo havê-lo alcançado; mas uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que para trás ficam e avançando para as que diante de mim estão, prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus. Todos, pois, que somos perfeitos, tenhamos este sentimento; e, se, porventura, pensais doutro modo, também isto Deus vos esclarecerá (Fp 3.13-15).

Todos são importantes para nós, devem estar cientes de que estamos na mesma batalha e que não falamos como cristãos profissionais, mas como eles, membros da família de Deus. Assim como traz conforto imensurável saber que nosso Sumo Sacerdote foi testado em todos os sentidos como nós o somos – embora ele, exclusivamente, sem pecado –, é um incentivo para o rebanho saber que os pastores são feitos do mesmo material que eles próprios.

Nossa grande confiança

Quando ajudamos o povo de Deus pastoralmente, temos uma tremenda fonte de confiança: é que, quando Deus inicia uma boa obra na vida das pessoas, ele a continuará até o dia da volta de Jesus Cristo. O fator escondido em todo incentivo, ou exortação, conselho ou correção difícil que oferecemos, é que Deus Espírito Santo habita no crente para apoiá-lo, e aplica nele uma força que nós não possuímos. Nossa confiança de que as pessoas vão reagir e responder da maneira correta não está na natureza humana, mas no trabalho de Deus em cada um deles. Isso explica por que Paulo falou de estar confiante no Senhor a respeito do comportamento dos cristãos (2Ts 3.4; Fm 21). Sem essa confiança desesperaríamos; com essa confiança somos corajosos e fortes para cumprir qualquer responsabilidade pastoral.

Capítulo 9



Cuidado pastoral – aspectos práticos

Ao nos voltarmos para os aspectos práticos do cuidado pastoral, observaremos uma enorme variação nas circunstâncias e responsabilidades colocadas sobre os pastores. Ao descrever nossas próprias abordagens, não queremos dizer que são as melhores, mas esperamos que, onde houver pastores nos estágios iniciais de seu trabalho, nossa experiência possa fornecer alguns marcos, e que outros encontrem o estímulo de avaliar as abordagens de outras pessoas como de utilidade para a criação de uma abordagem própria.

Visitas domiciliares

As expectativas de uma congregação escocesa e sua contraparte estadunidense constituem uma área em que as diferenças culturais entre Edimburgo e Cleveland são mais óbvias. Em cada contexto, o objetivo é o mesmo. Desejamos exercer um cuidado pastoral e de supervisão de forma a expressar um interesse pessoal e preocupação com o bem-estar das pessoas. Na Escócia, um telefonema pode ser entendido como falta de vontade de fazer um esforço extra (visitar a casa), enquanto que nos Estados Unidos uma visita à casa pode ser encarada como um exercício desnecessário ou até mesmo uma intrusão. Não é prudente, entretanto, generalizar, porque há uma grande diferença entre as expectativas de uma pequena congregação rural na Louisiana e uma congregação espalhada por mais de 80 quilômetros quadrados nos subúrbios de Chicago.

O fato de um pastor e pregador bem conhecido raramente ligar para quem quer que fosse deu origem a uma história que pode muito bem ser apócrifa. Um dos seus presbíteros estava doente, e o pregador, que por acaso estava no bairro, pensou em fazer-lhe uma visita. O presbítero, olhando para a porta e vendo o pregador, exclamou: “Eu não estou tão doente, estou?” Embora haja, obviamente, situações em que não se espera que o pastor faça visitas frequentes, muito trabalho pastoral precisa ser feito nas famílias, e nosso povo não deveria se surpreender quando nos preocupamos com eles dessa maneira.

A visita pastoral é mais do que uma ligação social. No entanto, ela assume um aspecto de ligação social na medida em que estamos interessados nos indivíduos como pessoas, em suas famílias, suas preocupações e interesses. Na Escócia, nossas visitas, antecedidas de ligações, geralmente não são ocasiões formais, em que as pessoas sentem que devem ter a casa impecável e nos recebem em seu melhor cômodo, com as crianças devidamente avisadas para se comportarem bem. Uma visita surpresa ajuda a evitar este tipo de recepção, e há muito a ser dito sobre isto. Nos Estados Unidos, por outro lado, as visitas sem agendamento prévio podem se revelar inconvenientes para as pessoas, e será muito melhor se as planejarmos com antecedência. Nos Estados Unidos, as famílias são muito bem capazes de apreciar a expressão de cuidado pastoral do pastor quando este aparece no encontro de natação das crianças ou no jogo de futebol de sexta-feira à noite. Quanto mais conhecermos nosso povo, tanto mais saberemos qual a melhor abordagem.



DP Se eu visitasse um casal de idosos sem família, que se esforçaria muito para preparar a casa para uma visita, eu tentaria ligar quando estivesse passando, sem deixá-los saber de antemão. Se fosse um jovem casal com filhos, eu ligaria com antecedência – às vezes até uma semana antes – e agendaria um horário em que tanto o marido como a esposa estivessem em casa, e quando a rotina dos membros mais jovens da família não fosse perturbada por minha visita. Precisamos ser sensíveis às diferentes circunstâncias das pessoas. Telefonar com uma semana de antecedência e planejar uma visita pode provocar pânico em indivíduos supersensíveis, que ficariam imaginando alguma razão sinistra para a visita. Nesse caso, é muito melhor esperar até que vejamos essas

pessoas na igreja e então dizer casualmente: “Eu gostaria de ligar e vê-los em algum momento. Será que quarta ou quinta-feira seria conveniente?”.



AB Com nossa congregação espalhada por uma grande área geográfica, as visitas domiciliares são quase sem exceção planejadas, e muito frequentemente são agendadas para tratar de uma crise. Em mais de vinte anos, eu não consigo pensar em nenhuma visita domiciliar que não tenha sido marcada por conta de luto ou de uma questão de disciplina da igreja, ou alguma outra questão importante na família.



A visita pastoral não deve nunca ser simplesmente uma tarefa a ser cumprida, a fim de que ninguém possa dizer que uma casa ou determinado indivíduo não foi visitado ou para acalmar a consciência. A preocupação de Paulo em visitar os cristãos romanos “na plenitude da bênção de Cristo” (Rm 15.29) proporciona um bom objetivo. Devemos sempre ir prontos para falar de coisas espirituais, e com a intenção deliberada de fazê-lo, desde que o Espírito de Deus não coloque nenhuma restrição sobre nós naquele momento. Nossa visita deve fazer o bem; ela deve contribuir com algo para o bem-estar espiritual daqueles a quem visitamos. Como o sol brilhando sobre os nosso rosto e nosso corpo traz uma sensação de bem-estar, assim nossas visitas devem trazer uma consciência do brilho gracioso de Deus sobre seu povo.

Todos os tipos de disciplinas podem ser levantados ou discutidos em uma visita pastoral, e nosso objetivo deve ser o de elevar qualquer discussão ao mais alto nível, e, sempre que possível, relacioná-la com a pessoa e a obra de nosso Senhor Jesus Cristo. Não se trata de um exercício artificial. Instando a humildade e união ao povo de Deus, Paulo não hesitou em exortá-los a ter neles a mente de Cristo (Fp 2.1ss). Ao lidar com as complexidades do relacionamento conjugal, ele falou do relacionamento de Cristo com sua noiva, a igreja (Ef 5).

No meio de uma conversa, talvez em um assunto difícil, uma oração de direção a Deus, pedindo-lhe para nos mostrar como relacionar a conversa com a pessoa e a obra de Cristo não ficará sem resposta, e vai transformar uma visita que seria desastrosa em uma de considerável benefício.

Inevitavelmente, haverá ocasiões em que as pessoas expressarão críticas com relação a outros cristãos. Pensamos que é útil, para conter o que quer que seja dito, sempre dizer algo de positivo sobre o indivíduo em questão, e, em seguida, incluir deliberadamente essa pessoa de forma positiva em nossa oração final. Essa prática desencoraja as pessoas a expressar críticas injustas, e nos salva de sermos citados como concordando com suas críticas. Mais importante ainda, pode ser o exato corretivo que alguém necessita para ver o bem no outro, ao invés do mal.



DP A menos que seja uma primeira visita, considero meia hora a duração ideal de tempo, exceto quando surgir na conversa uma questão importante que demande ser resolvida imediatamente. Normalmente, eu passaria a primeira metade da minha visita falando sobre as coisas em geral, com o foco na família e no trabalho das pessoas, de modo que, ao orar por eles, eu pudesse orar de forma inteligente. Nunca devemos esquecer que um objetivo da nossa visita é conhecer melhor as pessoas e suas circunstâncias, para podermos ser fiéis em nossa oração privada por elas. Na segunda metade da visita, eu compartilharia alguma coisa das Escrituras e oraria sobre os assuntos que ocuparam a nossa conversa.



AB Tento adotar um padrão semelhante quando encontro com indivíduos ou casais pela mesma razão, mas em meu escritório, em vez de em suas casas. É muito fácil falar por mais tempo enquanto concretizamos menos.



É sempre melhor que as pessoas sintam que a nossa visita é muito breve do que muito longa. As visitas de Alexander Whyte – o muito amado ministro da igreja livre de St. George, Edimburgo – eram muitas vezes breves, mas muito apreciadas. Em um folheto memorial, a Sra. Robert Simpson escreveu:

Ele não pôde realizar tudo o que teria gostado, mas muitos de nós sabemos o que suas visitas significavam para nós. Ele não ficava muito tempo, nunca falou muito, mas o que ele dizia – quão conciso, quão verdadeiro, quão ao ponto, quão cheio de fortalecimento e conforto! Uma visita nunca esquecerei; ele entrou e pôs-se no sofá e repetiu:

“Ele dá a conquista ao fraco,
Apoia o coração desfalecido,
E coragem na hora má
Seus auxiliares celestiais compartilham.”

Em seguida, uma palavra de oração e ele se foi. Sem dúvida, a vários outros naquela tarde, ele trouxe força e conforto com essas palavras.

As palavras que Alexander Whyte citou são do quinto verso da Paráfrase 22 no Saltério escocês, de Isaías 40.27-31.

Se as pessoas não estão em casa quando vamos visitá-las, é valioso deixar uma nota ou escrever uma breve carta explicando nossa falta de sucesso em encontrá-los. Isso significa que a visita não é totalmente desperdiçada, já que a pessoa passa a conhecer a nossa intenção de vê-la e prepara o caminho para uma nova visita. Citando a mesma paráfrase, não tendo encontrado alguém em casa naquele dia, Alexander Whyte escreveu: “Se eu tivesse visto você quando chamei, eu teria lhe dado a palavra do profeta, quando ele foi visitar os doentes em Jerusalém – ‘Ele dá a conquista aos fracos.’” Tal nota pode realizar tanto quanto a visita pretendida.

Visitas evangelísticas

Além de visitas a membros do rebanho, haverá visitas àqueles que ainda não são cristãos. Além de sermos pastores, somos médicos espirituais e parteiros.

DP Para mim essas estão entre as visitas mais estimulantes e gratificantes para se fazer, e ainda assim elas podem ser deixadas de lado por outros deveres pastorais. Descobri que a única salvaguarda contra isso foi a decisão de reservar uma noite por semana para essas visitas. A maioria era solicitada por pessoas que assinaram o cartão de visitante na igreja em algum domingo ou que se apresentaram a mim depois de um culto de domingo,

no contexto feliz de um desejo de saber mais da fé cristã. Minha regra geral era lidar com os casais eu mesmo, deixando para os solteiros a visita aos de seu próprio sexo.

Eu sempre precedia minha primeira visita de um telefonema ou de uma carta. Quando as pessoas têm uma família, nem sempre é fácil para elas dizer imediatamente ao telefone qual noite será conveniente. Ao escrever uma breve nota eu sugiro uma data e uma hora, sugerindo que a ausência de resposta deles será assumida como sendo conveniente a data proposta e, por outro lado, que eles não hesitem em me ligar se preferirem outro horário. Então, muitas vezes, a última etapa da noite é preferível melhor momento, pois as crianças já teriam sido colocadas na cama e a casa estaria em ordem após a movimentação do dia. Para uma conversa espiritual rentável, é melhor evitar distrações desnecessárias.

É emocionante fazer uma visita e sentir-nos como um par-teiro que chega no tempo exato de testemunhar o milagre do nascimento. Eu posso olhar para trás para ocasiões em que o Espírito de Deus já tinha trabalhado através da pregação da Palavra de Deus, e encontrado a pessoa ou casal esperando para responder ao convite de Deus em Cristo para a sua salvação. Outras visitas podem indicar o início de interesse espiritual ou busca genuína por Deus. Quando for esse o caso, nada é mais rentável do que sugerir que iniciemos um estudo regular da Bíblia juntos. Descobri que não poderia fazer isso de forma realista com mais do que um ou dois casais em uma semana, e é vital trazer outras pessoas que possam compartilhar desse ministério.

Lembro-me de um número de casais com quem eu abordei 1Pedro durante vários meses. A minha escolha de 1Pedro foi influenciada pela forma como essa epístola lida com todos os aspectos da doutrina cristã em um breve compasso. Meu procedimento com alguns dos casais foi nos encontrarmos depois da nossa reunião de oração da igreja na segunda-feira à noite. Nós nos limitávamos a 30 minutos, o que significava que o casal sabia que os nossos momentos juntos seriam disciplinados, e isso também significava que eu estaria em casa às 10 horas da noite! Nós passamos pela epístola, versículo a versículo; eu os explicava da maneira mais simples possível. Quando chegávamos no final da carta, muitas vezes eles se regozijavam na salvação de Deus e começavam a ver os benefícios do estudo

bíblico. Eu gostaria de ter encorajado e treinado mais pessoas para compartilhar isso.



AB Tal visitação é incomum para mim agora, mas não desconhecida. Sem negligenciar essas oportunidades, tive de aprender a passá-las não apenas para os obreiros da equipe pastoral, como também para a congregação como um todo. É uma fonte de grande incentivo para os outros, assim como quando as pessoas, por ocasião do seu batismo, compartilham como, no contexto de um estudo bíblico evangelístico, elas vieram à fé em Cristo.



Visitação hospitalar

As visitas hospitalares são uma das prioridades de um pastor. Raramente chegaremos mais perto de nosso rebanho, ou eles buscarão mais o nosso encorajamento espiritual, do que quando não estão bem, e quando, talvez, o futuro seja incerto no que tange à saúde deles. Uma vez que saibamos da hospitalização de alguém, quanto mais cedo uma primeira visita puder ser feita, melhor. Além de ser reconfortante para o paciente e uma evidência da urgência do nosso carinho, isso significa que nós nunca somos pegos de surpresa pela deterioração repentina da saúde de alguém ou por doença grave.

Hospitais são generosos em nos conceder o privilégio de visitar pacientes fora dos horários normais de visitas. Esses horários devem inclusive ser evitados, a menos que precisemos encontrar os parentes e amigos da pessoa que está doente. Não é justo usurparmos tempo de visita que um paciente poderia desfrutar com sua família e amigos, e é muito melhor poder falar com as pessoas sozinhas, a fazê-lo com outros presentes. Como visitantes privilegiados, nunca devemos entrar em uma ala sem verificar com a enfermeira responsável se isso é conveniente, e é bom expressar a nossa gratidão ao sair.

Temos de exercer particular discernimento em visitas ao hospital. Se alguém está gravemente doente, e pouco capaz de sustentar uma conversa, dois ou três minutos são mais do que suficientes para compartilhar um versículo apropriado da Escritura e para fazer uma breve oração pedindo a

ajuda de Deus para o paciente, e sua bênção sobre as pessoas próximas a ele ou ela. É melhor fazer visitas frequentes de dois ou três minutos do que uma visita demorada que cansa e embarça. Quando um paciente está bem o suficiente para receber visitantes, 10 a 15 minutos é o período de tempo para termos em vista. Qualquer coisa além disso, fora do horário de visita, significará exceder o tempo de nosso privilégio, e poderá cansar o paciente, que não o mencionará por cortesia para conosco.

É útil perguntar: “Como você gostaria que eu orasse por você?”, uma vez que isso pode tornar mais fácil para ele compartilhar seus medos ou ansiedades, que de outra forma talvez não sentisse que poderia expressar. Compartilhar dessa maneira íntima, invariavelmente, traz textos relevantes das Escrituras à mente, e então orar juntos permite levar sinceramente medos e ansiedades a Deus. Quando um versículo adequado das Escrituras para alguém no hospital volta para nós com uma força particular, pode ser útil digitá-lo em um pequeno pedaço de papel ou cartão, e deixá-lo com a pessoa no hospital.

Se estamos visitando as pessoas em suas casas ou no hospital, e sentimos que a nossa visita foi ineficaz e pouco realizou, nosso recurso deve ser a oração, não o desespero. Thomas Boston, cuja prática era visitar cada uma das suas famílias em Ettrick, Selkirkshire, na fronteira escocesa, uma vez por ano, conta como ele foi chamado para visitar uma mulher moribunda. Ele escreveu em seu diário:

Estar com E. P. na noite da véspera de sua morte e conversar com ela não me trouxe satisfação, o que me afetou muito. Então eu vim para o meu *closet*, e me decidi a lutar com Deus por ela; e depois fui vê-la novamente, e fui muito reconfortado; de modo que o meu espírito estava mais do que ordinariamente elevado. Ela disse que havia se fixado nessa palavra: “Tu te prostituíste com muitos amantes; mas ainda assim, torna para mim, diz o Senhor”.

O exemplo de Boston é útil. Uma visita difícil ou decepcionante não deve ser usada para descartar uma nova visita, mas sim, para incentivar outra, após mais oração. Há poucas alegrias que superam ver uma mudança espiritual para melhor, uma vez que Deus, obviamente, honra a perseverança.

A importância das cartas

As próprias cartas do Novo Testamento ilustram o valor das cartas no trabalho pastoral. A maioria daquelas cartas são pastorais, e algumas foram

escritas para indivíduos como as endereçadas a Filemom, Gaio, Timóteo e Tito. Às vezes, uma visita pastoral pode não ser possível, e há situações em que uma carta é mais adequada do que uma visita ou pode preparar o caminho para ela. F. W. Boreham*, em sua deliciosa autobiografia, expressa o valor das cartas no trabalho pastoral:

Muitas vezes recai sobre o ministro a situação de se aproximar das pessoas, e em especial dos jovens, abordando temas os mais delicados e importantes. De suas decisões dependerá muito sua felicidade futura e utilidade. Como ministro, devo, portanto, continuar o que venho fazendo com o máximo cuidado. Devo buscar um encontro pessoal? Mas uma conversa cara a cara pode ser uma questão embaraçosa. Posso não dizer exatamente o que eu queria dizer; e forço o meu amigo a falar imediatamente, sem pesar cuidadosamente os problemas. Mas veja o quão melhor eu posso me sair com a cooperação da agência dos correios! Sento na minha mesa e escrevo exatamente o que eu quero dizer. Não tenho nenhuma necessidade de completar uma frase até que eu esteja plenamente satisfeito com o resultado. Posso fazer uma pausa para pensar sobre a palavra exata que eu desejo empregar. E se, quando finalizada, a minha carta não me agradar, posso rasgá-la e escrevê-la novamente. Não sou levado a falar de improviso ou a usar uma frase descuidada. Estou livre do efeito inevitável da presença de outra pessoa sobre a minha expressão. Não sou constrangido pela vergonha que ele sentiria ao ser abordado em tema tão vital. Estou tranquilo, controlado, sem pressa e livre. E as vantagens que tenho ao compor a carta são compartilhadas com ele ao recebê-la. Ele está sozinho, e, portanto, completamente ele mesmo. Não está desconcertado com a presença de um interlocutor. Não precisa se preocupar com etiqueta ou cerimônia. Ele tem a vantagem de ter a situação declarada a ele tão vigorosamente e tão bem quanto eu possa colocá-la. Ele pode ler a carta com tranquilidade e em silêncio, sem a sensação desconfortável de que, em algum momento, ele precise formular algum tipo de resposta. Se está irritado com minha intromissão em seus assuntos particulares, tem tempo para se recuperar de seu descontentamento e refletir que sou movido apenas pelo desejo de seu próprio bem-estar. Se ele se sente lisonjeado pela minha atenção, tem tempo para lançar de lado tais considerações superficiais e enfrentar o problema por seus próprios méritos. O assunto

* Frank William Boreham (3 de março de 1871, Tunbridge Wells, Kent, Inglaterra - 18 de maio de 1959, Melbourne, Victoria) foi um pregador batista, mais conhecido na Nova Zelândia, Austrália e Inglaterra. [N.T.]

afunda em sua alma; torna-se parte de sua vida normal e pensamento; e, no momento em que nos encontrarmos, ele estará preparado para falar sobre isso sem constrangimento, sem sentimento pessoal, e sem reservas indevidas. Em tais assuntos, e eles estão entre os mais importantes com os quais um pastor é chamado a lidar, a agência de correios é de ajuda inestimável para qualquer um.¹



DP Inevitavelmente nos veremos ajudando pessoas com problemas conjugais, e é aqui que as cartas podem ser mais úteis para preparar o caminho para uma visita. Se ligarmos de antemão não podemos deixar de falar com apenas uma das partes envolvidas, e ele ou ela podem hesitar em falar em nome do outro. A primeira reação também pode ser de ressentimento com o nosso interesse ou intrusão. A vantagem de uma carta dirigida ao mesmo tempo ao marido e à mulher, é que ambos podem lê-la, ter tempo de superar o que pode ser a sua hesitação inicial, e então se preparar para nos receber.



A organização do cuidado pastoral

O cuidado pastoral eficaz requer organização e o melhor é fazê-lo frequentemente, espontaneamente e de forma aparentemente casual. Assim sendo, por trás da melhor espontaneidade e aproveitamento de oportunidades casuais, geralmente há organização.



DP Tenho em mente o hábito referido anteriormente de escrever a cada dia um versículo das Escrituras que fale comigo, e sobre o qual eu possa meditar. Em todas as oportunidades pastorais que eu tiver naquele dia e onde for apropriado fazê-lo, eu pretendo compartilhar esse versículo. Isso pode ser ao encontrar alguém na rua, durante um telefonema inesperado

ou, algumas vezes, ao escrever uma carta. Tudo isso é importante porque Deus é soberano na organização do nosso dia.



Cada dia é composto de uma variedade de contatos, e nunca podemos ter certeza de quem pode estar mais necessitado de incentivo, exortação ou admoestação. Ao reconhecer que Deus pode estar por trás do acaso de nosso encontro ou da chamada telefônica, ou da carta que recebemos ou enviamos, começamos a perceber que nada deve ser visto como uma interrupção, e sim como uma oportunidade. A organização do cuidado pastoral começa, como já sugerido anteriormente, na oração sistemática por pelos que estão sob nossa responsabilidade. É útil orar no início de cada dia pelas oportunidades inesperadas que teremos, uma vez que isso nos alerta para suas possibilidades e nos dá olhos para vê-las.

Para organizar o cuidado pastoral, devemos estabelecer prioridades. Nós colocaríamos no topo da lista o recém-convertido. É muito fácil de nos alegrarmos ao ver as pessoas vindo para a fé em Cristo, e então negligenciarmos a sua nutrição espiritual. O tempo para incentivá-los a ser instruídos na fé cristã é o que decorre imediatamente após a sua conversão. Eles estão prontos para isto, como em nenhum outro momento, e é esse também quando mais necessitam de instrução. Como pastores, há limites sobre o tanto de tempo que podemos dedicar aos recém-convertidos como indivíduos, especialmente se temos o privilégio de cuidar de vários de uma vez. Neste último caso, o melhor meio de instruí-los e de encontrá-los com frequência é algum tipo de classe de discipulado. Isto tem a vantagem de levar o recém-convertido a ter contato com outros cristãos nas mesmas condições que ele. Ao mesmo tempo, devemos em oração ligar o recém-convertido com um cristão mais experiente na fé que seja do mesmo sexo, que possa manter um olhar atento sobre ele ou ela e garantir que o cuidado pastoral individual está disponível. Será vantajoso se essa pessoa puder vir para a classe de discipulado com o recém-convertido, sempre que possível.

Em segundo lugar deve vir o doente e o atribulado. Dentro desse grupo, também teremos que determinar as prioridades. Alguns pacientes terão estadias de longa duração no hospital, especialmente os idosos. Outros sofrerão emergências, em que a própria vida está em risco. Estes últimos têm claramente prioridade.

Frequentemente seremos chamados a ajudar aqueles que estão sofrendo. Nossa primeira tarefa será descobrir se a pessoa é cristã, ao procurarmos por uma noção de pecado e uma consciência do amor de Deus e do amor

por ela. Se estes não existem, então devemos lidar com a pessoa como alguém que não é convertido. Se a pessoa é claramente cristã, não podemos deixar de reconhecer que o sofrimento pode ter raízes físicas ou psicológicas. Alguém pode, por exemplo, ter um histórico de depressão. Se estiver claro para nós que o problema é essencialmente espiritual, devemos buscar a sua causa, seja em pecado não confessado que talvez não tenha sido reconhecido, ou em um ataque do inimigo das almas, ou em um período de deserção espiritual temporário para o qual Deus tem um bom propósito.

Ajudar o atribulado na mente exige muito tempo e paciência. Se o problema não é claramente espiritual, devemos ser rápidos em reconhecer isso e incentivar a pessoa a procurar ajuda médica, à qual ela pode muito bem estar resistindo por causa de um sentimento errôneo de falha por causa da aflição. Nossa tarefa é, então, tranquilizar a pessoa e incentivá-la a aceitar o tratamento como parte da provisão e do cuidado graciosos de Deus.



DP Os cristãos com novas experiências, tais como os que ficaram noivos ou se casaram, e aqueles se regozijando no dom de crianças, devem ter um lugar em nossas prioridades. Sempre que um casal ficar noivo, é valioso escrever-lhes de imediato e, além de felicitações que expressem nossos melhores desejos e orações, devemos sugerir que teremos o maior prazer de encontrá-los depois de qualquer culto para orarmos pelo seu futuro. Essa sugestão sempre foi recebida com entusiasmo, abrindo para o casal a oportunidade de compartilharem os seus planos e de orarmos juntos.

Sempre planejei ter uma sessão com todos aqueles cujos casamentos eu iria celebrar, dedicando a maior parte do tempo para falar sobre a vida em conjunto, como casal, tentando ser o mais prático possível, e usando as Escrituras como guia. Sempre desejei ter mais tempo para me dedicar a isso, mas senti que era melhor ter uma única sessão com cada casal separadamente, em vez de juntar todos os futuros casais para uma série de reuniões.

Tão importante quanto o que dizemos em tais reuniões é o estabelecimento de um bom relacionamento com cada casal, já que tal relacionamento pode ser de considerável importância nos anos vindouros em um momento de crise. Eu complementava a sessão presenteando-os com um livro cristão sobre o

casamento. A ideia evoluiu, posteriormente, e vários casais passaram a conduzir uma série de reuniões em suas casas, acolhendo os que estavam prestes a se casar. Eram os “Construtores de lares”. Tendo discutido o formato dessas reuniões, saí de cena, deixando o assunto para os casais responsáveis e essa medida completou a instrução que eu busquei ministrar.

Sempre vale a pena separar um tempo para visitar os novos pais, a fim de orar com eles em ação de graças pelo dom dos filhos, embora isso seja às vezes impossível, por causa da falta de oportunidades à noite. Minha esposa visitou as mães de nossa congregação sempre que os seus bebês nasciam, normalmente enquanto eles ainda estavam no hospital ou imediatamente após o seu regresso para casa. Ela era muito mais capaz nessa tarefa, e sua chegada quando da amamentação do bebê não causava constrangimento, como a minha chegada poderia ter feito.



AB Nos meus primeiros dias em Parkside tentei funcionar da mesma forma que Derek descreve. Ao longo do tempo, conforme tanto a congregação como a equipe pastoral foi crescendo, eu compartilhei esses privilégios. Para alguns, pode parecer que essa delegação é para mero benefício pessoal. Pelo contrário, descobri aspectos do cuidado pastoral que eram minha responsabilidade quando éramos menores que muito raramente tive a oportunidade de desfrutar. Há, naturalmente, um perigo peculiar nisso, qual seja, o de tornar-nos tão divorciados dos detalhes que perdemos qualquer senso realista de envolvimento na vida da congregação. Estar alerta para o perigo é uma coisa, outra coisa é garantir que isso não aconteça. A questão importante para a congregação é que eles estão sendo cuidados.



O caráter urgente de algumas necessidades pastorais não deve expulsar o que aparentemente não é urgente. Se dedicarmos nossas energias para crises, podemos perder o envolvimento regular e sistemático que visa antecipar problemas, de modo que muitos possam ser prevenidos completamente.

Assim como a medicina preventiva é melhor do que a cirurgia, também é preferível um contato pastoral mais regular a encontros de crise. Um dos problemas do cuidado pastoral e da visitação é que se trata de um trabalho sem fim, e nós nunca sentimos que fizemos o suficiente. Não importa como o abordemos, é inevitável sentir que poderíamos ter feito mais. Quanto mais fizermos, mais também é esperado. No entanto, tais considerações não devem ser usadas para justificar o desânimo; pelo contrário, elas apontam para a prioridade de nos esforçarmos para agradar a Deus, em vez de as pessoas em nosso trabalho pastoral, e para desenvolver um programa pessoal que esteja adaptado às nossas próprias responsabilidades pastorais, e para que o sigamos, reconhecendo que Deus nunca exige mais de nós do que o que é certo, mesmo que as pessoas o façam.

Dois programas pessoais

Durante a organização do nosso trabalho pastoral é de grande ajuda escrevermos os princípios pelos quais sentimos que devemos trabalhar, determinando ao mesmo tempo que não vamos ser tão rígidos na sua aplicação a ponto de eles se tornarem uma camisa de onze varas. Compartilhamos essa convicção com algum sentimento de que, em retrospectiva, muitas das pressões que vivemos no trabalho pastoral foram autoinfligidas – às vezes, exigimos mais de nós mesmos do que Deus espera. Ao mesmo tempo, cada pastor prefere exigir muito de si mesmo a exigir pouco. Aconteça o que acontecer, não devemos perder o contato com o Supremo Pastor e tampouco abandonar a sua orientação e paz.

A situação de cada comunhão de igreja é diferente em seu tamanho, na faixa etária de seus membros, a área em que está localizada e no número de pessoas na equipe pastoral. Ao compartilhar as maneiras pelas quais temos organizado o cuidado pastoral, o fazemos não como um guia que sugerimos a outros – isso seria presunção –, mas na esperança de que isso possa estimular ideias sobre formas de fazê-lo de maneira mais eficaz.



DP Meu padrão foi o de registrar em meu diário uma nota sobre aqueles que eu deveria contatar, visitar, ou combinar de ver em futuro imediato. Sempre houve algumas visitas que eu não conseguia levar adiante com tanto empenho tanto quanto para outras, talvez por causa da oposição que eu previa, ou porque o

objetivo era advertir por comportamento displicente ou crítica. Aprendi a fazer essas visitas em primeiro lugar, e não permitir que elas fossem para a parte inferior da lista e fossem preteridas por visitas legítimas, porém, não tão urgentes. Invariavelmente, não achei as visitas tão difíceis quanto eu tinha imaginado.

Busquei manter a segunda à tarde livre para minhas visitas regulares ao hospital. Se as pessoas iam para o hospital em algum outro dia da semana para uma cirurgia, eu sempre aparecia um dia antes da operação, a fim de orar com elas e incentivá-las por meio de um verso ou passagem da Escritura. Muitas vezes escrevia o texto de antemão em um pedaço de papel ou cartão para deixar com elas. Esta última prática é vantajosa se, como às vezes acontece, o paciente está indisponível devido a procedimentos preparatórios para a operação.

Cada noite de segunda-feira – noite de nossa reunião de oração da igreja –, eu dedicava os 45 minutos anteriores para estar disponível no escritório da igreja ou na sacristia para as pessoas que quisessem me ver, algo que invariavelmente acontecia no domingo anterior. Dividi esse tempo das 19 horas às 19 horas e 45 minutos em três partes de 15 minutos. Não parece muito tempo, 15 minutos, mas considerei adequado para a maioria das questões, e assim alcancei um uso disciplinado do tempo. Tendemos a usar o tempo que está disponível. Se fosse necessário mais do que um quarto de hora para estabelecer claramente a verdade, eu então me organizaria para atender a pessoa em questão no futuro imediato para uma conversa mais aberta.

Cada segunda-feira, aplicando o princípio da precaução mencionado anteriormente, um dos presbíteros estava de plantão. Era sua tarefa ficar na sala que leva à sacristia, de modo a acolher as pessoas e conduzi-las. Senti que isso era bom para mim e para aqueles que viessem, e cumpria o princípio de nunca entrevistar ou aconselhar ninguém do sexo oposto em uma igreja vazia. Estar disponível toda semana dessa forma faz com que seja mais fácil para as pessoas tomar a iniciativa de fazer contato especialmente considerando o grande número de pessoas para com as quais temos responsabilidade, e que nossa principal tarefa pastoral é lidar com crises.

Paul Sangster, filho do Dr. W. E. Sangster, cita as palavras de seu pai relativas a uma prática semelhante, e é interessante refletir que os tipos de situações que podem se apresentar aos pastores realmente não mudaram:

Sendo o pastor de uma grande igreja central, pouco posso fazer, no tocante à visitação, do que visitar o que está muito doente. A maior parte de meu trabalho pastoral é feita em minha própria sacristia; meu povo (e outros que buscam minha ajuda) preenche meu tempo vindo até mim com hora marcada.

Passo muitas e muitas horas de cada semana dessa forma. Pego minhas agendas antigas e folheio suas páginas. Sozinho, fico lendo minhas anotações, e mesmo algumas poucas páginas me lembram a variedade de necessidades em que minha ajuda foi solicitada.

Há os homossexuais (em sua maioria homens) que vêm em toda a sua necessidade patética, para saber se há uma resposta para o seu problema na religião; há pessoas que não podem orar – a quem durante toda a sua vida (se têm mantido essa prática) a oração tem sido um dever e nunca uma alegria; há as pessoas que nunca tiveram uma experiência pessoal com Deus e honestamente não sabem o que isso significa, mas que foram provocadas pela pregação a questionar se a experiência plena, rica e evangélica é para todos os homens; há os que, de ambos os sexos, se masturbam; há os que superam a aversão a si próprios e contam sua triste história, porque no bairro todos sabem que se pode dizer tudo ao pastor, que ele nunca se escandaliza e nunca conta para os outros; há os casos de incompatibilidade doméstica e de infidelidades conjugais; o rapaz ilegítimo a quem, a pedido de sua mãe, eu tinha de dizer a verdade sobre seu parentesco; os casos de problemas mentais com suas obsessões e manias de perseguição; as pessoas para quem a fé é difícil e para quem os problemas intelectuais não são mera justificativa para o fracasso moral (...) o frustrado, o abatido e o desesperado.

Olho para trás ao longo dos anos e penso nas multidões que meu ministério ordinário deve ter tocado. Apenas Deus sabe quanto bem eu fiz a eles. Eu tentei! Deus sabe disso também. Várias noites eu me arrastei para casa quase cansado demais para me trocar antes do descanso.

Mas feliz! Ah, sim, feliz! Cumprindo o meu ministério. Nascido para fazer isso! Maravilhando-me na bondade de Deus em deixar-me fazer isso tudo. Sem sentir inveja do trabalho de ninguém.²

Eu, então, mantive uma noite por semana – geralmente duas ou três quartas-feiras no mês, quando não tinha reuniões

com os presbíteros ou com os diáconos – para visitar pessoas não cristãs com quem tínhamos feito contato como igreja, normalmente através do preenchimento de um cartão de visitante em um domingo. Se eu não separasse essa noite para fazer essas visitas, as exigências pastorais do rebanho se imporiam rapidamente. Precisava desse contato com os não cristãos e com o estímulo do evangelismo pessoal; e muitas dessas visitas deram frutos ao longo dos anos.

O tempo restante disponível para visita pastoral a cada semana eu dedicava a visitas sistemáticas aos mais idosos e a novas famílias. Nunca visitei mulheres que estivessem sozinhas em casa, a menos que tivessem idade suficiente para ser minhas avós. Se fosse necessário um cuidado pastoral, eu as convidava para nossa casa, onde minha esposa, quando não participava na conversa, estava por perto, ou visitávamos, minha esposa e eu, as moças e mulheres solteiras para um café após a reunião de oração da igreja.



AB Já deve ser evidente para o leitor que a capacidade e disciplina de Derek nesse tópico, como em outras áreas, embora ele próprio não iria dizer isso, são bastante excepcionais. Ponderar seu plano e sua execução é quase como ver alguém realizar uma façanha de rara coragem e, em seguida, observar o aviso que aparece na parte inferior da tela: “Não tente isso por conta própria”. Os princípios que sustentam o padrão de Derek podem e devem ser aplicados em nosso contexto, apesar de muito diferente do seu. Nosso cuidado pastoral deve ser exercido na medida em que mantemos contato com o Senhor Jesus e experimentamos sua paz e orientação. Nosso cuidado pastoral não deve ser caótico ou aleatório, mas planejado. Devemos aprender a não contornar as dificuldades, mas a enfrentá-las em oração e rapidamente. Devemos aprender a “agrupar” nossas tarefas, aproveitando o tempo antes e depois das reuniões, quando sabemos que haverá pessoas presentes. Nosso envolvimento pastoral deve incluir “fazer o trabalho de um evangelista” (2Tm 4.5). Devemos ser prudentes em todas as nossas relações, com um cuidado especial para não visitar qualquer mulher sozinha em sua casa, a menos que sejam idosas o

suficiente para ser nossas avós! Uma vez que Derek foi honesto o suficiente para admitir que ele tivesse, por vezes, exigido mais de si mesmo do que Deus o quis, nós talvez tenhamos de enfrentar o fato de que temos oferecido menos de nós mesmos do que Deus deseja.



A delegação de responsabilidades pelo cuidado pastoral

Quanto maior for a comunhão da igreja, mais o cuidado pastoral regular e sistemático e as necessidades de visitação precisam ser compartilhadas – uma vez que o número de crises é multiplicado – e é quando os grandes problemas surgem que pastores são inevitavelmente chamados.



DP Na minha segunda igreja, que foi uma grande congregação no centro da cidade, descobri que, tendo visitado sistematicamente todos os membros que não podiam sair de casa – cerca de 80 a 90 no total –, a maior parte do meu trabalho pastoral teve de ser dedicada a ajudar as pessoas em suas crises, e a responder àqueles que desejavam ver-me para conselhos e aconselhamento. Isso me obrigou a aprender a compartilhar e delegar responsabilidades pastorais. A primeira esfera da delegação pastoral era constituída pela equipe pastoral. Para a maior parte do meu tempo, no exigível cuidado pastoral, tanto em Londres quanto em Edimburgo, eu tinha um jovem assistente e uma conselheira/obreira. Como a maioria das crises tendiam a ser trazidas à minha atenção em primeiro lugar, eu lidava com elas inicialmente, muitas vezes ficava até a sua conclusão, ou trazia cuidadosamente alguém – quer da equipe pastoral ou de fora dela (muitas vezes um presbítero ou sua esposa) – para assumi-la, com o consentimento da pessoa que precisava de ajuda. A visita sistemática ao doente e àqueles confinados em suas casas foi delegada para o assistente e para a conselheira. Eles visitavam alguns semanalmente,

alguns mensalmente e outros, com frequência bimestral ou trimestral. Na situação de Edimburgo, dividimos a cidade em norte e sul, e eles se revezavam a cada mês para fazer a metade da cidade. O combinado era que eles me alertassem sempre que sentissem que minha presença era importante para qualquer daqueles a quem visitavam regularmente. Na visita hospitalar, uma vez que eu tinha feito a visita inicial quando uma operação era iminente ou em caso de doença grave, eles então se revezavam, garantindo sempre pelo menos uma visita semanal, e mais de uma visita, no caso de doença grave.

O trabalho do assistente consistia em assumir uma responsabilidade especial pelos estudantes e pelo trabalho com os jovens, e a conselheira por todas as mulheres na igreja, especialmente as mulheres solteiras. Nós nos encontrávamos a cada segunda-feira, no horário do almoço, para comer juntos, rever o trabalho pastoral da semana anterior, antecipar as tarefas da nova semana e para orar juntos por todas as pessoas que havíamos mencionado em nossa discussão, bem como para orar um pelo outro. Na primeira segunda-feira do mês, nos encontrávamos no início da manhã (pelas 8 horas) e observávamos o trabalho do mês; e tínhamos duas ou três sessões de oração, sem tempo definido para terminar.

Trabalhar como uma equipe implica confiança e cuidado mútuo. Esse trabalho provou ser correto em manter um equilíbrio entre uma reunião semanal regular, que foi mantida dentro de um limite de tempo estrito, e uma reunião mensal, quando não havia tal restrição. Isso significava que qualquer questão de momento que surgisse na reunião semanal que não tivesse sido adequadamente tratada ou pensada não iria ficar assim por muito tempo devido à oportunidade mensal de discuti-la em maior profundidade. Apesar de o trabalho ser em equipe, uma das pessoas tem claramente de ser o líder, especialmente porque alguns membros da equipe serão novos e provavelmente inexperientes. O líder da equipe deve incentivar a honestidade de uns para com os outros e o carinho mútuo. Ele, em particular, deve ser sensível às necessidades dos membros da equipe – espiritual e fisicamente – porque eles podem se sobrecarregar ou tornarem-se emocionalmente exaustos devido ao seu envolvimento na vida de outras pessoas. Como líder da equipe, ele pode instruí-los a tirar pausas que eles nunca dariam a si mesmos, e que, provavelmente, ele também não se concederia. Mas esse é o preço de uma boa liderança.

A segunda esfera de delegação pastoral era constituída pelo presbitério. A membresia foi mais ou menos igualmente dividida entre os presbíteros, e a eles foi fornecida uma lista com os nomes e endereços dos que faziam parte do seu grupo pastoral. Minha primeira preocupação foi que eles deveriam orar pelos membros de seu grupo pastoral diariamente, para que dessa maneira cada pessoa ou família fosse lembrada semanalmente diante de Deus. Nada melhor para manter as pessoas em nossos corações e para criar sensibilidade aos sussurros do Espírito de preocupação do que a intercessão. De vez em quando eu me referia a essa prática desejável, e tentei incentivar os novos presbíteros a ter essa atitude à medida que eram nomeados.

Fundamental para incentivar os outros a partilhar do cuidado pastoral é não ficar constantemente lhes dando lições sobre o que devem fazer. É melhor presumir seu envolvimento pastoral, transmitindo as informações relativas às pessoas cuidadas por eles. Sempre que possível, eu, ou um membro da equipe pastoral, passávamos a notícia imediatamente para um presbítero quando alguém em seu grupo era hospitalizado. Se o que sobrevinha era uma crise, e não implicava quebra de confiança, era comunicada de forma semelhante. Fiz questão de não pedir que os presbíteros visitassem ou agissem quando tal informação fosse transmitida, mas eles, invariavelmente, o fizeram, com eficácia crescente.

Um desdobramento útil dos grupos pastorais foi a reunião de todos os membros da comunidade da igreja em seus grupos pastorais de oração a cada quatro meses. Os membros da igreja foram encorajados a avisar os presbíteros caso não pudessem estar presentes. Isso significa que, três vezes por ano, um presbítero, alertado espiritualmente e pastoralmente, foi solicitado a fazer visitas ou contato com aqueles que não compareceram e cuja ausência não foi notificada. Uma vez por ano cada presbítero recebeu uma nova lista dos membros do seu grupo, e foi pedido que indicasse nela qualquer necessidade espiritual ou pastoral da qual sentia que a equipe pastoral deveria estar ciente, e para a qual eles deveriam votar sua atenção. Essa foi uma importante dupla verificação anual do que estava sendo feito para, por exemplo, saber se estávamos visitando todos os inválidos e propiciando tomar consciência de que, invariavelmente, a cada ano novas pessoas precisavam ser adicionadas

à lista. Isso também tornou muito mais fácil e mais eficiente a revisão anual dos membros, quando consideramos a necessidade de disciplina na igreja ou a remoção de alguém do rol de membros. Quanto mais cuidado pastoral eficaz é exercido ao longo do ano, menos tal disciplina é necessária.

A terceira esfera da delegação pastoral era constituída pelos responsáveis por áreas da vida corporativa da igreja. Na situação vivida pela igreja em Edimburgo, tivemos uma variedade de grupos: reunião dos jovens, comunhão das mulheres pela manhã, as jovens esposas, Grupo 35 (de pessoas entre 25 e 45 anos), Grupo 45 (os de 45 e mais anos), o comitê de estudantes, e assim por diante. Onde eles tinham um comitê, cada grupo foi encorajado a dividir seus membros entre os membros dos comitês para a oração. Alguns fizeram isso muito bem, e outros nem tanto. Mas o incentivo estava lá, o que gerou um espírito de cuidado. Encontrei-me com cada comitê uma vez no ano, com o objetivo de incentivá-los e para sublinhar a prontidão da equipe pastoral para ajudar em situações de necessidade das quais eles sentissem que deviam alertar-nos.

A quarta esfera, com inúmeras aplicações, era constituída por indivíduos deliberadamente incentivados a realizar a responsabilidade pastoral em relação a pessoas que eles se julgavam preparados para ajudar. Aqueles que são mais velhos e que geralmente permanecem em casa exigem mais do que a visita mensal que talvez a equipe pastoral possa razoavelmente gerir. O maior número dos idosos em nossa sociedade tende a ser de mulheres, e assim a conselheira cuidava de um grupo de mulheres que adotaram, cada uma, uma ou duas mulheres mais velhas para visitar regularmente. Segui um padrão semelhante ao confiar o cuidado de novos cristãos a indivíduos que não só mantivessem um olhar atento sobre eles, mas também fizessem o possível para integrá-los na vida de comunhão da igreja.



AB Em Parkside, nós constantemente nos adaptamos à mudança de tamanho e estrutura da nossa congregação. Nossas tentativas de dividir a congregação em grupos de presbíteros ao longo das linhas geográficas têm, até este momento, por uma série de razões, sido infrutíferas. Não afirmamos que tal

abordagem não vai funcionar, e continuamos a procurar maneiras significativas de “estender os nossos braços à volta” da congregação. Os presbíteros estão na vanguarda, entrevistando pessoas para a adesão à comunidade. Eles também assumem a liderança no ensino, ministrando aulas a recém-convertidos, bem como aos catecúmenos. Junto com membros da equipe da pastoral eles compartilham a liderança de vários aspectos do cuidado pastoral.

É comum, nas igrejas, a divisão de seus membros em função da idade. Embora isso seja até certo ponto inevitável e, em certos casos desejável, tentamos não permitir que a idade seja o fator determinante na criação de pequenos grupos. A fim de nos ajudar a pastorear uma congregação que é dividida entre os três cultos da manhã, incentivamos a participação de cada membro em um grupo de vida. Alguns destes se reúnem aos domingos e outros durante a semana, por toda a cidade. Eles existem para desenvolver a liderança, fornecer instrução bíblica, fomentar a comunhão e incentivar a evangelização. Uma pessoa de nossa equipe pastoral faz a supervisão dos líderes e professores desses grupos. No entanto, uma vez que nem todos os nossos membros estão envolvidos a esse nível, tal estrutura não nos permite cuidar de todo o corpo. Essa é uma das áreas em que, mesmo depois de 20 anos, sinto meu status de estrangeiro e encontro-me contando com os meus colegas para desenvolver modelos que sejam eficazes nesta cultura.



Cada situação exige a sua própria organização pastoral e estruturas para o cuidado pastoral. Charles Simeon organizou o lado pastoral de seu trabalho paroquial no final do século 18 e início do século 19, em Cambridge, através de uma “Sociedade Visitadora”. Ele descreveu o trabalho da equipe em sermão pregado em um de seus aniversários:

Ela [a Sociedade Visitadora] foi concebida para ir ao encontro dos trabalhadores e pobres modestos, em um momento de doença, e para administrar a eles alívio para o corpo, e ao mesmo tempo instrução para a alma. Ela dividiu a paróquia em áreas e nomeou dois membros da igreja, um homem e uma mulher, para serem responsáveis pelas casas em seu próprio distrito. Esses dois ficariam atentos

aos casos de angústia e necessidade especial, e foram autorizados a dar-lhes assistência a seu critério. Uma vez por mês os visitantes se reuniam sob a presidência do próprio Simeon, e informavam sobre o que tinham sido capazes de realizar, e eram aconselhados em casos de especial dificuldade.³

Simeon manteve esses visitantes por distrito durante 50 anos – um grande feito. Esse foi o trabalho de um pastor e mestre genuíno.

Embora nosso objetivo neste capítulo e no anterior tenha sido o de sublinhar a importância do trabalho pastoral, nunca devemos esquecer que não é a quantidade que conta, mas a qualidade. Não devemos ter tanta pressa em fazer aquilo que esquecemos de ser. Nossa própria renovação espiritual determina a utilidade do nosso ministério pastoral. Uma vez que sempre há mais trabalho pastoral a ser feito, podemos cair na armadilha de, correndo aqui e ali, deixar de lado nossa caminhada pessoal com Deus e nossos deveres para com a própria família. Nosso relacionamento com Deus deve ser protegido a todo custo.

Ainda assim, o trabalho de um pastor é um trabalho que envolve ansiedade. Como Paulo, nós saberemos o que é ser “[...] atribulados: lutas por fora, temores por dentro” (2Co 7.5), ser “abatidos, porém não destruídos” (2Co 4.9), lutar em favor dos fiéis (Cl 2.1), e “Além das coisas exteriores, há o que pesa sobre mim diariamente, a preocupação com todas as igrejas” (2Co 11.28). Mas não há trabalho que se compare a este, pois ninguém compartilha comunhão ou a alegria mais do que aqueles que cuidam adequadamente das ovelhas e colocam-se à disposição do Bom Pastor.

Capítulo 10



A condução do culto

Há poucos privilégios maiores do que conduzir os cristãos em seu culto a Deus. Pode ser de um púlpito ou de uma plataforma; pode ser uma grande congregação ou um grupo em casa. Muitas vezes nos esquivamos de antemão diante da enorme responsabilidade, e ainda encontramos grande alegria em cumpri-la.

Preparando-se para o culto

Sempre vale a pena verificar de antemão o *layout* físico dos locais de encontro com os quais não estamos familiarizados, de preferência antes que as pessoas cheguem. Com bastante frequência, um culto é conduzido a partir de um púlpito; às vezes, pode-se estar sobre uma plataforma ou a uma mesa. Verificamos primeiro se há um hinário ou livro de cantos, e o abrimos no primeiro ou cântico a ser cantado. Ou no caso em que as palavras são projetadas em telas, precisamos verificar se os *slides* foram preparados e que o técnico operando o computador está alerta para a tarefa. Se anunciamos o que vamos cantar e, em seguida, temos de procurar uma cópia impressa da letra, isso pode gerar uma distração desnecessária.

Temos também de ter a certeza de que há um copo com água. Nem sempre será necessário usá-lo, mas é reconfortante tê-lo por perto para o caso de uma comichão inesperada na garganta ou tosse, se estamos resfriados. É melhor ter a água lá do que – como é bem sabido que ocorre – alguma pessoa bem-intencionada ter de se levantar de seu assento e vir até você com um copo que pegou apressadamente da cozinha da igreja, causando

perturbação considerável. Se um culto é dirigido a partir de um púlpito, precisamos verificar se está na altura certa, caso seja regulável.



DP Sou muito baixo, e aprendi a fazer isso por me sentir desconfortável por causa da altura da mesa. A ocasião de que me lembro mais vividamente foi quando um culto evangelístico na University Christian Union teria início pouco depois do término do culto da noite, na igreja, e havia pouco tempo para deslocamento entre as duas congregações. Para evitar ser visto indo até o púlpito enquanto muitas pessoas estavam entrando no templo, eu não verifiquei a altura do púlpito. Quando me aproximei para iniciar o culto, descobri, para meu horror, que mal podia ver por cima da mesa de leitura no púlpito — a pessoa que havia pregado no culto anterior devia ter pelo menos uns 2 metros de altura! Em meu pânico, em vez de mexer para tentar abaixá-lo, anunciei o primeiro hino e precariamente me equilibrei em dois genuflexórios durante todo o culto. Isso certamente me impediu de me movimentar enquanto falava!



A altura da mesa é obviamente importante se você for baixo, mas é igualmente relevante se for alto, uma vez que, se a mesa for muito baixa, você será inclinado a se curvar, e muitos não ouvirão sua voz. As pessoas raramente vão comentar sobre isso, e você pode desenvolver o mau hábito de inclinar-se sobre o púlpito ou sobre a mesa de leitura. Por uma questão de cortesia, devemos garantir que os pregadores visitantes que ministram para nós tenham a oportunidade de ver a configuração física de antemão, para que possam ser feitas modificações que tornem o espaço o mais confortável possível para ele.

Verificados esses detalhes, gostamos de sentar-nos por alguns minutos, por vezes no próprio púlpito, a fim de orar rapidamente por aqueles que em breve chegarão. É fácil ficarmos tão envolvidos com nossa própria atribuição em uma reunião ou culto, sobrecarregados que estamos com um sentido de responsabilidade, que nos esquecemos das pessoas a quem vamos ministrar: fazer uma pausa para orar por elas ajuda a manter nosso serviço em perspectiva. Queremos que venham com fome de Deus e saiam satisfeitas. Queremos que todos sintam a presença de Deus e vejam a glória de Cristo.

A segunda preliminar mais útil é a oportunidade de orar com os outros antes do início de uma reunião. Se tivéssemos que isolar um único fator que nos faz sentir mais à vontade antes de um culto – e especialmente quando estamos pregando em lugares desconhecidos – é a oração de comunhão feita previamente. Às vezes, podemos ser deixados inteiramente sozinhos até quase um ou dois minutos antes de um culto, ou alguns líderes espirituais podem se reunir de maneira casual e se envolverem em uma pequena conversa. Nenhuma das opções ajuda. É muito melhor quando todos os líderes espirituais, que não estão em serviço, se reúnem para orar pela adoração e pregação que vem a seguir. Eles devem ser encorajados a ver nisso o melhor apoio que podem dar àqueles que têm a responsabilidade de ministrar.

Não é incomum que os líderes cheguem com meia hora ou 25 minutos de antecedência, para que haja um quarto de hora de oração corporativa. Isso, então, deixa uma pausa útil para aqueles que dirigem terem um tempo de silêncio antes do início do culto. Esse hábito tem muito a ver com a prática da igreja em questões como essa, e nossa iniciativa pode ser necessária para mudá-lo para melhor. Vale a pena levantar o assunto em uma reunião da liderança espiritual, ou, se estamos dirigindo um culto, dizer àqueles que se reuniram de antemão, “Vamos fazer o melhor uso do nosso tempo orando juntos”. Se a prioridade dos pastores são a oração e o ministério da Palavra, a oração corporativa nessas ocasiões deve ser a responsabilidade privilegiada deles como de ninguém mais.

Pontualidade, comportamento e voz

Reuniões e cultos devem começar pontualmente. Se anunciamos um determinado horário para um culto, e esperamos que as pessoas façam um esforço para chegar a tempo, é cortês honrar esse esforço começando na hora marcada. Se não fizermos isso, chegamos a uma situação em que a maioria das pessoas vai dizer, “Não adianta chegar na hora; sempre começamos tarde”. Isso pode ser desanimador para o estranho ou visitante que, invariavelmente, chega no horário e se sente inibido por, aparentemente, ter chegado muito cedo. Como líderes de igreja, devemos dar o exemplo. Idealmente, devemos nos sentar em nosso lugar, prontos para começar, alguns momentos antes do horário marcado. As pessoas devem ser capazes de verificar seu relógio pela nossa pontualidade. Uma vez que as pessoas saibam que as reuniões começarão pontualmente, elas responderão sendo pontuais.

Gostamos de partilhar a liderança dos cultos com outros pastores, e, quando o fizermos, devemos ter conhecimento das diferentes maneiras pelas quais as pessoas podem subir os degraus de um púlpito ou se encaminhar

para a plataforma: alguns quase correm para ele; outros sobem os degraus dois de cada vez; e outros, apesar de jovens, sobem os degraus como se tivessem 99 anos! Sem dúvida, a forma e o ritmo com que nos aproximamos do lugar de onde vamos pregar diz algo sobre a forma como vemos nossa tarefa. Nossa conduta reflete inconscientemente nossas intenções. Devemos ser nós mesmos em tais assuntos, mas sempre com um grande senso de nossa enorme responsabilidade de um lado e uma ânsia de cumpri-la, de outro. É bom dizermos a nós mesmos enquanto subimos para o púlpito ou chegamos a uma plataforma, “Creio no Espírito Santo”, ou “Eu posso fazer tudo através dele que me dá força” – ou alguma declaração equivalente à nossa confiança em seu socorro.

Por vezes podemos nos perguntar se o hábito comum de fazer uma pausa para oração antes de nos levantarmos para começar, especialmente se já tivermos orado antes, não é apenas parte de um ritual impensado. Pode ser, mas não deveria ser. Nunca é demais nos lembrar da nossa dependência de Deus, e é bom que os outros reconheçam essa verdade por tais hábitos. De vez em quando pode ser bom sugerir à congregação: “Vamos fazer juntos um momento de oração silenciosa para buscarmos a presença de Deus e a ajuda do Espírito Santo”.

A vestimenta é uma questão muito pessoal. Em certas tradições, o uso de uma sobrepeliz ou toga significa que a vestimenta é muito cuidadosa ou exagerada, mas para outros de nós não é. A maneira como nos vestimos deve refletir nossa consciência do privilégio em sermos representantes de Jesus Cristo. Embora ele não olhe para a aparência externa, mas para nossos corações, sabemos que o mundo em geral espera que ocasiões importantes devam ser tratadas com dignidade, e, com ou sem razão, eles podem tirar conclusões sobre o nosso respeito para com Deus pela maneira como nos vestimos. Devemos estar limpos, alinhados e ainda assim humildes em nossa aparência e roupas quando estamos sob os olhos do público, de modo que não desviemos a atenção da adoração de Deus e da atenta escuta da sua Palavra, transferindo-a para nós mesmos.



AB Tenho provocado a ira de alguns através da introdução de uma política de nenhum pelo facial para os membros da minha equipe pastoral. A razão é muito simples: para garantir que estamos “limpos, alinhados e humildes”. É a única maneira de garantir que vamos estar a salvo de uma variedade de bigodes, cavanhaques e barbas espessas em que aves podem, com

segurança, fazer ninhos. O fato de que isso teria excluído Spurgeon e muitos outros da nossa equipe pastoral não me faz perder o sono! Este parágrafo será uma grande surpresa para muitos leitores que há muito tempo deixaram de dar qualquer consideração a tais assuntos. Vestir-se sem nenhum esmero tornou-se tão comum que provavelmente não passa pela mente de muitos que estamos transmitindo algo pelo nosso modo de vestir.



Devemos visar a naturalidade na maneira como falamos em público. A voz que usamos no púlpito deve ser a mesma voz que usamos fora dele. Nós mesmos podemos não estar cientes de qualquer diferença. É sábio pedir a alguém, em cuja honestidade confiamos, para nos dizer se nossa voz e seu tom durante o discurso público diferem de como são em privado. Isso pode acontecer especialmente durante a oração pública. Podemos não perceber isso facilmente em nós mesmos, mas, se refletirmos sobre como soamos aos outros, estaremos cientes de que em alguns casos de fato adotamos uma voz “conduzindo outros em oração”. Sempre haverá alguma diferença entre a nossa voz na conversa e nossa voz elevada e projetada a fim de fazer o que dizemos ser claramente ouvido, mas é a voz artificial ou falsa que devemos evitar – o tom eclesiástico que pode ser tão facilmente caricaturado.

Algumas vozes são mais fáceis de ouvir do que outras. O que dizemos pode ser bem preparado e interessante quando alguém o diz, mas não é tão eficazmente transmitido por causa de nossa voz. Dito isso, reconhecemos a soberania de Deus Espírito Santo que pode nos usar, apesar de todas as nossas fraquezas. Mas onde podemos ajudar-nos a ser melhores comunicadores, obviamente, devemos fazê-lo. Se nossa voz tende a ser monótona, podemos mudar o ritmo em que falamos. Uma voz, não importa quão atraente seja, se nunca muda seu ritmo, torna-se cansativa.

A melhor maneira de mudar o ritmo é ser guiado por nosso material escrito. Se lidamos com narrativa, devemos deixar que ela influencie a velocidade de nossa fala – onde as coisas acontecem rapidamente, devemos falar mais rapidamente. Se houver um elemento de entusiasmo, nossa voz deve refletir isso. Mas todo o nosso material está aberto a essa abordagem. Se a questão for urgente, podemos ajudar a transmitir isso aos nossos ouvintes aumentando o ritmo em que falamos. Se é solene, basta diminuir o ritmo, contanto que não permaneçamos lentos por tempo demais. Se o tema é alegria, essa alegria deve se refletir em nossa voz e em nossa emoção. A falha mais comum é

baixar muito a voz; as palavras e frases não são ouvidas por todos, e isso se torna um grande desalento mesmo para uma audiência atenta.

Algumas partes do culto público

As tradições da igreja influenciam a inclusão, proeminência ou a falta de destaque que damos às diferentes partes do culto público. Aqueles que afirmam não ter padrão seguem algum padrão, mesmo que seja a de nenhum padrão em tudo! Têm ocorrido algumas reações, algumas justificáveis, ao que é pejorativamente conhecido como um sanduíche “hino-oração”. Evitamos o uso de tal conceito, já que por ele podemos confundir forma com formalismo e nos tornarmos julgadores quando na verdade devemos detectar a presença de Deus entre o seu povo. O que importa não é se um hino segue ou precede uma oração, mas se aqueles que adoram o estão fazendo em espírito e em verdade.

Nada garante que uma forma completamente desestruturada de culto público seja mais guiada pelo Espírito Santo do que uma estruturada. Seja qual for a tradição a que pertencamos, e quaisquer que sejam as convicções que temos, a questão crucial é que nossa adoração, em todas as suas partes, deve ser aceitável a Deus e não a nós, e, portanto, em espírito e em verdade (Jo 4.23-24).

O convite para a adoração

Muitos cultos começam com “um convite para adorar” ou “um convite à adoração” através da leitura de um versículo ou dois das Escrituras. Somos entusiasmados com isso, contanto que, como sempre, não seja simplesmente uma rotina impensada. Poucos, ou ninguém do povo de Deus, se sentirão tão preparados quanto gostariam para adorar a Deus e ouvir sua Palavra. Muitos virão com preocupações e ansiedades de que não podem se livrar facilmente. A finalidade das frases de abertura de um culto é concentrar a atenção em Deus – tanto sobre tudo o que ele é e quer ser para nós, ou sobre o que ele requer de nós ao nos aproximarmos dele. Esses versículos precisam ser escolhidos cuidadosamente. Quanto mais importante considerarmos que eles sejam, mais provável é que Deus Espírito Santo os use graciosamente para os fins que temos em vista. Podemos escolher um versículo que é apropriado para o louvor de abertura que estamos prestes a cantar, ou para o tema do culto, uma vez que prossegue e culmina com a pregação da Palavra. Podemos escolher um versículo sobre o qual nossa oração de louvor e adoração de abertura possa ser baseada.

Recomendamos selecionar versículos adequados – talvez 100 ou mais – para que uma escolha diferente possa ser feita para cada culto durante um ano – com a lista crescendo à medida que novos versículos apropriados forem sendo descobertos. É preciso que haja variedade nos versículos que usamos para que, por vezes, possamos pegar o povo de Deus de surpresa ao usar versículos pouco familiares, que assim provocam reflexões diferentes. Usando um fichário tanto para nossas notas de pregação quanto para as notas para condução de um culto, temos o versículo para o início do culto digitado em uma única folha na primeira página. Nem sempre vamos usá-lo, já que no momento de oração antes do culto outro versículo pode ser citado ou vem à mente e toma precedência. Alterar esse versículo pode ser de vital importância para uma pessoa desconhecida na congregação.



DP Uma noite, após o momento de oração na sacristia, olhei de novo para o versículo que eu tinha escolhido para o culto. Tendo alguns minutos de sobra eu calmamente li as Escrituras e deparei com outro versículo que parecia especialmente significativo, e então eu decidi usá-lo. Mais tarde, naquela noite, já em minha casa, o telefone tocou. A pessoa não quis dar seu nome. “O senhor pode me dizer, por favor, por que começou o culto com aquelas palavras esta noite?” Eu disse a ele, e então perguntei: “Por quê?” Ele explicou que anos antes Deus tinha usado esse versículo para falar com ele, e tendo vagado longe de Deus e vindo para a igreja aparentemente por acaso, ele tinha sido seduzido por Deus quando as primeiras palavras que ouviu foram aquele versículo da Escritura. Ele sabia que era mais do que uma coincidência.



Hinos, salmos e cânticos espirituais

A escolha de hinos, salmos e cânticos espirituais geralmente fica a cargo de quem deve conduzir a adoração e depois a pregação. Isso é apropriado, uma vez que um culto deve ser considerado como uma totalidade, e o Espírito Santo usa louvor e pregação para complementar um ao outro, incidindo sobre aspectos do caráter de Deus, a glória de Jesus Cristo, e, em particular,

a verdade que ele quer que o povo de Deus entenda. Onde a liderança do culto é compartilhada, deve haver consulta em oração para que haja razões por trás do que é cantado em diferentes fases.

Normalmente, o hino de abertura, salmo, ou música, deve ser de adoração e louvor, para que as pessoas sejam ajudadas no início a estarem cientes de Deus e exercitem a alma na sua capacidade única de apreciar o próprio Deus. A tendência atual em louvor, que começa com nossos pensamentos e sentimentos, precisa ser desafiada para o bem da congregação e pela glória de Deus.

O canto antes da pregação da Palavra deve preparar o povo de Deus para ouvi-la e expressar sua submissão e prazer em sua vontade. O hino de encerramento deve aplicar a Palavra de Deus que foi ensinada e pregada, seja como louvor, agradecimentos ou obediência. Se possível, outros hinos e canções devem estar relacionados com o tema que o ministro da Palavra vai seguir ou para as necessidades conhecidas da congregação.

Aqueles que ajudam nos cultos de tempos em tempos podem estar inclinados a escolher seus hinos, salmos e canções favoritos, mas devemos evitar fazer isso para explorar exaustivamente a totalidade de um livro de cantos, desde que sintamos que os hinos e canções são adequados. O método mais simples é o de manter uma cópia de cada um e escrever as datas em que cantamos os diferentes hinos e cânticos. Isto não deve excluir a repetição logo depois de ter sido usado, se for especialmente adequado para o momento, mas deverá impedir a repetição desnecessária quando outros hinos e canções menos cantadas são igualmente adequados. À medida que começamos a preparação do sermão, devemos anotar todos os pensamentos que ocorrem acerca de hinos apropriados, salmos ou músicas. Normalmente descobrimos que temos mais do que precisamos, e, em seguida, fazemos a nossa seleção à luz daqueles que não foram recentemente cantados.

Se os números dos hinos são anunciados ajuda, é bom que se anuncie o número duas vezes, ao invés de apenas uma, já que dentro de toda congregação existem alguns que não possuem tão boa audição, e, se estamos em um lugar pela primeira vez, as pessoas não estarão acostumadas à nossa voz. A seguir, quando do anúncio do número, a primeira linha ou duas devem ser lidas de uma forma enfática. Acrescenta pouco a um culto anunciar um número de hino e dizer: “Quão doce o nome ...”, mas diz muito mais para os cristãos quando lemos a frase “Quão doce o nome de Jesus soa ao ouvido de um crente”. Pode se tornar tedioso se a totalidade do primeiro verso de cada hino e canção for lido. O que é sempre útil é ler as primeiras palavras de modo que faça sentido: se fizer sentido todo o verso ser lido, isso é aceitável, mas será a exceção. Se algo que cantamos é escolhido por

causa das palavras de um verso diferente do primeiro, podemos ajudar a congregação a se beneficiar dele chamando a atenção para aquele verso em vez de ler as palavras de seu primeiro verso.

Nunca devemos esquecer que não importa o quanto desejamos o contrário, somos o foco natural da atenção visual das pessoas. Quando anunciamos um hino, salmo ou música, devemos dar um bom exemplo ao entrar de todo o coração em tudo o que é cantado, concentrando-nos nas palavras e reconhecendo que, se expressamos o que cantamos, estamos falando primeiro a Deus e depois aos outros, para incentivar e estimular o crescimento espiritual. Uma indicação de culto superficial é cantar como uma desculpa para outras coisas, como chegar atrasado no culto, para sair mais cedo ou para ir ao local onde o café é servido após o culto. Quando o canto é espiritual, esse é um exercício tão importante quanto a oração – e para todos os efeitos é oração, só que cantada em vez de falada.

A leitura pública das Escrituras

A instrução de Paulo a Timóteo é válida: “Aplica-te à leitura à exortação, ao ensino” (1 Tm 4.13). Nossa experiência pode não ser habitual, mas às vezes ficamos cientes, quando viajamos por aí, de que as pessoas não julgam que isso seja importante. Temos estado em reuniões em que nenhuma provisão foi feita para isso, e simplesmente presumiu-se que o pregador anunciaria seu texto e pregaria sem qualquer leitura prévia do livro bíblico em que o texto ou passagem é encontrado. Embora não defendamos sua prática sistemática, uma vez que qualquer hábito pode se tornar rotina, temos ficado felizes em adorar com o povo de Deus em diferentes partes do mundo onde todas as pessoas ficam de pé para a leitura da Bíblia. Esse procedimento chama a atenção para a sua importância e o privilégio de possuí-la.

A leitura pública da Escritura é uma parte de um culto em que outras pessoas podem facilmente ser chamadas a contribuir. Mas ao fazer isso, não podemos falhar com eles ou com a congregação deixando de dar instruções simples, mas importantes. A referência bíblica para a leitura deve ser, como os números de hinos, anunciada de forma clara e repetida, uma vez que nem todos vão captá-la da primeira vez. Uma pequena pausa deve se seguir, para que as pessoas possam ser capazes de encontrar a passagem, se desejam seguir a leitura, uma prática a ser elogiada. Se a leitura for de uma versão diferente da que constitui o uso da maioria, é uma questão de cortesia que isso seja anunciado para que as pessoas não sejam confundidas.

As pessoas que forem fazer a leitura pública das Escrituras devem ser orientadas a ler a passagem com cuidado de antemão e a entender o que está em questão, de modo que na leitura pública seja dada a ênfase apropriada. Eles devem ser incentivados a ler com dignidade e com

entusiasmo. É útil discutir o que as pessoas devem dizer na conclusão da leitura, uma vez que as palavras bem conhecidas como “Que o Senhor nos abençoe pela leitura de sua santa Palavra, e a ele sejam dadas a glória e o louvor” podem perder sua força, porque são muito familiares. Às vezes pode ser mais apropriado não dizer nada.

Recomendamos sempre pedir àqueles que lerão as Escrituras para se juntar aos presbíteros ou à liderança espiritual no seu tempo de oração antes de um culto. A oração pode então ser oferecida em conjunto, para que Deus use a leitura pública de sua Palavra para falar ao povo e prepará-los para a instrução a partir dela.

Devemos nos repreender e corrigir a nossa atitude se alguma vez sentirmos que estamos pedindo a alguém para simplesmente ler as Escrituras. Um incidente descrito na biografia do bispo Taylor Smith ilustra isso. Durante seu treinamento para o ministério, ele foi enviado para ajudar em uma missão em uma igreja em Islington.

Ele disse que estava tão nervoso que antes do culto passou uma hora em oração, buscando a ajuda de Deus nos deveres aos quais ele fora chamado a desempenhar. Quando chegou à igreja, descobriu que tudo o que deveria fazer era ler as lições! Na quarta-feira seguinte, no entanto, o vigário escreveu para ele dizendo que, durante a leitura da segunda lição (calhou de ser Romanos 8) o zelador da igreja (um homem que tinha sido zelador de igreja durante anos) foi convertido.¹

Anúncios ou avisos

Os anúncios e os avisos fazem parte de praticamente toda reunião do povo de Deus, quer sob o nome de avisos ou de anúncios. Uma alternativa é colocá-los em forma escrita e colocá-los nas mãos das pessoas à medida que elas chegam, mas, invariavelmente, as pessoas querem que algo seja enfatizado ou outros avisos podem não ter sido incluídos. Exige-se uma rigidez sutil de quem dá os avisos para mantê-los dentro dos limites, e esta pessoa precisa do apoio de pessoas com discernimento para se alcançar o objetivo de se evitar distração desnecessária.

Embora possam ser dados no início do culto para nos desincumbir-nos deles no início, não constituem a melhor maneira de começar um momento de adoração e confiança em Deus. Se são colocados no final do culto, podem desviar a atenção do que foi dito. Anunciá-los no meio pode interromper o fluxo de um culto. No entanto, as pessoas precisam saber o que está acontecendo, e deve-se fazer algo a respeito.

Uma solução é colocar o programa básico da semana nas mãos de todos, e quem der os anúncios simplesmente chamará a atenção para

mudanças ou eventos especiais. Os anúncios se tornam mais espiritualmente benéficos quando se relacionam mais com as circunstâncias dos indivíduos dentro da congregação do que com as funções organizadas regularmente. Todo mundo sabe que os jovens se encontram às quartas-feiras, e as jovens esposas às terças-feiras; mas poucos podem saber que um membro da congregação foi hospitalizado, ou sobre a família que está em seu último domingo na comunhão antes de se mudar por causa de um novo emprego, ou os jovens que acabam de se casar, ou ainda os membros missionários que voltaram em segurança da África, após sua licença. Como as igrejas crescem, torna-se mais difícil para cada membro conhecer todos os outros, e ainda mais difícil familiarizar-se com suas necessidades, a fim de orar por eles de forma inteligente. Mas os anúncios que dizem respeito às circunstâncias atuais das pessoas ajudam a promover esse espírito de família que é tão essencial e bem-vindo em uma igreja – e as pessoas prestam atenção a avisos como esses!

Oração pública

Preparar-nos para liderar publicamente o momento de oração é tão importante como a pregação, e é muito mais revelador da nossa renovação espiritual. Evitar a armadilha de apenas dizer palavras em vez de realmente orar requer vigilância.

Nossa convicção é que a primeira oração geralmente deve ser uma expressão de adoração, uma confissão de necessidade e um desejo pela presença de Deus. Outros elementos podem ser incluídos, e os já mencionados não precisam estar sempre presentes ou em uma ordem específica. Mas, lembrando-nos de que fomos criados originalmente para Deus e recriados por ele em Cristo para o seu louvor, este alto privilégio de apreciar a Deus e adorá-lo deve ser um elemento fundamental.

Nada aquece o coração das pessoas de Deus mais do que ser conduzido em louvor sincero e adoração a Deus através de seu Filho, Jesus Cristo. Inevitavelmente, alguns, se não todos, estarão cientes de sua indignidade e pecaminosidade em graus variados. Alguns vão sentir-se tão desesperadamente falhos que vão achar difícil de acreditar que Deus vai recebê-los. Tendo a eles e a nós mesmos em mente, devemos conscientemente nos aproximar do trono de Deus como um trono da graça, e entrar em suas promessas de perdão. Se isso não for feito no início do culto, alguns terão dificuldades em estar cientes da sua aceitação por Deus e da relevância para eles de tudo o que é dito e feito. Embora a presença de Deus conosco não dependa de nossos sentimentos, a maior bênção que Deus pode dar a seu povo é a consciência de que está com eles. Nosso privilégio é expressar os anseios do povo de Deus por essa experiência.

A segunda oração em um culto tende a ser de intercessão, e com toda a razão. Indignos como muitas vezes nos sentimos de orar por nós mesmos, é nosso dever sempre orar pelos outros, começando por aqueles que têm autoridade sobre nós (1Tm 2.1-4). O poder da oração pública está em ser realmente uma oração corporativa, quando a oração de um líder se torna a oração de todos, ao qual se adiciona o seu “Amém”, seja em segredo ou, de preferência, de forma audível.

O envolvimento inteligente na oração pública é maior se assuntos íntimos ou pessoas por quem vamos orar nos fornecem breves trechos de notícias e informações que explicam como e por que devemos orar por eles. Se os editais ou anúncios precedem a oração de intercessão, e incluem avisos atualizados sobre a congregação, alguns dos pedidos de intercessão fluem naturalmente a partir daí. A oração se torna mais significativa e específica quando está ancorada em indivíduos e situações reais.



DP Tive uma experiência semelhante. Logo no início do meu ministério, durante as férias, fui a uma igreja bem conhecida com um ministro igualmente bem conhecido. Embora tenhamos chegado cedo, não pudemos entrar no santuário principal da igreja, mas tivemos de nos sentar em um salão lateral, e acabei não vendo o pregador. Isto antes do evento da televisão de circuito fechado, e assim podíamos ouvir, mas não ver.

O que mais lembro foi a maneira pela qual o ministro precedeu sua oração de intercessão, ao mencionar as circunstâncias angustiantes de alguém na igreja que pediu orações da congregação. Em algumas frases ele descreveu como ele acreditava que devemos orar. Embora nunca tivesse encontrado a pessoa, eu me identifiquei com ela, com sinceridade e simpatia, à medida que o pastor orou, e eu senti envolvimento semelhante de toda a congregação. Aquela oração me beneficiou e me deu alegria pela consciência de pertencer à família de Deus.



Variedade nas questões e temas pelos quais oramos é vital. Nossa oração em público não deve ser limitada às necessidades imediatas e urgentes, mas deve incluir as prioridades espirituais, como o crescimento do fruto do Espírito, santidade prática e evangelismo, e as prioridades morais, tais como a justiça, a retidão e a preocupação social.



DP Minha prática pessoal tem sido a de fazer 104 envelopes – dois para cada semana do ano – nos quais eu coloco esboços de orações para centenas de assuntos, geralmente acrescentando partes das Escrituras que lhes dizem respeito. Alguns têm surgido a partir de minha preparação para pregar sobre determinados assuntos, e outros, no decorrer de minha leitura. Escolho cuidadosamente quatro para cada período de oração de intercessão. Eles serão inteiramente diferentes dos quatro escolhidos na semana anterior. Nunca me sinto obrigado a usá-los, uma vez que os tenha selecionado, já que algum outro assunto importante pode surgir antes que o culto comece. Caso contrário, sou socorrido pela preparação que já fiz. Se, no decurso da semana, uma passagem da Escritura chama a minha atenção, eu muitas vezes anoto o tipo de oração com que ela se identifica, para registrá-la enquanto está fresca na memória, e usá-la no domingo seguinte, se ela vier a mim com a mesma força, como é frequentemente o caso. Tal disciplina ajuda a evitar a rotina na linguagem que usamos para nossas orações, tornando-se previsíveis e deixando de ter a ligação essencial da verdade e da realidade. Embora não seja nosso propósito primordial, nossas orações públicas devem ensinar as pessoas a orar, e como orar.



AB Apesar de não adotar a abordagem dos 104 envelopes, tenho me esforçado para alcançar a meta de frescor, clareza e realidade pelo meu próprio caminho tortuoso. Como mencionei anteriormente, sou constantemente ajudado pela leitura das orações de homens e mulheres de Deus e aprendo com eles como me aproximar de Deus com ousada humildade.



Ser crítico com relação à linguagem que usamos na oração pública é uma questão delicada. Deus olha para o nosso coração, e o que nosso coração sente é mais importante do que a expressão verbal de nossos sentimentos e

desejos. Dito isto, temos de nos assegurar que a linguagem de nossas orações seja tão útil para as pessoas quanto possível, e que ela não atrapalhe.

Se conduzimos a oração espontânea ocasionalmente, nossa linguagem não será tão importante como quando o fazemos regularmente. Existem armadilhas óbvias a evitar. Temos de ser coerentes na maneira como nos dirigimos a Deus, se usamos “você” e “seu” ou “tu” e “teu.” Devemos usar o tipo de linguagem que estamos convencidos de ser o certo para nós, mas de nada vale se alternamos continuamente entre os dois, como se não decidíssemos o que é apropriado.

Clichês e arcaísmos devem ser evitados. Já percebeu como muitas vezes em oração pública podemos dizer “este dia” ou “esta noite” em vez de simplesmente “hoje” ou “agora”? E o que dizer dessa palavra repetitiva “apenas”? “Nós apenas queremos perguntar...” Da mesma forma, dizemos repetitivamente: “Esta é a nossa oração...”, quando é óbvio que estamos orando!

É particularmente inútil orar a respeito de Deus, em vez de orar a ele. Por exemplo, depois de ter-se dirigido a Deus em oração, alguém pode dizer: “Oramos para que Deus seja honrado, e que a sua voz seja ouvida”. Isso já não é oração a Deus, mas palavras dirigidas à congregação. Se estamos verdadeiramente conscientes de que estamos falando com Deus, vamos dizer: “Que você seja honrado, e que possamos ouvir a sua voz”, e não precisamos prefaciá-lo com as palavras “Oramos para que...”, já que estamos orando! Alguns, sem estar cientes disso, têm o costume de, de repente, não endereçar suas orações a Deus. Se não houver alguém que tenha a coragem de mencioná-lo, isso pode se tornar um hábito para a vida toda.

Cada parte de um culto ou reunião do povo de Deus deve ser um meio de graça. Cada parte deve levar a Palavra de Deus para aqueles que nele esperam – por meio daquilo que é cantado, orado, lido, falado, ensinado e pregado. É um exercício empolgante passar toda a semana anterior se preparando para um culto. A leitura da Bíblia pode fornecer palavras adequadas, as quais nos convidam a adorar ou impulsionam o tipo de desejo que deve ser expresso em oração.

A carta de um missionário ou uma notícia sobre o país em que ele trabalha pode abastecer a oração inteligente. A visita pastoral a alguém desempregado suscitará a intercessão por todos os que estão desempregados e trará orações de sincera aprovação de quem tem amigos desempregados.

A melhor maneira de nos prepararmos para qualquer parte que possamos ter na liderança do povo de Deus em adoração, oração e ensino é nos prepararmos e darmos prioridade para a nossa caminhada particular com Deus. Os membros da congregação que Robert Murray M’Cheyne serviu foram movidos a comentar sobre sua percepção de que, ao pastoreá-los, ele tinha vindo direto da presença de Deus.

Capítulo 11



A responsabilidade de liderar

Os pastores do rebanho de Cristo devem conduzir o seu rebanho. A liderança é uma responsabilidade confiada a todos os que pastoreiam e ensinam o povo de Deus. Demasiadas vezes dentre os aspectos das nossas responsabilidades o de liderança foi desconsiderado, com consequências infelizes. Um relatório encomendado pela Igreja da Inglaterra no século 20, intitulado “Rumo à Conversão da Inglaterra”, chamou a atenção já nas primeiras páginas para sua conclusão com relação à liderança: “As condições [...] variam de uma paróquia para outra, o fator determinante sendo, aparentemente, a personalidade do titular. Mais particularmente esse é o caso em aldeias, onde um líder espiritual muitas vezes pode fazer uma diferença surpreendente”.¹ Embora muita coisa tenha mudado desde então, a necessidade estratégica de liderança não mudou. A Igreja de Jesus Cristo não avança além do progresso espiritual de seus líderes.

Cada equipe tem o seu capitão, ou equivalente. Embora cada membro seja igualmente importante, alguém tem de liderar. Sem um capitão, a equipe perde a direção e a disciplina; sem um líder ou maestro, uma orquestra perde a coordenação e a harmonia. Assim é com o povo de Deus. Durante os três anos em que estive com seus discípulos, nosso Senhor Jesus Cristo foi o seu líder. Assim que ascendeu ao céu, Pedro se tornou o líder óbvio dos apóstolos. Ele e seus companheiros apóstolos então nomearam líderes em todas as igrejas que eles plantaram. O apóstolo Paulo deixou claro a Tito que as coisas não estavam em ordem em uma igreja sem que uma liderança adequada fosse estabelecida (Tt 1.5). Sem uma boa liderança, o

caos facilmente se instala. A maioria dos problemas não resolvidos na vida da igreja pode ser rastreada até uma liderança inoperante.

Liderança – um dom e um chamado

A liderança, assim como outros dons do Espírito, tem como objetivo a edificação do corpo de Cristo. Não é presunção, portanto, sentir o desejo de liderar se somos chamados a isso. As duas palavras que resumem a nossa função no corpo de Cristo – pastores e mestres – implicam a função de liderança. A tarefa do pastor é conduzir as suas ovelhas, quer a pastagens verdejantes ou à segurança, quando há a ameaça de perigo. A cada momento o pastor deve estar pronto a tomar a iniciativa para o bem das ovelhas. A responsabilidade de um mestre é liderar pela instrução que ele proporciona. Os mestres cristãos são diretos na sua abordagem porque a sua tarefa não é apresentar suas próprias ideias, mas falar “de acordo com os oráculos de Deus” (1Pe 4.11).

A liderança na igreja deve sempre ser compartilhada – essa é uma das razões pelas quais o padrão apostólico foi de nomear uma pluralidade de presbíteros em vez de um presbítero solitário em cada igreja (At 14.23). Mas os líderes também precisam reconhecer um dentre eles como seu líder. Este é um princípio inerente à vida, e não devemos desprezá-lo. Marido e mulher são iguais, mas a liderança naturalmente recai sobre o marido. Os filhos são iguais em uma família, mas procura-se o mais velho primeiro, quando ocorre uma crise. Em algumas situações pode haver um presbítero ou líder espiritual que seja realmente chamado “o pastor”, o qual, espera-se, liderará seus colegas líderes; e, em outras, haverá uma equipe ministerial. Mas em cada equipe tem de haver um líder.

Mesmo que os líderes evitem chamar um de seus colegas de líder da equipe, alguém inevitavelmente se destacará, ou será considerado pela comunhão da igreja como o líder entre os líderes. É melhor que os líderes escolham o seu “líder de equipe” em vez de deixar que isso aconteça naturalmente. Esta última situação pode levar a mal-entendidos e a dificuldades nos relacionamentos. Um caminho para evitar isso é distinguir as diferentes funções e responsabilidades dos líderes, mas ainda assim é necessário ter um presidente ou coordenador para que possam funcionar de forma eficaz. Tentar evitar a liderança e um líder entre os líderes, é evitar não só um fato da vida, mas um princípio espiritual.

O Novo Testamento atribui um alto valor à liderança. Eis uma verdade da Igreja primitiva geralmente aceita – talvez até mesmo um provérbio – relacionada a isso: “Fiel é a palavra: se alguém aspira ao episcopado, excelente obra almeja” (1Tm 3.1). Aparentemente essa frase foi submetida a Paulo

para seu comentário, e ele respondeu elogiando-o como bom e aceitável. A exortação de Paulo em Romanos 12 de que, se o dom de um indivíduo é a liderança, ele deva fazer como é dito no versículo 8: “o que preside, com diligência”, implica a tentação de evitar algumas vezes o exercício da liderança por causa de sua natureza exigente.

Não devemos ter medo da liderança como se querer liderar não fosse realmente cristão. A liderança cristã tem por modelo nosso Senhor Jesus Cristo. Um dos paradoxos do seu ministério foi que, embora ele fosse tão obviamente o líder, ele era visivelmente o servo. Ele ilustrou e destacou essa verdade quando lavou os pés dos discípulos (Jo 13). Somos espiritualmente eficazes como líderes quando seguimos o seu exemplo. Embora líderes, somos em primeiro lugar, e acima de tudo, servos. A liderança cristã genuína não é orientada por status. É útil pensar em pastorear e ensinar como funções em vez de ofícios. Embora Paulo soubesse que Timóteo era pastor e mestre, ele deliberadamente se referiu a ele como um servo de quem foi exigido um determinado padrão de conduta: “Ora, é necessário que o servo do Senhor não viva a contender e sim deve ser brando para com todos, apto para instruir, paciente” (2Tm 2.24).

A liderança cristã, modelada à semelhança de Cristo, é a liderança pelo exemplo. Pedro coloca a ênfase em “tornando-vos modelos do rebanho” ao escrever aos líderes das igrejas da Ásia Menor (1Pe 5.3). Isso é o oposto de ser dominador em relação às pessoas, e de dizer-lhes o que devem fazer, sem primeiro mostrar o caminho pelo exemplo pessoal.

Nosso exemplo como líderes deve começar com nossas próprias famílias e lares, pois, se falharmos ali, deixaremos de dar o exemplo mais revelador de piedade (1Tm 3.4,12). A liderança cristã, ao contrário da liderança em outras esferas, exige humildade (At 20.19) e o tipo de gentileza que caracteriza mães e pais para com seus filhos (1Ts 2.7,11). O exemplo de nosso Senhor nesses aspectos ficou gravado na mente de seus discípulos (cf. Jo 13.12-17; 1Pe 5.5). Os líderes cristãos deveriam ser capazes de dizer: “O que também aprendestes, e recebestes, e ouvistes, e viste em mim, isso praticai; e o Deus da paz será convosco” (Fp 4.9) e “sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo” (1Co 11.1).

A prática da liderança

As habilidades de liderança precisam ser desenvolvidas, como todos os dons e habilidades. Elas crescem pelo exercício e, particularmente, pela nossa vontade de aprender a partir das Escrituras, a partir do exemplo e instrução dos outros, e com os nossos erros. Lideramos o tempo todo – e na

maior parte das vezes inconscientemente – pelo nosso caráter. Isso acontece em todas as esferas.

Houve uma ocasião em que não conseguíamos entender o que havia acontecido com a atmosfera na agência bancária local. No início, a equipe parecia feliz e cooperativa, mas o interesse pelos clientes e sua disponibilidade geral visivelmente diminuíram. Então descobrimos que um novo gerente tinha assumido a agência e se revelou um tanto descortês e bruto com seus clientes. Nossa conclusão foi que isso inconscientemente se espalhou por sua equipe. Ao contrário, notamos como um dono de restaurante entusiasmado e de espírito generoso vê suas próprias atitudes se refletirem na abordagem calorosa e energética de sua equipe. O mesmo acontece na igreja. Se não buscarmos o elogio de pessoas, mas o de Deus, assim fará nosso povo (1Ts 2.6). Se somos pouco exigentes para com aqueles a quem servimos, mas, pelo contrário, mostramos que estamos preparados para ser completamente consumidos no serviço às pessoas (2Co 12.14-15), outros nos seguirão. Se liderarmos sem parcialidade e favoritismo (1Tm 5.21), muitos verão nisso a sabedoria.

Quando somos tentados a ficar desapontados com as atitudes daqueles por quem somos responsáveis, temos de estar preparados para nos perguntar se eles espelham de alguma forma nossas próprias atitudes inconscientes. Evidentemente, é preciso tempo para as pessoas seguirem um exemplo, mas esse exemplo deve ser totalmente consistente e sua importância não deve ser minimizada ou ignorada.

Lideramos pela nossa capacidade de tomar decisões. Como líderes, não podemos evitar a tomada de decisão, seja no exercício pessoal de nossos deveres ou quando nos encontramos com os outros para discernir a vontade de Cristo. Algumas pessoas consideram difícil a tomada de decisão e geralmente vacilam; mas os líderes não devem ser assim. O líder não deve ser uma pessoa que diz sim e não ao mesmo tempo. Quer diga sim ou não, deve reafirmar o que disse, tendo formulado cuidadosamente sua resposta (2Co 1.17). Isso pode significar que podemos evitar uma resposta imediata quando alguém pede nossa opinião ou orientação, a fim de orarmos pela questão e pensarmos mais profundamente sobre ela. O Espírito de Deus pode nos dar um *insight* imediato sobre o assunto; mas também pode nos prover, conforme esperamos em Deus, para que compreendamos as razões por trás do *insight*, razões que podem ser úteis no futuro. Devemos conhecer nossa própria mente, e acreditar que Deus quer que reflitamos sobre questões importantes.

Se hesitamos na tomada de decisão – e temos em mente apenas as situações em que somos claramente chamados a tomar decisões –, devemos buscar o controle da situação. Em primeiro lugar, devemos estabelecer todas as questões que precisam ser pesadas. Uma maneira satisfatória de fazer

isso é escrevê-las. Então devemos determinar quais fatores têm prioridade ou podem ser descartados. Ao fazermos isso, compartilhando tanto o processo como as nossas conclusões com Deus em oração, encontraremos as convicções adequadas.

Lideramos por nossa motivação e entusiasmo. Não estamos com isso sugerindo que os líderes utilizem uma falsa demonstração de entusiasmo. Isso se desgastaria rapidamente e minaria a confiança. Tendo decidido que um curso de ação é o certo – e só então –, devemos mostrar nosso total comprometimento com ele. É muito fácil ficarmos à deriva em um programa evangelístico ou outro novo programa da igreja sem termos dele convicção genuína. Não é de surpreender que, então, não tenhamos motivação e que o nosso entusiasmo soe vazio. Melhor sermos completamente honestos desde o início sobre nossa hesitação, do que nos envolvermos em empreendimentos sem o devido comprometimento.

Os líderes devem liderar e não ser levados pelo desejo de agradar àqueles que querem a igreja realizando atividades das quais a liderança não está completamente convicta. O entusiasmo verdadeiro vem ao estarmos cheios do Espírito, e como nos esforçamos para fazer aquilo para o qual sabemos que Deus nos chamou, na dependência consciente dele seremos capazes de transmitir nosso entusiasmo aos outros e levá-los conosco. Mas motivação e entusiasmo bem-sucedidos significam, aqui, simplesmente fazer as coisas que, estamos convencidos, são a vontade de Deus para o seu povo.

Lideramos por nossa prontidão em aceitar a responsabilidade. Há pessoas que naturalmente fogem dela, uma vez que é contrária à sua natureza e temperamento. Mas os líderes não fogem da responsabilidade – crescem com ela! O que não significa que não sentem o peso da responsabilidade, mas que se erguem diante dos desafios e automaticamente pensam em maneiras de cumprir com suas atribuições. Uma responsabilidade normalmente leva a outra. À medida que nos provamos em uma esfera, invariavelmente descobrimos que isso nos capacita para outra esfera.

Lideramos por nossa capacidade de transmitir uma visão. Os líderes devem ser prospectivos. Embora outros dentro de uma comunhão da igreja possam estar bastante satisfeitos com as coisas do jeito como estão, os líderes devem buscar constantemente o caminho de Deus para avançar. Como os líderes oram juntos, e particularmente porque são confrontados com necessidades práticas e espirituais, sua resposta, muitas vezes, será uma nova iniciativa. Pode ser, por exemplo, uma ampliação do edifício, exigindo grandes despesas de capital, ou pode ser uma nova empreitada evangelística. Parte de sua liderança espiritual nessa fase será a de analisar todo o projeto de forma exaustiva, de modo que possam transmiti-lo à comunhão da igreja com tal convicção que a igreja estará unida em querer colocá-lo em prática.

Lideramos porque sabemos o que tem de ser feito, quando deve ser feito, e como deve ser feito. Não é suficiente simplesmente ser uma pessoa de ideias, apesar de que isso faz parte da liderança. Os líderes espirituais devem ter uma visão global do estado espiritual da comunhão da igreja e estabelecer suas prioridades imediatas e de longo prazo. Colocar na pauta de todas as reuniões de líderes espirituais a pergunta “Qual é o estado espiritual de nossa igreja?” provoca a reflexão e destaca as deficiências. Demonstra-se liderança ao perguntar: “Como é que vamos atender a essa necessidade? Como e quando devemos implementar nossas convicções? Quem entre nós na comunhão deve estar envolvido? Quem vai colocar esses planos em ação?” Devemos planejar com sabedoria e agir com firmeza e determinação. O cultivo do sentido de *timing* é parte de uma liderança sábia, uma vez que “há tempo para todo propósito debaixo do céu: [...] tempo de derribar e tempo de edificar” (Ec 3.1,3). Apressar um projeto na hora errada pode comprometer um eventual progresso e arruinar uma iniciativa necessária.

Lideramos pelo exercício da fé e pelo otimismo adequado que ele produz. Todos os cristãos exercem a fé, e alguns mais do que outros. Os líderes cristãos recebem particular capacidade de confiar em Deus para que possam levar o povo de Deus adiante, em nova obediência e empenho. Fingir que temos fé ofende a Deus e ao seu povo, e nunca devemos professar uma confiança que não possuímos. Aqueles a quem lideramos têm o direito de esperar que os lideremos pela fé que Deus graciosamente nos dá. A prática ativa da fé não pode ser separada de grandes visões de nosso Senhor Jesus Cristo, e os líderes devem provocar um ao outro, e depois provocar ao povo de Deus em geral, para uma valorização cada vez maior da pessoa de Cristo. O escritor aos Hebreus relaciona liderança com o exemplo de fé, quando exorta seus leitores: “Lembraí-vos dos vossos guias, os quais vos pregaram a palavra de Deus; e, considerando atentamente o fim da sua vida, imitai a fé que tiveram” (13.7). Esperemos que o povo de Deus não tenha de esperar até que morramos para imitar a nossa fé!

Lideramos ao mantermos a cabeça em todas as situações (2Tm 4.5). Todas as igrejas passam por períodos de dificuldade. Vários assaltos de Satanás, ou questões práticas como a queda numérica através do movimento da população ou a reconversão de uma área levarão alguns a imaginar que tudo está dando errado, e vão entrar em pânico. Tais reações colocam os líderes espirituais sob pressão, e eles não estarão imunes a imaginar as piores consequências possíveis e a vislumbrar todo tipo de perigo potencial. Mas os líderes espirituais não devem ter uma reação exagerada. Ao contrário, devem fixar sua percepção sobre o que é correto ao invés do que parece conveniente. Devem ter por objetivo definir um rumo certo,

independentemente do que estiver acontecendo ao seu redor. Dificuldades, como tempestades, passam. A igreja, como um navio em uma tempestade, passou por isso antes e sobreviveu. O único perigo real está em abandonar-mos o navio quando não há necessidade de fazê-lo.

Lideramos por reconhecer que há ocasiões em que temos de nos esforçar positivamente para liderar. Quando as pessoas entram em pânico, precisamos ser rápidos em transmitir confiança e fornecer boas razões para não fazê-lo. Quando a igreja tropeça em sua missão, devemos agir, oferecendo maneiras de corrigir falhas. Grande parte da liderança é discreta e quase inconscientemente exercida, mas há momentos vitais quando precisamos dizer para nós mesmos: “O povo de Deus exige uma liderança neste momento, e eu devo lhe fornecer isso claramente, porque é para isso que Deus me chamou”. Haverá também ocasiões em que teremos de exercer nós mesmos a liderança com aqueles que compartilham a liderança conosco.

Áreas de liderança

Devemos liderar através do ensino. A aptidão para ensinar é essencial para a liderança (1Tm 3.2). Nossa função docente nos permite exercer uma liderança constante, da qual as pessoas podem às vezes nem ter ciência. Se expomos e aplicamos as Escrituras, pedimos ao povo de Deus, começando por nós mesmos, que viva uma vida digna diante do Deus que nos chamou para o seu reino (1Ts 2.12).



DP Lembro-me de momentos em que o ensino regular e sistemático das Escrituras tem sido o melhor e mais eficaz meio de liderança. Em um período de debate e confusão a respeito dos dons espirituais, foi oportuno e gratificante estudar toda a epístola de 1Coríntios e ver a discussão dos dons espirituais no contexto do amor em 1Coríntios 13. Estávamos enfrentando, em determinado estágio, uma reforma gigantesca do edifício, que se revelaria extremamente cara e exigente quanto à nossa fé. A melhor preparação foi um estudo do livro de Esdras, e isto vivificou a fé e a obediência.



Nossa liderança no ensino não deve se limitar a nosso ministério público, mas deve se estender a todas as situações em que a liderança pode ser exigida. Quando uma questão for levantada em uma reunião da igreja, pode ser apropriado dizer: “Antes de aprofundarmos essa discussão, vamos nos lembrar e aplicar a esse assunto os princípios que a Bíblia nos ensina”. Em uma visita pastoral, podemos sentir que as pessoas perderam o seu caminho em uma questão sobre a qual as Escrituras são claras. Sem constrangimento devemos rapidamente sugerir: “Vamos olhar o que as Escrituras dizem sobre isso”. Se não tomarmos tal iniciativa, é pouco provável que outros o farão.

Devemos liderar por meio de nossa conduta de adoração comunitária. O incentivo a outras pessoas de compartilhar essa conduta deve ser sempre por iniciativa dos pastores nomeados e sob sua direção. Lideramos ao tomarmos muito cuidado com nosso próprio exemplo em liderar a adoração, quer na escolha e expressão de louvor a Deus, na oferta de oração, ou na leitura das Escrituras. O tipo de preparo que damos a esse momento – e não menos à preparação espiritual – logo se reflete na atitude e no comportamento dos outros.

Quando pedimos a pessoas para nos ajudar, serviremos melhor a eles e aos outros ao fornecermos orientações claras quanto à abordagem adequada para a tarefa que lhes foi atribuída. Fazemos bem em sugerir que não hesitaremos em falar, depois, se for o caso, tudo o que seria bom eles terem em mente quando tiverem outra oportunidade de ajudar. O objetivo de todos os dons espirituais é a edificação de todo o corpo, e nunca o prazer egoísta que uma pessoa pode ter no exercício de um dom: quem lidera a adoração do povo de Deus, portanto, não deve se basear em suas preferências pessoais, mas naquilo que sabe que vai beneficiar todos os membros do corpo.

Como pastores, devemos liderar ao lembrarmos constantemente ao rebanho que a adoração não se limita à expressão de louvor através do canto, ou mesmo louvor e oração; antes, é a oferta de nós mesmos a Deus em obediência diária (Rm 12.1), e que só então nosso culto público será mais aceitável a Deus.

Há muito pelo que agradecermos a Deus na renovada valorização da adoração na Igreja, embora seja necessário discernimento tanto aqui como em outros lugares. Nem sempre é fácil reconhecer o que é meramente uma questão de gosto pessoal – passível, portanto, de ser mudado – e o que é fundamental para o culto e deveria, portanto, ser mantido sem alteração. Devemos incentivar as pessoas a testar todas as contribuições por sua centralidade em Deus e sua capacidade de edificar, e motivar todos a aprender a ver questões passíveis de discussão a partir do ponto de vista de outras pessoas. Em nossa própria conduta de adoração, podemos nos envolver em

um processo educativo, explicando, por vezes, as razões para a escolha de hinos e canções, e indicando os princípios que as Escrituras estabelecem sobre a adoração espiritual. A verdade mais importante que devemos transmitir é a de que o importante não é quão aceitável nossa adoração é para nós mesmos ou para os outros, mas quão aceitável ela é para Deus – uma prioridade por vezes esquecida.

Devemos liderar pela importância que atribuímos à oração. Os apóstolos definem um exemplo para a igreja primitiva e para nós em sua determinação de delegar responsabilidades administrativas, a fim de se dedicarem à oração (At 6.4). A sobrecarga de atividades que caracteriza o pastor e mestre típico ameaça a atitude de oração e, ao mesmo tempo, indica sua prioridade. Só Deus e nós mesmos sabemos o lugar que damos à oração pessoal. Já consideramos isso anteriormente, e sua importância vital deve ser sempre enfatizada. A fonte de nossas falhas está frequentemente nisso. Mas tendo estabelecido a prioridade da oração pessoal – que faz parte de nossa liderança oculta do povo de Deus – devemos liderar através da oração de outras maneiras. Não é apenas um bom hábito iniciar e concluir uma visita ou uma reunião do conselho com oração. Isso nos faz cuidadosamente lembrar de nossa dependência em relação a Deus e sua sabedoria. Tiramos a conversa do âmbito do mero falar e a levamos para o âmbito de estarmos na presença de Deus e de discernirmos sua vontade.

Tão frequentemente como os líderes da igreja se reúnem para “trabalhar”, eles devem se reunir para orar. A oração é o seu trabalho. É possível ligar as duas atividades ao dividirmos uma reunião em duas partes: metade para a oração e metade para os trabalhos. Mas muitas vezes estes assumem a direção. Uma noite especial, reservada para a oração, garante sua prioridade adequada. Qualquer que seja a pauta, é bom investirmos tempo em oração no início de cada reunião para os trabalhos.

Refletindo sobre muitas reuniões de presbíteros e diáconos, quanto mais tempo alegremente dedicamos à oração, menos tempo precisamos gastar sobre os nossos trabalhos. Ao contrário, qualquer esforço para reduzir a oração no início, por causa da pressão de continuarmos com as questões diante de nós, serve apenas para tornar mais difícil completar os trabalhos. Isso não é de surpreender. Seja em uma reunião geral da igreja ou uma reunião de líderes, quando uma questão difícil está em discussão e há possibilidade de essa situação sair do controle, o melhor é pedir uma pausa para dedicar algum tempo para a oração, antes de prosseguir. A oração não só ameniza atitudes, mas traz a orientação solicitada.

Devemos liderar através de iniciativas pastorais. Não é sensato simplesmente esperar até que as necessidades pastorais sejam trazidas até nós; como líderes, devemos tentar antecipá-las. Por exemplo, todos os

pais começam sem experiência alguma da paternidade. A instrução de novos pais é uma iniciativa óbvia que precisa ser feita, talvez anual ou semestralmente.

Quando nos tornamos conscientes das diferenças entre cristãos ou entre marido e mulher, não devemos hesitar em tomar medidas, lembrando que Deus nos chamou para sermos seus pastores. Algumas dessas situações são extremamente difíceis de abordar, mas sua dificuldade sublinha a sua importância e a satisfação de ver a realidade de uma adequada resolução. Quanto mais tempo tais situações forem deixadas intocadas, maior a probabilidade de elas não serem resolvidas. George Whitefield escreveu em seu diário na sexta-feira, 20 de janeiro de 1738:

Passei toda a manhã compondo um sermão. Com alegria integrei nele o desentendimento entre um soldado e sua esposa, um dos quatro casais que uni quando pela primeira vez vim a bordo. O homem tinha resolvido deixá-la, mas, quando lhe recordei de seu voto matrimonial e suplicando-lhe com amor, ele imediatamente voltou para a esposa. O que um ministro não pode fazer através de Cristo, quando seu rebanho o ama?

Nossa iniciativa pode ser simplesmente a de pedir a alguém para fazer uma visita pastoral ou para retornar uma ligação que fizemos.

Às vezes, nossa difícil tarefa de liderança pode ser tomar a iniciativa na disciplina da igreja. A disciplina da Igreja não é nem popular, nem uma prática comum, o que é lamentável. Sua falta indica que as pessoas perderam de vista o amor e a ternura que deve sempre estar por trás da disciplina e de sua necessidade se visamos a restauração daqueles que erraram. Se os líderes da igreja não são claros sobre a disciplina na igreja e como ela deve ser exercida, tampouco os membros da igreja o serão. A disciplina da igreja só pode ser corretamente posta em prática quando o procedimento para sua instauração é estabelecido de antemão e explicado à comunhão da igreja. Se esse procedimento for feito meramente no momento de necessidade, é provável que seja elaborado às pressas e que seja mal interpretado. A liderança sábia prepara antecipadamente.

Devemos liderar pela preocupação e esforço evangelístico. A comunhão da igreja deve estar olhando para fora em vez de para dentro. Cuidar do rebanho não é suficiente; as outras ovelhas a quem o Supremo Pastor quer adicionar devem ser procuradas e encontradas. O evangelismo deve estar na pauta de cada reunião regular dos líderes espirituais, seja para rever o que foi feito ou para responder a novas oportunidades para evangelizar. Eles devem liderar tomando a frente de tais iniciativas, esforçando-se para

dar o exemplo no evangelismo pessoal e envolvendo-se em todos os empreendimentos da igreja pela evangelização.



DP Um exemplo pode ajudar. Não encaro a visitação de porta em porta como algo fácil, embora uma vez que me envolva eu goste de fazê-lo. Nossa visitação mensal regular das casas próximas à igreja acontecia na mesma noite do nosso encontro de oração da igreja, para que a oração pudesse ser focada sobre as visitas conforme elas eram feitas, e depois relatadas. Para incentivar as pessoas a se juntarem à equipe de visitação, percebi que precisava ser um membro do grupo. Isso significava que, se era a minha vez de liderar a reunião de oração, eu pedia que alguém o fizesse em meu lugar. Isso também me deu a oportunidade de comunhão com outros membros da igreja ao fazermos a visita, e ganharmos uma noção do bairro e da resposta às nossas visitas. Revendo esse trabalho, constatamos que muito mais pessoas juntaram-se a ele com entusiasmo quando os presbíteros se envolveram pessoalmente com isso do que quando eles não o fizeram.



Quando conduzimos os outros em oração pública, temos a oportunidade de orar cuidadosa e inteligentemente por aqueles que ainda estão sem Cristo e clamarmos a Deus por sua ajuda no cumprimento da nossa responsabilidade para com eles. Isso tudo é parte da nossa liderança do rebanho.

Devemos liderar pela presidência sábia e capaz. A presidência inevitavelmente recai sobre os pastores. Quando uma comunhão cristã chama uma pessoa para ser “o pastor” ou “o ministro”, a presidência tende a ser sua tarefa. Não é algo obrigatoriamente compulsório, já que pode haver outros mais dotados para isso. Mas é compreensível que, uma vez que o pastor é alguém em quem o povo de Deus confia – seu chamado não seria reconhecido de outra forma – ele constituiria uma escolha óbvia.

A responsabilidade de um pastor – e daqueles que compartilham a liderança com ele – por presidir reuniões é um pouco diferente da presidência ordinária. Normalmente, a tarefa de um bom presidente é ordenar a discussão, a fim de manter as pessoas focadas no ponto em questão e garantir que

todos aqueles que desejam ou deveriam contribuir para a discussão assim o façam. Idealmente, ele se abstém de manifestar suas próprias ideias tanto quanto possível. Isso permanece como um ideal para um pastor, mas existe uma diferença. Apesar de ser o presidente, ele continua a ser um pastor, e um líder entre os líderes. Ao presidir a reunião, ele está profundamente envolvido em todos os assuntos discutidos e tem uma preocupação pastoral em relação à utilidade da reunião e à direção que ela deve tomar. Ele vai falhar em sua liderança se os objetivos pastorais não forem atingidos. Terá convicções sobre a maioria dos assuntos em discussão, e se os outros não as levantarem, não deve hesitar em levá-las ele mesmo – mas será sábio se os outros o fizerem primeiro, para que a iniciativa, de preferência, não seja sempre dele. Ele deve preparar-se de antemão e muito bem para a reunião, de um modo que alguém que não a presida dificilmente o faria.

O sucesso das reuniões de presbíteros e diáconos depende muito da nossa preparação prévia, tanto na oração como na reflexão. Devemos atingir um equilíbrio entre estar cuidadosamente preparado e ir ao encontro com tudo tão definido que parece haver pouco espaço para discussão!



DP Meu plano pessoal era começar por escrever em uma folha de papel, em separado, cada assunto que eu imaginava que seria levantado ou que tinha sido colocado na pauta. Se coubesse a mim a composição da pauta da reunião, eu fazia malabarismos com minhas folhas de papel até colocar os tópicos em ordem de prioridade. É comum deixarem-se os assuntos importantes para o final de uma reunião e, então, aceleram-se as discussões no pouco tempo que resta. Determinar a ordem de prioridade ajudou a evitar isso, e às vezes significava sugerir alterações na pauta preparada pelo secretário. Em cada folha de papel, então, eu anotava aspectos de cada assunto que eu sentia que deveriam ser discutidos ou pelo menos mencionados, se decisões significativas e inteligentes deviam ser tomadas. Assim, quando chegávamos a determinados tópicos, eu podia começar nossa discussão dizendo: “Tendo pensado um pouco sobre isso, sinto que devemos discutir os seguintes aspectos do assunto...” Eu podia desenvolver isso com perguntas como: “Alguém tem algum ponto de vista ou convicção sobre isso? Será que alguém gostaria de começar nossa discussão?” Na parte inferior de cada folha de papel,

escrevia minhas próprias convicções sobre o rumo que a discussão deveria tomar, mas nunca comecei por mencioná-las e, às vezes, nem tinha necessidade disso, ou porque outros o faziam, ou porque minha opinião havia mudado diante do que fora dito. É particularmente útil preparar-se dessa forma para uma reunião quando prevemos que um assunto pode ser delicado e causar divisão. Podemos então pensar de antemão na abordagem cristã apropriada, na ênfase para colocar o assunto no início, e em que espírito a discussão deve ser realizada.



Há enorme diferença entre ir a uma reunião de líderes com a cabeça feita e fazê-lo definindo nossa própria opinião. É questionável se devemos ir com a nossa cabeça feita, pois isso pressupõe que vamos rejeitar tudo que nos for sugerido. Definir nossa própria mente significa ser claro quanto às nossas convicções e por que mantê-las. Podemos então compartilhá-las de forma coerente em uma discussão e, ao mesmo tempo, estar dispostos a ajustar as nossas opiniões e alterar nossas convicções à medida que uma nova luz é lançada sobre o assunto através do que os outros dizem.

O relacionamento entre os líderes

A liderança deve ser compartilhada. Alguns se afastaram desse princípio, com consequências desastrosas. A principal razão para a liderança compartilhada é que isso nos mantém sob a disciplina de outros. Se o povo de Deus precisa estar sob disciplina, assim também os seus líderes (cf. At 20.30). Um líder entre os líderes deve se assegurar de que ele próprio esteja sob o cuidado pastoral de um ou mais líderes. Ele estará, então, em condições de sentir uma responsabilidade pastoral especial por todos os que partilham a liderança com ele – ninguém mais que ele tem essa responsabilidade.

Devemos tentar conhecer bem os nossos colegas líderes, espiritualmente, para o encorajamento mútuo. Podemos muitas vezes nos surpreender ao descobrir que aqueles que estão tão prontos para discutir os problemas pessoais e íntimos de outras pessoas podem ser lentos para mencionar os seus próprios. É importante que líderes espirituais orem juntos. É valioso que de modo frequente, mesmo que irregular, dediquem parte do tempo para compartilhar necessidades pessoais. A abertura franca de coração entre os líderes pode ser um tremendo incentivo e um meio de aliviar

o peso daqueles que passam a maior parte do seu tempo dando incentivo, mas não recebendo. A oração, após essa partilha, aquece o coração e une as pessoas. Se nossos colegas líderes estão inicialmente relutantes em partilhar suas necessidades pessoais e familiares, devemos tomar a iniciativa e fazê-lo, e isso vai ajudá-los a seguir o exemplo. Essa abertura para o outro é mais uma salvaguarda contra os perigos do profissionalismo a que fizemos referência frequente.

Como regra geral, é bom compartilhar tanto quanto possível com os nossos colegas líderes o conhecimento que temos da vida e as preocupações pela igreja e seus membros. A única restrição é se, ao fazermos isso, quebrarmos a confiança. Se, no decurso do nosso trabalho pastoral, nos tornarmos conscientes de que uma crise pode ser iminente ou ficarmos sabendo de alguma necessidade de disciplina na igreja, quanto mais cedo pudermos compartilhar isso com os nossos colegas líderes, melhor, para que tal situação não tome ninguém de surpresa, e a fim de ordenar a oração pela libertação graciosa de Deus.

Às vezes, em conversa com um membro da igreja, pode ser apropriado dizer: “Eu gostaria que você me permitisse compartilhar isso com os presbíteros para que eles orem a esse respeito”. Às vezes, podemos sentir a necessidade de dizer: “Embora você tenha compartilhado isso comigo, é realmente uma questão para os presbíteros, e eu tenho o dever de compartilhar isso com eles”. Se formos praticar esse tipo de comunicação honesta, é de fundamental importância que os presbíteros – ou qualquer que seja o título pelo qual os líderes são chamados – mantenham total confidencialidade. Esse é um princípio ao qual precisamos nos referir frequentemente – em primeiro lugar, porque as pessoas às vezes se esquecem de sua importância, e, em segundo, porque há sempre novas adições à liderança.

Esse princípio da confidencialidade em todos os assuntos discutidos precisa ser firmemente estabelecido por aqueles que estão na liderança. Não deveria ser necessário fazê-lo, mas a experiência mostra que é. Se a confidencialidade não é praticada, os presbíteros não estarão preparados para compartilhar abertamente um com o outro uma necessidade doméstica ou um problema no trabalho. Se a confidencialidade não é preservada, os membros da igreja vão hesitar em compartilhar assuntos pessoais com seus pastores.

É natural para um homem querer falar com sua esposa sobre assuntos que o preocupam, mas ele deve disciplinar-se a respeitar o princípio de não revelar quaisquer detalhes de discussões pastorais confidenciais em que esteve envolvido. Há exceções, mas a regra geral é importante. O tipo de exceção a que aludimos é aquele em que marido e mulher compartilham a pastoral de um casal, ou onde a esposa pode estar envolvida no aconselhamento de

uma mulher no grupo pastoral do marido. Em tais circunstâncias, ele teria direito de compartilhar com sua esposa – com a homologação de seus colegas líderes – as convicções que eles têm sobre uma pessoa que tem sido o assunto de sua conversa.

O melhor padrão geral é que a liderança espiritual compartilhe com toda a comunidade da igreja tudo o que pode ser compartilhado sobre suas convicções e decisões, e quanto às demais questões, especialmente as relativas aos indivíduos, que permaneçam absolutamente confidenciais. É de se respeitar a confiança entre marido e sua esposa quando um membro da igreja se aproxima da mulher de um pastor para levantar um assunto que teria sido “vazado” de uma reunião de líderes; ela pode dizer honestamente: “Eu não sei nada sobre isso. Meu marido respeita o princípio da confidencialidade”.

Devemos sempre nos esforçar pela unanimidade nas reuniões com nossos colegas líderes. Há algumas ocasiões em que a unanimidade pode não ser possível. Situações tristes ocorrem quando alguém não responde espiritualmente a uma situação, mas emocional e pessoalmente; ou quando um líder perde sua espiritualidade e, talvez, não percebe o que aconteceu. Ou o assunto em discussão pode ser uma questão secundária, em que a aplicação de princípios corretos pode permitir conclusões diferentes. Não obstante, a unanimidade deve sempre ser o nosso objetivo. Encobrir a desarmonia é perigoso. É como colocar uma camada de tinta sobre madeira úmida; a aparência imediata pode parecer boa, mas a umidade se revelará, ao final, causando danos a tudo o que foi feito.

No momento em que a desarmonia aparece e a temperatura de uma reunião sobe, a melhor abordagem é sugerir uma pausa conjunta, enquanto dois ou três lideram a oração, buscando a orientação de Deus e o dom inestimável da unidade. Pode ser bom pedir a alguém que tem uma opinião forte sobre a questão, para ser um daqueles que oram. Então, em vez de pressionar por uma votação imediata ou uma solução, pode haver sabedoria na espera por unanimidade, sugerindo talvez deixar o assunto para a reunião seguinte, com todos pactuados para orar sobre esse assunto diariamente até então. Quando se chegar a um acordo, a alegria será muito grande! Se a unanimidade não pode ser alcançada, mas o consenso aponta claramente em uma direção, antes de agir sobre esse consenso, é útil as pessoas serem unânimes em concordar que a decisão não vai ser uma causa de divisão, mas uma demonstração do que significa aceitar um ao outro e respeitar as convicções de cada um. Então, qualquer que tenha sido a decisão tomada, ela pode e deve ser apresentada como a decisão de todos. Ainda que sejamos capazes de dizer aos nossos irmãos “Essa decisão não é a que eu teria tomado”, acreditando na orientação corporativa e reconhecendo que não vemos tudo perfeitamente, o que quer que seja decidido coletivamente,

devemos assumir essa decisão como se fosse a nossa própria decisão e nosso plano de ação. Afastar-se desse princípio incentiva a desunião, e o povo de Deus fica intrigado com o fracasso de seus líderes em buscar a unidade.

A unidade espiritual da liderança é a chave para a unidade espiritual do rebanho. É sempre nossa responsabilidade conduzir as pessoas para longe da discórdia e apontá-las na direção da unidade.



DP Como pastor, tive de presidir as reuniões daqueles que se achavam na liderança espiritual. Embora nem todo mundo possa concordar com minha prática, tenho buscado estar em pé de igualdade em termos de amizade para com todos, mas não cultivo uma amizade especial com ninguém. A explicação é que estive em situações em que a reação das pessoas me seria previsível em razão da amizade. Se temos uma relação especial com um colega na liderança, podemos ser tentados a tomar o partido dele em um debate por pura lealdade, em vez de fazê-lo por convicção. Pode não ser esse o caso, mas essa é uma armadilha contra a qual vale a pena a adoção de medidas para evitá-la.



O perigo de discutir a liderança é que podemos sentir que somos importantes demais. Há uma diferença entre ser importante – como é a função de cada pessoa no corpo de Cristo, incluindo a de líderes – e se sentir importante. Devemos evitar o elitismo espiritual, especializando-nos em demonstrar em todos os sentidos possíveis que, como líderes, somos servos. Qualquer competência que temos vem de Deus (2Co 3.5), e sabemos que “nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus, que dá o crescimento” (1Co 3.7).

Capítulo 12



Saber delegar

Saber delegar é uma extensão essencial da liderança eficaz, e merece abordagem à parte. A liderança pode ser definida como a capacidade de suscitar outros líderes, desenvolvendo o potencial máximo de outras pessoas para suas próprias obras de serviço no corpo de Cristo. Esse objetivo só pode ser alcançado através da delegação. O título de “bispos”^{*} dado aos pastores e mestres implica que devemos supervisionar certas tarefas, em vez de realizá-las nós mesmos. A qualificação para os presbíteros de que eles devem ser capazes de ensinar (1Tm 3.2) pode incluir não só a capacidade de ensinar a doutrina e conduta cristã, mas também a transmissão de informações e habilidades para que as pessoas atinjam as obras de serviço que Deus tem preordenado para elas.

Delegar é parte do nosso reconhecimento público de que o ministério é de toda a igreja. Embora tenhamos em alta conta nossa vocação como pastores e mestres – ou “ministros”, como nós, muitas vezes, somos chamados –, os conceitos inúteis de “clero” e “leigos” deveriam ser descartados. Essa maneira de pensar tem concentrado muitos aspectos do ministério sobre um indivíduo, criando o “ministério de um homem só”. Esperam-se muitas coisas do pastor convencional. Uma forma de evitar esta armadilha é atribuir uma ênfase adequada à liderança compartilhada, e estabelecer que “o ministro” é apenas um presbítero entre presbíteros, embora chamado para ser o “presbítero presidente”.

^{*} No original, “overseers”, que traduzido literalmente seria ‘supervisores’. No entanto, “overseer” é uma tradução para o inglês da palavra grega ‘ἐπίσκοπος’ (episcopos), vertido para o português como ‘bispo’. [N.T.]

Outra maneira de evitar essa armadilha é a prática de delegação de responsabilidades como parte do nosso reconhecimento de que o ministério é trabalho de toda a igreja, com todos os membros encontrando o seu lugar de direito. Fundamental para essa prática é a convicção de que o Senhor Jesus, o Cabeça da Igreja, oferece dons adequados para a sua Igreja e para cada expressão visível desses dons na igreja local. Esses dons podem não ser sempre facilmente perceptíveis, mas, quando se delegam responsabilidades, eles são trazidos à luz e desenvolvidos. Se a delegação não acontecer, eles podem ficar escondidos. Uma delegação adequada elimina o elitismo pastoral.

Lição antiga, mas oportuna

Nenhuma passagem na Bíblia tem maior relevância para a delegação que o conselho que Jetro, o sogro de Moisés, deu em sua visita à filha e ao genro, quando ele “ouviu todas as coisas que Deus tinha feito a Moisés e a Israel, seu povo; como o Senhor trouxera a Israel do Egito” (Êx 18.1). Sua avaliação da situação de Moisés será um ponto de referência que nos beneficiará neste capítulo.

No dia seguinte, assentou-se Moisés para julgar o povo; e o povo estava em pé diante de Moisés desde a manhã até ao pôr do sol. Vendo, pois, o sogro de Moisés tudo o que ele fazia ao povo, disse: Que é isto que fazes ao povo? Por que te assentas só, e todo o povo está em pé diante de ti, desde a manhã até ao pôr do sol?

Respondeu Moisés a seu sogro: É porque o povo vem a mim para consultar a Deus; quando tem alguma questão, vem a mim, para que eu julgue entre um e outro e lhes declare os estatutos de Deus e as suas leis.

O sogro de Moisés, porém, lhe disse: Não é bom o que fazes. Sem dúvida, desfalecerás, tanto tu como este povo que está contigo; pois isto é pesado demais para ti; tu só não o podes fazer.

Ouve, pois, as minhas palavras; eu te aconselharei, e Deus seja contigo; representa o povo perante Deus, leva as suas causas a Deus, ensina-lhes os estatutos e as leis e faze-lhes saber o caminho em que devem andar e a obra que devem fazer. Procura dentre o povo homens capazes, tementes a Deus, homens de verdade, que aborreçam a avareza; põe-nos sobre eles por chefes de mil, chefes de cem, chefes de cinquenta e chefes de dez; para que julguem este povo em todo tempo. Toda causa grave trarão a ti, mas toda causa pequena eles mesmos julgarão; será assim mais fácil para ti, e eles levarão a carga contigo. Se

isto fizeres, e assim Deus to mandar, poderás, então, suportar; e assim também todo este povo tornará em paz ao seu lugar.

Moisés atendeu às palavras de seu sogro e fez tudo quanto este lhe dissera. Escolheu Moisés homens capazes, de todo o Israel, e os constituiu por cabeças sobre o povo: chefes de mil, chefes de cem, chefes de cinquenta e chefes de dez. Estes julgaram o povo em todo tempo; a causa grave trouxeram a Moisés e toda causa simples julgaram eles (Êx 18.13-26).

As tristes consequências de não delegar

Como o trabalho de administrar a justiça para o povo, o trabalho de pastorear e ensinar o rebanho é pesado demais para que o façamos sozinho, por mais que o tentemos. Se não delegarmos, faremos sozinhos, desnecessariamente, todas as tarefas, e colocaremos pressão não só sobre nós mesmos, mas também sobre os outros. A observação de Jetro ao ver a situação de Moisés foi perspicaz (Êx 18.14). Se tentarmos fazer muito sozinhos, sem trazer outros para ajudar, vamos acabar deixando muitos sem receber cuidados, e todos sentindo que não lhes temos dispensado tempo suficiente. Jetro reconheceu que a demora em fazer as coisas, mesmo que a pessoa responsável esteja fazendo o seu melhor, produz descontentamento.

Sem delegar, chegaremos ao ponto de não realizarmos nada a contento, e experimentaremos o que por vezes é descrito como “esgotamento”.* Nós nos exaurimos e, paradoxalmente, desgastamos aqueles que gostaríamos de ajudar fazendo-os ficar de prontidão, impotentes, devido a nossa falta de disposição em colocar um pouco da nossa carga sobre seus ombros. Como resultado, eles ficam desencorajados, e a vida da comunhão da igreja entra em uma rotina terrível ou é triturada lenta e quase imperceptivelmente até ficar paralisada. Deus não é glorificado pelo esgotamento pastoral. Ele não é um tirano cruel que espera que façamos tudo sozinhos. Ao contrário, ele tem sempre à mão aqueles que ele preparou para compartilhar nosso trabalho, a fim de que não fiquemos sobrecarregados e percamos o nosso senso de visão e direção.

Parte da responsabilidade de liderança consiste em assumir as novas tarefas e levar adiante novas iniciativas até o ponto em que estas venham a ser

* No original, “burn-out”. De acordo com o Catálogo Internacional de Doenças, versão 2010, a síndrome de burn-out ou esgotamento (Z73.0) é uma doença caracterizada pelo sentimento de estar acabado, esgotado física e mentalmente. [N.T.]

entregues a outros. No entanto, se não delegarmos, temos pouco ou nenhum tempo para considerar o desenvolvimento e o progresso, e nos colocamos na esteira de sermos empurrados pelas pressões dos compromissos por tarefas imediatas rotuladas como “urgentes” em vez de estarmos livres para considerar as tarefas realmente importantes da liderança. Damos a triste impressão, para quem vê de fora, de que nos sentimos indispensáveis. Pior ainda, nós nos tornamos um obstáculo para o crescimento da igreja, embora provavelmente protestaríamos contra isso, já que todo o nosso trabalho tem em vista o crescimento da igreja. David Watson expôs uma experiência pessoal quando escreveu:

O vigário ou ministro é geralmente o gargalo, se não a rolha, de sua igreja; nada pode entrar ou sair senão por ele. Não há reuniões que possam ser feitas sem o seu conselho e aprovação. Eu conheço algumas paróquias onde os leigos não podem sequer se encontrar para o estudo da Bíblia e oração, a menos que o vigário esteja presente. Esse conceito do ministério como gargalo torna o crescimento e a maturidade praticamente impossíveis. Os membros são incapazes de se desenvolver no ministério dado por Deus, que bem poderiam experimentar, pois, na estrutura e na prática, há espaço para apenas um ministro. Sem dúvida, é por isso que o fogo do Espírito fez com que a garrafa explodisse em inúmeras congregações ou igrejas domésticas, onde há espaço para o crescimento e para o compartilhamento do ministério. A menos que haja odres novos para o vinho novo, é inevitável que alguns acabem arrebentando.¹

Não é nenhum elogio para nossa liderança se tudo desmorona quando não estamos presentes ou quando chega nossa hora de sair. Como Moisés, precisamos ouvir aqueles que objetivamente observam a verdade sobre a nossa situação e oferecem conselhos. Foi preciso uma humildade considerável da parte de Moisés para fazê-lo, mas a recompensa foi grande, não só para ele, mas ainda mais para o povo de Deus. Por trás da voz de Jetro, Moisés discerniu a voz de Deus, e nós também precisamos reconhecer que Deus pode falar conosco através dos comentários – e críticas – dos outros.

Relutância em delegar

Há sempre razões por trás das falhas em delegar, e precisamos identificá-las, a fim de saná-las. Algumas não são fáceis de reconhecer, como o nosso medo de que delegar responsabilidade pode dar a alguém proeminência

e talvez preterir-nos aos olhos do público. Podemos reear perder o afeto das pessoas. Pode até haver o receio de que a pessoa em questão possa vir a fazer o trabalho melhor do que nós mesmos, e, portanto, levar as pessoas a sentir que poderíamos ter feito melhor. Ou por trás da nossa lentidão em delegar pode haver um coração possessivo. Precisamos reconhecer o mal dessas atitudes e de outras, similares. Devemos nos regozijar com o talento que Deus dá aos outros, para não ficarmos com ciúmes. Não podemos ver a Igreja como nosso reino, mas de Cristo. Se nos envolvemos em seu trabalho com sucesso, temos de diminuir a nós mesmos para que ele cresça – e como a delegação promove esse grande objetivo, constitui uma prioridade.

Uma razão menos indigna para nossa falha em delegar pode ser o medo de que a tarefa não fique benfeita. Algumas pessoas têm medo de confiar nos outros. Podemos ser perfeccionistas e preocupados, temendo, quando entregamos uma tarefa a uma pessoa, que ela não a fará de forma eficiente. Se por trás dessa preocupação está nosso orgulho, então temos que reconhecê-lo e exterminá-lo. Se nosso medo é justificado, devemos nos esmerar em dar à pessoa toda a ajuda que pudermos, com um escudo interior para garantir que, se os problemas surgirem, ela poderá lidar com eles sem grandes dificuldades. Pode ser que possamos fazer uma tarefa melhor do que a pessoa a quem a confiamos, mas de que outra forma ele ou ela vai aprender, se não proporcionarmos a oportunidade? É ao enfrentar a tarefa que ele ou ela não só vai conseguir lidar com a situação, como poderá acabar atuando melhor do que nós.

Os benefícios de delegar

Uma sábia divisão do trabalho gera eficiência. Adam Smith descreve em sua obra *A riqueza das nações* a divisão do trabalho que ele observou na manufatura de alfinetes para a indústria:

Um operário desenrola o arame, um outro o endireita, um terceiro o corta, um quarto faz as pontas, um quinto o afia nas pontas para a colocação da cabeça do alfinete; para fazer uma cabeça de alfinete requerem-se 3 ou 4 operações diferentes; montar a cabeça já é uma atividade diferente, e alvejar os alfinetes é outra; a própria embalagem dos alfinetes também constitui uma atividade independente.²

John Galbraith comenta: “Dez homens dividindo o trabalho, Smith calculava, poderiam fazer 48.000 alfinetes por dia, 4.800 cada. Um homem que fizesse todas as operações faria talvez um, talvez 20 alfinetes”.³

Obviamente, não podemos aplicar os princípios industriais “*lock, stock, and barrel*”^{*} para o serviço de pessoas. Mas, ao tentar fazer tudo – como alguns de nós tolaemente tentamos –, diminuimos a eficiência total do corpo de Cristo; ao invés disso, se partilhamos as tarefas e nos dedicamos àquelas que somos especialmente chamados a realizar, em harmonia com aqueles a quem delegamos, aumentamos a nossa eficiência espiritual e beneficiamos a igreja. Quando a delegação que honra a Deus é praticada, as pessoas ficam satisfeitas porque elas são adequadamente tratadas, e tudo é feito com propriedade e ordem. Jetro encorajou Moisés a reconhecer isso, e o princípio permanece verdadeiro.

Delegar alivia a carga de responsabilidades e nos permite ter mais alegria no que fazemos, porque não ficamos sob uma pressão desmedida. É possível ter orgulho da quantidade de trabalho que fazemos e de nossas inúmeras responsabilidades, mas isso tudo perde o sentido se outros deveriam estar envolvidos. Quando outras pessoas compartilham a carga, além de sermos mais capazes de suportar a pressão das nossas próprias tarefas, novas ideias e energia são trazidas para atividades bem estabelecidas. Um novo elemento no grupo pode ser como uma lufada de ar fresco, assim como nós, provavelmente, o éramos quando começamos a realizar tal tarefa.

Pelo ato de delegar garantimos uma continuidade; e novos dons, incluindo aqueles da liderança, surgirão. Delegar não só nos ajuda, mas também beneficia aqueles que têm, assim, o privilégio de desfrutar de um maior envolvimento na obra do corpo de Cristo. Deus, que nos deu as nossas capacidades, deu habilidades iguais a outros. A maioria de nós deve seu próprio desenvolvimento espiritual em serviço às pessoas que confiaram em nós – e às evidências que elas perceberam do Espírito de Deus agindo em nós – o suficiente para delegar-nos responsabilidades.

Um aspecto perverso da dificuldade de delegar é que o potencial de outras pessoas para a responsabilidade e liderança pode permanecer inexplorado e subdesenvolvido. Como incomensuravelmente mais pobre toda a Igreja de Cristo poderia ter sido se Barnabé não tivesse reconhecido o potencial do apóstolo Paulo e o encorajado ao serviço a ponto de Paulo tornar-se mais proeminente do que ele, e sem qualquer sentimento de ciúme. Uma delegação adequada estimula o crescimento espiritual em outros e, ao praticá-la conscientemente, cumprimos nosso dever de pastores e

^{*} “*Lock, stock, and barrel*” é uma figura de linguagem usada predominantemente no Reino Unido e nos Estados Unidos, e significa ‘todo’, ‘total’, ‘tudo’. Diz-se que, nos primórdios da fabricação de armas de fogo, cada artesão fazia os componentes individuais um de cada vez. Um artesão fazia o “*lock*” (fecho), que poderia ser um fecho de mecha, pederneira, etc. O próximo artesão fazia o “*barrel*” (tambor e cano), e o último artesão, que era um carpinteiro, fazia o “*stock*” (carcaça). Em algum momento, um artesão ou um comerciante começou a anunciar “*Lock, Stock and Barrel*” o que significava que você poderia obter toda a sua arma em um local e não ir de artesão em artesão para terminá-la. [N.T.]

mestres no aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, resultando na edificação do corpo de Cristo (Ef 4.12).

Áreas de delegação

A delegação começa quando há uma equipe pastoral. A razão pela qual deve haver um líder entre os líderes é que cada equipe precisa que seu trabalho seja coordenado e que alguém seja reconhecido como o iniciador na delegação. Para que a questão não fique vaga e indefinida, é melhor que descrevamos algumas das situações de equipe com as quais estamos familiarizados.



DP A equipe que eu conhecia era composta de um jovem assistente, uma obreira, uma secretária e, ultimamente, um segundo assistente. O assistente jovem era geralmente alguém vindo diretamente do seminário ou da faculdade teológica, e havia um acordo de cavalheiros entre nós de que ele deveria permanecer por pelo menos dois anos na equipe. O primeiro ano do jovem assistente era usado para que ele se ambientasse e encontrasse seu caminho. No segundo ano, ele estava muito mais seguro de si mesmo – no bom sentido – e capaz de assumir uma maior responsabilidade. Esse estágio do assistente era muito valioso tanto para ele como para a igreja, que era sempre encorajada a ver a contratação de assistentes como uma de suas contribuições para todo o corpo de Cristo na medida em que fornecia a experiência prática que um jovem deveria ter antes de ser chamado para uma esfera mais exigente de liderança. O segundo assistente era um homem mais maduro, e a intenção era que ele continuasse conosco por um período mais longo e sem data de término, o mesmo tipo de acordo que tínhamos com a obreira/conselheira. A secretária era um membro importante da equipe, porque o cuidado do povo de Deus envolve muita administração espiritual, que ela era capaz de coordenar pela equipe toda, sendo a pessoa sempre disponível no escritório, durante o dia, para receber ligações telefônicas quando os membros da equipe estavam fora fazendo visitas, e mantê-los em contato com relação a novas necessidades e crises.

Dentro desse tipo de equipe, como em qualquer outro, tinha de haver uma cadeia de comando e áreas cuidadosamente definidas de delegação. Minha principal tarefa como pastor era coordenar o nosso trabalho conjunto e reconhecer que era importante dar tempo para os membros da equipe, como grupo e individualmente, conforme necessário. Reuniões de equipe ou de pessoal, com todos presentes, eram o melhor modelo, na medida em que, embora as responsabilidades de cada membro pudessem estar sob discussão, era importante que os membros da equipe considerassem o trabalho uns dos outros ao compartilhar a responsabilidade pela oração. Nada une mais uma equipe do que a capacidade de orar juntos e orar uns pelos outros de forma inteligente e em relação a tarefas específicas.

Sempre que uma nova pessoa se juntava à equipe, eu usava um tempo para delinear as suas responsabilidades – retomando anotações de como eu havia feito isso antes, e atualizando-as, se necessário – e entrando em detalhes sobre a forma como cada tarefa individual devia ser enfrentada. Buscava frisar três coisas naquele primeiro encontro: em primeiro lugar, a fixação de uma data – talvez uma quinzena ou um mês à frente – para avaliar como as coisas estavam indo; em segundo lugar, incentivar a pessoa a entrar em contato comigo imediatamente se houvesse algo que ele ou ela não conseguia entender ou se sentia incapaz de realizar; e, em terceiro lugar, salientar a importância de buscarmos completa honestidade e franqueza um com o outro e com os demais membros da equipe.

A cadeia de comando era simples e bastante óbvia. Quando eu não estava presente em uma reunião de equipe, o assistente mais velho ficava no comando. Quando não tínhamos um assistente mais velho, a tarefa cabia ao jovem assistente, não porque ele era necessariamente mais bem qualificado, mas a fim de lhe proporcionar essa experiência como parte de seu treinamento. Mas, se em algum momento eu sentisse que poderia haver qualquer dúvida a respeito de quem agiria em meu lugar, mencionava isso em uma reunião da equipe, de antemão, de modo que não houvesse possibilidade de mal-entendidos. Uma comunicação cuidadosa e detalhada é essencial para um bom relacionamento.

A distribuição das responsabilidades era simples. O jovem assistente era responsável, em primeiro lugar, pelo trabalho com os jovens e com os estudantes. Por causa de sua idade,

era bom para ele estabelecer um relacionamento com todos os jovens casais, especialmente se ele próprio era casado. A conselheira se sentia responsável pelo cuidado pastoral global com as mulheres da igreja, mas especialmente pelas solteiras e aquelas a quem não seria fácil ou conveniente para os membros do sexo masculino da equipe visitar ou aconselhar. O jovem assistente e a conselheira não realizavam o mesmo número de visitas aos membros mais velhos da comunidade, muitos dos quais raramente conseguiam vir à igreja. Isso foi estabelecido para aliviar as responsabilidades sobre a conselheira, já que a maioria dos membros mais velhos era do sexo feminino, como frequentemente acontece. Isso significava que ela teria tempo para se dedicar às outras mulheres. A tarefa do assistente mais velho era me ajudar, em primeiro lugar, no trabalho pastoral, especialmente nas crises que surgem quase que diariamente, e realizar visitas sistemáticas às famílias da igreja, com vistas ao encorajamento e integração dessas famílias.

Os membros da equipe pastoral, por sua vez, foram encorajados a delegar. O assistente mais jovem presidia uma comissão de estudantes para que outras pessoas pudessem compartilhar o cuidado pastoral desse público. A conselheira formou em torno de si um grupo de mulheres que adotaram uma ou mais mulheres idosas e visitavam-nas regularmente em articulação com ela.

Cada membro da equipe fazia breves notas sobre as pessoas que tinha visitado ou conhecido durante a semana, e todos me davam a lista no domingo, em preparação para a reunião da equipe de segunda-feira. Comentários eram necessários apenas quando houvesse algo que eles achassem que eu deveria saber ou necessitasse de oração. Isso também levou a discussões sobre como enfrentar situações pastorais, e ajudou a todos a crescer em sensibilidade espiritual.



AB Aqui em Parkside somos uma “obra em andamento”. Ao longo dos anos, o tamanho e a estrutura da congregação foram mudando. Tenho aprendido a adaptar tanto as minhas expectativas (e as dos outros) como meu modo de agir.

Depois de servir como assistente de Derek, pastoreei uma igreja sozinho por seis anos. Durante meu último ano, eu tinha a ajuda de um assistente e de uma secretária em duas manhãs por semana. Se eu tivesse ficado lá, tentaria desenvolver o ministério ao longo das linhas detalhadas acima.

Ao chegar a Parkside, deparei com um pastor de jovens, um pastor de discipulado, uma diretora musical e duas secretárias no escritório. Muito rapidamente se tornou evidente que o padrão de delegação que eu trouxera do outro lado do oceano não poderia ser sobreposto à estrutura daqui. Nos dez anos seguintes, tentei o meu melhor, mas com sucesso apenas relativo.

Levou todo esse tempo para que eu e meus colegas presbíteros percebêssemos que eu precisava de ajuda significativa nessa área. Quando uma igreja é menor e mais gerenciável, é mais fácil “se virar”,* mas depois de algum tempo fica difícil disfarçar as deficiências.

Durante um período de alguns meses me encontrei com três dos nossos presbíteros para pensarmos e orarmos sobre como poderíamos melhorar em termos de delegação e desenvolvimento do ministério em Parkside. Essas discussões foram, em oração, honestas e desafiadoras. Elas fizeram com que eu reconhecesse circunstâncias em que eu era ou ineficiente ou talvez incompetente, ou talvez ambos! De passagem, eu gostaria de recomendar esse tipo de processo a outros pastores que eventualmente estejam enfrentando um desafio semelhante. A “solução” adotada por muitas igrejas é simplesmente o pastor e as pessoas se separarem. Isso raramente resolve o problema e, geralmente, envia-se o pastor para outro lugar para “se virar” até que ele atinja o mesmo impasse de antes.

Nossa solução foi convidar um dos nossos presbíteros, que na época era um associado de um escritório de contabilidade, para integrar nossa equipe pastoral como “diretor do ministério”. Isto exigiu uma delegação muito importante de minha parte. Essencialmente, o que fiz foi dar a Jeff a supervisão dos outros membros da equipe pastoral e pedir-lhe para me ajudar na direção geral do ministério.

Esse é um ato de equilíbrio sutil, crucial e necessário, que é cheio de perigos e provavelmente não deve ser tentado

* Original: “*muddle through*”. Significa basicamente atingir certo grau de sucesso sem muito planejamento ou esforço. [N.T.]

na maioria dos casos. A única analogia que chega perto de descrever a natureza dessa relação é a do casamento, na verdade, de um bom casamento. Por exemplo, se é que podemos pensar por um momento a respeito dos outros membros da equipe pastoral como crianças (apenas para o bem da analogia), então, quando o pai está ausente, o papel da mãe não é estabelecer um novo conjunto de orientações para a vida familiar, mas defender os princípios que o pai estabeleceu e fazê-lo com um entusiasmo contagiante. Da mesma forma, na ausência do pai, a mãe não lamenta o fato de que ela está sozinha, mas sim ora com e pelas crianças e as incentiva a aguardar o seu retorno.

Na bondade de Deus e por causa da graça peculiar do meu colega, este provou ser não apenas um “modelo de trabalho”, mas a chave para o desenvolvimento do ministério em Parkside. Jeff faz e mantém listas, coisa que eu tendo a não fazer. Ele interpreta minhas divagações e dá estrutura às minhas esperanças e sonhos ou me ajuda a ver o quão imprudentes ou irrealistas estes são.

Somos como copilotos que, tendo registrado seu plano de voo, procuram segui-lo juntos. Agindo dessa forma, eu não fujo do meu dever ou desisto de uma reta sensação de “controle”. Como imediato, ele me considera como capitão, não em um espírito de submissão de má vontade ou concordância superficial, mas deixando clara a sua posição por meio de oração, honesta e persuasiva.

Esse ato de delegação estabelece um padrão direto para a equipe pastoral e nos permite uma enorme liberdade na preparação do povo de Deus para “o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo” (Ef 4.12).



Sempre que trabalhamos em equipe, é inevitável que haja mudanças de pessoal com razoável frequência. Uma vez que a participação em uma equipe é geralmente a preparação de Deus para uma maior responsabilidade em outro lugar, nunca devemos relutar em separar um tempo para explicar cuidadosamente a um novo membro da equipe como fazer o seu trabalho. Mencionamos anteriormente o Dr. Alexander Whyte, que exerceu um ministério muito eficaz em Edimburgo.

Uma série de cartas [...] mostra quão completamente o Dr. Whyte treinou aqueles que trabalharam com ele. A primeira carta diz que o Dr. Whyte estava visitando o rol de membros com o secretário de sessão [...] e pede a seu novo assistente para obter do secretário os nomes dos membros em três distritos. Ele conclui: “Então jante aqui, digamos na sexta-feira à noite, e traga o seu livro; e vou lhe dar algumas anotações pessoais para guiá-lo em suas primeiras visitas ao povo”. Outras instruções seguiam em uma carta de Balmacara: “Esta é minha primeira carta deste lugar; e eu a escrevo porque deixei muito do meu trabalho em suas mãos. Esteja de duas a três horas, cinco dias por semana entre os doentes, etc., e suas outras visitas; e faça a gentileza de me enviar um relatório tão completo como puder dos que você já viu e como todos eles estão. Envie seu relatório uma vez por semana, mais ou menos. Todo o meu pessoal fazia isso quando eu não estava em casa. Mas o Sr. Davidson superava a todos na forma como fazia seu diário de visitas e me mantinha informado sobre tudo. Sentia como se tivesse feito as visitas todas as tardes, quando lia seu diário.”⁴

Temos apreciado bastante o trabalho em equipe, principalmente por conta da comunhão, que é o seu subproduto natural. Aquele que é o líder da equipe deve se sentir pastoralmente responsável pelos outros membros e ser rápido para perceber qualquer falha de comunicação ou falta de harmonia entre eles. Às vezes, a resposta pode estar em dizer quando todos estiverem presentes: “Existe algum problema ou dificuldade que deveríamos discutir?” Podemos dessa forma proporcionar uma oportunidade para o problema desconhecido vir à tona. Ou talvez seja melhor falar em particular com alguém e perguntar: “Há algo de errado?” Mas, qualquer que seja o caminho que tomamos, não devemos fingir que tudo está bem quando sabemos que não está. Quanto mais cedo tomarmos iniciativas, menores as consequências, não importa o quanto possamos naturalmente desejar nos esquivar de lidar com um problema. Todas as equipes têm dificuldades, às vezes. Devidamente tratadas, as dificuldades fortalecem a equipe, ao invés de enfraquecê-la.

A próxima área óbvia de delegação está na liderança espiritual da igreja. Os líderes podem ser chamados pela designação dada pelo Novo Testamento de “presbíteros”, mas o título que eles têm não é a coisa mais importante, e sim, sua função. Se enfatizarmos – como convém – a paridade de presbíteros (incluindo como presbítero qualquer um mais velho, que possa ser chamado de ministro ou pastor), percorreremos um longo caminho para corrigir a falha de presbíteros em apreciar e executar suas responsabilidades

próprias no cuidado pastoral e governo espiritual. Nossa convicção é que, se acreditamos na paridade de presbíteros, tendo o pastor como um dos presbíteros, então os presbíteros devem ser ordenados exatamente da mesma forma que os “ministros” ou “pastores”.

O presbítero líder – ou pastor – não deve fazer todo o trabalho do presbitério, e, no entanto, é o que acontece às vezes. Uma maneira eficaz de delegar trabalho pastoral é dividir os grupos pastorais da comunhão entre os presbíteros, cada presbítero ficando com um grupo, exceto quaisquer membros em tempo integral da equipe pastoral. A razão para essa exceção é que o principal dever do presbítero líder ou pastor deve ser o de cuidar dos presbíteros e suas famílias. Os outros membros da equipe pastoral, não tendo grupos pastorais próprios, são capazes de substituir os presbíteros em caso de doença ou necessidade. Além disso, como os presbíteros e suas famílias necessitam de cuidados pastorais, assim também, os membros da equipe pastoral, e por não ter responsabilidade por grupos pastorais, mas por pertencer a um deles, eles próprios podem estar sob os cuidados de um presbítero.

As lideranças espirituais podem delegar responsabilidades para entrevistas e aconselhamento entre si, ou para aqueles que não estão entre eles, mas possuem dons especiais.



DP Inicialmente, eu sentia que deveria estar envolvido com a entrevista de potenciais membros da igreja ou daqueles que procuram o batismo. Eu me desdobrava, tentando encaixar todas essas entrevistas, até que reconheci que os outros eram perfeitamente capazes de realizar esse trabalho. A um presbítero foi dada a responsabilidade de organizar entrevistas de adesão com presbíteros apropriados para assisti-lo, e a outro, a tarefa de entrevistar, com mais dois colegas, aqueles que procuram batismo.



AB Desde o início, eu encorajava os presbíteros a assumir a liderança no processo de adesão. Eles se revezam ensinando na classe de adesão que dura três semanas e também no curso de preparação para o batismo. Eles realizam as entrevistas

para a adesão e, em nossas reuniões, ouvimos o seu relatório e revemos os formulários de candidatura de adesão. Dessa forma, todos nós participamos do processo.



A um grupo de casais pode ser atribuída a responsabilidade de um grupo de moças que estão prestes a se casar, como instrução complementar à preparação que damos. A instrução de novos cristãos e discursos de membresia para quem vem para a comunhão da igreja, são melhor confiados a quem pode ver essas tarefas como principal responsabilidade de ensino e dispendêr sua total energia para elas. Embora pareça prudente que o presbítero presidente ou pastor/ministro presida as principais reuniões da liderança da igreja, ele não precisa presidir subcomitês.



DP Quando me apresentei ao meu segundo encargo pastoral, descobri que contavam que eu estivesse presente em todas as comissões da igreja e, o mais frequentemente possível, as presidisse. Isso significava que tudo parecia depender de minha presença, o que preencheu meu tempo com as comissões. Consultando os presbíteros e diáconos, determinei que presidiria apenas às reuniões de presbíteros e de diáconos e não assistiria a nenhuma outra reunião com regularidade, a menos que o meu envolvimento fosse realmente necessário. O comitê de evangelização foi a comissão da qual senti que deveria participar sempre que possível, mas sob a presidência de outro presbítero.



AB Adotei o mesmo padrão, e tenho tentado arduamente tornar claro que ao fazê-lo não estou procurando fugir à responsabilidade, mas garantindo que não me torne um obstáculo ao desenvolvimento do ministério. É importante que a presença do pastor não seja vista como a chave para a eficácia. Nada me deu maior incentivo do que descobrir o quanto tudo

correu bem quando estive ausente por cerca de seis meses, em licença sabática.



A delegação de responsabilidade entre os membros da liderança espiritual de uma igreja deve sempre ser feita corporativamente por essa liderança, e não simplesmente por iniciativa individual de um presbítero, do líder ou presidente dos presbíteros. Os presbíteros podem muito bem optar por dar a tarefa de delegar responsabilidade em alguma área para um deles e dizer: “Deixamos para você fazer, e não precisa nos consultar a esse respeito”. Mas se isso não tem sido dito, então, as decisões relativas à delegação devem ser corporativas. Ninguém deve ser convidado a exercer cuidado pastoral, a ensinar ou pregar, ou a compartilhar a liderança de reuniões ou de culto sem os membros da liderança espiritual estarem de acordo com isso, porque essas questões importantes foram confiadas a eles, tanto por Deus quanto por seu povo. Há segurança na sabedoria e na orientação corporativa. Pensar que sabemos mais espalha as sementes do desastre e da desarmonia.

Princípios para delegação bem-sucedida

Antes de delegar responsabilidades, devemos identificar nossas tarefas principais. Ao delegar não estamos nos liberando dessas responsabilidades, mas estamos entregando a outros tarefas que nos impedem de cumprir adequadamente a nossa principal obra. No contexto do cuidado pastoral do povo de Deus, como pastores e professores, as nossas prioridades são a oração e o ensino.

Onde quer que a delegação de responsabilidades seja viável, devemos praticá-la. Se um trabalho que estamos fazendo não é nossa primeira prioridade, e outra pessoa está livre e é capaz de fazê-lo, devemos procurar repassá-lo. Delegar não é um caminho mais fácil de diminuir nossa responsabilidade, longe disso! Quando delegamos temos o dever de manter um olhar atento sobre os que precisam sentir que têm a responsabilidade total, mas que ainda assim podem precisar de nós na retaguarda para ajudar nos estágios iniciais.

O primeiro princípio da delegação é testar o potencial. Assim que as pessoas entram na comunhão da igreja, é bom oferecer oportunidades através das quais possam ser gentilmente postas à prova para revelar dons e habilidades.



DP Com esse objetivo em mente, eu defenderia a nomeação de representantes e substitutos para cada tarefa definida, dentro do razoável. O secretário da igreja deve ter um assistente, e talvez mais de um, de acordo com a forma como as suas funções são delegadas. Da mesma forma o tesoureiro da igreja, com alguém cuidando de despesas regulares e outro, de pequenos itens como o caixa de reserva. Se alguém é responsável pela restauração da igreja, essa pessoa pode ter um assistente. Mesmo se o assistente não se tornar o sucessor final, ele ou ela vai estar equipado para preencher outras posições necessárias, e ao longo do caminho pode deixar transparecer dons que de outra forma passariam despercebidos.

Lembro-me de uma experiência em particular. Tentávamos aliviar a secretária da igreja de alguns de seus deveres que outros pudessem compartilhar. Uma dessas tarefas era a correspondência relativa à admissão de novos membros e a organização de entrevistas de adesão. Um casal havia se juntado recentemente à igreja, e pouco sabíamos sobre seus dons. Perguntamos ao marido se poderia ajudar a secretária naquelas tarefas. Ele não só fez bem o trabalho, como descobrimos que ele e a esposa foram além de qualquer expectativa nos seus cuidados com as pessoas. Antes de as pessoas virem para se reunir com os presbíteros para a sua entrevista de adesão, esse casal convidava-as a sua casa para um chá, e, tendo chegado a conhecê-las, apresentava-as a quantos membros da igreja podiam. Lembro-me da esposa do assistente da secretária explicando quão nervosa estava uma das jovens mulheres sobre sua entrevista de adesão, que se aproximava, e ela se ofereceu para acompanhá-la – sugestão prontamente aceita. Em questão de meses, o secretário assistente repassou sua tarefa para outra pessoa, a fim de se tornar presbítero. Através de delegação descobrimos dons indubitáveis de cuidado pastoral, e duvido que teríamos percebido esses dons tão rapidamente se não lhe tivéssemos delegado tal responsabilidade.



Embora a delegação deva ser prontamente adotada, nunca deve ser realizada ao acaso ou descuidadamente. Moisés criteriosamente selecionou aqueles que iriam ajudá-lo, guiado pela instrução hábil de Jetro de que eles deveriam ser “homens capazes, tementes a Deus, homens de verdade, que aborreçam a avareza” (Êx 18.21, cf. 25). Qualificações morais são tão importantes quanto habilidades ao se delegar a responsabilidade espiritual. Embora tenhamos dúvida quanto à natureza exata dos dons das pessoas, não devemos ter qualquer dúvida sobre seu caráter e integridade cristã.

Devemos também respeitar a relutância das pessoas em realizar um trabalho que lhes é sugerido. Pode ser uma timidez natural que precisa ser superada, mas também pode ser porque elas não possam arcar com a responsabilidade, e podemos causar um mal a elas e a outros, pressionando-as indevidamente. Discernimento e generosidade são necessários aqui como em todos os lugares.

A descrição clara do trabalho e a instrução cuidadosa são essenciais na delegação. Precisamos sentar e cuidadosamente descrever a tarefa em vista. Se não formos claros, não podemos esperar que a pessoa de quem nos aproximamos seja clara em suas ações! Moisés – seguindo o conselho de Jetro – deu instruções para que os casos difíceis fossem levados a ele (Êx 18.22, cf. 26), e essa delegação dentro da delegação era para ser cumprida, de modo que uma vez que os oficiais eram nomeados sobre milhares, então o mesmo era para ser feito nos grupos de 100, de 50 e de 10 (versículo 21).

Uma vez que tenhamos definido uma tarefa claramente em nossas próprias mentes, e sentimos como ela deve ser encarada, estamos em posição de sentar-nos com a pessoa em questão. Além de ser injusto, é ao mesmo tempo assustador e desanimador para alguém receber responsabilidade sem orientação e direção objetivas. Nosso Senhor deu uma responsabilidade considerável aos seus apóstolos, mas ele dedicou três anos para uma instrução cuidadosa. Paulo delegou cuidado pastoral a homens como Timóteo e Tito, mas ele teve tempo para treiná-los, principalmente tendo-os como seus companheiros e assistentes e, em seguida, mantendo contato com eles por carta. A Timóteo, por sua vez, foi dito para se lembrar da instrução de Paulo e confiá-la a “homens fiéis e também idôneos para instruir a outros” (2Tm 2.2).

Ao delegar novas responsabilidades, é melhor não confiar na memória, mas anotar os assuntos que devem ser discutidos. Melhor ainda é o hábito de ter duas cópias, uma para ser entregue à pessoa em vista, prefaciando esse encontro de compartilhamento, dizendo: “Para não esquecer alguma coisa importante, anotei os itens sobre os quais deveríamos falar, e isso nos dará uma pauta para que possamos fazer o melhor uso do nosso tempo”.

É bom estabelecer as normas que devem constituir nossos objetivos, não hesitar em falar sobre pequenos detalhes e mostrar nossa ciência dos problemas que podem surgir.



DP Nos primeiros dias do meu ministério, eu costumava visitar os contatos feitos no bairro a partir de pessoas que assinaram o livro de visitantes da igreja. Chegou um momento em que eu pude passar essa atividade para outra pessoa, que, por sua vez, reuniu uma equipe para realizar esse trabalho de vital importância, de mostrar amizade e estar pronto para conversar sobre Jesus Cristo. Quando repassei o trabalho, expliquei minha prática costumeira de sempre tentar ligar para a pessoa uma semana depois da visita. Expresssei a esperança de que isso fosse continuar, porque quanto mais cedo fizermos a visita, mais ela mostrará nossa dedicação. Geralmente me reúno uma vez por ano com os membros da igreja que fizeram essa visita, antes de uma reunião de oração da igreja, e os encorajo nesse trabalho, de modo que eles percebem que esse requisito, repassado a eles pela pessoa a quem a liderança na obra tinha sido confiada, foi política deliberada e não apenas uma preferência pessoal. Se alguma pessoa, por um imprevisto, não pudesse realizar uma visita, eles ligavam para outro membro da equipe que pudesse substituí-la naquela semana. Explicar o que constitui uma tarefa benfeita ajuda a definir objetivos razoáveis antes que a pessoa assuma a responsabilidade.

Embora muitas vezes um tempo razoavelmente extenso tenha de ser gasto nos estágios iniciais de delegação, não se trata apenas de tempo bem gasto, mas de economia de um tempo que poderia ser gasto no futuro devido a erros e mal-entendidos. Também faz parte da nossa formação inconsciente a respeito de outras pessoas, a maneira de atribuir uma responsabilidade.



É inestimável construir salvaguardas e instituir horários regulares para avaliação. Se uma tarefa delegada é de responsabilidade considerável, pode ser necessário manter um elemento inicial de controle, embora sempre de

forma discreta. Tendo discutido e orado juntos sobre a nova tarefa, a última coisa a fazer antes de partir é agendar um encontro para rever a forma como as coisas vão acontecendo, e sugerir que isso deve ser feito a cada três meses, para começar, e depois, talvez, a intervalos mais longos. Referimo-nos anteriormente à divisão da paróquia de Charles Simeon em áreas e a nomeação de um membro da igreja, homem ou mulher, para ser responsável pelas casas em seu distrito. Um ponto-chave para o sucesso ao longo dos 50 anos em que sustentou esse ministério foi a sua reunião mensal com aqueles que realizavam as visitas, ocasião em que informavam sobre o que tinham feito, e eram aconselhados em casos difíceis. Ali estavam presentes os dois elementos essenciais da tarefa: a delegação completa e a possibilidade de controle, se necessário.

O desenvolvimento de pequenos grupos dentro das igrejas torna imperativos a formação e o cuidado pastoral dos líderes que os integram, como um elemento vital para a utilidade desses grupos. Se elevados padrões não são definidos desde o início, os grupos podem ser úteis para as pessoas que queiram conhecer uns aos outros, mas não para a instrução e o cuidado pastoral. Eles podem até mesmo constituir-se em momentos para a propagação da ignorância ao invés de conhecimento. Além de uma descrição simples do trabalho, um líder de grupo precisa de instrução inicial e oportunidades regulares para reunir-se com outros líderes de grupo, de modo que ele mesmo esteja sob disciplina e cuidado e seja estimulado a crescer efetivamente em sua liderança pastoral.



AB A fim de cumprir esses objetivos tem-nos sido útil ter um membro da equipe pastoral como professor dos professores de nossos grupos pequenos estabelecidos geograficamente. Dessa forma, busca-se garantir que cada grupo não só esteja trabalhando o mesmo material, mas esteja recebendo a mesma instrução.



Uma vez que honestidade e franqueza são tão essenciais para a integridade e o sucesso do trabalho, nós normalmente dizemos, ao delegar uma tarefa: “Quero que você saiba que pode sempre ser franco comigo sobre as sugestões que eu possa lhe fazer em relação ao trabalho que está começando – e você não vai ferir meus sentimentos por discordar de mim ou por

sugerir melhores maneiras de fazê-lo. Ao mesmo tempo, eu também quero sentir que posso ser franco com você, se achar que a tarefa pode ser feita de uma maneira melhor, ou se alguma vez alguém manifestar a mim uma crítica sobre a maneira pela qual você está conduzindo o trabalho. Prometo que nunca vou concordar com eles ou me aliar a eles, porque vou apoiar você. Ao mesmo tempo, vou entrar em contato com você o mais rapidamente possível, para que, se houver qualquer motivo para uma crítica justa, possamos discuti-lo juntos”. Temos de dar um apoio firme para aqueles que realizam tarefas sob nossa iniciativa. Devemos ser rápidos em elogiar o progresso e incentivar. Se fizermos isso, não será difícil discutir problemas ou a pessoa aceitar nossos comentários construtivos.

Não importa o quão difícil a delegação por vezes possa ser, é uma necessidade. Há ocasiões em que temos de assumir um risco calculado, desde que tenhamos introduzido as salvaguardas necessárias sugeridas. Aconteça o que acontecer, devemos esperar o melhor, e confiar não apenas na capacidade da pessoa, mas na onisciência de Deus e na obra de seu Espírito. Teremos algumas surpresas maravilhosas, e elas serão para o louvor de Deus e o bem duradouro de seu povo.

Capítulo 13



Família e lazer

Família e lazer andam naturalmente juntos. Se essas duas prioridades forem negligenciadas, segue-se rapidamente o desastre. Relaxamos mais facilmente quando estamos em casa e com nossa família, e necessitamos de tempo livre para isso. Como pastores, devemos dar à nossa família o cuidado e a atenção que esperamos que outros maridos e pais deem para às suas. Mais do que isso, devemos ser exemplos do que um marido e pai devem ser. Não podemos fielmente expor as Escrituras sem destacar a importância do lar. Aqueles que nos escutam têm o direito de esperar que pratiquemos o que pregamos.

As qualificações do Novo Testamento para os líderes da igreja ligam a virtude espiritual no lar com a eficácia espiritual no corpo de Cristo. Não podemos esperar ajudar os outros, se somos de pouca valia para as pessoas mais próximas a nós. É vergonhoso cuidar dos outros e negligenciar as necessidades de nossa própria alma; é igualmente vergonhoso negligenciar o bem-estar espiritual da nossa família. Um pastor deve ser pastor de sua esposa também, não de uma forma profissional ou paternalista, mas por causa de seu amor por ela. E a melhor maneira de ajudar nossa esposa é cuidar da nossa própria relação com Deus, de modo que sejamos em privado exatamente como o somos em público.

A prova de piedade é a nossa piedade no lar. Isso pode parecer um padrão extremamente elevado, e de fato o é. Mas o lar é a esfera mais estratégica do testemunho, porque é lá que demonstramos como realmente fazemos o que dizemos aos outros para fazer. As pessoas esperam acertadamente – sejam cristãos ou não – que os ministros cristãos sejam exemplo, e nada é mais importante nas relações humanas do que a família. Se negligenciarmos

nossa família, eventualmente comprometeremos todo o nosso ministério pastoral e de ensino. A família de pastores são objeto de ataque especial pelo inimigo das almas; se ele pode arruinar nossa vida em nosso lar, ele estraga a nossa virtude total.

Identificando os pontos de pressão

Se pudermos identificar as pressões sobre a vida familiar de um pastor, estaremos em melhor condição de lidar com elas. A principal pressão para alguns surge do fato de o lar ser a sua base de trabalho. Trabalhando em casa, os pastores acabam por fazer ali o atendimento das pessoas, que normalmente os buscam em tempos de aflição. Se o pastor não estiver presente, cabe à esposa intervir para ajudar no que puder. Isso não acontece com médicos, advogados e outros profissionais liberais.

Ao invés de almoços de negócios sendo o foco de hospitalidade, nosso lar o é. É possível mudar nossa base de trabalho para outro local, talvez para um escritório na igreja, mas, se por um lado isso ajuda, nem sempre é ideal no sentido que não podemos estabelecer um horário de expediente normal, e, se tentarmos fazê-lo, acabamos por nos distanciar das pessoas a quem devemos servir. Considerando nossos tempos de estudo regulares, precisamos ter todos os nossos livros em um só lugar.

O perigo inerente ao fato de nossa base de trabalho ficar em nosso lar é que nós nunca ficamos longe de nosso trabalho. É muito fácil sentir que temos de escapar de nossa família, voltando-nos para o estudo a fim de completar uma tarefa urgente. Se trabalhássemos das 9 às 18 horas diariamente em um escritório, deixaríamos o trabalho para trás e fecharíamos a porta até a manhã seguinte. Raramente podemos limpar nossa mesa, então há sempre algo exigindo atenção. A isso soma-se o toque constante do telefone, de modo que no meio de uma refeição em família podemos receber uma ligação para discutir negócios da igreja. Como consequência, há a tentação de estarmos sempre falando sobre assuntos da igreja, algo a ser evitado se nossos familiares estão presentes.



DP Aprendi uma lição importante quando, como jovem ministro, recém-ordenado, eu pregava em uma igreja no Norte da Inglaterra. O pastor e sua esposa tinham uma família cujos filhos estavam no início da adolescência. Eu conhecia alguma

coisa sobre aquela igreja e as dificuldades pelas quais ela estava passando. Ao nos sentamos ao redor da mesa do almoço de domingo, fiz uma pergunta sobre os problemas que enfrentavam. Imediatamente senti um leve pontapé no tornozelo. Meus anfitriões deram uma resposta evasiva e rapidamente mudaram de assunto. Mais tarde, quando as crianças não estavam por perto, eles me explicaram um princípio que nunca esqueci, e tentei seguir desde então. Eles faziam questão de não discutir diante dos filhos quaisquer questões de dificuldade dentro da igreja, ou qualquer coisa que pudesse ser interpretada como uma crítica a quem quer que fosse. Eles não queriam que seus filhos crescessem com uma visão preconceituosa da vida da igreja por causa dos inevitáveis problemas com que os pastores têm de lidar.



AB Temos inconscientemente feito o mesmo. Nossos filhos ainda fazem perguntas sobre a vida na igreja, mesmo que já não morem conosco. Uma vez que nunca estiveram a par de detalhes pessoais ou de problemas difíceis, eles tendem a fazer apenas perguntas gerais. Como foi o domingo? Fez uma boa pregação? Aconteceu algo divertido? E sobre o Sr. X ou o Sr. Y? Nunca os fizemos sentir que tinham de compartilhar nossos fardos ou que deveriam estar particularmente preocupados com a vida da igreja. Eles nunca ouviram a designação “PKs” (*pastor’s kids* [filhos do pastor]) em nossa casa e, consequentemente, não cresceram pensando dessa forma estranha.



Não se pode evitar a invasão da privacidade da nossa família nessas circunstâncias, mas devemos fazer o que pudermos para minimizá-la. Uma das melhores maneiras de combater isso é nos encorajarmos – e assim também à família, pelo nosso exemplo – para vermos interrupções como oportunidades para mostrar bondade e hospitalidade. Reconhecemos que é mais fácil falar do que fazer. Mas se nos ressentirmos das intrusões, então nossa família também vai se ressentir. Se saudamos a chegada de alguém ou o toque do telefone com um gemido, a família em breve vai nos imitar. Mas, se mostrarmos verdadeiro prazer de ver e de ouvir as pessoas, e reforçarmos

isso pelo que dizemos em particular, teremos feito muito para eliminar uma sensação de irritação. Ações práticas são importantes, como não ter televisão na sala em que recepcionamos as pessoas quando elas vêm falar conosco. O visitante inesperado, cuja chegada impede a assistência a um programa de televisão favorito, obrigatoriamente causa descontentamento para as crianças. Podemos evitar tal circunstância.

Nossos filhos podem crescer sentindo que estão muito mais sob o escrutínio das pessoas do que outras crianças. Eles também podem estar sujeitos a ser mais mimados pelos outros – algo com que talvez não se importem! Os membros de uma congregação terão grande interesse pelos nossos filhos, e isso é bastante natural, uma vez que muitas vezes isso reflete seu respeito e preocupação para conosco. Não devemos ficar excessivamente preocupados com isso, desde que possamos garantir que nossos filhos não sejam pressionados a fazer as coisas simplesmente porque são filhos do pastor. Enquanto as pessoas podem, por vezes, tornar difícil para nós sermos pessoas comuns por causa do alarde que fazem de nós, devemos deixar claro que tanto os nossos filhos como nós somos, sim, pessoas comuns. Devemos ajudar os nossos filhos a serem eles mesmos, e mostrar a lealdade que todas as crianças devem dedicar a seus pais. Se formos nós mesmos, então os nossos filhos vão ser eles mesmos. O problema não é tanto o que a congregação pode pensar e sentir sobre nossos filhos, mas o que pensamos que eles podem estar pensando!

Pastores e suas esposas são muitas vezes supersensíveis com relação aos filhos serem ou não obrigados a participar das atividades da igreja quando são crianças. Como pais, não querem que seus filhos se ressentam de ser filhos de pastor ou considerem injusta tal obrigatoriedade por causa da aparente maior pressão colocada sobre eles do que sobre as outras crianças. Considerando o princípio de que as crianças não sabem o que é melhor para elas, a nossa convicção é que devemos ser bastante firmes sobre o seu envolvimento nos cultos da igreja e nas atividades dos pequenos até que estejam no início da adolescência, da mesma forma que esperaríamos que outros pais o fizessem.

Uma boa filosofia de base familiar é que as famílias devem gostar de fazer coisas juntas. Determinadas atividades podem ser mais bem desfrutadas por alguns membros do que por outros, mas aprender a fazer o que a maioria quer é parte do dar-e-receber da vida familiar. Se um membro mais jovem vai com a família para um evento da igreja demonstrando um pouco de má vontade, é importante que os demais não demonstrem má vontade para com esse membro mais jovem ou em relação a algo que ele ou ela queira fazer. Precisamos ser sensíveis e honestos o suficiente para nunca incentivarmos um membro da família a se envolver em uma atividade por

nossa causa ou porque sentimos que o não envolvimento refletiria mal sobre nós. Deus usa nossas famílias para nos manter humildes e conscientes da nossa necessidade diária de sua graça, e isso não é uma coisa ruim.

A constância das orações em família não é mais fácil de manter para um pastor e sua esposa do que para outras pessoas, e sua prática não deve ocorrer simplesmente porque sentimos que é isso que se espera especialmente de nós. Ela é possível quando nossos filhos são pequenos, diferentemente de quando eles estão indo para a escola em horários diferentes e quando as refeições à noite raramente acontecem com todos presentes.



DP Olho para trás com particular alegria para o tempo em que toda a família podia se sentar em torno da mesa da refeição e ler as Escrituras e orar juntos. Os missionários da igreja tornaram-se nomes conhecidos para as crianças, e suas visitas ao nosso lar nos períodos de licença tornavam-se momentos especiais para a família. Mas chegou um momento em que reconheci que isso criava problemas e conflitos desnecessários. Era muito difícil organizar nossa família de seis para orarmos juntos todos os dias, especialmente quando nossos filhos frequentavam escolas diferentes e suas atividades muitas vezes significavam que não estaríamos todos juntos para uma refeição. O que se tornou mais importante e natural foi aproveitar as oportunidades de forma espontânea; quando todos estivessem presentes para uma refeição, fazer uma pausa para orar uns pelos outros, e fazê-lo regularmente em um almoço de domingo, ocasião em que estávamos todos reunidos. O fervor e a sinceridade com que agradecíamos a Deus por nossa comunhão de igreja e orávamos por ela, juntamente com nossa franqueza na oração nos momentos de dificuldades como uma família no cumprimento de tudo o que a igreja esperava, fizeram muito para unir a família em seu desejo de servir aos outros sem pretensão.



AB A partir do momento em que nossos filhos saíam para a escola em três ônibus separados e participavam de uma multiplicidade de atividades pós-escolares, eu comecei a me sentir

um fracasso completo como o responsável pelas “devoções familiares”. Explosões de entusiasmo foram seguidas por períodos de uma inércia crônica. Embora sempre orando juntos na hora das refeições, logo reconhecemos a sabedoria contida no Shema hebraico (Dt 6.4-9). As coisas de Deus têm de estar no nosso coração. Nossos filhos podem rapidamente dizer se é esse o caso. Devemos fazer das coisas de Deus o foco natural da conversa enquanto estamos dirigindo o carro ou com eles já deitados em suas camas, à noite. Meu maior arrependimento é ter parado cedo demais de orar com eles antes que fossem dormir. Em seus anos da adolescência, querendo proteger sua privacidade, eu não orei com eles ao final do dia tanto quanto eu deveria ter feito. Continua a ser uma grande alegria estar em sua presença e ouvi-los orar.



Se o trabalho em casa é a principal área de dificuldade potencial, o inco-mum número de horas de trabalho do pastor típico vem logo atrás. Podemos falhar com nossas famílias ao permitir que a enxurrada de nossos deveres nos alcance e nos leve consigo. É por essa razão que a delegação de responsabilidades que consideramos no capítulo anterior é tão importante, e também a política deliberada de não tomar parte em tantas comissões, que fazem com que raramente estejamos em casa à noite.

É necessário fazer uma pausa de vez em quando e perguntar de novo: “Quando é que a minha família precisa mais de mim? Como posso estruturar meu dia para que eu cumpra meus deveres pastorais e reserve tempo para a minha família?” Esse questionamento precisa ser feito de tempos em tempos, porque a vida da família muda. O melhor momento para estar disponível para a família é quando os filhos são pequenos; raramente o é quando eles forem mais velhos. A hora de dormir é especialmente significativa quando as crianças são pequenas, quando a esposa agradece o envolvimento do marido dando banho nas crianças, lendo para elas e orando com elas. Quando nossos filhos são pequenos, as discussões no início da noite com pessoas que vêm direto do trabalho não são o melhor arranjo. No entanto, elas podem ser ideais quando nossos filhos são mais velhos, para que possamos, então, estar por perto até mais tarde e estar mais próximos deles em seu trabalho e interesses. Alguns podem conseguir reservar duas horas com a família todas as noites; o mínimo deveria ser uma hora, em horário preestabelecido, que as crianças sabem que lhes pertence.



DP Não podemos deixar de estar ocupados, mas olhando para trás, reconheço que muitas vezes, ao longo dos anos, tenho estado ocupado demais. O verdadeiro problema não é nos ocuparmos, mas não nos certificarmos de que, por mais ocupados que estejamos, ainda teremos tempo para nossa esposa e filhos, especialmente quando precisam de nós. Eles sempre precisam que estejamos por perto, e períodos de necessidade aguda são muito menos propensos a surgir se nos comunicarmos de forma significativa com eles diariamente. Frequentemente respondi de forma errada para a minha família, quando eles queriam a minha atenção, dizendo “Estou ocupado” ou “Preciso ir”... Esta última é uma expressão que tento evitar, já que minha família caçou tanto de mim por causa disso! Nosso dever para com Deus e seu povo raramente entrará em conflito com nosso dever para com nossa família. Isso não significa que não possamos, por vezes, recusar fazer o que um membro da família quer em um momento particular – isso vale para qualquer família. Mas a vontade de Deus nunca é que estejamos tão ocupados a ponto de negligenciarmos as pessoas mais próximas a nós.



AB Nos meus primeiros dias em Parkside, um dos meus presbíteros me chamou de lado e me ofereceu sábios conselhos concedendo-me grande liberdade nesta área. Como médico, ele estava preocupado com o meu bem-estar físico, e como filho de um pastor, estava ciente de como era fácil negligenciar a família. Em vez de sugerir que eu trabalhasse com uma fórmula infalível para evitar erros, ele me incentivou a reconhecer que muitas vezes eu iria errar. Então sugeriu que eu deveria me sentir livre para tomar um tempo para restabelecer o equilíbrio, reservando um dia especial ou dois dias para passar com Susan e as crianças. Quando comecei a viajar mais, eu invocava esse mecanismo. As crianças sabiam que no meu retorno eu procuraria compensar a minha ausência. Temos boas lembranças daqueles dias de recuperação do tempo perdido.



Nossa visão dos nossos pontos de pressão será completamente preconceituosa se não os combatermos ao chamar a atenção de nossas famílias para as ricas compensações de nosso chamado. Uma vez que somos responsáveis pela divisão do nosso tempo, somos capazes de estar com nossos filhos quando eles são pequenos, na sua hora de dormir, situação que poucos que vão diariamente para o trabalho conseguem desfrutar. Reconhecidamente, temos de sair quase todos os inícios de noite, mas isso é bem mais preferível a chegar em casa tão tarde que nossos filhos já estão na cama. Se trabalhamos em casa, temos oportunidades durante o dia para estar com nossa esposa, mesmo que apenas para almoçarmos juntos, algo que poucos maridos podem fazer. Nós e nossa família recebemos mais orações do que quaisquer outros membros da nossa comunidade da igreja, e essas orações são inestimáveis. Nossos filhos se beneficiam imensamente da influência cristã inconsciente dos visitantes, numerosos e interessantes, que apreciam nossa hospitalidade. Para a família do pastor, o foco ao enfrentar os desafios deve ser encarado na perspectiva dos benefícios exclusivos de que ela desfruta.

A pressão sobre a esposa do pastor

A área em que devemos exercer maior vigilância é o cuidado e a proteção de nossa esposa contra pressões indevidas por conta da natureza do nosso trabalho. Embora possa às vezes parecer que estão em segundo plano, elas se destacam por sua contribuição para nossa disponibilidade. Charles Simeon marcava festas anuais em sua casa de verão para os clérigos e suas esposas pelo menos desde 1796, incluindo palestras para as esposas, bem como para os ministros, e estava bem à frente de seu tempo nisso. Ele jocosamente se referia a elas como “ministras, meio-ministros, muitas vezes a metade mais importante na paróquia do marido”.¹

Exige-se mais de nossas mulheres do que das esposas de homens em outros chamados e profissões. Elas não podem ser separadas do nosso trabalho como outras esposas em relação ao emprego de seus maridos. Algumas esposas podem até ter pouca ideia do que constitui o trabalho do seu marido. Mas não é assim com nossas esposas; elas não só se casam conosco, elas se casam com nosso trabalho também, uma vez que vivem no meio dele.

No Reino Unido, o espaço em que vivemos é tanto nosso escritório como nossa casa. Quando em casa, estamos trabalhando a maior parte do tempo. Nossas esposas serão chamadas para fazer inúmeras xícaras de café ou chá, e para oferecer hospitalidade de improviso. Pessoas solitárias e aqueles a quem alguns consideram como desajustados da sociedade tendem

a gravitar em torno de um pastor e sua esposa, e devem ser bem-vindos. Foi por essa razão que chegamos à conclusão – talvez nem sempre apreciada por alguns – de que devemos oferecer hospitalidade principalmente para aqueles que normalmente não poderiam retribuí-la: estudantes, os que estão longe de casa e aqueles que vivem sozinhos.

Nesse contexto, a esposa de um pastor saberá melhor do que ninguém de quanto o seu marido precisa salvaguardar suas manhãs para o estudo, e, estando em casa, ela vai tentar lidar com as chamadas que não são realmente urgentes. Isso não é tarefa fácil. Pessoas que chamam de forma inesperada na porta, ou que ligam, podem não estar dispostas a falar a razão pela qual querem falar com o pastor, e uma esposa precisa de tato considerável e discernimento para saber se deve fazê-las entrar ou sugerir retorno em alguma outra hora. Se ela percebe que é claramente uma chamada não urgente, é razoável que ela diga: “Meu marido está no meio da preparação para o domingo. Seria possível ele ligar para você, ou você ligar novamente no final da manhã?” Se tiver dúvida sobre a urgência de uma chamada, ela vai ser tratada como urgente. Isso evita aborrecimentos futuros.



DP Pedintes que batem à porta, por vezes, constituem um fardo para a mulher, e tanto mais quando estamos longe de casa. A maioria dos pedintes são homens, e alguns podem ser desagradáveis e até mesmo perigosos, se desapontados. Eu, inicialmente, caí na armadilha, como muitos já o fizeram, de dar dinheiro. Essa atitude dificilmente é sábia. Tendo ouvido inúmeras histórias de necessidade de pedintes, e tendo verificado suas histórias sempre que possível, não encontrei uma só que fosse totalmente verdadeira. Mas estou sempre temeroso de não ajudar a quem verdadeiramente precisa! Aprendemos a ajudá-los por outros meios que não o de dar dinheiro e, principalmente, pela provisão de alimentos. É aconselhável deixar claro para os pedintes que, se eles retornarem – e costumam fazê-lo –, será comida que eles vão receber em vez de dinheiro, e que estamos instruindo nossa esposa e família para ajudar apenas se estivermos em casa. Então, se vêm quando estamos fora, eles devem esperar se desapontarem.





AB As observações de Derek aqui oferecem ao pastor americano médio uma visão panorâmica de um recorte de vida que muitos nunca viram. Aqueles de nós que se perdem nos subúrbios conhecem pouco dessas circunstâncias. No entanto, meus amigos com igrejas no centro da cidade podem se identificar plenamente com essas imagens.



A pressão financeira tende a ser mais sentida pela esposa. Nosso tempo é tão preenchido pelas exigências de nosso trabalho que eventualmente afastamos da mente essas preocupações práticas. Mas nossas esposas entram e saem das lojas na maioria dos dias da semana, e estão cientes do aumento dos preços, em geral não correspondidos pelo aumento da renda, e conscientes das exigências de uma família em crescimento. Alguns pastores recebem salários realistas e generosos, mas muitos não. Uma das ironias da vida é que, quando as exigências de uma família são maiores, a renda tende a ser menor, e vice-versa. Parece simplista dizer que as finanças não devem se tornar um fator importante de nossas preocupações, mas não devem ser tratadas levianamente. Deus usa todos os tipos de disciplina para aperfeiçoar nosso caráter e fortalecer nossa fé na dependência dele – e dependência financeira pode ser uma delas.

Qualquer que seja nossa renda, se acreditarmos que estamos no lugar que ele escolheu para nós, devemos nos esforçar por sentir contentamento. Isso não significa que não devemos ser honestos, se perguntados por aqueles que determinam o nosso salário, se a nossa renda é adequada ou não. Sentimos que é inadequado tomar qualquer iniciativa em mencionar aumentos de salário por medo de ser mal interpretado. Em retrospectiva, nós somos gratos por termos agido assim, uma vez que, se nossas necessidades não foram atendidas por um meio, elas o foram por outro. O melhor princípio é não esperar nada do povo de Deus, de modo que nunca nos desapontemos – pois decepção gera ressentimentos – e, então, poderemos ser surpreendidos por inesperada consideração e generosidade. Enquanto o povo de Deus tem um dever, posto sobre eles pela Escritura, de apoiar os seus pastores, não somos nós que os farão lembrar-se disso. Podemos e devemos confiar que Deus levará outros a fazer isso, se for apropriado.

Quando estamos enfrentando pressões financeiras é vital falarmos a respeito claramente e com total franqueza com nossa esposa, de modo que o dinheiro nunca se torne uma fonte de desarmonia. Um equilíbrio difícil precisa ser atingido. Por um lado, queremos viver dentro de nossas possibilidades e não tentar acompanhar os outros – incluindo aqueles que partilham a liderança conosco, que podem ser remunerados através de emprego secular. Por outro lado, não queremos chamar a atenção para as nossas circunstâncias, vivendo como se estivéssemos na pobreza. Se as pessoas se tornam conscientes das nossas limitações financeiras e nos presenteiam, isso pode ser doloroso para o nosso orgulho, e podemos nos ressentir de ser os supostos objetos de caridade. Muitos dos problemas relacionados a viver em uma casa pastoral ou em uma casa na igreja estão ligados a questões financeiras.



DP Foi só quando adquirimos um pequeno apartamento de férias com nossos recursos, tendo estado no ministério cerca de 20 anos, que pude sentir a diferença que faz termos uma casa própria, e a sensação de liberdade de não ter de pedir permissão ou esperar até que uma comissão chegue a uma decisão sobre qualquer coisa que precise ser feita.



Tanto do ponto de vista de uma igreja como de um pastor, há muito a ser dito para que ele tenha condição de ser proprietário de sua própria casa. Mas isso pode trazer pressões adicionais se sua cônica for insuficiente.

A resposta para alguns foi a esposa sair para trabalhar, e isso é especialmente tentador se ela tem uma qualificação profissional que garanta um emprego bem-pago de meio período.



DP Sou pessoalmente contra essa possibilidade se ela puder ser evitada, por duas razões. Primeiro, porque pode prejudicar o relacionamento conjugal. Uma vez que muito do trabalho de um pastor tem lugar durante a noite, se sua esposa está fora, no trabalho, durante o dia, eles verão pouco um ao outro – uma

receita certa para o desastre. A pergunta tentadora, então, virá à cabeça: “Algumas dessas pressões não existiriam se não estivéssemos na liderança espiritual em uma igreja; haveria um trabalho alternativo que pudéssemos fazer?” Com um emprego e uma casa – e talvez uma família para cuidar –, uma esposa vai ser duramente pressionada a cumprir a disponibilidade que o chamado do marido tantas vezes exige. Em segundo lugar, enquanto a esposa estiver no trabalho, haverá ligações femininas inesperadas, devidas a uma variedade de situações de emergência, que podem tornar seu marido mais vulnerável do que ele seria se ela estivesse lá.



AB Na Escócia, vivíamos em uma casa que era propriedade da igreja. Como resultado, quaisquer sugestões para melhorias se tornavam itens da pauta para a reunião da igreja. Em uma ocasião memorável sugeri que poderíamos fazer melhor uso do banheiro pelo reposicionamento da banheira. Fazer isso significava a instalação de uma banheira menor. Na noite em que isso foi discutido, saí da sala para conceder aos presentes liberdade de deliberação. Devo confessar que saí da sacristia e fiquei ouvindo atrás da porta para saber se algum progresso estava sendo feito. Descobri que um grande debate estava ocorrendo com relação ao comprimento da banheira. A preocupação deles era simples. Era óbvio que seu atual pastor poderia caber em uma banheira menor, mas o que aconteceria se o próximo pastor fosse “um homem grande, alto?”. Não sinto falta daqueles dias. Os presbíteros em Parkside não só sugeriram que comprássemos nossa própria casa, como tornaram isso possível para nós. Penso que isso me ajuda a viver no “mundo real” de pagamentos, de financiamentos de imóveis e impostos sobre a propriedade, e sugiro esse padrão sempre que possível.



A esposa de um pastor pode ter de lutar com as altas expectativas que as pessoas, o marido e até mesmo seus filhos têm dela como tal. Embora não seja paga pela igreja como seu marido pode ser, os membros da igreja podem

por vezes tratá-la como se o fosse. Uma vez que um pastor é chamado para ensinar e pregar, a igreja pode supor, de forma desnecessária e infundada, que sua esposa é qualificada e está disposta a fazer serviço semelhante em outras áreas da vida da igreja. A suposição pode estar certa, mas algumas mulheres são colocadas em uma camisa de força intolerável por tais expectativas. As pressões, em seguida, muitas vezes levam a tensões dentro do casamento, comprometendo a eficácia espiritual de ambos os parceiros.

Deve haver uma compreensão clara desde o início – nas entrevistas preliminares com relação a um possível chamado à responsabilidade pastoral, por exemplo – de que o chamado do marido não significa que sua esposa deva automaticamente liderar a reunião das mulheres ou de jovens esposas ou realizar tarefas semelhantes. Sua principal contribuição é o apoio ao marido e os cuidados com a família. Ao mesmo tempo, ela deve ser livre para desenvolver e usar seus dons como qualquer outra mulher na igreja. Temos de frisar esse ponto em nome de nossa esposa, em vez de ela ter de fazê-lo. Se ela, então, mais tarde tiver a convicção de que deveria aceitar um convite para a liderança, tudo bem, porque não é algo que ela foi pressionada a fazer, ou que faz simplesmente porque é a esposa do pastor. William Wand, Bispo de Londres, em certa ocasião descreveu como sua esposa parecia encontrar o equilíbrio certo quando ele estava no comando de uma paróquia:

Ela era suficientemente inteligente para não assumir a liderança no que quer que fosse e recusou a presidência de várias organizações paroquiais. Mas participava de suas reuniões e tomou parte seriamente de suas atividades. Quando descobriram, gradualmente, que para as coisas mais práticas ela era pelo menos tão boa como eles, se não melhor, perceberam que sua recusa em assumir a liderança formal não se deveu à negligência, mas a um bom sentimento, e eles a admiravam por isso. Ela tornou-se parte da vida das pessoas tanto quanto eu, e sei que ela estava igualmente feliz em saber disso.²

A solidão, a tentação de ciúme e o fardo de confidencialidade são três problemas que as esposas enfrentam, e sobre os quais precisamos ser sensíveis. A solidão apresenta várias formas. Há a solidão ocasionada por nossas ausências frequentes à noite, uma vez que é quando o trabalho pastoral é mais intenso. Se temos família, não estamos em posição de nos revezarmos com nossa esposa para atender as atividades da igreja, uma vez que podemos ser os responsáveis por conduzi-las.

É imperativo que estabeleçamos, desde o início, o princípio do uso de babás regulares ou acompanhantes familiares. É importante conseguir uma

pessoa que a família toda aprecie, de modo a desenvolver-se uma relação especial com ela, como se fosse uma “tia” ou “avó” adotiva. Pessoas solteiras são ideais para esse serviço, que é também para o Senhor, e não simplesmente para nós.

Outro problema ainda é a sensação de isolamento que a posição da esposa de um pastor traz. Pode ser problemático desenvolver amizades especiais com outras mulheres dentro da igreja por causa do perigo de aparente favoritismo, dificultando o bom relacionamento com os outros. Por outro lado, se ela desenvolve uma amizade com alguns membros, eles podem tornar-se possessivos e falar com orgulho sobre isso para os outros, de modo a levantarem-se barreiras. Ela sempre tem de prestar atenção na maneira como fala sobre muitos assuntos – especialmente aqueles relacionados aos negócios da igreja –, já que a maioria vai imaginar, muito injustamente, que fala em nome de seu marido.

Fazer amigos fora da comunhão da igreja, ou com esposas de outros pastores, é particularmente útil, mas nem sempre é fácil. Nossas mulheres precisam de amigas, como todos precisam, e devemos orar especificamente para que Deus suscite uma ou duas amigas, seja dentro ou fora da comunhão da igreja, que serão um incentivo especial para ela. Se elas estiverem dentro da igreja, Deus pode dar-lhes o entendimento para serem discretas e atenciosas.

Uma esposa pode ser tentada a ficar com ciúmes daqueles que parecem demandar muito tempo do seu marido, especialmente quando essa pessoa é uma mulher. A esposa pode estar passando roupa ou realizando outras tarefas domésticas, desejando a companhia do marido, enquanto ele se senta na frente da lareira na sala, bebendo café e falando com alguém. No final da discussão, ele sai todo sorridente, satisfeito por ter feito seu trabalho, enquanto a esposa se sente compelida a atirar algo nele! A sensibilidade é necessária em ambos os lados. Uma esposa deve considerar que o chamado de seu marido exige que ele disponha de seu tempo para as pessoas, quaisquer pessoas. O marido deve manter suas conversas dentro de limites adequados, e especialmente com mulheres que ele ou sua esposa entendem que o buscam pela satisfação de estar em sua companhia. Isso requer honestidade entre marido e mulher e aceitação da crítica justa de ambos os lados, o que é vital.

Quanto mais pudermos conhecer as pessoas, melhor – especialmente quando mulheres vêm nos procurar. Embora possamos raramente dizer a um homem, “Posso compartilhar com minha esposa o que você compartilhou comigo, para que possamos orar juntos por você?”, tentamos fazer isso de forma consistente, como mencionado anteriormente, quando uma mulher procura o nosso conselho ou aconselhamento, a não ser que seja manifestamente inadequado. Se ela se recusa, então não vamos fazê-lo,

mas em 99% das vezes a resposta é uma afirmativa contente. Isso significa que nossas esposas estão envolvidas, e que nossas discussões não são um segredo. Pequenas coisas como essas são importantes, e significam que a pessoa que vimos tem um relacionamento com ambos, pastor e esposa, e não apenas com o pastor.

O fardo da confidencialidade pode ser considerável. As pessoas compartilham ansiedades e pecados com um pastor e sua esposa como com poucos. Pessoas intrometidas e curiosas vão nos interrogar – e, particularmente, a nossas esposas – sobre os negócios da igreja e pessoas. Como pastores, as pressões dos problemas alheios vão pesar sobre nós, às vezes, e seria injusto descarregá-los em cima de nossas esposas, mesmo que elas estejam dispostas a ouvi-los. Quando podemos compartilhar sem quebrar a confidencialidade, é bom fazê-lo, a menos que consideremos tal atitude um fardo injusto para o outro.

A confidencialidade que esperamos de nossos presbíteros, relativa à atividade deles, devemos aplicar a nós mesmos. Mas se há algo com que ficaríamos felizes por eles compartilharem conosco, podemos compartilhar também algo com eles. É bom ser capaz de praticar o tipo de franqueza em que podemos dizer a nossas esposas: “Se eu não lhe disser alguma coisa, é para que, se alguém perguntar, você possa responder honestamente ‘Eu não sei’”. Se nossa prática for contar todo o possível, não haverá nenhum ressentimento quando não o fizermos, mas compreensão e gratidão.

A contribuição mais importante de uma esposa de pastor em relação ao trabalho do marido é a sua capacidade de ser o seu melhor crítico. Podemos confiar que nossa esposa será honesta conosco como ninguém mais, se queremos saber como nosso ensino ocorreu ou se houve justeza em nossa resposta imediata a uma crise ou em uma decisão que deveria ser tomada. Pode não ser sempre fácil aceitar o que nossa esposa diz, por causa de sua franqueza, mas é o julgamento em que podemos confiar inteiramente, por causa do amor que há por trás dele.

Prótegendo o casamento

Apoiamos um ao outro como marido e mulher nessas formas práticas e benéficas apenas se nosso casamento está amoroso e harmonioso. Quando Robert Rainy, um ministro e estudioso escocês, foi criticado e incompreendido, alguém lhe disse: “Eu não entendo como você está tão calmo e sereno”. Ele respondeu: “Bem, você sabe, eu sou muito feliz em casa”.³ O amor que deve caracterizar todo o nosso ministério deve começar em casa. Logo após seu casamento, o Dr. William Sangster disse a sua esposa:

“Eu não posso ser um bom marido e um bom ministro. Eu vou ser um bom ministro”. Seu filho comenta,

Tudo depende, é claro, do que você entende por “um bom marido”. Se isso significa um homem que seca a louça enquanto a esposa lava as panelas, ou um “faz-tudo” na casa, ou até mesmo um homem que tira sua esposa de casa para um ocasional passeio, então, meu pai era o pior de todos os maridos. Mas se um “bom marido” é um homem que ama sua mulher absolutamente, expressa seu amor diariamente, pede sua ajuda em tudo o que faz, e se dedica a uma causa que ele acredita que é maior do que os dois, então, meu pai era tão bom marido como era bom ministro.⁴

A dedicatória do Dr. Sangster em seu livro *He is Able* diz: “Para Margaret, minha esposa, a quem é tão fácil continuar amando como se apaixonar”. Anos mais tarde, o *Reader's Digest* citou essa dedicatória como “o elogio perfeito”. Por isso, é provável que o Dr. Sangster teria mudado sua fala mais tarde, na vida, uma vez que não é preciso haver um conflito entre ser um bom marido e um bom ministro; os dois papéis devem apoiar-se mutuamente. Mas a genuína declaração de um pastor do seu amor à esposa, demonstrar isso, é de fundamental importância.

A chave para salvaguardar nosso casamento é garantir que tenhamos tempo para orar e relaxar juntos. Sinceridade e honestidade são necessários na oração partilhada. É difícil encontrar oportunidades para orar todos juntos no início do dia quando temos crianças pequenas. Mas as dificuldades não são menores quando a família cresce e todos os seus membros estão em vários estágios de estudo e envolvidos em diferentes atividades. Mas orar juntos, mais do que qualquer outra coisa, mantém as linhas de comunicação abertas, além de ser o melhor estímulo e incentivo para a vigilância espiritual mútua e nossa caminhada com Deus. O único momento no dia em que a família é normalmente silenciosa é quando vamos para a cama.



DP Ao longo dos anos, temos sempre orado juntos, brevemente, no fim do dia. Mesmo se eu chegar tarde em casa e minha esposa já estiver na cama, nos dedicamos a nós mesmos, à nossa família e às necessidades urgentes de Deus. Então, pelo menos uma vez por semana – geralmente no meu dia de folga – temos um tempo prolongado de oração, compartilhando nosso momento devocional.



AB Nós também terminamos o dia orando em conjunto pela família, amigos e pelos fardos do dia. Dependendo de como o dia começa, podemos ler e orar juntos, mas não temos um padrão consistente de atividade. No passado, isso era, em parte, resultado de quantas viagens eu havia feito. Agora que minha esposa pode se juntar a mim, já não temos essa desculpa e podemos desfrutar não apenas do orar uns pelos outros, mas uns com os outros.



A melhor maneira de garantir um horário regular juntos é ter um dia de folga por semana. Vital como é para a renovação e refrigério para benefício de nosso trabalho diário, é igualmente vital para o bem-estar do nosso relacionamento com nossa esposa e família. Nosso dia de folga deve ser fixado de modo que todos na igreja tenham dele conhecimento. Fica mais fácil se a secretária da igreja ou alguém como ela toma o cuidado de evitar telefonemas desnecessários e interrupções nesse dia, do que fazermos isso nós mesmos. Quando tal sugestão é aceita, nós obviamente queremos que a pessoa seja clara e informe que estamos sempre disponíveis em caso de emergência, e que não devem hesitar em entrar em contato conosco quando tal ocorrer, independentemente do dia da semana. Se a secretária da igreja cumpre o primeiro ponto, então somos capazes de corresponder, cumprindo o segundo. Nos Estados Unidos, os meios de comunicação com a congregação podem ser diferentes, mas o objetivo é o mesmo.



DP Ao determinar o meu dia de folga, escolhi o dia da semana em que não há reuniões da igreja que exigem a minha participação: em Londres foi a quinta-feira e, em Edimburgo, a terça-feira.



Nossa esposa e filhos devem ser capazes de sentir que o nosso dia de folga – ou “sábado”, por que é o que é – é o dia deles, e, para isso, devemos protegê-lo com quantas barreiras forem possíveis, de modo que seja totalmente deles.



DP Pessoalmente isso fez com que eu sempre me recusasse a falar em reuniões no meu dia de folga, exceto quando estava longe de casa para uma série de reuniões. Tenho recusado participar de comitês ou ter reuniões extras com presbíteros ou diáconos às terças-feiras.



Se uma vez quebrarmos o princípio desnecessariamente, é como uma rachadura em uma represa. Quando nosso dia de folga é quebrado por um funeral ou uma emergência, devemos tentar tirar uma folga em outro dia. Na prática isso é extremamente difícil, porque nosso programa para os outros dias da semana já está preenchido com eventos inalteráveis. Não devemos sentir-nos culpados em pensar que devemos ter uma folga compensatória, mas fazer isso sempre que possível, pois é bom tanto para nossa família quanto para nós. Além do nosso dia de folga, devemos planejar ficar pelo menos uma outra noite por semana em casa.



DP Achei que raramente poderia fazer mais do que isso, mas é de grande ajuda ter uma regra geral, assim, ao marcar aconselhamentos, reuniões em comitês, visitas e similares no meu dia de folga, eu tentava estar em casa uma outra noite na semana, no meu caso, geralmente em uma sexta ou sábado. O sábado era importante quando nossos filhos estavam em idade escolar, então eu tentava terminar todas as minhas preparações até o meio-dia, para assim passar todo o restante do dia com minha família, ou apenas estando por perto se eles não tivessem nenhuma necessidade particular que exigisse meu envolvimento com eles – algo que foi se avolumando à medida que nossos filhos entravam na puberdade! Estar por perto é importante de qualquer forma.

Podemos entrar em um estado doentio de espírito em que ficamos com medo de sermos apanhados não fazendo nada e as pessoas pensarem que estamos ficando negligentes. Por isso, muitas vezes me senti culpado por relaxar, porque eu havia perdido o hábito de fazê-lo. Stephen Verney, um clérigo anglicano, relata como essa verdade chegou até ele através de algo que lhe aconteceu quando ele esteve trabalhando freneticamente durante seis anos como vigário em um novo conjunto habitacional. “Saí para uma caminhada com minha esposa e meu filho, empurrando-o no carrinho; e um dos meus paroquianos olhou por cima da cerca do jardim com espanto: ‘Essa é a melhor coisa que você fez por mim em seis anos’, disse ele”.⁵



AB Aproveito também a terça-feira como um dia de folga. A princípio, minha razão para isso foram as preocupações com a família. Quando nossos filhos eram pequenos, nos tornamos membros de um clube de atletismo que nos deu acesso a uma piscina enorme. Como o clube ficava fechado às segundas-feiras, não seria possível para mim me divertir com as crianças, a menos que eu tivesse um dia que não a segunda-feira como meu dia livre. Por isso optei pela terça-feira. O fato de que a maioria dos clubes de golfe privados também estão fechados às segundas-feiras pode também ter influenciado minha decisão!

Tenho tido a sorte, aqui, de não ter a rodada semanal de atividades noturnas que muitos dos meus colegas enfrentam. Estar em casa apenas uma noite por semana é uma perspectiva alarmante e é cada vez menos a norma, não por causa de pastores que não queiram participar dessas atividades, mas porque nossas congregações não estão dispostas ou não são capazes de se envolver em tantas atividades no meio da semana. É importante estarmos constantemente avaliando o que é viável e necessário e o que é apenas uma rotina que sobrou de outra era.



Relaxamento e lazer

Ter um tempo com nossa esposa e família está no centro do nosso descanso e lazer. Mas existem outras dimensões que devem ser cuidadas. Dentro

dos limites de dar prioridade a nossa esposa e família, o exercício físico é um componente importante do nosso dia de folga. Se não for possível realizá-lo, então, é justificável tomar uma ou duas horas por semana para fazer algo que é fisicamente exigente e completamente diferente do nosso trabalho diário.



DP Minha reação tem sido a de pensar que estou muito ocupado para tirar uma hora para isso. Mas a experiência também me ensinou que ter feito o esforço para o exercício físico me faz voltar ao trabalho com a mente, assim como o corpo, renovada. Diz 1Timóteo 4.8 que “o exercício físico para pouco é proveitoso, mas a piedade para tudo é proveitosa”. No entanto, nossa ênfase sobre esta não deve conduzir à negligência do primeiro. Tenho uma dívida para com um dos meus presbíteros aposentados. Quando vim pela primeira vez para Edimburgo, ele observou que eu estava fazendo pouco exercício, uma vez que praticamente todas as visitas envolviam o uso de um carro, por causa das distâncias. Ele sugeriu que eu aprendesse a jogar golfe. Aceitei a ideia, não esperando que muita coisa pudesse acontecer. Depois de alguns dias, ele chegou na minha porta para me mostrar um pequeno conjunto de tacos que me conseguira mais barato através de um anúncio publicitário. Na terça-feira subsequente, à tarde, às 2 horas, eu estava no campo de golfe da cidade, e ele disse que esperava encontrar-me lá toda terça-feira, a menos que eu telefonasse e desmarcasse minha ida. Nunca me tornei um bom jogador de golfe, mas lucrei com o exercício e com a total variação de rotina que o jogo proporcionava.



AB A esta altura deveria ser óbvio que o avanço de Derek nessa questão foi significativo! Há momentos em que eu sinto que é impossível ter tempo para exercício ou recreação, o que não acontece com muita frequência. Encontrar um equilíbrio nessa questão não é fácil, mas temos de tentar. No passado, antes de as mudanças e decadências da idade começarem a cobrar seu preço, joguei em uma liga de futebol de salão. Isso me colocou

em um ambiente totalmente diferente de tudo o que eu havia experimentado durante a semana. Não só me permitiu fazer algo que eu amava, mas também me colocou na companhia de muitos não cristãos e me deu a oportunidade de ser uma testemunha. Acho que o golfe é também uma ótima maneira de conhecer e encorajar as pessoas e testar amplamente a própria santificação. Alguns pastores têm se dedicado ao lazer de modo exagerado, mas provavelmente a maioria precisa “pegar o ritmo”.



Dr. F. W. Boreham encontrou o seu relaxamento no críquete. Ele escreveu:

Dediquei muito tempo ao jogo por três razões. (1) Eu adoro isso. (2) Acho que é o feriado mais perfeito. Se eu for para a praia ou para o mato, a minha mente trabalha em sermões e artigos; se eu for ao críquete, eu esqueço tudo, exceto corridas e metas. E (3) fiquei feliz em formar um grupo de deliciosas amizades fora dos círculos em que habitualmente atuo. Avalio de forma bem impenitente as centenas de dias longos e prazerosos que passei no críquete.⁶

Todos nós precisamos de algo de interesse, totalmente distinto do nosso trabalho, no qual podemos colocar nossa mente para descansar e relaxar. Quando, no final do dia, nossa mente está carregada com as necessidades das pessoas, é extremamente difícil afastá-la dessas coisas, mesmo que busquemos lançar em Deus esse fardo. Ter algo totalmente diferente pelo qual possamos nos interessar, com que podemos ocupar nossa mente, é de grande ajuda.



DP Para mim, tem sido me ocupar com um trabalho do tipo “faça-você-mesmo” em que eu possa me envolver: ou fotografia ou colecionar selos. Dr. Boreham constatou que, em momentos de insônia, de que ele sofria com frequência, nada o ajudou mais a lidar com ela, e, então, pegar no sono, do que repassar em sua mente os jogos memoráveis que ele tinha visto.



As pressões da vida contemporânea demandam darmos atenção e prioridade aos feriados e férias que cumprem o seu propósito de renovação e refrigério. Uma grande parte do gozo de um período de férias é o prazer e o relaxamento que há em planejá-lo.



DP Devemos planejar nossas férias dentro de nossas possibilidades, e, como uma regra de ouro, senti que era correto gastar 1/12 do meu salário anual no mês de férias da família, desde que as circunstâncias não ditassem o contrário. É tolice poupar em nossas férias anuais, se poupar significa que não serão realizados seus propósitos. O padrão crescente das igrejas é dar uma semana de férias no inverno, bem como um mês no verão, e isso é louvável. Tendo experimentado dividir as férias de verão, cheguei à conclusão de que era melhor tirar o mês inteiro de uma vez. Sempre levei mais de uma semana para relaxar e sentir que estava de férias, e, então, no início da quarta semana, já estava me reeducando para voltar aos trilhos – um sinal saudável. Além disso, eu raramente relaxo se perceber que dali a um dia ou dois terei de me preparar para pregar, uma vez que minha mente estará consciente e inconscientemente pensando nisso. Ao dividir o mês de férias, este tipo de intrusão se torna mais frequente.



AB Esta seção ilustra a diferença entre a abordagem britânico-europeia de férias e o cronograma médio das férias americanas. O padrão americano parece ser o de fazer pausas mais curtas com mais frequência. Seja qual for o nosso padrão, é importante que ele realize o objetivo de uma ruptura completa da atividade rotineira do ministério pastoral. Minha preferência pessoal é tirar quatro semanas de férias, mas depois de 20 anos eu me encontro cada vez mais influenciado pelo meu ambiente. Fazemos bem em prestar especial atenção às esperanças e sonhos de nossa esposa e filhos quando procuramos determinar a nossa abordagem.



Um assistente do Dr. Alexander Whyte disse-lhe que “o único conselho que se lembrava de ter recebido dele era de tirar boas férias”, ao que “o velho respondeu com um sorriso: ‘Bem, senhor, e se seguiu o meu conselho, você ou a sua congregação alguma vez se arrependeu disso?’”⁷

Ao planejar nosso tempo para a família e para relaxamento, provavelmente começamos nos perguntando: “Quanto tempo devo reservar para o meu trabalho?” Longe de defender o desleixo, gostaríamos de sugerir que seria melhor perguntar: “Quanto tempo deverei reservar para a oração, para minha família, e para o relaxamento?” Tendo estabelecido esses tempos fixos, podemos dedicar o restante do tempo para o trabalho. Essa pode ser uma boa alternativa, pois a maioria dos pastores tende a ser *workaholic*. *

* Uma boa definição para *workaholic* é “viciado no trabalho”. Mas como glorificar a Deus com um vício? [N.T.]

Capítulo 14



Perigos amenizados por privilégios

No decurso de uma reunião de ministros, quando as dificuldades do ministério estavam sob discussão, e as tentações para fugir delas foram honestamente expressas, um ministro confessou que, em dias muito maus, a única luz no fim do túnel era a luz de um trem para levá-lo embora! Nenhuma tarefa que valha a pena em qualquer esfera é conquistada sem obstáculos, e por isso eles devem ser superados. Dificuldades únicas associadas ao ministério constantemente nos rodeiam. Elas precisam ser equilibradas pelos privilégios e compensações singulares do ministério, mas, quando suas tribulações são agudas, é fácil perdê-los de vista.

Uma variedade de deveres

Paulo instruiu a Timóteo: “Cumpra cabalmente o teu ministério” (2Tm 4.5). Significativamente, ele não apresenta uma lista definitiva; sua variedade é uma das alegrias do ministério e, no entanto, também uma das suas dificuldades. Em uma semana podemos aconselhar um casal que está prestes a se casar, e depois passar horas tentando manter unido outro casal cujo casamento está desmoronando. Podemos visitar um casal regozijando-se no dom de uma criança, e momentos depois ir para uma família onde ocorreu um luto trágico. Nesse mesmo dia vamos ter de falar em uma assembleia de escola ou união cristã e, em seguida, presidir uma reunião de presbíteros ou diáconos. Assim que chegarmos em casa, poderemos encontrar alguém esperando por nós nas

profundezas do desespero por causa do fracasso ou depressão. Os correios terão trazido cartas para responder e depoimentos urgentes a serem escritos.

Muitas outras permutas diárias poderiam ser referidas, e, além disso, há a nossa tarefa mais importante, a de nos prepararmos para o ensino e pregação e cumprir essas funções de forma eficiente e proveitosa. As pressões pastorais facilmente pressionam a preparação do sermão. Obtemos o equilíbrio certo nessas coisas somente por determinação das nossas prioridades e aderindo a elas tão rigidamente quanto possível, sem se sentir um fracasso se não podemos sempre fazê-lo. Se mantivermos nossas manhãs livres para o estudo e preparação – para além de emergências pastorais –, vamos estar em dia com nossa tarefa prioritária. Se contarmos com a dedicação de quase todas as tardes ao trabalho pastoral, com um ou dois momentos destinados a falar com as pessoas, seja na igreja ou em casa, vamos manter a maior parte do nosso trabalho pastoral dentro dos limites. Nomeadamente a disciplina é necessária para evitar muitos compromissos externos. Limitarmo-nos a uma reunião extra por semana – como uma assembleia de escola ou uma união cristã – é uma sábia decisão.

Problemas sociais e morais complexos

A variedade de nossos deveres é agravada pela complexidade de tantos problemas sociais e morais contemporâneos, especialmente aqueles relacionados ao casamento. Seria possível passar a maior parte, se não todo o nosso tempo, em aconselhamento matrimonial. Se realmente queremos nos familiarizar com as necessidades da sociedade, vamos ter de ajudar as pessoas cujo pano de fundo não é muito diferente do das pessoas de Corinto (1Co 6.9-11). Mas devemos ter cuidado para não sermos desviados da nossa principal tarefa, de ensinar a Palavra de Deus, sem esquecer que devemos fazê-lo para essas pessoas. Se o ensino é a nossa vocação, devemos garantir que outros que não são mestres, mas que têm dons pastorais, empreendam os cuidados individuais que essas pessoas necessitam. Podemos nos esgotar no aconselhamento de pessoas, que realmente deveríamos ter passado para outros, pois a consequência é que negligenciamos nossa tarefa principal.



DP Logo no início do meu ministério, eu me vi lidando com um número de pessoas que estavam deprimidas. Minha reação foi me inscrever em um curso para o aconselhamento

de pessoas com doenças mentais. Compartilhei minha intenção com um homem que era um pai espiritual para mim. Ele imediatamente me repreendeu e disse que, se eu fizesse isso, iria em breve encontrar mais e mais pessoas que viriam a mim para tal ajuda, e eu seria desviado da minha vocação primária de ensinar e pregar a Palavra de Deus e de cuidar espiritualmente de pessoas. Seu conselho foi oportuno. Naturalmente, nós queremos ajudar as pessoas que estão deprimidas, mas, se é óbvio que não é necessária a ajuda apenas espiritual, devemos apresentá-los sem demora a alguém que melhor pode ajudá-los. Não devemos cair na armadilha de nos sentir especialistas em toda e qualquer área da vida.



AB Na tentativa de responder ao grande número de pessoas e problemas que enfrentamos, temos incentivado muitos de nossos paroquianos a participar de treinamentos de formação em aconselhamento bíblico. Como resultado, toda semana um número significativo de indivíduos está sendo ajudado. Em vez de tudo isso recair sobre a equipe pastoral, acabamos por partilhar a tarefa.



Quando o reverendo Alexander Fraser foi apresentado em Aberdeen, ele disse à sua nova congregação:

O ministério é um negócio sério e eu não tenho tempo ou força para questões secundárias. Vou concentrar-me no trabalho real do ministério. [...] Mesmo que eu seja considerado estreito, prefiro ser estreito no sentido que um canal de moinho o é – estreito e profundo com alguma força motriz e realizando alguma coisa – do que largo e raso.

Mantendo as pessoas unidas

Manter as pessoas unidas é frequentemente uma tarefa difícil. Enquanto os cristãos estão unidos nos fundamentos do evangelho, há muitos assuntos

secundários sobre os quais as pessoas terão pontos de vista opostos. O conhecimento prévio e a formação intelectual das pessoas vão ditar diferentes convicções ou preconceitos. Todos podem concordar que o evangelismo é vital, mas pode haver reações extremas para certas formas de evangelização e métodos utilizados. Palavras e frases como calvinismo e arminianismo, ou a soberania de Deus e o livre-arbítrio, podem imediatamente levantar polêmicas entre as pessoas; ou convicções em matéria de governo da igreja e do lugar de presbíteros e diáconos podem ameaçar dividir as pessoas. Termos como “carismático” e “reformada” tendem a produzir caricaturas, e as pessoas tomam partido sem pensar em termos de questões individuais que possam surgir.

Como pastores, não só temos de compreender todas essas e outras questões, mas nossa tarefa é manter as pessoas unidas. Devemos, acima de tudo, ser moderados na expressão de nossos pontos de vista sobre esses assuntos. Não estamos sugerindo que tenhamos de ser insossos ou ocultar as nossas convicções, mas devemos primar por apresentar nossas convicções, sem calor ou animosidade. Ao mesmo tempo, precisamos ensinar e demonstrar que não devemos permitir que questões secundárias dividam os cristãos, e que devemos ser vigilantes contra o inimigo sempre que tais questões secundárias forem discutidas. Na medida do possível, devemos evitar rótulos que tendem a nos dividir. Devemos assumir a liderança sempre perguntando primeiro: “O que dizem as Escrituras?” Se elas não são dogmáticas, então nós também não devemos ser.

Há sempre questões controversas que, indevidamente tratadas, têm a capacidade de dividir a igreja. Pastores sábios não encobrem os problemas, mas lidam com eles com honra e espiritualidade. No século 1º, tanto a circuncisão quanto a escravidão mantinham uma potencial controvérsia dentro da igreja. Paulo não maquiou os problemas, mas deu direção positiva para aqueles que estavam preocupados com eles (1Co 7.17-24). Devemos procurar fazer o mesmo com os tópicos que hoje perturbam o povo de Deus.

Equívocos sobrê o chamado de um pastor

Uma dificuldade que muitas vezes percebemos no ministério surge a partir dos equívocos que as pessoas cometem sobre nossa tarefa. Em um extremo alguns podem pensar que só trabalhamos no domingo, e no outro extremo há os que esperam que sejamos capazes de fazer tudo o que precisa ser feito na igreja. Podemos vir a ser um evangelista, bem como um pastor, mesmo que os dois dons sejam bastante distintos. Há uma diferença entre ter o dom de um

evangelista e fazer o trabalho de um evangelista (2Tm 4.5), mas as pessoas em geral não estão cientes disso. Aqui, como em outros lugares, encontramos extremos: as pessoas podem ter o pastor em uma estima excessivamente alta ou muito baixa. As pessoas podem considerar que todo o sucesso dos empreendimentos da igreja está ligado ao desempenho do pastor, e elas olham para ele um pouco como os torcedores de futebol olham para o técnico de um time – se a equipe não vencer, então ele deve ser substituído.



DP Na primeira igreja que eu servi, tivemos um cuidador astuto, que reconheceu o período de lua de mel inevitável que a maioria dos pastores experimenta com uma igreja, o que o levou a me dizer um dia: “No primeiro ano, eles idolatram você; no segundo, vão criticá-lo; e no terceiro, eles irão banir você”. Estou contente por constatar que ele não estava certo, mas há um alerta necessário nessas palavras contra a preocupação com as concepções das pessoas sobre nós e nossa tarefa.



AB A contenda e vanglória na igreja de Corinto surgiu em parte pela confusão sobre o papel e a importância dos líderes da igreja. Na minha experiência, essa incerteza continua a ser um recurso em muitas das nossas igrejas. O clericalismo coloca o pastor em um pedestal, e o anticlericalismo pretende derrubá-lo. Seremos sábios se ficarmos longe dos pedestais.



Não podemos corrigir equívocos de uma só vez. Se a correção deve ser alcançada, é melhor que ocorra quando a nossa exposição sistemática das Escrituras chegar a passagens nas quais uma visão correta do ministério é transmitida. Fazer isso de outra forma é um passo para outro equívoco. Ao mesmo tempo, devemos ter claro em nossa mente quais são as nossas principais tarefas e cumpri-las, independentemente do que quer que as pessoas possam pensar ou dizer. O tempo vai provar a sabedoria dessa atitude e oferecer a melhor instrução para o povo de Deus. Pregando sobre

1Coríntios 4.1, Charles Simeon começou assim: “Os ministros de Cristo são geralmente demasiadamente elevados ou imerecidamente desvalorizados por aqueles em estão em torno deles; mas eles devem exercer as suas funções com fidelidade, sem qualquer relação com as opiniões dos homens, e confirmar a si mesmos diante daquele que vai julgá-los justamente no último dia”.

Oposição e batalha espiritual

Uma das situações mais difíceis de enfrentar é a oposição do povo de Deus. Não devemos ficar surpresos de que isso aconteça, uma vez que Satanás é o acusador dos irmãos. Todo nosso esforço para alcançar o equilíbrio, e para manter as pessoas unidas, pode, por vezes, significar que poucas pessoas estão satisfeitas conosco, já que nos recusamos a tomar partido. Podemos ser incompreendidos e caluniados, especialmente por aqueles que não apreciam a adesão que damos à vontade de Deus através da obediência às Escrituras, em vez de apresentar qualquer posição ou tradição rotulada. As pessoas podem se afastar de nós e nos abandonar quando mais precisamos delas.

Nossas consolações são reais: primeiro, seguimos os passos de nosso Mestre; e, em segundo lugar, andando em suas pegadas, vamos descobrir que ele nunca nos deixa sem a certeza da sua presença quando mais necessitamos dele – essa é a garantia de que nos dará a força necessária para conservar o que é justo (cf. 2Tm 4.16-18). Como Charles Simeon disse quando teve sua imagem deturpada, “Meu inimigo, seja qual for o mal que ele diz de mim, não me reduz tão baixo como ele o faria se soubesse tudo o que Deus tem feito por mim”. Essas e outras dificuldades fazem parte, todas elas, da batalha espiritual em que estamos necessariamente envolvidos.

Em suas cartas a Timóteo, o jovem chamado a ser pastor e professor, Paulo usa mais forçosamente a linguagem da batalha: “Combate [...] o bom combate” (1Tm 1.18); “Combate o bom combate da fé” (1Tm 6.12); “Participa dos meus sofrimentos como bom soldado de Cristo Jesus” (2Tm 2.3). Não devemos recuar da batalha necessária que há no cuidado das almas e na conquista do perdido. Nosso recurso principal deve ser colocar deliberadamente toda a armadura de Deus (Ef 6.10-18), para que, usando cada peça, sejamos capazes de resistir com sucesso contra cada assalto. Vestindo a armadura, seremos capazes de assumir as duas armas com confiança: nenhuma arma em nossas mãos é mais poderosa do que as Escrituras, e nenhum recurso maior do que a oração. Como John Newton disse a um

jovem ministro muito consciente da batalha, “acima de tudo, certifique-se de não ser seduzido ou aterrorizado pelo privilégio de um trono de graça”, pois o diabo iria querer roubá-lo de nós.

Provações

As provas são uma parte necessária do ministério; não que devamos procurá-las, mas não devemos ser surpreendidos por elas (cf. 2Co 6.3-10). Elas podem ser divididas em três grupos principais. O primeiro é constituído pela provações de carácter geral, tais como as dificuldades comuns da vida: o sofrimento, acidentes, perigos e tristezas dos quais não estamos isentos como servos de Deus. Deus as usa, a fim de nos fazer melhor equipados para ajudar e confortar outros. Martinho Lutero declarou que as provas e tentações são os melhores professores de um ministro.

O segundo grupo caracteriza-se por provas infligidas por outros através de suas expectativas demasiado elevadas e suas exigências, declarações falsas ou mal-entendidos, ou simplesmente as exigências sempre presentes de pessoas a serem acompanhadas, com a consequência de que nunca sentimos que nosso trabalho está terminado.

O terceiro grupo considera as provas autoinfligidas por causa do trabalho, em nossa constante disponibilidade para as pessoas, em nossa recusa a trabalhar em horários fixos, na solidão, por evitar amizades especiais de modo a servir todo o rebanho, na carga, por vezes, da liderança e da manutenção da confidencialidade, e na nossa negação ao luxo de autopiedade quando as coisas estão difíceis.

Poucos, senão nenhum de nós, anteciparam previamente quão grandes seriam as dificuldades do ministério. “O ministério do evangelho”, escreveu John Newton, “como o livro que o Apóstolo João comeu, é doce e amargo; mas a doçura é provada em primeiro lugar, e a amargura é geralmente conhecida depois, quando estamos tão envolvidos que não há mais volta”. Nenhuma prova é desperdiçada na economia de Deus. Graças espirituais tais como pureza, compreensão, paciência, bondade e amor sincero brilham pelo poder do Espírito ainda mais poderosamente contra o fundo de nossas provas (cf. 2Co 6.6).

Nossa maior dificuldade se apresenta quando sentimos que as provas implícitas no nosso ministério afetam negativamente nossa família. Podemos aceitar o sofrimento de nosso trabalho afetando a nós mesmos, mas ficamos insatisfeitos com o que incomoda aqueles a quem amamos. Essa é uma atitude razoável, e podemos ter a confiança de que o bem-estar da nossa família e o bem-estar do povo de Deus nunca estão em conflito na

vontade e propósito de Deus. Quando alguma decisão justa parece custosa para nossa família, bem como para nós, provamos a fidelidade de Deus – ele nunca falha conosco.

As provações do ministério exigem duas virtudes em especial: paciência e autocontrole. Assim como devemos suportar dificuldades como soldados, precisamos também ser pacientes como fazendeiros e autocontrolados como atletas (2Tm 2.4-6). Quando os outros perdem a paciência ou a disposição, não devemos perder nem uma nem outra (1Ts 5.14). Quando parece que os cristãos não estão dispostos a enfrentar a mudança necessária, é preciso estarmos preparados para ser pacientes com eles, e para ensinar à nova geração de cristãos que tudo o que estabelecemos é provado pelas Escrituras, e não pela prática, tradição ou costume. Uma grande vantagem de ministérios longos frente aos mais curtos é que os primeiros fornecem a oportunidade para o exercício da paciência e, em particular, a sementeira paciente da Palavra de Deus, para trazer a mudança e progresso que Deus deseja.

Preguiça

Perigos andam de mãos dadas com as dificuldades. Citamos a preguiça primeiro não porque é o perigo mais provável, mas porque seria tolice ignorá-la. A maior parte do nosso trabalho é invisível, quer se trate de oração pessoal, preparação para a pregação ou visitação. Trabalhando por conta própria, nós trabalhamos segundo nosso próprio calendário. Nós determinamos quando começamos a trabalhar a cada dia e quanto tempo vamos dispensar a cada uma das nossas responsabilidades. Preguiça, desleixo e falta de disciplina no uso de nosso tempo torna-nos pouco eficientes e não confiáveis. Alguns são naturalmente melhores organizadores do que outros, mas é necessário um certo grau de organização para a eficiência. Por trás do pedido de desculpas “eu não sou nenhum organizador” pode haver um traço de preguiça a ser corrigido. Precisamos estar sentados em nossas mesas pontualmente como qualquer pessoa em um escritório, e organizar nossas chamadas sistemática e cuidadosamente como um médico em suas rondas.

Em um cartão postal para um amigo no ministério, Dr. Alexander Whyte escreveu: “Nada poderá compensar um mau pastoreio. O próprio sangue de Cristo não fala de paz com a minha consciência em relação a um mau pastoreio. Deixe de lado cada convite e oportunidade no interesse de uma consciência tranquila em relação às casas de seu povo”. ¹ “Tudo estaria bem”, disse Samuel Rutherford, “se eu estivesse livre de velhos desafios de culpa, de negligenciar meu chamado e de falar muito pouco da coroa, honra e reino do meu Bem-Amado”.

Desânimo

O desânimo é um perigo mais sutil. Estando tão envolvidos com as pessoas e seu progresso espiritual, podemos oscilar entre uma enorme alegria e uma grande tristeza. E as mesmas pessoas que deram a maior alegria podem dar a maior tristeza. Paulo escreveu: “porque, agora, vivemos, se é que estais firmados no Senhor” (1Ts 3.8), no entanto, conhecia a emoção oposta quando os crentes vacilavam e andavam para trás. O povo de Deus tem uma capacidade única para adoçar ou minar nossos dias, para nos emocionar ou para nos lançar nas profundezas da depressão. Em um momento sentimos que não há lugar melhor do que aquele em que estamos, e, no momento seguinte, desejaríamos estar em qualquer outro lugar. As pessoas podem ouvir atentamente o que dizemos enquanto fielmente declaramos as verdades do evangelho, e depois escolher dar-lhes as costas. “Tornei-me, porventura, vosso inimigo, por vos dizer a verdade?”, escreveu Paulo aos Gálatas (4.16). Podemos sentir fortemente a ausência daqueles que decidiram não vir mais porque eles acharam o custo do discipulado muito elevado.

Vulnerabilidade às críticas

O desânimo pode surgir de nossa vulnerabilidade especial às críticas. Quando o time joga bem, todos felicitam a equipe; mas, quando joga mal, todos culpam o capitão ou treinador. É inevitável que as pessoas nos critiquem mais que aos outros, e, antes de tomarmos pé da situação podemos nos deixar levar pelas críticas, esquecendo todas as coisas boas que são igualmente importantes. Alguns indivíduos críticos podem nos cegar para o apoio que recebemos de muitos outros e nos fazer perder o equilíbrio. Se as críticas são feitas quando temos um sentimento particular de falha ou insucesso, ficaremos ainda mais desanimados e inseguros. “Uma pesquisa entre 300 pastores da Igreja Metodista Unida, em Minnesota, nos EUA, constatou que ‘embora todos eles gostassem do próprio trabalho [...] a maioria sofria também de insegurança e solidão’”.² A dúvida é uma das causas da ansiedade e do desânimo.

Embora o desânimo venha, devemos aprender a nos dirigir a nós mesmos como Davi faz nos Salmos 42 e 43. Se estamos desanimados pelo fato de o povo afastar-se da verdade de Deus que temos ensinado, devemos nos lembrar que nosso desejo natural de estar bem no afeto e respeito daqueles que pastoreamos não deve nunca comprometer a verdade ou nos fazer recuar

em dizer que tudo o que sabemos que deveria ser dito. Podemos confiar no Espírito de Deus para dar testemunho às suas consciências de que o que foi dito é verdade (2Co 4.2). Se estamos desanimados por causa da insegurança e da consciência do fracasso, devemos nos lembrar de que “tendo este ministério, segundo a misericórdia que nos foi feita, não desfalecemos” (2Co 4.1), e que não chamamos a nós mesmos, mas Deus nos chamou. Com essa confiança podemos, então, reavivar a chama do dom de Deus que está em nós através do nosso ser, designado para o ministério (2Tm 1.6), sabendo que Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza, e de amor e de autodisciplina (2Tm 1.7).

Se as críticas são justas, devemos ser gratos e agir sobre elas, como parte da disciplina da graça de Deus. Se são injustas, devemos entregar nossa causa a Deus que julga com justiça, assim como fez nosso Salvador (1Pe 2.21-23), agradecendo a Deus pelo privilégio de caminhar nos passos de seu filho e sabendo que ele conhece a verdade sobre nós (1Co 4.1-5). Fiel ao Senhor, e fiel à nossa consciência, podemos deixar a conclusão para ele.

Envolvimento excessivo com os problemas das pessoas, estrêsse e burn-out

Devido ao fato de nós tão regularmente termos pessoas que vêm até nós com dificuldades, podemos nos tornar demasiado conscientes de problemas, de modo que nosso ensino e pregação podem se tornar orientados para essa questão, em vez de nos concentrarmos na exposição clara de toda a Escritura, que tem a capacidade única de fornecer respostas espirituais para os problemas das pessoas sem que os conheçamos, ou ainda as respostas que Deus dará a eles através da pregação da sua Palavra. A vantagem de conhecer bem o nosso povo e as suas dificuldades é que o nosso ensino estará ancorado na realidade. Isso não significa que toda vez que ensinarmos devemos nos dirigir deliberadamente para as batalhas que eles travam. A melhor resposta que podemos dar tantas vezes é uma visão clara de Jesus Cristo e os recursos que ele oferece.

Algumas das tristes circunstâncias que vivemos frequentemente convivem conosco, e, quando vamos para a cama, à noite, nossa mente retornará a elas, revendo tudo o que dissemos e como poderíamos ter lidado com elas de forma mais eficaz. Haverá ocasiões em que realmente choraremos com as pessoas, e não podemos simplesmente desligar nossos sentimentos quando as deixamos e voltamos para casa. Paulo sabia da pressão diária

de sua preocupação por todas as igrejas, de modo que ele podia escrever: “Quem enfraquece, que também eu não enfraqueça? Quem se escandaliza, que eu não me inflame?” (2Co 11.29). Comprometidos a compartilhar as preocupações mais profundas das pessoas, devemos nos educar a lançar o cuidado delas constantemente a Deus, e fazendo-o continuamente, não importa o quão inclinados possamos estar em carregá-los.

Há o perigo adicional de que, ao ajudar as pessoas, possamos nos envolver emocionalmente, e isso se aplica particularmente ao aconselhamento regular e profundo com alguém do sexo oposto. Da mesma forma, na tentativa de ajudar os outros em suas tentações, podemos ser tentados, nós mesmos, como o Novo Testamento nos adverte: “Irmãos, se alguém for surpreendido nalguma falta, vós, que sois espirituais, corrigi-o com espírito de brandura; e guarda-te para que não sejas também tentado” (Gl 6.1). Pecados e tentações são discutidos conosco sobre os quais desejaríamos nunca ter ouvido falar e que Satanás pode usar como um meio inesperado de assalto. Devemos tomar cuidado com qualquer sutil prazer no povo de partilhar seus pecados e tentações, e colocar uma restrição a fazê-lo quando não há nenhum bom propósito nisso.

O estresse vem em uma variedade de formas. Mencionamos anteriormente a possibilidade de estresse financeiro, e isso se acentua quando a própria comunhão da igreja está sob pressão para cumprir seu compromisso financeiro para conosco. Se este for o caso, o equivalente contemporâneo do ministério de fazedor de tenda de Paulo é um expediente digno, quando possível, desde que nossa motivação não seja o ganho material em si, mas o alívio da igreja com relação ao que talvez seja um fardo excessivo. O estresse vem através da natureza aberta do nosso trabalho e nosso compromisso essencial com as pessoas. As pessoas podem nos estressar. Provavelmente subestimamos o que se exige de nós no trabalho pastoral. Podemos estar trabalhando 14 ou mais horas por dia, sete dias por semana. Entramos no que parece ser um círculo vicioso de preparação semanal, em meio a crises, com pouco tempo para respirar.

Nossa esposa provavelmente vai ser a primeira a perceber o estresse sob o qual trabalhamos, e, se não tivermos cuidado, ele vai passar para ela. O estresse pode influenciar nosso padrão de sono, de modo que, ao dormir mal, tornamo-nos cada vez mais cansados. Então, temos de trabalhar mais, e quanto mais impiedosamente nos forçamos, menos eficientes nos tornamos. O fator de estresse pode ser acentuado pelos ventos de mudança que constantemente vêm à igreja, especialmente através de questões como a renovação carismática, formas de culto, e uma maior participação das pessoas na adoração e no ministério, que imprudentemente manipuladas podem dividir em vez de unir o povo de Deus. Podemos não ter o tempo que

gostaríamos para definir nossa própria compreensão sobre essas questões. Se os membros da congregação parecem poder optar por deixar de lado a responsabilidade, sabemos que não podemos fazê-lo. Não é de surpreender que se instale o que comumente se chamamos “*burn-out*”.

Certo grau de estresse não é ruim, e em algum grau é inevitável em todas as profissões assistenciais. Como pastores nunca devemos desistir do povo de Deus: devemos estar dispostos a suportar uma grande dose, e, então, suportar muito mais. Isso faz parte de preencher em nossa carne “o que resta das aflições de Cristo” (Cl 1.24). Mas, se a causa de algum estresse procede de nossas crises pessoais, é a esse que devemos dar atenção. Conversar com outro pastor, especialmente se é alguém mais experiente, pode ser inestimável. Sentar-se calmamente, em atitude de oração, a fim de anotar as prioridades presentes e o que devemos fazer para atingi-las, pode revelar áreas de nossas responsabilidades fora de equilíbrio. Se tivermos negligenciando nosso dia de folga, e tempo para relaxamento físico e mental, então temos que resolver a situação imediatamente. Se temos estado muito ocupados para receber, bem como para dar espiritualmente, eis aí uma tarefa à qual nos dedicarmos.

Spurgeon contou a história de Old Nat,

que tinha uma grande pilha de madeira diante dele, e trabalhava arduamente para vê-la diminuir. Sua serra precisava ser afiada e reajustada, o que tornava o trabalho terrível. Um vizinho bem-intencionado se aproximou dele e disse: “Nat, por que você não afia a sua serra? Resolva isso primeiro, e, então, poderá fazer muito mais do que está fazendo agora”. “Agora não”, respondeu Nat, “não venha me incomodar com isso. Eu já tenho o bastante para fazer com aquela pilha de madeira, sem parar para afiar a minha serra”.

Podemos nos sentir muito ocupados para ir a conferências de ministros, quando elas podem ser a provisão de Deus para nos tirar da nossa situação, para vê-la sob uma perspectiva dada por Deus.



DP Olhando para trás, eu me arrependo de duas coisas a esse respeito: em primeiro lugar, não ter frequentado regularmente conferências de ministros pelo menos uma vez a cada ano; e, segundo, não ter tido um descanso sabático regular. Em 30 anos no cargo pastoral, eu tive dois, e, em ambas as

ocasiões, foram tempos significativos de reabastecimento e reformulação, tanto em benefício da igreja quanto meu próprio.



AB Tentei aprender com o sentimento de pesar de Derek. Descobri que o privilégio de falar em conferências de ministros, onde havia outros oradores cujas exposições e companhias eu apreciava, tem me ajudado a manter o equilíbrio espiritual, bem como a recarregar minhas baterias.



Um desejo ocasional de fuga

A grama sempre parece mais verde no jardim do vizinho. Mas não ficaríamos muito tempo nas situações de outras pessoas sem encontrar batalhas similares, desânimos e dificuldades. Quando as pressões se abatem sobre nós e o desânimo nos cobre como um cobertor pesado, o único pensamento que se tem é de fuga. Houve momentos em que secretamente desejamos estar em outro lugar, mesmo sabendo que essa não era a resposta. Piedoso pastor como era, Thomas Boston certa vez reclamou que estava “preso em Ettrick”. Isaac Watts trocou correspondência com um jovem que ajudava um ministro mais velho em uma nova capela em Southampton. Depois de cerca de dezoito meses, o jovem ministro estava infeliz e escreveu para Watts que pensava em mudar-se. Watts respondeu:

Sua última [carta] está agora diante de mim com todos os longos detalhes de seus desânimos. (...) Eu tenho muitos deles, para ser sincero (...) se olharmos apenas as aparências. Mas tenho algumas coisas para oferecer que irão, em certa medida, espero, conciliar seus pensamentos para uma longa permanência entre eles. 1. Considere tudo quanto Deus tem feito (...) em Southampton através de você. (...) 2. Existem algumas pessoas em quem Deus começou uma boa obra (...) usando você. Oh, não pense em abandoná-los! 3. É raro um povo (...) que ame seu ministro, que o honre e estime mais do que o seu faz (...) 4. Onde está o homem melhor qualificado para o exercício da obra de Deus na cidade do que você? 5. Se você se for, irá para onde?

As circunstâncias são as mesmas em muitos lugares, e muito piores até. 6. Considere se isso não é uma tentação jogada em seu caminho para desencorajá-lo em seu trabalho. 7. Lembremo-nos de que não estamos envolvidos em um trabalho que depende totalmente de raciocínios, perspectivas, probabilidades e aparências presentes, mas que está sob a mão e o Espírito de Deus. Se ele vai trabalhar, quem colocará obstáculos? (...) Medite sobre essas coisas. Volte seus pensamentos aos assuntos que são mais alegres e aos momentos de gratidão. Louvor e gratidão são fontes para a alma e dão a ela nova motivação.³

O jovem seguiu o conselho de Watts, e evidente sucesso ocorreu no local que ele tinha sido planejado deixar. Um pastor contou como, durante um momento particularmente difícil no sétimo ano de seu primeiro pastorado, ele foi tentado a mudar para outro lugar a partir de um convite feito a ele. A principal atração foi a possibilidade de deixar as dificuldades para trás. Ele resistiu, e testemunhou que, olhando para trás, maravilhou-se com a graça de Deus, porque foi a partir daí que as coisas mudaram e marcante bênção veio sobre a igreja. As dificuldades não são fundamento para deixar o povo de Deus; elas podem simplesmente destacar a necessidade que o povo de Deus tem de ter um pastor.

O orgulho e seus perigos

Há outros perigos no ministério para o qual temos maior responsabilidade e que podem advir de nós mesmos. O perigo mais importante aqui é o orgulho. Ministrando aos outros, seja no cuidado pastoral ou no ensino público e na pregação, tende a nos tornar proeminentes e nos coloca sob o olhar do público. Podemos facilmente cair na armadilha de desfrutar do nosso trabalho pelas razões erradas. Inconscientemente, podemos dar uma falsa impressão de superioridade, e viver pela aprovação e aplausos das pessoas, esquecendo quão comum nós somos.

John Newton descreveu a popularidade no ministério como o caminhar sobre gelo. Nós, naturalmente e com razão, queremos ser bem-sucedidos no serviço de Deus; mas o sucesso pode subir para as nossas cabeças, em vez de humilhar-nos e levar-nos a louvar de coração a Deus. William Burns encontrou-se lisonjeado quando uma mulher lhe disse que ela fora tão abençoada através de seu ministério como ela tinha sido sob Robert Murray M'Cheyne. Ele escreveu em seu diário naquela noite, “eu disse a ela para não lançar faíscas do inferno em meu coração inflamável – dar graças a Deus, e cuidado com o elogio do homem”.

John Thornton disse a Charles Simeon que há três lições que um ministro tem de aprender: “1. Humildade. 2. Humildade. 3. Humildade”. Depois Simeon escreveu duas vezes em seu caderno pessoal em letras grandes, “Não falar sobre mim mesmo”. Nós nunca devemos deixar que nós mesmos ou outros esqueçam que somos apenas “vasos de barro”, para deixar claro que tudo o que é bom vem de Deus e não de nós (2Co 4.7).

Embora Paulo tenha estabelecido os mais elevados padrões e exemplo, ele nunca deixou de reconhecer que foi o pior dos pecadores (1Tm 1.15). Estar regularmente à frente não significa que precisamos estar sempre retratando um espírito triunfante. As pessoas vão encontrar-nos mais acessíveis e úteis se reconhecemos honestamente que estamos sempre tropeçando, como eles o fazem. Sempre que isso for algo natural, devemos nos colocar e a outros líderes cristãos no seu devido lugar, como fez Paulo:

Quem é Apolo? E quem é Paulo? Servos por meio de quem cresces, e isto conforme o Senhor concedeu a cada um. Eu plantei, Apolo regou; mas o crescimento veio de Deus. De modo que nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus, que dá o crescimento (1Co 3.5-7).

Há sempre o perigo de vincularmos as pessoas a nós mesmos, ao invés de ao nosso Senhor Jesus Cristo, e sua lealdade ser dirigida a nós, e não a ele. Isso explica por que Paulo batizou poucas pessoas, mas deixou essa tarefa a outros (1Co 1.14-15). Sem que queiramos isso, podemos encontrar pessoas que nos transformam em um ídolo e exageram nossa importância. Isso não é bom para eles ou para nós. Precisamos lembrar duas verdades salutareis. Em primeiro lugar, se eles nos conhecessem como nós nos conhecemos, nunca teriam tanta consideração por nós – na verdade, seria o oposto. Em segundo lugar, percebemos as estrelas apenas quando não podemos ver o sol; estamos preocupados com homens somente quando nossa mente se afasta de Deus. Embora não possamos, como pastores e mestres, manter-nos no plano de fundo, devemos fazer com que as pessoas se esqueçam de nós e lembrem-se apenas do nosso Mestre; devemos sempre estar dizendo, com efeito, pela vida e pela palavra, “Olhe para Cristo! Olhe para ele!” Se não fizermos isso, não importa que as pessoas achem que somos bem-sucedidos, seremos verdadeiros fracassos. A experiência mostra também que os ídolos não sobrevivem; algo sempre acontece para desalojá-los de seu injusto lugar – Deus providencia isso à sua maneira misteriosa e soberana.

Ciúme e mundanismo no ministério surgem a partir do orgulho. Podemos ter ciúmes de outros ministros que estão em grandes igrejas ou que são

obviamente mais bem-sucedidos do que nós. Filipenses 1.15 ilustra como pode haver uma rivalidade não espiritual entre os servos de Deus. Com a chegada de Paulo em cena, certos pregadores perderam sua proeminência e ficaram com ciúmes. A reação deles foi a de concentrarem-se ainda mais em ser pregadores de sucesso, mas pelos motivos totalmente errados.

Há um mundanismo que é exclusivo do ministério. Pode ser na armadilha sutil de julgar um convite para uma igreja pelo seu tamanho, a sua renda, e sua reputação, e de pensar no status e posição no corpo de Cristo. Sempre que estamos cientes de inveja em relação a um colega pastor e mestre, devemos incluí-lo diariamente em nossas orações, esforçando-nos para agradecer a Deus por ele, e clamando pelas bênçãos contínuas de Deus sobre ele. Deus honrará tal resposta, e torná-la-á real, de modo que o ciúme é removido.

Há também o mundanismo de uma atitude profissional para o nosso trabalho. O mundo em geral considera o ministério como uma profissão, em vez do chamado que é na verdade. Como as pessoas competem por posições em sua profissão, também podemos cair na armadilha da disputar posições na igreja, seja dentro de uma denominação ou para ser chamado para o que pode ser considerado como uma igreja “premiada”.

Se estamos na vontade de Deus, não temos razão para invejar ninguém. Deus fez-nos as pessoas que somos, e os dons que temos estão em seu poder soberano nos dar. Sucesso no trabalho espiritual não é sinônimo de estar bem aos olhos do público ou até mesmo ser considerado pelo povo de Deus tão bem-sucedido. O sucesso é terminar a obra que Deus nos deu, e a ninguém mais, para fazer.

Ferindo a igreja

O maior perigo para os pastores e mestres é que, embora eles tenham tal potencial para o bem, eles têm o mesmo potencial para o mal, se não conseguem cumprir seu ministério. A oração de John Brown “que eu não destrua a Igreja de Deus, não mutile suas verdades, não traia sua honra, nem mate as almas dos homens” deve estar em nossos lábios muitas vezes. Richard Baxter deu oito razões pelas quais os ministros devem examinar-se:

- (1) Você tem o céu para ganhar ou perder para si mesmo. (...) A santa vocação não vai salvar um homem profano.
- (2) Você tem inclinações pecaminosas, assim como os outros.
- (3) [Os ministros] têm maiores tentações do que a maioria dos homens.

- (4) O tentador fará seus primeiros e mais afiados ataques sobre você.
Se você vai ser líder contra ele, ele não vai poupá-lo mais do que Deus o restringir.
- (5) Muitos olhos estão em cima de você, e, portanto, haverá muitos a observar suas quedas.
- (6) Seus pecados são mais agravados do que os dos outros homens.
Nossos pecados contêm mais hipocrisia, e são mais prejudiciais para a causa da religião.
- (7) A honra de seu Senhor e Mestre, e de sua santa verdade, está mais em você do que em outros homens.
- (8) As almas de seus ouvintes e o sucesso de seus trabalhos dependem muito do seu autoexame.

Quando pastores se desviam do caminho, eles fazem com que muitos tropecem (Mt 2.5-8). Não pode haver nada pior do que ver o que um homem passou a vida construindo de repente ser destruído por um momento de fracasso sem sentido. É extremamente necessário sermos implacáveis diante de todas as tentações e termos autodisciplina em todas as áreas potenciais de falha, pois, como diz Paulo, “Mas esmurro o meu corpo e o reduzo à escravidão, para que, tendo pregado a outros, não venha eu mesmo a ser desqualificado” (1Co 9.27).

Um privilégio raramente pode ser apreciado sem a responsabilidade correspondente, e pastores e mestres serão julgados com maior rigor do que outros (Tg 3.1). Como pastores nós temos a responsabilidade pelas ovelhas, e, como mestres, devemos praticar o que ensinamos. Como pastores devemos buscar as outras ovelhas que têm de ser levadas para o rebanho, como o próprio Supremo Pastor o fez, e temos de ensinar e pregar fielmente o único evangelho pelo qual homens e mulheres podem ser salvos. Ser chamado para pregar o evangelho e pregar outra coisa traz a maior condenação (Gl 1.8). “Ai de mim”, Paulo exclamou: “se não pregar o evangelho!” (1Co 9.16). Devemos nos decidir a seguir os próprios passos de Cristo – mesmo a ponto de entregarmos as nossas vidas para o rebanho – e a pregar o seu evangelho de modo que nós o exaltemos. Se nos sentimos incapazes no ministério, isto é bom, pois de fato o somos. Estamos então em posição de depender de Deus, de quem provém a competência para ministrar. A. W. Tozer registrou em seus últimos anos uma oração que ele orou antes de sua ordenação, em que ele acrescentou no final:

Embora eu seja escolhido por ti e honrado por uma alta e santa vocação, conceda-me nunca esquecer que eu sou apenas um homem de pó e cinzas, um homem com todas as falhas e paixões naturais que assolam

a raça humana. Peço-te, pois, meu Senhor e Redentor, salve-me de mim mesmo e de todas as lesões que eu posso causar a mim mesmo ao tentar ser uma bênção para outros. Encha-me com o teu poder pelo Espírito Santo, e na tua força eu irei proclamar tua justiça, tua tão-somente. Anunciarei a mensagem do amor redentor enquanto tiver forças.⁴

Privilégios e compensações

Consideramos as dificuldades e perigos do ministério, a fim de sermos tão realistas e tão honestos quanto possível, e de forma a sugerir abordagens positivas, remédios e meios de superá-los. Mas os privilégios superam todas as dificuldades e sofrimento. Nenhum privilégio na terra pode competir com o de sermos servos do Senhor Cristo, a quem foram confiados o cuidado do seu povo e a mordomia do evangelho. Quando vemos nosso ministério em sua perspectiva correta, este é uma extensão do ministério de nosso Senhor Jesus: ele é o nosso modelo, e sua força é o nosso recurso. Os que mais andarem em suas pegadas conhecem mais de sua comunhão. Todo ministério válido é uma expressão do seu ministério para as pessoas.

Como Satanás se esforça para nos desanimar por decepções, Deus vai nos encorajar pela fidelidade de cristãos individuais e o amor que eles expressam a nós (At 28.15; 2Tm 1.16-18). O trabalho pastoral traz compensações ricas (1Co 15.31), e não menos importante, a alegria de ver nossos filhos espirituais perseverarem na fé e superarem nosso próprio progresso. Flavel expressou isso muito bem, séculos atrás:

Ó irmãos! Quem não estudaria e oraria, consumiria e seria consumido, a serviço de um mestre tão generoso! Será que não vale a pena todos os nossos trabalhos e sofrimentos, para vir com todas aquelas almas que instrumentalmente geramos a Cristo; e todos a quem edificamos, restauramos, confirmamos, e confortados no caminho para o céu; e dizer: Senhor, eis-me aqui, e os filhos que me deste? Ouvir um filho espiritual dizer: Senhor, este é o ministro, em quem acreditei; outro: este é aquele por quem eu fui edificado, estabelecido e consolado. Este é o homem que resolveu as minhas dúvidas, vivificou minhas afeições moribundas, restaurou a minha alma, quando vagueava longe da verdade! Ó bendito seja o teu nome, pois eu já vi seu rosto, e ouvi a sua voz! ⁵

Há ocasiões muito pessoais e preciosas para compartilhar com outros, quando Deus graciosamente dá vislumbres do que ele tem conseguido

através do nosso ministério, e as dificuldades e os obstáculos são esquecidos até mesmo como uma mãe esquece o trabalho de parto quando seu filho nasce com segurança. Mas as melhores alegrias estão no futuro, quando nós e nossos filhos espirituais seremos reunidos ao nosso Senhor Jesus Cristo, quando ele vier (1Ts 2.19). Pela misericórdia de Deus, teremos muitas surpresas que serão a nossa glória e alegria (1Ts 2.20). Embora o mundo possa ter desprezado o que fizemos, nosso Senhor não vai fazê-lo. Todo esforço em seu nome será recompensado, e descobriremos que nosso trabalho nele não foi em vão (1Co 15.58). Nenhum estresse ou pressão, nenhuma lágrima ou gemido que trouxemos em seu nome será esquecida. Entremos na alegria do Supremo Pastor, a alegria que ele colocou diante de si ao suportar a cruz. Vale a pena suportar qualquer coisa para compartilharmos da alegria do Pastor!

Notas



Capítulo 1

1. W. Y. Fullerton, *Life of F. B. Meyer* (Londres: Marshall, Morgan and Scott, 1929), 17.
2. Timothy Dudley Smith, *John Stott: The Making of a Leader* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 1999), 87, 165.
3. Martyn Lloyd-Jones, *God's Ultimate Purpose: An Exposition of Ephesians 1:1–23* (Carlisle, Pa.: Banner of Truth, 1978), 92.
4. Alan Stibbs, *Expounding God's Word* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 1970), 9–10.
5. P. Sangster, *Dr. Sangster* (Londres: Epworth, 1962), 76f.

Capítulo 2

1. Trail's Works, Vol. 1, (Edimburgo: Banner of Trust Trust, 1975), 250.
2. Hugh Evans Hopkins, *Charles Simeon of Cambridge* (Londres: Hodder and Stoughton, 1977), 43f.
3. C. H. Spurgeon, *An All-Round Ministry* (Carlisle, Pa.: Banner of Truth, 1981), 3f. A citação das Escrituras é Hebreus 11.33–34.

Capítulo 4

1. Hugh Evans Hopkins, *Charles Simeon of Cambridge* (Londres: Hodder and Stoughton, 1977), 147.
2. Citado por Dr. Martyn Lloyd-Jones em *The Puritans: Their Origins and Successors* (Carlisle, Pa.: Banner of Truth, 1987), 189f.

Capítulo 6

1. C. H. Spurgeon, *An All-Round Ministry* (Carlisle, Pa.: Banner of Truth, 1981), 133f.
2. A. Porritt, *John Henry Jowett* (Londres: Hodder and Stoughton, 1924), 146.
3. De *Power in Preaching*, citado por Paul Sangster em *Dr. Sangster* (Londres: Epworth, 1962), 277f.
4. Iain Murray, *The Puritan Hope* (Carlisle, Pa.: Banner of Truth, 1975), 148.
5. Iain Murray, *The Life of Arthur W. Pink* (Carlisle, Pa.: Banner of Truth, 1982), 254.

Capítulo 7

1. Martyn Lloyd-Jones, *Preaching and Preachers* (Grand Rapids: Zondervan, 1972), 17.
2. A. Gammie, *Rev. John McNeill: His Life and Work* (Londres: Pickering and Inglis, 1934), 39.

3. John Shaw, *The Character of a Pastor According to God's Heart* (Morgan, Pa.: Soli Deo Gloria, 1992), 10.
4. Lloyd-Jones, *Preaching and Preachers*, 99.

Capítulo 8

1. W. Wand, *Changeful Page* (Londres: Hodder and Stoughton, 1965), 98.
2. C. Warr, *The Glimmering Landscape* (Londres: Hodder and Stoughton, 1960), 117.
3. G. F. Barbour, *Alexander Whyte* (Londres: Hodder and Stoughton, 1925), 363f.

Capítulo 9

1. F. W. Boreham, *My Pilgrimage* (Londres: Epworth, 1940), 54f.
2. P. Sangster, *Dr. Sangster* (Londres: Epworth, 1962), 134f.
3. H. Hopkins, *Charles Simeon of Cambridge* (Londres: Hodder and Stoughton, 1977), 47f.

Capítulo 10

1. E. L. Langston, *Bishop Taylor Smith* (Londres: Marshall, Morgan and Scott, 1939), 33.

Capítulo 11

1. Commissioned by the Church of England in the twentieth century, intitulado *Towards the Conversion of England* (Londres, 1945), 3.

Capítulo 12

1. David Watson, *I Believe in the Church* (Londres: Hodder and Stoughton, 1978), 246.
2. Adam Smith, *Wealth of Nations*, Vol. 1, 8.
3. John Kenneth Galbraith, *The Age of Uncertainty* (Londres: London British Broadcasting Association, 1977), 23.
4. G. F. Barbour, *Alexander Whyte* (Londres: Hodder and Stoughton, 1925), 358.

Capítulo 13

1. H. E. Hopkins, *Simeon of Cambridge* (Londres: Hodder and Stoughton, 1977), 120.
2. W. Wand, *Changeful Page* (Londres: Hodder and Stoughton, 1965), 97.
3. Citado em John Carson, *Fraser of Tain* (Glasgow, 1966), 113.
4. P. Sangster, *Dr. Sangster* (Londres: Epworth, 1962), 68.
5. S. Verney, *Fire in Coventry* (Londres: Hodder and Stoughton, 1964), 57.
6. F. W. Boreham, *My Pilgrimage* (Londres: Epworth, 1940), 16f.
7. Dr. G. H. Morrison no *British Weekly*, 8 de dezembro de 1910 (Londres).

Capítulo 14

1. G. F. Barbour, *Alexander Whyte* (Londres: Hodder and Stoughton, 1925), 528.
2. *Scottish Baptist*, outubro de 1987 (Glasgow).
3. David G. Fountain, *Isaac Watts Remembered* (Worthing: Henry E. Walter, 1974), 81f.
4. "The Prayer of a Minor Prophet," *The Alliance Weekly*, Maio de 1950.
5. John Flavel: VI (Carlisle, Pa.: Banner of Truth, 1968), 579.

O ministério dos pastores não é simplesmente um trabalho. É uma vocação e um estilo de vida.

As responsabilidades de um pastor são únicas, exigindo que ele não só nutra sua própria vida espiritual, mas também a vida dos que estão sob seus cuidados. Que desafio!

Derek Prime e Alistair Begg fornecem conselhos práticos para os aspectos espirituais e práticos do ministério pastoral. Eles se aprofundam em temas como oração, hábitos devocionais, pregação, estudo e tarefas específicas do ministério. O resultado é uma ferramenta essencial para os pastores pastorais.

"Ser pastor é um elevado chamado que requer devoção, habilidade e preparação espiritual única. Derek Prime e Alistair Begg fornecem clareza para o chamado, sabedoria para a viagem e experiência para a tarefa. Este livro é como uma conversa com bons amigos que não fornecem conselhos absurdos para os desafios do ministério do século 21."

Jack Graham, Pastor, Prestonwood Baptist Church, Dallas, Texas

"Ser Pastor é um livro notável, que deve estar na estante de cada pastor. Eu li e consultei a versão anterior de Derek Prime por muitos anos. Agora foi revisado e enriquecido com a colaboração de Alistair Begg, e o resultado é esplêndido!"

Eric Alexander, Igreja Paroquial de São Jorge – Tron, Escócia

Derek Prime, nascido em 1931, pastoreou igrejas no Reino Unido por trinta anos, primeiro na Lansdowne Evangelical Free Church, West Norwood, em Londres; e depois em Charlotte Chapel em Edimburgo. Dedicou-se desde 1987 a um ministério itinerante e a escrever.

Alistair Begg, nascido em 1952, é o pastor titular da Parkside Church de Cleveland, posição que assumiu em 1983. Ele é a voz por trás da Truth for Life, ministério cristão de pregação e ensino que transmite seus sermões diariamente para estações em todo os Estados Unidos. É o autor de vários livros.



EDITORA CULTURA CRISTÃ
www.editoraculturacrista.com.br

Poimênica / Igreja

ISBN: 978-85-7622-676-5



9 788576 226765